



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
LABORATÓRIO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM JORNALISMO**

MARIA CAROLINA SCARTEZINI CRUZ

**ENTRE NÓS: EXPERIMENTOS-RITUAIS DE DIVULGAÇÃO
POÉTICA AFETADOS PELA CORPORREATIVAÇÃO DE
ESCRITAS SÁFICAS**

**CAMPINAS,
2020**

MARIA CAROLINA SCARTEZINI CRUZ

**ENTRE NÓS: EXPERIMENTOS-RITUAIS DE DIVULGAÇÃO
POÉTICA AFETADOS PELA CORPORREATIVAÇÃO DE ESCRITAS
SÁFICAS**

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem e Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestra em Divulgação Científica e Cultural, na área de Divulgação Científica e Cultural.

Orientadora: Profa. Dra. Marta Mourão Kanashiro

Este exemplar corresponde à versão final da Dissertação defendida pela aluna Maria Carolina Scartezini Cruz e orientada pela Profa. Dra. Marta Mourão Kanashiro

**CAMPINAS,
2020**

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Leandro dos Santos Nascimento - CRB 8/8343

Sca78e Scartezini Cruz, Maria Carolina, 1983-
Entre nós : experimentos-rituais de divulgação poética afetados pela
corporreativação de escritas sáficas / Maria Carolina Scartezini Cruz. –
Campinas, SP : [s.n.], 2020.

Orientador: Marta Mourão Kanashiro.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de
Estudos da Linguagem.

1. Safo. 2. Feitiçaria. 3. Poesia erótica. 4. Escrita. 5. Escritoras. I.
Kanashiro, Marta Mourão. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de
Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Between us : ritual-experiments of poetic divulgation affected by
the body-reclaiming of Sapphic writings

Palavras-chave em inglês:

Sappho

Witchcraft

Erotic poetry

Writing

Women authors

Área de concentração: Divulgação Científica e Cultural

Titulação: Mestra em Divulgação Científica e Cultural

Banca examinadora:

Marta Mourão Kanashiro [Orientador]

Lettícia Batista Rodrigues Leite

André Sarturi

Data de defesa: 09-11-2020

Programa de Pós-Graduação: Divulgação Científica e Cultural

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: 0000-0001-9052-629X

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/1128205133658124>



BANCA EXAMINADORA

Marta Mourão Kanashiro

Lettícia Batista Rodrigues Leite

André Sarturi

**IEL/UNICAMP
2020**

Ata da defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria de Pós Graduação do IEL.

Às minhas (porque sou delas) amadas Deusas Mirias: Andreza, Camila V., Fernanda, Maria C., Mayara e Tatiana, sem as quais estes outros mundos jamais teriam sido possíveis para mim. Amo-as em todas as palavras e silêncios desta escrita que só pôde ganhar vida com vocês.

Aos meus amados feito-outros: Deus Azul Davi, Deus Verde Guilherme, Deus Cornífero Renato, sem os quais eu não teria descoberto como reconhecer o amor também nas diferenças. Amo-os em tudo o que nos reúne e em tudo o que nos separa.

Agradecimentos

Às potências divinas que têm movido e feito sagrada, desde antes do início e até muito depois do fim, essa pesquisa!

À minha amada bisavó Erzira (*in memoriam*), por ter vivido tanto (em todos os sentidos) e ter me abençoado com a consciência de que as histórias que eu escrevo não começaram, nem terminarão comigo.

À Roberta, minha mãe, por ter cuidado tanto de mim a vida toda e por ter lido em voz alta infinitas vezes os primeiros poemas que eu quis decorar na infância (aqui entra também um agradecimento merecido à minha tia Renata, pelas tantas leituras dos *Versos de Cacaracá*, alguns dos quais ela própria acabou sabendo de cor...).

Ao meu leal companheiro de aventuras, Renato, pela sorte de termos coragem juntos e por todo o conhecimento generosamente compartilhado entre tombos de navios e balanços de mares.

Ao meu irmão, Bruno, por todo o apoio e pelo trabalho de fazer pontes entre mim e parte da bibliografia, além de me manter informada a respeito das artes dos gatos Chico e Miúcha.

Ao meu padrasto, Kei, por todo o cuidado comigo nesses anos de escrita, as muitas refeições, roupas lavadas e caronas que me renderam horas importantíssimas de estudo.

À minha avó materna, Lúcia, pelo investimento feito na minha educação formal, o que me possibilitou ler parte considerável da bibliografia da pesquisa em inglês, e pela maravilhosa (e pesada) obra poética da Sophia de Mello Breyner Andresen trazida do além-mar.

Ao meu avô materno, Guaracy (*in memoriam*), pela paixão pela escrita e pelos muitos livros de escritoras que (propositalmente) me deixou de herança. Também por ter me ensinado desde muito cedo que meu papel “no palco da vida”, como ele o chamava, devia ser o que eu desejasse pra mim. Aos meus avós paternos Sotero e Ivone (ambos *in memoriam*) por terem ousado levar a sério a história de escrever um livro (cada um).

À minha sogra Derli, pelo presente lindo de aniversário – a edição importada de vinte anos do manual da Starhawk – e por ter acolhido a mim e à escrita em sua casa tantas vezes durante esses anos.

À Gessica, minha irmã pela arte, pelo desejo e pelo divino, por ter me ensinado a dançar para Oxum e a ter coragem de me deixar ser atravessada por essa potência divina. Amo você, *sis*. Muito, muito!

À Paula e à Oriane, por terem sido as primeiras na presente vida a me auxiliarem a caminhar pelos caminhos sinuosos da magia e por terem permanecido como sábias conselheiras e protetoras, além de terem vibrado bastante pela feliz conclusão da pesquisa. Abençoadas sejam, de novo, outra vez, agora!

Às minhas amadas Graças: Andreza, Camila V., Fernanda e Mayara (e Ana, que ora vem, ora vai e Alyne, que veio “desvindo”...), por terem me dito alguns dos “sim” mais preciosos que eu já ouvi, por terem sido minhas Ajudantes-em-combates sem as quais eu literalmente não teria sequer começado essa aventura. Por terem feito até os momentos mais terríveis serem repletos de beleza, amor e alegria. Amo-as apaixonadamente!

Às minhas amadas Horas: Tatiana e Maria C. (e Davi-Hora-Extra amado), por terem sido tão vitais nas minhas relações com o Tempo-Iroko, por terem me acolhido, escutado e

nutrido tantas vezes e de tantas maneiras! À Tati, agradeço ainda pelas fotografias maravilhosas que possibilitaram que a poesia tomasse também a superfície do corpo da dissertação.

A todas as mulheres amadas que, junto com as Graças e as Horas, constituíram o arquivo poético de imagens que tocou-e-transformou a pele da escrita: Camila C., Fabiana, Lidiane, Raquel, Sofia, e Victória; e a todas e todos que foram parceiras e parceiros nos experimentos-rituais. Obrigada por terem coberto as minhas superfícies e as da escrita com marcas tão potentes e amorosas!

À Alda, pelo prazer imenso de ter podido participar de uma das defesas de doutorado mais potentes e amorosas de que já tive notícia! Às amadas e amados com os quais pude compartilhar aquela realização dos *13 trabalhos de Eros* pelos quais Alda Divina Maravilhosa nos conduziu.

Às árvores da Praça da Paz, especialmente à figueira do balanço, por terem sido excelentes conselheiras e evitado que eu perdesse o entusiasmo pelo mestrado num momento crucial.

À camomila, que curou tantas mágoas e abriu tantos caminhos!

À amada Alessandra, por ter compartilhado comigo seu amor (à pesquisa) e seu endereço (e ainda ter me feito saladas maravilhosas!).

Ao amigo tão querido Sebastian, por ter me feito chorar cachoeiras diante da beleza das *Ondas* que anunciavam que outras pesquisas eram possíveis...

À queridíssima Fabi, pelas indicações tão justas da Audre Lorde e da Adrienne Rich e por todos os (re)conhecimentos de vida tão lindos partilhados durante a nossa breve, porém memorável, estadia baiana.

À Thamires, pelas conversas (as que tivemos e as que teremos) sobre ficções feministas e por ter orado por mim e me permitido que eu também a incluísse nos meus pedidos de bênção. Porque, num mestrado, toda intervenção divina é bem-vinda (risos)! Ainda mais em 2020...

À amiga Érica-Comida, pela descoberta de que podemos levar escritas a passeios aquáticos e por ter me feito algumas das refeições mais deliciosas que já tive o prazer de saborear e ainda compartilhado comigo esse caminho lindo, mas difícil, da pós-graduação com muito humor!

Ao Gui, por ter sido um excelente parceiro de fazer encontro entre heterogêneos dentro da academia (mesmo sem tempo e sem verba)! E por ter continuado como uma das amizades mais repletas de bênção e beleza que tive a graça divina de poder partilhar!

Ao André, por ter me presenteado com o lindo *Eros, tecelão de mitos*, além de ter me levado ao encontro de mais bruxas maravilhosas! E também por ter me ajudado demais, junto com o querido Falcão, a me aventurar pelas artes participativas. Foi um prazer imenso ter vocês e a turma da Cultura da Participação como companheiros de jogo! Sou muito grata a todas e todos!

A todas e todos do Labjor pelos cuidados e conhecimentos compartilhados! Especialmente à Rose, por ter sempre cuidado bem da limpeza e ainda me dado o prazer de ter com quem conversar de manhã cedinho; à Alessandra e Andressa, pela paciência infinita, o carinho e o zelo com as burocracias (às quais tenho pavor e jamais teria sido capaz de encarar sem estas fadas sensatas!); à Fernanda e à Rosângela, por oferecerem sempre um sorriso e um olhar amoroso pelos corredores, além do trabalho tão preciso. Às

(os) professoras (es) pesquisadoras (es) por terem sido sempre tão generosas (os) no compartilhamento dos saberes e das dúvidas e por defenderem o trabalho de pesquisa apaixonadamente, apesar das inúmeras dificuldades! A todas (os) as (os) colegas que tornaram tudo muito mais interessante e divertido!

Ao multiTÃO, por todas as pesquisas que vieram antes da minha (e a tornaram possível) e pela leitura generosa da dissertação um pouco antes do parto. Foi um prazer estar e pensar com vocês!

Ao Mulheres em Discurso e à Mônica, pelo convite para aquela tarde maravilhosa de partilha, cura e poesia! Foi um prazer reexistir com vocês! (Continuemos reexistindo poeticamente...)

Às Borboletas Psicodélicas, por terem me permitido experimentar encontros entre magia literária e máquinas de vigilância. Nosso experimento-ritual baiano ajudou a dar vida ao experimento-ritual do Capítulo 2 dessa dissertação.

À Carolina e à Daniela, pelo lindo ritual de qualificação que fizeram possível! Por todo o conhecimento, coragem e paixão que compartilharam comigo naquela tarde e que abriram muitos caminhos para que a dissertação pudesse seguir.

À Susana, por ter orientado por muito tempo minhas divagações poéticas e me ajudado a ter coragem de *escrever nos anais do porto*, com a sabedoria do homem de Saramago que queria chegar à ilha desconhecida, *que o ponto a que cheguei foi esse*. Muito obrigada por todo o conhecimento que você compartilhou comigo tanto em meio às fortes emoções da viagem em alto mar, quanto pelo meio maravilhoso das florestas que ainda não existem!

À Marta, por todos os conhecimentos e sabedorias compartilhados durante todo o mestrado e por ter acolhido amorosamente a escrita para que uma dissertação, *pulsante, ainda que imperfeita*, pudesse nascer. Se hoje *nasce intensa e luzente a minha cria*, foi porque as suas mãos souberam dar passagem, como o sabem as mãos divinamente trespassadas pela doçura e o cuidado de Oxum. Abençoadas sejam elas para que ainda possam dar à luz muitas outras criações! Sou muito grata a você!

Novamente ao André e agora também à Lettícia (que tantas vezes me inspirou – embora não sabendo – com seus belos trabalhos animados pelas potências sáficas), por terem aceitado o convite para o ritual de defesa. A presença de vocês (e da Alda e da Juliana que tão amorosamente aceitaram o convite para a suplência) me trouxe alegria e deu mais clareza à pesquisa desde o exato momento em que se anunciou. Admiro-os muito e sou sinceramente grata!

Por fim, recuperando o começo...

À Evania, à Michele e aos Ciganos que acolheram os desejos da pesquisa bem antes que ela pudesse vir ao mundo, numa linda casa amarela à beira de um rio. Abençoadas e abençoados sejam!

À querida Simone, com quem compartilho as paixões pela escrita e pela educação e que acolheu junto comigo o tremendo susto que eu levei ao descobrir que teria bolsa e precisaria deixar às pressas o emprego que eu amava tanto. Muito obrigada por ter sido tão generosa comigo e me apoiado numa decisão tão difícil!

À Flávia, pela linda defesa de dissertação que me inspirou a retornar à Unicamp, depois de tanto tempo! E à Verônica, pela arguição que teve a eficácia de acender a chama furtiva que corre sob a pele de toda essa pesquisa.

A todas as familiares e amigos que permaneceram ao meu lado, mesmo nas minhas muitas ausências e esquecimentos, durante os anos em que me dediquei, *embora não querendo*, muito mais à pesquisa do que a vocês, que eu amo tanto! Toda a minha gratidão não apenas pela compreensão, mas pela torcida constante e entusiasmada que tanto me fortaleceu!

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES - Código de Financiamento 001), por meio de uma bolsa de estudos durante o período integral do Mestrado (24 meses) que tocou-e-transformou profundamente os rumos dessa pesquisa. Por isso, sou grata a ela e desejo sinceramente que ela seja abençoada, protegida e possa seguir nutrindo e fortalecendo as muitas pesquisas que ainda são possíveis!

RESUMO

Este trabalho é um conjunto de três experimentos-rituais de magia literária afetados pelas potências eróticas e afrodisíacas dos fragmentos sáficos. Ele não quer ser uma escrita que tente dizer uma Verdade Absoluta sobre nenhum dos materiais parceiros de celebração-experimentação. Não quer ser uma divulgação que revele a um público que ignora algo que a pesquisadora já sabe. Ele prefere ser uma *divagação* (OLIVEIRA, 2011), correr o risco de transitar entre *a visão focal da luz da lanterna* e *a visão sob a luz das estrelas* (STARHAWK, 1999), se alternando entre a percepção das formas que separam e definem as várias *ficções de Safo* (DEJEAN, 1989) já contadas e os padrões que reativam (STENGERS, 2017) aquilo que foi envenenado nas sucessivas divisões e classificações. O desejo que move a pesquisa é o de descobrir como os fragmentos de poesia da poeta grega Safo de Lesbos (séc. VII-VI a.c.) tocam-e-transformam, são tocados-e-transformados enquanto fazem uma divulgação poética trespassada pelas mesmas potências eróticas e afrodisíacas que os animam. Ela deseja é estar, *em perfeito amor e perfeita confiança* (STARHAWK, 1999), junto com os materiais que vêm compor com a pesquisadora o círculo mágico no qual a escrita se inscreve e, com eles, criar *versões* (DESPRET, STENGERS, et. al 2014) de divulgação que sejam verdadeiras, amigas da memória, sem, no entanto, tentarem encerrar questões. A pesquisa prefere gerar novas perguntas e ajudar a *fazer pontes* (STENGERS, 2017), tramar encontros entre heterogêneos. Estes encontros começaram com a tecelagem de relações entre o ensaio *Reativar o Animismo* (2017) da filósofa das ciências Isabelle Stengers e o manual de bruxaria *The Spiral Dance: a Rebirth of the Ancient Religion of the Great Goddess* (1999) da bruxa e ativista Starhawk. Acabaram enlaçando, além de outras obras destas duas escritoras, poemas de diversas mulheres poetisas, *bruxas da palavra* (HORTA, s/d) como as portuguesas Judith Teixeira, Sophia de Mello Breyner Andresen e Maria Teresa Horta e as brasileiras Maria Firmina dos Reis, Carolina de Jesus, Dora Vasconcellos e Ana Cristina Cesar. Os fragmentos de Safo e as escritas de Stengers e Starhawk trouxeram ainda para as trocas de toques-transformações dois ensaios de Virgínia Woolf (2007 a; 2007 b) sobre as relações entre mulheres, pensamento e ficção, mais dois ensaios de duas bruxas da palavra estadunidenses: um sobre *os usos do erótico* de Audre Lorde (2019) e um sobre a *existência lésbica* de Adrienne Rich (1980). Todos estes parceiros, ao invés de encerrarem entre eles os experimentos-rituais, foram convidando para pensar junto uma série de outras formas de vida: fotografias, fragmentos de escritas de mulheres amadas, divindades gregas, divindades iorubás, canções brasileiras, ilhas, naufrágios, embarcações, agroflorestas... Uma infinidade de seres que vibram, pulsam, brilham e não cessam de proliferar outros desejos, outras perguntas, outros experimentos-rituais, outras escritas que tocam-e-transformam, são tocadas-e-transformadas, como no canto sagrado da Deusa Kore (STARHAWK, 1999; STENGERS, 2017).

Palavras-chave: Divulgação poética; Ficções de Safo; Poetas mulheres; Reativar; Magia literária.

ABSTRACT

This work is a set of three ritual experiments of literary magic affected by the erotic and aphrodisiac powers of the Sapphic fragments. It doesn't want to be a kind of writing that tries to tell an Absolute Truth about any of the celebration-experimenting partner materials. It does not want to be a divulgation that reveals to an audience that ignores something that the researcher already knows. It prefers to be a digression (OLIVEIRA, 2011), running the risk of moving between the *narrow flashlight beam* vision and the *starlight* vision (STARHAWK, 1999), alternating between the perception of the forms that separate and define the several *fictions of Sappho* (DEJEAN, 1989) already told and the patterns that *reclaim* (STENGERS, 2017) what was poisoned in successive divisions and classifications. The desire that drives the research is to discover how the fragments of poetry by the Greek poet Sappho (7th-6th century BC) touch-and-change, and are touched-and-changed while making a poetic divulgation pierced by the same erotic and aphrodisiac powers that animate them. It wants to be, in *perfect love and perfect trust* (STARHAWK, 1999), together with the materials that come to compose with the researcher the magic circle in which writing is inscribed and, with them, create *versions* (DESPRET, STENGERS, et. al 2014) of divulgation that are true, memory-friendly, without, however, trying to end issues. The research prefers to generate new questions and help to *make bridges* (STENGERS, 2017), to weave meetings between heterogeneous people. These meetings began with the weaving of relationships between the essay *Reclaiming Animism* (2017) by philosopher of science Isabelle Stengers and the witchcraft manual *The Spiral Dance: a Rebirth of the Ancient Religion of the Great Goddess* (1999) by the witch and activist Starhawk . They ended up interlacing, in addition to other works by these two writers, poems by several women poets, witches of the word (HORTA, s / d) such as the Portuguesees Judith Teixeira, Sophia de Mello Breyner Andresen and Maria Teresa Horta and the Brazilians Maria Firmina dos Reis, Carolina de Jesus, Dora Vasconcellos and Ana Cristina Cesar. The fragments of Sappho and the writings of Stengers and Starhawk also brought to the exchange of touch-changes two essays by Virginia Woolf (2007 a; 2007 b) on the relations between women, thought and fiction, plus two essays by two Americans witches of the word: one on *the uses of the erotic* by Audre Lorde (2019) and one on the *lesbian existence* by Adrienne Rich (1980). All these partners, instead of ending the ritual-experiments by themselves, were inviting to think together a series of other forms of life: photographs, fragments of writings of beloved women, Greek deities, Yoruba deities, Brazilian songs, islands, shipwrecks, boats, agroforestry ... An infinity of beings that vibrate, pulsate, shine and do not cease to proliferate other desires, other questions, other ritual experiments, other writings that touch-and-change, are touched-and-changed, as in the sacred chant of the Goddess Kore (STARHAWK, 1999; STENGERS, 2017).

Keywords: Poetic divulgation; Fictions of Sappho; Women poets; Reclaiming; Literary magic.

SUMÁRIO

Prólogo	13
----------------------	-----------

Introdução – Entre nós: outros caminhos para outros possíveis	15
--	-----------

Entre meios e fins	15
Entre classificadores e classificados	18
Entre feitiços e fogueiras	21
Entre desejos e temores	22

Capítulo 1 – Entre peles e papiros: uma divulgação poética urdidora de tramas	29
--	-----------

Entre mortais e imortais	29
Entre o ouvido e o olvidado	35
Entre fragmentações e inteirezas	37
Entre a impossibilidade e a paixão	40
Entre lembradas e esquecidas	41
Entre o prazer e o perigo	47
Entre uma e outras	50
Entre uma e muitas	53
Entre peles e papiros	58
Palimpsestos	68

Capítulo 2 – Entre poemas amorosos e ilhas desconhecidas: divagar é preciso.	76
--	-----------

Entre naufrágios e divagações	76
Entre dolos e dons	83
Entre correntes e ritmos	86
Entre formas e fluências	89
Entre resistências e reexistências	92
Entre o visível e a visão	94
Entre ilha e ilha	97
Divagações poéticas	100

Capítulo 3 – Entre flores e frutos: divagação poética afetada pelos desejos da terra	123
---	------------

Entre o erótico e o fértil	123
Entre o terreno e o divino	127
Entre usos e abusos	130
Entre o literal e o literário	137
Entre monoculturas e permaculturas	139
Entre cantos e canteiros	146
Entre flores e frutos	150
Permapoemas	152
Entre minha e nossa	178

Epílogo	182
----------------------	------------

Referências.....	193
-------------------------	------------

Prólogo

Este trabalho foi desenvolvido dentro de um programa de pós-graduação numa área interdisciplinar: o Mestrado em Divulgação Científica e Cultural do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (LABJOR/IEL/UNICAMP). Como o texto de apresentação contido no site do referido programa¹ torna notável, pesquisar, levando a sério a proposta da interdisciplinaridade, exige de todas as formas de vida envolvidas na pesquisa a criação de novas questões e de novos caminhos para buscar respondê-las.

Dito de outra maneira, trabalhar *entre-disciplinas* não é algo que demanda apenas que se procure, entre as disciplinas já existentes, objetos de estudo, teorias e metodologias igualmente já existentes para que, se usando um pouco do que já estava dado em cada área, se pesquise. Fazer isso dessa maneira provavelmente resultaria em algum tipo de conhecimento semelhante ao encontrado pelo Dr. Frankenstein no romance de Mary Shelley. Algo que, tendo se criado tomando partes isoladas arrancadas à revelia a corpos diversos, chegaria muito mais próximo de ser uma monstruosidade animada pela violência (e à qual não se consegue amar) do que um novo ser que dê notícias de uma forma de vida amiga da perfeição.

No intento de se evitar tal armadilha, é preciso que se busque, sim, estar com os conhecimentos pré-existentes das disciplinas invocadas para compor a interdisciplinaridade, mas que não se faça isso esperando que daí resultem soluções prontas para problemas comuns. Ao contrário disso, é preciso assumir que todos os saberes anteriormente existentes e mobilizados nos encontros interdisciplinares estão ali presentes para que todos juntos sejam surpreendidos por um *enigma* em comum: o que é isso que só pode acontecer nesse lugar em que diferentes se encontram? Isso que nenhum de nós poderia saber sem o conhecimento que não era nosso? E quais transformações são exigidas de cada uma das nossas partes para que elas possam dar vida – juntas – a algo que se possa sentir como um corpo inteiro? Algo que possa também dar corpos a outras inteirezas e que se possa reconhecer e amar como criação?

Criação, sim. Porque nem as teorias, nem os métodos, muito menos os resultados estavam dados, nada estava pronto, nada existia como tal nas possibilidades isoladas das disciplinas que precisaram se juntar para dar ânimo ao trabalho interdisciplinar. Nada. Nem mesmo as perguntas.

Consciente disso, o trabalho que aqui se escreve vem assumidamente ser o que ele é: um exercício de criação. E, a este exercício, se entrega uma pesquisadora que é, ela mesma, resultado de um processo de formação bastante interdisciplinar. Uma formação acontecida entre um bacharelado em Artes Cênicas numa universidade pública; uma licenciatura plena em Artes em uma universidade particular; uma formação em psicanálise; muitos anos de estudos e práticas de magia, ora solitários, ora muito bem acompanhados por grupos de mulheres; alguns anos de estudos teóricos independentes e práticas coletivas

¹ Texto de apresentação completo disponível em: http://www.labjor.unicamp.br/?page_id=233 Acesso em: 04 set. 2020.

um tanto anárquicas de feminismos; um programa de mestrado em Divulgação Científica e Cultural (de volta à universidade pública) no qual entrou enlaçada pela linha de pesquisa *Literatura, artes e comunicação* e sob o desafio de vir a ser outra – a escritora que, desde o primeiro contato com a escrita, foi sempre uma amadora.

Sendo assim, a pesquisa que aqui, como nos versos da marchinha de Chiquinha Gonzaga, diz “*Ó, abre alas que eu quero passar!*”, não pede para ser comparada a nada que já tenha conquistado e estabelecido sua existência como conhecimento legítimo e inquestionável. Não pede para caber em nenhuma das divisões e classificações anteriormente determinadas em qualquer das muitas áreas que precisaram se encontrar para dar-lhe existência. Embora ela também seja da lira (e das artes e das educações e das psicanálises e das bruxarias e dos feminismos e das divulgações e...) e não possa, nem deseje negar nada, o que ela pede é, apenas, que se abram espaços para que ela também possa passar.

O objetivo que ela persegue – fazer uma divulgação poética que ainda não existe, ao invés de falar sobre uma divulgação de poesia que já está dada – vai contar com o que (só) pode acontecer quando uma pesquisadora formada por encontros entre diferentes mais alguns saberes que só podem ser sabidos em tais encontros são trespassados pelas potências eróticas e afrodisíacas que animam os fragmentos da poeta Safo de Lesbos. Evidentemente, não daquela poeta grega arcaica do século VI ou VII a. C., a que não existe mais. Daquela que também só poderá acontecer quando todas as diferentes parceiras de criação aqui invocadas se juntarem para dar vida ao que leva partes de todas elas, porém tão intimamente tramadas entre si que, mais do que por costuras, estejam unidas e animadas pelo desejo de fazerem uma outra Safo juntas.

Introdução – Entre nós: outros caminhos para outros possíveis

Entre meios e fins

Como falar de um caminho que ainda não existe, de um que só ganhará corpo na medida em que for ganhando muitos corpos para percorrê-lo e para se deixarem percorrer por ele? Um que não é e que continuará não sendo imutável, fixo, acabado, um caminho que não é traçado, é acontecimento... Caminho de caminhar com muitos pés e muitas palavras, sempre em movimento, em direção a um lugar entre o mundo já conhecido da divulgação sobre os fragmentos de Safo de Lesbos (séc. VII/VI a. C.) e um mundo desconhecido de uma divulgação feita com as potências sáficas – eróticas e afrodisíacas – que animam estes fragmentos.

Impossível descrevê-lo objetivamente, uma vez que cada forma de vida que se aventurar por ele o tocará e transformará continuamente e receberá dele os afetos que a própria superfície de contato da caminante estiver disponível para experimentar. Impossível dizer *sobre* ele e mesmo com ele qualquer coisa semelhante a uma verdade absoluta, pois cada entrada por ele criará uma nova *versão* (DESPRET, STENGERS, et al 2014), uma nova *ficção de Safo* (DEJEAN, 1989) para conviver com todas as já existentes.

A trilha pelo meio da qual esta pesquisa passa, ao mesmo tempo em que é trespassada pelas potências sáficas, é parente daquela descrita numa antiga balada escocesa e recuperada por Starhawk (2010b). De acordo com essa história sagrada, uma personagem mágica apresenta a um viajante três caminhos: um bastante tortuoso, difícil, cheio de espinhos que leva ao Paraíso; um amplo e desimpedido que leva ao Inferno; e um verde e misterioso que leva a um mundo entre mundos, o País das Fadas (*Fair Elfland*), o lugar inesperado da magia, da poesia e da inspiração que rompe com todas as expectativas de mundos já conhecidos.

A bruxa ativista em questão reclama esta história para dar passagem à visão de um mundo criado já livre de funcionamentos violentos. Ela compara o caminho difícilíssimo que leva ao Paraíso aos ativismos centrados na não-violência clássica, moralizante, inspirada em grandes e famosos líderes como Gandhi e King, que entende a aceitação do sacrifício e da dor como demonstrações de virtude. Compara o caminho muito convidativo que leva ao Inferno ao das ações deliberadamente violentas contra a violência, que frequentemente acaba fazendo quem caminha por ele terminar se tornando igual àqueles que pretendia combater. Por fim, compara o caminho verde e misterioso que leva ao mundo entre mundos às ações diretas pacificamente orientadas, mas que não recusam o confronto e valorizam o prazer de se fazerem da mesma matéria de que esperam que seja feito o outro mundo possível que desejam criar ao caminhar.

Aqui, diante desta pesquisa, eu poderia dizer que, similarmente, havia também três caminhos possíveis. O caminho exato das verdades já ditas pelos estudos clássicos a respeito de Safo, da poesia dela e da ilha na qual ela viveu e criou, caminho este que recusa veementemente qualquer abordagem que se desvie do que pode ser verificado, analisado e, de preferência, comprovado objetivamente pelo estudo dos fragmentos e de outras fontes

provindas da arqueologia, da história e dos estudos literários. Divulgar por este meio seria tentar descobrir um jeito de levar estas verdades prontas a um público que ainda não as conhece. E fazer isso sendo sempre fiel aos conhecimentos que já estão dados pelos especialistas e sendo o mais eficiente e imparcial possível – e dando provas disso, preferencialmente com números.

Havia também o caminho que talvez para mim tivesse sido o mais fácil: abraçar a militância lesbofeminista e defender apaixonadamente a veracidade das versões já existentes de uma Safo lésbica, no sentido atual do termo. Deixar de lado as contradições e as críticas levantadas pelos outros especialistas e me amparar no hoje amplo e forte corpo dos estudos feministas, da sexualidade e de gênero e, através deles, fundamentar uma divulgação de Safo como ícone lésbico.

Porém havia um terceiro caminho, que acabou se revelando uma multiplicidade infinita de pequenas trilhas sinuosas, ora labirínticas e aterrorizantes, ora surpreendentes e deslumbrantes, mas sempre maravilhosas. Este caminho ainda não estava nos mapas oficiais da divulgação, mas já se insinuava pelo meio da filosofia das ciências, das artes e dos ativismos. Era um caminho que não procurava me levar de volta a nenhum passado, a nenhuma das ficções de Safo que já estavam dadas, a nenhuma verdade absoluta sobre ela. Um caminho para fora daquela que é chamada pelos especialistas na poeta lésbia de *A Grande Questão*: Safo de Lesbos OU Safo lésbica? A grande poeta OU a amante passionai? A dura realidade dos fatos – pouquíssimo nos chegou das obras dela e absolutamente nenhuma biografia inquestionável OU a recusa dessa dureza toda, mas para encarar outra – a dura situação das mulheres escritoras e das mulheres que amam mulheres ao longo da história do Ocidente?

Para fora, mas não porque negasse os dois outros caminhos existentes. Era justamente um espaço *entre* eles e as trilhas menores que dele afluíam iam e vinham dos caminhos dispostos aos lados dele. Era uma vereda tecida nos encontros e desencontros entre os trajetos conhecidos e os desconhecidos, entre verdades cientificamente comprováveis e verdades poeticamente vislumbráveis. Pelo meio dela, era possível *fazer pontes* (STENGERS, 2017), criar relações entre heterogêneos não para abolir as diferenças e divergências, mas para percebê-las como contrastes ativos, potentes, geradores de outros possíveis.

Divulgar por esta terceira via tem sido uma aventura e tanto! Tem se revelado necessário fazer da divulgação experimento-ritual de magia literária, divagação poética, permapoema. Uma divulgação interessada apenas naquilo que só podemos saber com as potências sáficas – eróticas e afrodisíacas – tecelãs de ardis. Naquilo que só podemos saber junto com outras bruxas da palavra, junto com outras mulheres, ilhas, amantes, divindades, naquilo que nenhuma de nós poderia saber sozinha. No saber que está intimamente tramado no encontro dos corpos, dos poemas, que precisa ser experimentado com as línguas, com as peles, com os papéis, com todas as superfícies disponíveis para a troca de afetos.

Entre os fragmentos de pesquisa que foram ganhando vida afetados pelos fragmentos de Safo, permacultura: um nutre, protege, fortalece e dá prazer aos outros, que

retribuem em relações muito imbricadas de benefício mútuo, numa *anarquia ecológica* (STENGERS, 2017) em que tudo toca e tudo transforma, tudo é tocado e transformado, como no canto sagrado de Kore (STARHAWK, 1999; STENGERS, 2017).

Seguindo a sabedoria bruxa compartilhada por Starhawk (2018), foi-se fazendo pelo meio da pesquisa o outro mundo que é possível, o mundo revelado pela visão não de um passado mítico, nem de um futuro utópico, uma visão feita presente, um mundo que acontece nos encontros. Um que está sendo sonhado por praticantes que herdaram as tradições de um mundo todo vivo, todo trespassado pelo *poder-com*² erótico. Onde a terra, a água, o fogo, o ar e o desejo são sagrados, todos os corpos de viventes são sagrados. O prazer é sagrado. O divino é aqui, junto, entre, em cada toque-transformação.

Ao contrário do que provavelmente teria acontecido à pesquisa se ela tivesse seguido um dos outros dois caminhos disponíveis, tendo escolhido este, foi preciso aceitar não ter fim. Ao menos não um fim definitivo. Entretanto, isso não significa que ela não tenha limites! Assim como a poesia de Safo chegou até ela, a pesquisa que foi até essa Safo porvir precisou aceitar a fragmentação, a precariedade, as falhas e as incertezas como constituintes de si mesma para se tornar digna de ser trespassada por Eros, tecelão de mitos. Precisou aceitar se espalhar por amplas superfícies heterogêneas e incontáveis porque as potências sáficas exigiram muitos encontros, muitos toques-transformações e continuam clamando por isso.

Não ter fim também não tem implicado uma total ausência de finalidades. O resultado que se deu a conhecer até aqui é o de uma divulgação que não tenta dar a saber conhecimentos que já existiam antes que ela acontecesse a pessoas a quem faltava informação. Ao invés disso, essa divulgação poética tem se dedicado a convidar inúmeras parcerias para pensar, vislumbrar, sentir, fazer e compartilhar prazerosamente tanto o que restou da poesia de Safo e de outras poetisas por ela atraídas, quanto a poesia que ainda deseja acontecer.

Os experimentos-rituais urdidos pelas potências sáficas – eróticas e afrodisíacas – que continuam dando vida à escrita da pesquisa têm se revelado ainda bastante eficazes na *reativação* (STENGERS, 2017) das relações entre mulheres e escritas. Pelo meio deles e dos toques-transformações que eles propiciam, as parceiras da pesquisa têm experimentado outros encontros entre elas e as palavras para além do que se poderia saber com a língua se apenas a razão e a objetividade fossem tocadas e transformadas. Reativando o que estava separado pelas divisões e classificações do Saber com maiúscula e no singular, mulheres têm se tornado poetisas, poetisas têm vindo a ser bruxas da palavra e os poemas têm se revelado de novo, outra vez, agora, palavras que sabem bem na boca, palavras animadas pelas potências do desejo. Palavras encantatórias, criadoras de outros caminhos para outros mundos que se fazem possíveis.

² Tanto Starhawk (1999), quanto Audre Lorde (2019) colocam esse poder imanente e divino como sendo um *poder interior* (*power-within/inner power*). Porém, para tornar mais notável a eficácia desse tipo de poder de estabelecer um outro modo de relação com os demais viventes e, ao mesmo tempo, evitar o equívoco da criação de mais uma divisão e classificação entre interior e exterior, preferi chamá-lo aqui de *poder-com*.

Entre classificadores e classificados

Percorrer espaços desconhecidos e potencialmente perigosos entre caminhos sabidamente divergentes, evitando abrir trilha pela negação dos traçados já estabelecidos. Este desejo tem exigido de mim e da pesquisa tecer relações com outras práticas que também acontecem *entre mundos* e entre diferentes modos de saber.

Em seu ensaio chamado *Reativar o Animismo* (2017, no original, *Reclaiming Animism*, 2012), a filósofa das ciências Isabelle Stengers apresenta duas possibilidades de lidar com aquilo que cada um percebe como diferente de si: dividir e classificar ou tentar fazer pontes. Ela explica que a primeira dessas possibilidades envolve a vontade de exercer um controle sobre aquilo que se divide e classifica, impor o ponto de vista de quem observa sobre o que é observado. Já na segunda possibilidade, ao invés de se observar para controlar, se busca estabelecer entre os diferentes uma relação de *contraste ativo* (STENGERS, 2017, p. 02) que torne notáveis as diferenças e semelhanças, porém, sem estabelecer assimetrias de poder, como hierarquias, entre elas. Essa segunda abordagem faria possível um estar junto para pensar entre os heterogêneos, o que teria a eficácia de transformar o pensamento e levar a novos conhecimentos, a *realizações científicas* (*scientific achievements*) ou, no caso das ciências experimentais, *realizações experimentais* (*experimental achievements*).

É possível encontrar na bruxaria dois funcionamentos parecidos com estes. Cada um desses dois modos diferentes de percepção em relação ao que se observa – ambos entendidos pelas bruxas como eficazes, dependendo do contexto e da maneira que forem utilizados – estão relacionados a dois estados diferentes de consciência. A bruxa Starhawk, uma das fundadoras da tradição *Reclaiming*, da qual veio esse termo escolhido por Stengers para trocar afetos em seu ensaio, chama o primeiro deles de visão sob a luz focal de uma lanterna (*narrow flashlight beam vision*) e o segundo de visão sob a luz das estrelas (*starlight vision*):

Ordinary waking consciousness sees the world as fixed; it focuses on one thing at a time, isolating it from its surroundings, much like viewing a dark forest with a narrow flashlight beam that illuminates a lone leaf or a solitary stone. Extraordinary consciousness, the other mode of perception that is broad, holistic, and undifferentiated, sees patterns and relationships rather than fixed objects. It is the mode of starlight: dim and silvery, revealing the play of woven branches and the dance of shadows, sensing pathways as spaces in the whole.³ (STARHAWK, 1999, p. 42)

Starhawk nota que as bruxas sabem perfeitamente bem da importância de não abrirem mão permanentemente do primeiro modo de percepção, pois ele também é útil e importante. Fora do estado de transe mágico, uma bruxa reconhece, por exemplo, que não é

³ A consciência comum vê o mundo como fixo; concentra-se em uma coisa de cada vez, isolando-a de seus arredores, de um modo semelhante ao de quem vê uma floresta escura sob a luz de uma lanterna estreitamente focada que ilumina uma folha solitária ou uma pedra solitária de cada vez. A consciência extraordinária, o outro modo de percepção que é amplo, holístico e indiferenciado, vê padrões e relações em vez de objetos fixos. É o modo da visão sob a luz das estrelas: difuso e prateado, revelando o jogo dos ramos entrelaçados e a dança das sombras, percebendo caminhos como espaços no todo.

possível ir de casa ao trabalho voando numa vassoura – e este reconhecimento é algo literalmente vital, sobretudo se a bruxa morar num apartamento no alto de um edifício. Se uma bruxa precisa voar com seu corpo físico, ela tem que recorrer às tecnologias adequadas, embora possa usar a magia para, por exemplo, influenciar que uma viagem de avião seja mais prazerosa e segura.

Por outro lado, para que o trabalho da Deusa se torne possível, as bruxas precisam aprender – pela prática – a suspender temporariamente esse modo de percepção e funcionar sob a visão da luz das estrelas. Sob este outro modo de consciência, uma bruxa pode se lembrar de que todas as divisões e classificações não são fixas e podem ser desestabilizadas pelo encontro entre divinos. Dessa forma, quando duas existências se encontram nesta percepção, a eficácia do canto sagrado da Deusa Kore é reativada: *She changes everything She touches, and Everything She touches, changes.*⁴ (STARHAWK, 1999, p. 115). Como tornou notável Isabelle Stengers, no momento em que isso acontece, já não faz qualquer sentido tentar dizer a quem pertence o dom da mudança, se é à Deusa ou ao que é tocado. A mudança está no toque e o toque é algo que acontece no encontro entre ambas as partes. Uma bruxa apenas acrescentaria: e ambas as partes são igualmente divinas e potentes.

De acordo com o mito bruxo de criação, tudo o que existe – sem exceção – nasceu de um encontro da Deusa consigo mesma feita outra. Este encontro primordial resultou num grande orgasmo cósmico que deu vida ao Universo. Assim, *tudo o que move é sagrado*, como bem disse o compositor Beto Guedes. No modo de funcionamento sob a luz das estrelas, as bruxas podem recuperar essa lembrança. Estar com o diferente sem querer se tornar (ou fazer com que o diferente se torne) um igual, mas de um jeito que o que estava separado para a consciência comum possa ser percebido novamente como conectado. A Deusa, entendida como imanente, vibra, pulsa e brilha em tudo o que é, inclusive no diferente.

Porém, conseguir se alternar entre estes dois modos de percepção não é algo fácil e exige muita persistência e prática. Infelizmente, as bruxas estão tão sujeitas à ilusão da fixidez das separações e classificações quanto Stengers aponta que os filósofos e cientistas estão. Do mesmo modo que a filósofa das ciências assume que se sente frequentemente movida a voltar a dividir e classificar, mesmo quando quer fazer pontes, uma bruxa, uma vez confrontada pela sua Sombra, por exemplo, tende a fazer exatamente isso. A Sombra é a parte da personalidade da bruxa que, como diria Freud, foi tirada fora das vistas do ego consciente quando este se sentiu incapaz de lidar com determinadas emoções e características⁵. Tudo aquilo que foi ocultado permanece escondido, porém à espreita, e virá à tona na primeira oportunidade. O confronto com a Sombra é algo bastante temível,

⁴ “Ela transforma tudo o que ela toca e tudo o que ela toca se transforma.”

⁵ Na psicanálise, este mecanismo de defesa que bane conteúdos da consciência é chamado de repressão. Freud trata dele ao longo de todos os seus estudos sobre as neuroses. Para uma boa introdução às teorias psicanalíticas, ver Zimmerman, 1999.

entretanto, como diz o ditado bruxo, *where there's fear, there's power*⁶ (STARHAWK, 1999). E onde há poder, é preciso tornar isso notável, pode também haver medo.

Stengers diz que, no lado da divisão em que ela se situa, estão aqueles que sentem que devem classificar quando se veem diante do que acreditam que deve ser classificado. Passarei aqui a chamar aos primeiros de “classificadores” e, aos segundos, chamarei de “classificados”. A autora nota que no lado dos classificadores há um grande temor de ser pego pensando, sentindo, fazendo ou dizendo coisas que possam levar à associação do classificador com o que está situado do outro lado da divisão, o lado dos classificados. Coisas que podem levar ao questionamento fatal: *você realmente acredita em...?* (STENGERS, 2017, p. 08) *Realmente?* Ela associa esse estado de suspeição ao orgulho herdado da caça às bruxas, o orgulho de poder apontar o que tem ou não direito de existir e de ser considerado verdadeiro. Segundo a filósofa das ciências em questão, este poder-sobre foi exercido pelos inquisidores no passado e herdado por filósofos e cientistas (mas não apenas).

Curiosamente, parece que aquelas que estavam no lado dos classificados quando essa terrível herança se consolidou também não saíram desse passado com as mãos abanando. Starhawk explica que, para a bruxaria, a divisão entre o que fica disponível para ser visto pelo eu consciente e aquilo que é expulso para a Sombra é levada a cabo pelo que ela chama de *Self-Hater*, literalmente *Auto-Odiento*, ou, como prefere a tradução de *A Dança Cósmica das Feiticeiras* (1993), Autoinimigo. Esta entidade, parte do psiquismo da própria bruxa à qual, em reconhecimento da nossa parcela da herança da Inquisição, me referirei aqui como Inquisidor-interior ou de Inquisidor-em-mim, também adora dividir e classificar! De acordo com a autora, essa estrutura psíquica é a herança de uma cultura baseada no *poder-sobre* – a dominação – e toda bruxa recebe sua parte dela. Algo muito semelhante ao que ocorre, segundo Freud (este que também gostava muito de dividir e classificar, embora também tenha tentado fazer pontes), na formação do Superego. Nas notas para a vigésima edição de *The Spiral Dance* (1999, p. 252), Starhawk aponta alguns dos modos de funcionamento mais comuns desse adversário interior: *The Conqueror, The Judge, The Orderer, The Censor, The Master of Servants*⁷. Tudo assim, no singular e com letras maiúsculas porque eles se acham muito poderosos e importantes. Qualquer semelhança com os Cientistas com C maiúsculo de Stengers talvez não seja mera coincidência...

Do mesmo modo que o excesso de vontade de controle dos Cientistas atrapalha, segundo Stengers, a relação entre as ciências e seus objetos de estudo, entre as ciências e outros modos de conhecer o mundo, o Inquisidor-interior atrapalha o trabalho da Deusa. Cada vez que uma bruxa se perde nesses modos de funcionamento controladores,

⁶ “Onde há medo, há poder”. Na bruxaria, ambas as coisas estão associadas ao encontro com a Sombra. É preciso esclarecer que, para as bruxas, o poder não é considerado algo genuinamente mau ou bom. Neste contexto, poder é apenas energia vital concentrada que pode vir a ser utilizada de diversas maneiras e para diversos fins. O poder será bom ou mau dependendo dos usos que se fizer dele. As relações entre Sombra e poder serão melhor elaboradas adiante.

⁷ O Conquistador, O Juiz, O Ordenador ou Mandatário – como prefere a tradução de 1993, O Censor, O Mestre dos Servos.

julgadores, ordenadores, censores e dominadores, ela deixa de conseguir perceber a realidade sob a visão da luz das estrelas. Segundo Starhawk, a aparição dos Inquisidores-interiores é responsável por muitos desentendimentos até entre as bruxas de um mesmo coven (1999, p. 253). A recorrência dessas situações e a prática da magia mostraram a ela que estas entidades psíquicas aparecem quando alguém se sente ameaçado. Situações em que a segurança, o autovalor, o autocontrole, a autoexpressão e as necessidades emocionais parecem não estar asseguradas, são propícias à interferência de um Inquisidor-interior. Ou seja, situações em que uma bruxa pode sentir medo, como no confronto com a Sombra. Identificar qual dos Inquisidores-interiores é predominante numa bruxa é um jeito eficaz de descobrir as características da Sombra dela, uma vez que foi aquele adversário interior que determinou o que podia ou não existir na consciência da bruxa.

Além das situações ameaçadoras que as bruxas podem encontrar entre elas mesmas no embate com suas próprias entidades psíquicas, há um segundo tipo de situação que dispara o alarme e desperta estas defesas odientas. O cheiro das fogueiras do Santo Ofício. Isabelle Stengers atenta para este clamor lançado por Starhawk: *a fumaça das bruxas queimadas ainda paira nas nossas narinas* (2017, p. 08). Stengers diz sentir o cheiro dessa fumaça cada vez que toma atitudes de classificador para se provar diferente dos classificados, como quando se apressa em garantir que não acredita em coisas que a colocariam sob suspeita. Uma bruxa sente esse cheiro cada vez que pressente que pode cair novamente numa situação de julgamento e condenação. Como quando ela sabe que está no meio da Ciência, da Filosofia e de outros meios herdeiros da Inquisição e entende que precisa tomar muito cuidado para não dar notícias de sua presença. E passa a discorrer sobre bruxas como se ela mesma não fosse uma. Ou, pior ainda, acaba caindo na armadilha das representações que já estão estabelecidas sobre o que ela pode ser ou não, o que pode fazer ou não, onde pode existir ou não.

Entre feitiços e fogueiras

Apesar das imensas dificuldades que enfrentam, quando sentem o cheiro da fumaça, tanto aqueles que, de acordo com Stengers, são os herdeiros diretos dos inquisidores, quanto aqueles que, de acordo com Starhawk, são herdeiros diretos das bruxas queimadas, ambas as autoras concordam que tal odor não pode mais ser ignorado. É necessário que tanto os classificadores, quanto os classificados reconheçam suas heranças para que recuperem a possibilidade de pensar junto com quem esteve, até agora, do outro lado da divisão. Ou nenhum conhecimento diferente e potencialmente transformador poderá ganhar vida entre eles.

Ao contrário de Stengers que se situa, inicialmente, no lado em que predominaram até aqui classificadores, eu, como Starhawk, preciso começar reassumindo meu lugar no lado que costuma ser povoado pelos classificados. Eu não estou entre aqueles que se sentem naturalmente autorizados a dizer o que pode ou não ser considerado verdadeiro, embora corra o risco de fazer isso quando me sinto ameaçada. Em matéria de realizações científicas, o papel que eu tenho desempenhado está mais próximo do papel dos observados do que dos observadores. Mesmo na área do conhecimento em que teoricamente eu deveria

ser uma Especialista, a Arte com A maiúsculo, meu trabalho não seria levado muito a sério e suscitaria, na melhor das hipóteses, uma série de críticas. Até para aqueles que se entendem como os verdadeiros herdeiros da Magia (sim, eles existem!) o que eu faço seria uma piada, senão uma ameaça à verdadeira Arte (sim, este é outro nome para a Magia. Coincidências?). Aqueles que se definem no singular e com letras maiúsculas, como bem lembra Stengers, não costumam olhar com bons olhos quem se mistura com seus diferentes.

No entanto, cometi a ousadia de estar aqui, frequentando o lado da divisão que não costuma ser o meu, e fui acolhida por autores como Isabelle Stengers, que tem por método tentar construir pontes entre heterogêneos. Seguindo por uma dessas pontes que a própria filósofa das ciências ergueu, estive brincando de tentar tecer mais relações entre ela e a bruxa ativista que ela tem convidado para trocar afetos nos textos dela desde o acontecimento das manifestações de Seattle no final de 1999. A partir de agora, tentarei também chegar, com Stengers e Starhawk, a uma realização experimental na qual os materiais divulgados possam participar ativamente do jeito como se dará a divulgação deles. Estou avisada de que, para conseguir levar isso adiante, terei que praticar uma série de reativações que ajudem a curar o que as muitas divisões entre classificadores e classificados envenenaram. Nas belas palavras de Isabelle Stengers,

Reativar significa reativar aquilo de que fomos separados, mas não no sentido de que possamos simplesmente reavê-lo. Recuperar significa recuperar a partir da própria separação, regenerando o que a separação em si envenenou. Assim, a necessidade de lutar e a necessidade de curar, de modo a evitar que nos assemelhemos àqueles contra os quais temos de lutar, tornam-se irremediavelmente aliadas. Deve-se regenerar os meios envenenados, assim como muitas de nossas palavras, aquelas que – como “animismo” e “magia” – trazem com elas o poder de nos tornar reféns: você realmente acredita em...? (STENGERS, 2017, p. 08)

Este trabalho não pretende ignorar as divisões e classificações existentes, nem se constituir em oposição declarada a elas. Pelo contrário, tentarei trazer várias delas para o foco da luz da lanterna da escrita o que, inevitavelmente, me fará interpretar também o papel de classificadora, ainda que de modo temporário. Já fiz isso ao criar aqui as categorias “classificadores” e “classificados” que vão me acompanhar ainda um pouco pela escrita e quando compartilhei de algumas das divisões que Starhawk criou para tornar notáveis as entidades psíquicas que atuam dentro de cada bruxa. O objetivo aqui não é a criação de um espaço em que divisões e classificações não existam mais, mas antes a criação de situações em que se possa experimentar tecer relações que trespasssem as divisões e classificações e proporcionem encontros entre o que está situado em cada um dos lados da divisão. Entendo que é pelo meio destes encontros que a eficácia do canto de Kore, o toque-transformação, poderá ser testada nas reativações, para curar o que as separações haviam envenenado.

Assim, não tenho a intenção de jogar fora a lanterna, nem de mantê-la desligada o tempo todo no encontro com os materiais. Quero realizar aqui uma prática de ligá-la e desliga-la sucessivamente, para alternar o olhar e a percepção de modo a poder enxergar os padrões sob a luz das estrelas, sem, no entanto, me esquecer de que este trabalho se inscreve num mundo em que a percepção das formas é tão possível e verdadeira quanto a

das relações. Intuo que, se as formas são frágeis, precárias e transitórias, também se pode dizer isso dos padrões. É provável que muitas das relações tramadas neste trabalho não sobrevivam fora dele. Este trabalho pode ser o próprio meio do qual estas relações dependam para existir (STENGERS, 2017). Compreendo que isso põe a mim e à escrita em risco – é muito mais fácil manter a coerência e a consistência quando se sustenta uma posição constante, quando se caminha por um traçado pré-determinado. Porém, penso que o desafio ao qual me lanço possa me levar justamente a encontrar meios de ajudar a criar relações de poder-com em lugares em que, até o presente, tem predominado o poder-sobre.

Entre desejos e temores

Estou apostando que, tanto entre os situados como classificadores, quanto entre os situados como classificados, o que leva à necessidade de um excesso de classificações, divisões e controles é o medo. O medo me parece ter sido, desde sempre, comum a bruxas e inquisidores, como nos dão notícias tanto Isabelle Stengers, quanto Starhawk. A psicanálise apoia essa minha suspeita. De acordo com este modo de conhecimento, quando uma parte do psiquismo de uma pessoa⁸ sente uma ameaça, mecanismos de defesa são imediatamente acionados. Dentre eles, aquele que corresponde ao velho dito popular: a melhor defesa é o ataque. Não tenho a intenção, entretanto, de recorrer aos métodos da psicanálise para tirar o medo da frente para que este trabalho possa seguir. Tentarei contornar este obstáculo – o medo de estar junto com aquilo que está associado ao outro lado da divisão – que eu mesma também sinto, com a ajuda das parceiras que já vieram até aqui comigo e mais algumas agregadas.

Na bruxaria, uma das práticas utilizadas para garantir segurança, tanto exterior, quanto interior, às bruxas durante o trabalho mágico e, conseqüentemente, ajudar a tirar o medo do caminho é o banimento. É um procedimento através do qual aquilo que poderia atrapalhar o andamento do ritual é convidado a se retirar, ou a se transformar e cooperar. Algo parecido com o pedido de Virginia Woolf para que se revistasse a sala e se garantisse que nenhum julgador⁹ se encontrava escondido atrás da mobília, antes que ela pudesse revelar o que havia lido no livro de Mary Carmichael¹⁰ (WOOLF, 2007a, p. 613). No caso de Woolf, ela pediu que se verificasse se não havia nenhum *homem* escondido na sala – presumindo que um homem, sobretudo um semelhante a Sir Charles Biron, fosse incapaz de não interferir negativamente na ação diante do que ela estava para dizer. Eu estou para

⁸ Na psicanálise, esta parte do psiquismo que precisa lidar tanto com as ameaças provindas da realidade externa ao sujeito, quanto com aquelas que vêm da realidade psíquica é chamada de Ego. Vide nota na p. 19.

⁹ Woolf menciona especificamente a figura de "Sir Charles Biron", magistrado que conduziu, em novembro de 1928, o julgamento que condenou a obra de ficção lésbica *The Well of Loneliness* da escritora Radclyffe Hall à censura e destruição na Grã-Bretanha. Virginia Woolf e seu marido Leonard Woolf encabeçaram movimentos de protesto em defesa dessa obra. Um resumo deste caso, bastante famoso entre os estudiosos das intersecções entre literatura, gênero e sexualidade, foi publicado em artigo pela editora Charlotte Knight no site da Penguin: <https://www.penguin.co.uk/articles/2016/defending-the-well-of-loneliness/> (Acesso em: 09 jun. 2020). O ensaio *A room of one's own*, de Virginia Woolf foi originalmente publicado em 1929 e baseado em dois estudos que a autora havia proferido em outubro de 1928, ou seja, no auge das disputas envolvendo a obra de Radclyffe Hall, que haviam começado com uma crítica destrutiva publicada pela imprensa marrom em agosto de 1928.

¹⁰ Personagem fictícia de *A room of one's own* (1929) a quem Virginia Woolf dá vida para ajudar a falar sobre as relações entre mulheres e ficção.

trazer para cá coisas bastante semelhantes ao que levou Woolf à suspensão da leitura e à inspeção por detrás da mobília e, estando avisada por Adrienne Rich (1980) de que essas coisas ainda podem levantar paixões envenenadas, inclusive entre mulheres e outros seres, convém a precaução. Eu gostaria que todas as formas de vida presentes pudessem continuar comigo aqui – inclusive alguns homens – então, ao invés de proceder diretamente a um convite para que se retirem, vou tentar primeiro um pedido para que se transformem.

Isso deve resolver, ademais, o problema da ameaça do meu próprio Inquisidor-interior, que já tentou manifestar nesta escrita sua indignação por eu estar assumindo aqui o risco de trazer indisfarçadamente alguns conhecimentos mágicos para pensar junto com alguns conhecimentos filosóficos. Ele tem me inquirido constantemente se eu *realmente* acredito que esta seja uma boa ideia e se eu *realmente* posso estar em segurança aqui... E nem apresentei minhas outras parcerias de pensamento ainda!

Então, preciso conseguir entrar num acordo com qualquer forma de vida que sinta a necessidade de se situar com inicial maiúscula e no singular. Formas de vida que se definam, por exemplo, como o Cientista, o Filósofo, o Artista, o Bruxo, o Poeta, o Divulgador, o Crítico Literário, o Especialista, o Tradutor, o Pesquisador, o Orientador, o Examinador... Todas estas formas de vida serão bem-vindas aqui, desde que aceitem ficar, *em perfeito amor e perfeita confiança* (STARHAWK, 1999), com minúsculas e no plural. De preferência (dadas as características do experimento-ritual que se vai tentar realizar), no feminino. Podemos combinar aqui entre nós que esse pedido faz parte de uma brincadeira. Na bruxaria, o ato de brincar é um ato sagrado, assim, dizer que o que faremos juntos é uma brincadeira não faria com que eu caísse em demérito ou contradição com as bruxas. Por outro lado, quem se define no singular e com maiúsculas não costuma ser muito chegado a brincadeiras, principalmente dentro de uma dissertação de mestrado...

Vou recorrer, então, a um recurso oferecido por Isabelle Stengers e Vinciane Despret no ensaio *Women who make a fuss – the unfaithful daughters of Virginia Woolf* (et al. 2014) e propor que o que farei aqui é apenas uma *versão*. Isso quer dizer que eu não tenho nenhuma intenção de dizer aqui nenhuma Verdade Absoluta sobre coisa alguma. Não que eu pretenda faltar com a verdade – definitivamente não é disso que se trata. De acordo com a bruxaria, eu não posso mentir, a menos que seja para preservar a mim e à minha comunidade. Está certo que aqui eu não me encontro ainda numa situação em que esteja apenas entre formas de vida que não me ofereçam nenhum perigo... Justamente por isso é preciso, antes de mais nada, acertar este acordo, até para que verdades possam vir povoar este trabalho.

De acordo com Stengers e Despret, uma versão é apenas um exercício que, ao contrário de uma tradução literal, não busca dizer uma verdade definitiva sobre algo de modo a encerrar uma questão. Uma versão não ignora nem despreza as outras tantas verdades que já foram ditas sobre algo, apenas oferece mais uma possibilidade de se pensar a respeito. É este o procedimento que intento realizar com todos os materiais que em breve estarão aqui comigo – compor versões com eles. Não pretendo desmerecer, muito menos derrubar, nenhuma das muitas verdades que já foram escritas sobre eles. E caso eu as

questione juntamente com os materiais parceiros, isso será feito apenas com a intenção de fazer brotar outras perguntas que possam transformar os conhecimentos com os quais estarei tecendo relações.

Tenho perfeita consciência do lado da divisão em que costumo estar situada e da minha situação de forasteira convidada no lado que estou ocupando agora. Assim, não é meu desejo tirar o lugar de ninguém, estou só de passagem. Ficarei aqui apenas como uma *amadora* (DESPRET, STENGERS, et al. 2014) – movida pelo amor ao conhecimento e aos materiais parceiros. Então, peço licença aos ocupantes habituais desse espaço, dando o acordo que ofereci como aceito por quem continuar comigo a partir de agora. Como brincadeira ou como versão, de preferência como as duas coisas, que cada forma de vida esteja aqui presente em perfeito amor e perfeita confiança até o fim do texto.

Este estado de segurança compartilhada, na bruxaria, é considerado vital para que o trabalho da Deusa possa ocorrer, não só por manter Inquisidores-interiores calmos, mas por ajudar a trazer à tona o *Younger-self*, o Eu-mais-jovem (STARHAWK, 1999), entidade psíquica que auxilia na passagem da visão sob a luz da lanterna para a visão sob a luz das estrelas. O Eu-mais-jovem brinca com as formas até conseguir lembrar à sua bruxa de que estas formas não são imutáveis. É por causa dessa parte do psiquismo da bruxa que a diversão é uma característica essencial nos rituais. O Eu-jovem brinca, se diverte e se encanta na relação com os materiais presentes no ritual e este encantamento é contagiante. Quando ele se encanta, o mundo se apresenta cheio de encanto também. Este estado, conhecido por alguns estudiosos da psicologia como Criança-interior, é um grande aliado daqueles que precisam de criatividade em seus trabalhos e daqueles que estão em processos de aprendizado. Como bruxa, artista e pesquisadora, para mim, este estado é uma condição da qual não posso abrir mão.

Entre as formas e os padrões

Para completar o procedimento de proteção que as bruxas normalmente realizam antes de darem início aos encantamentos, vou lançar um círculo mágico ao redor deste trabalho. De acordo com Starhawk,

In Witchcraft, we define *a new space and a new time* whenever we cast a circle to begin a ritual. The circle exists on the boundaries of ordinary space and time; it is “*between the worlds*” of the seen and unseen, of flashlight and starlight consciousness, *a space in which alternative realities meet*, in which the past and future are open to us. Time is no longer measured out; it becomes elastic, fluid, a swirling pool in which we dive and swim. *The restrictions and distinctions of our socially defined roles no longer apply*; (...). Within the circle, the powers within us, the Goddess and the old Gods, are revealed. (STARHAWK, 1999, p. 83. Grifos meus.)¹¹

¹¹ “Na bruxaria, definimos um novo espaço e um novo tempo sempre que lançamos um círculo para iniciarmos um ritual. O círculo existe nos limites do espaço e do tempo ordinários; é “entre os mundos” do visível e do invisível, da luz da lanterna e da luz das estrelas, um espaço no qual as realidades alternativas se encontram, no qual o passado e o futuro estão abertos para nós. O tempo não é mais medido; torna-se elástico, fluido, uma piscina em espiral na qual mergulhamos e nadamos. As restrições e distinções de nossos papéis socialmente definidos não se aplicam mais; (...) Dentro do círculo, os poderes dentro de nós, a Deusa e os antigos Deuses, são revelados.”

Ao dispor um círculo mágico, as bruxas trazem para o espaço do ritual as potências das cinco direções: Leste, Sul, Oeste, Norte e Centro, nesta ordem. Do Leste, vêm as potências relacionadas ao *ar*, que são aquelas que ajudam a reativar as funções predominantemente intelectuais, como o pensamento e a linguagem. Do Sul, são chamadas as potências do *fogo*, relacionadas principalmente à reativação das funções espirituais, como a fé e o entusiasmo. Do Oeste, vêm as potências ligadas à *água*, que reativam mais intensamente as funções emocionais. Do Norte, são convidadas as potências da *terra*, vinculadas à matéria e à ação. Por fim, do Centro, são invocadas as potências *divinas*, reativadas em cada uma¹² das participantes do ritual.

O fato de eu estar chamando por todas as potências das cinco direções aqui é uma tentativa de fazer notável o desejo de que este trabalho não toque nos materiais que para cá vêm apenas de modo racional. Este trabalho também não deseja causar apenas uma reflexão intelectual nas formas de vida que com ele entrarem em contato, embora ela seja, sim, igualmente importante. O desejo que move todo este experimento-ritual é o de fazer encontros com o conhecimento nos quais pensamentos, fés, emoções, ações e presenças divinas sejam bem-vindos, sem separações e classificações hierárquicas entre eles. *Tudo o que move é sagrado.*

Vou agora saudar e convidar para que venham para cá tocar e serem tocadas pela escrita algumas divindades que se anunciam em meio aos materiais parceiros de experimento e que virão abençoar este trabalho com seus dons. Faz parte do desejo dos materiais que virão como meus parceiros de experimento-ritual que se reative na escrita este reconhecimento das potências divinas, que fazia parte das práticas dos poetas gregos arcaicos e que é muito familiar entre aqueles que, como as bruxas, sabem que toda criação é também movida por forças não-só-humanas.

Estas divindades que serão nomeadas, sob a visão da luz da lanterna, pertencem a culturas e contextos bastante heterogêneos e, como eu escrevi anteriormente, não tenho a intenção de apagar estas diferenças entre elas, mas antes a de honrá-las nessas diferenças todas e também nas semelhanças que compartilham umas com as outras. Sob a visão da luz das estrelas, todas elas são potentes e estão bastante enredadas entre si. Todas se farão presentes pelo meio dos desejos, das fés e dos imaginários que movimentam esta pesquisa.

¹² A bruxaria pode ser praticada igualmente por pessoas de qualquer gênero e também por outros seres. Por questão de praticidade, seguirei o procedimento de Starhawk, que é um procedimento de certa forma pessoal e político, e me referirei às bruxas sempre no feminino. Muitos homens praticantes da tradição *Reclaiming* também adotam este procedimento e tratam a si mesmos como bruxas, no feminino. Assim, não se trata aqui, de forma alguma, de uma tentativa de exclusão do masculino. Na maior parte das tradições de bruxaria, Deusa e Deus são igualmente reverenciados.

Peço primeiro a benção aos mais velhos à Dona Edith do Prato¹³! Ajude-me com Maria Bethânia a cantar e firmar a licença com os donos da casa: <https://www.youtube.com/watch?v=GSli5ZG76Ik>

Laroiê, Exu, orixá que abre os caminhos para a comunicação entre os mortais e as forças imortais da natureza, grande fazedor de pontes, venha me ajudar a ir e vir por onde parece ser impossível transitar – as fronteiras entre as divisões e classificações! Saravá, Exus e Pombagiras, Ajudantes-em-Combates amorosos nessa terra vermelha em que piso, que aquilo que o coração dessa escrita mais deseja vocês me ajudem a tudo cumprir! Saravá, Caboclos, primeiros a honrar o sagrado nesse chão e aqui praticar a magia! Ajudem essa escrita a abrir caminhos pelas matas fechadas da representação com sabedoria e cuidado para não ferir as formas de vida que se encontrem no percurso!

Saravá, Eros, servo de Afrodite, mensageiro do desejo! Venha trespassar tudo o que aqui se escreva e inscreva! *Eros soltou as feras*¹⁴... Evoé, Dioniso, imortal entre a razão divina e os instintos sagrados da vegetação e dos animais! Deus do vinho, do teatro e da festa, ió! Dioniso, *passa na poeira das estradas*¹⁵ e vem dar ao trabalho *essa consciência múltipla e divina*¹⁶! E Patacori Ogum! Ogunhê! Dá-me, pai amado, senhor da minha cabeça e do meu coração, as ferramentas necessárias e proteja a caminhada que vai ser longa e perigosa!

Pai, *eu sei que é tarde e quase tudo é medo mas agora não é agora em todo canto...* Pai, *a nossa sorte é ter coragem*¹⁷!

*vinde, agora, delicadas Graças, e vós, Musas de lindas tranças*¹⁸... Saravá, divinas Musas de guirlandas floridas! Filhas da Memória, para cá venham inspirar este canto e que, assim, ele se torne digno de honrar todas as formas de vida que vêm dar sopro e desejo a este trabalho de magia literária! Saravá, harmoniosas Graças, amigas do amor, do prazer e da beleza, venham ajudar as palavras a dançarem o encanto! Saravá, Horas perfeitas, sábias filhas de Iroko, o Tempo, abençoem essa escrita com o dom da transformação do finito em infinito!

Ora iê iê, Oxum, mãe das águas doces, *mais áurea do que o ouro*¹⁹! Senhora da minha cabeça e do meu coração, mãezinha querida, purifique os meus passos para que eu me torne digna de dançar no seu ritmo de amor, beleza e criação de mundos! Dá-me,

¹³ Uma importante figura na música baiana, influenciou os trabalhos de diversos outros artistas, como seus conterrâneos de Santo Amaro da Purificação Maria Bethânia e Caetano Veloso. Acompanhava-se no canto com percussão que tirava de uma faca e um prato, de onde veio seu nome artístico. Para mais informações sobre esta artista, consultar o dicionário de música popular brasileira: <http://dicionariompb.com.br/edith-do-prato> Acesso em: 22 de nov. 2019.

¹⁴ Sophia de Mello Breyner Andresen, *Eros*, Neera sacudiu os seus (VII). 2015, p. 605.

¹⁵ Sophia de Mello Breyner Andresen, *Dionysos*. 2015, p. 143

¹⁶ Sophia de Mello Breyner Andresen, *Evoé Bakkhos*. 2015, p. 69.

¹⁷ Da música Eternal Viagem, do Cordel do Fogo Encantado com a atriz e poetisa Nataly Rocha: *Eu sei que é tarde e quase tudo é medo/ Mas agora não é agora em todo canto/ A tua voz eternal viagem/ A nossa sorte é ter coragem*. Para ouvir este lindo poema: <https://www.youtube.com/watch?v=zsQhfKPKK18>

¹⁸ Safo de Lesbos, trad. Brasil Fontes, 2003, p. 471.

¹⁹ Safo de Lesbos, trad. Brasil Fontes, 2003, p. 433.

*Crisocoroada*²⁰, o dom da sua esperteza e da sua diplomacia perseverante, corajosa e graciosa! *Em flóreo manto furta-cor, imortal Afrodite*²¹, *urdidora de tramas*²², para cá venha como tantas vezes no passado veio curar as dores das outras como eu, mulheres apaixonadas pela escrita! Traga essa amada fugidia ao alcance do meu toque e que ela seja tomada de paixão como eu, querendo ou não querendo, desejando... Odoyá, Iemanjá! *Mar sonoro, mar sem fundo, mar sem fim! A tua beleza aumenta quando estamos sós...* Mãe de todas as palavras e ideias, venha ajudar o trabalho a ter e dar acolhimentos, inteligências e clarezas! Todas juntas, venerandas imortais, me ajudem a tecer ardis com a *métis*, a inteligência de quem ama e precisa atravessar o intransponível, que *sobre os abismos passa e vai em frente!*²³

Epa epa babá, orixá Oxalá! Poderoso artista divino que criou o humano! Pai de todos, amado como Jesus Cristo assentado e adorado nos terreiros de Candomblé e Umbanda! *Dai-nos Senhor a paz que vos pedimos, a paz sem vencedor e sem vencidos*²⁴! E o amado Jesus Cristo, como Oxalá adorado nas igrejas e templos dos cristãos, *faz-me deitar em verdes pastos, guia-me mansamente a águas tranquilas*²⁵ através dessa escrita!

A Deusa em mim desperta e saúda a Deusa em cada uma das minhas parceiras e parceiros nesta aventura das ciências, artes, filosofias e divagações!

Não fui eu que os invoquei. Foram eles que me convocaram.

Agora que o banimento foi realizado, o círculo está disposto e o divino se fez novamente presente, posso começar a receber, neste espaço entre espaços, neste tempo entre tempos, os materiais que têm sido meus parceiros ao longo dos tantos experimentos-rituais que venho realizando desde a primeira escrita do projeto para esta dissertação.

²⁰ Epíteto de Afrodite que significa “coroada com ouro” encontrado em alguns fragmentos de Safo, como em] pudesse eu, crisocoroada Afrodite/obter este dom/[no lance da sorte] Safo de Lesbos, trad. Brasil Fontes, 2003, p. 405.

²¹ Safo de Lesbos, trad. Giuliana Ragusa, 2005, p. 263.

²² Safo de Lesbos, trad. Brasil Fontes, 2003, p. 375.

²³ Sophia de Mello Breyner Andresen, *Procelária*, 2015, p. 505.

²⁴ Sophia de Mello Breyner Andresen, *A paz sem vencedor e sem vencidos*, 2015, p. 641.

²⁵ Salmo 23, versículo 2.

Capítulo 1 – Entre peles e papiros: uma divulgação poética urdidora de tramas

Entre mortais e imortais

De novo, outra vez, agora...

] de novo, Eros me arrebatava,
ele, que põe quebrantos no corpo,
(...)

[Eros] dociamargo

[Eros] que atormenta

[Eros] tecelão de mitos

(Fragmentos de Safo, trad. BRASIL FONTES, 2003, pp. 406-409)

A poesia de Safo *vem, outra vez – agora*²⁶. Com ela, as potências de Eros e Afrodite, *urdidora de tramas*²⁷. Exatamente como o encanto da deusa à qual a poeta serve²⁸, sua poesia vem e me toma: por inteiro, do jeito arcaico – sem separação irreconciliável ou hierarquização entre corpo e alma (DEMARCHI, 2013, p. 43), ficção e verdade, pessoal e político, passado e presente. Pelo meio dos fragmentos, as potências sáficas – eróticas e afrodisíacas – trespassam a mim e à pesquisa com rajadas de desejo, poder do qual nem os deuses conseguem escapar (BRASIL FONTES, 2003, p. 174) e, como no canto sagrado de Kore (STARHAWK, 1999, p. 115), tudo tocam e tudo transformam: ações poéticas, rituais, referências bibliográficas, divulgação... Todos os fios que compõem este trabalho são divinamente atraídos de modo completamente irresistível e, *embora não querendo*²⁹, vão se enredando pelas tramas de *cores e brilhos*³⁰ tecidas pela *Imortal filha de Zeus*³¹.

Embora não querendo – minha proposta inicial não era a de me entregar a uma divulgação poética com a presença constante da poesia de Safo. Os fragmentos da poeta de Lesbos eram apenas um dos muitos materiais ficcionais com os quais eu planejava trabalhar na confecção de uma dramaturgia que tivesse a *eficácia* (STENGERS, 2008, 2017) de divulgar feminismos sem a pretensão de levar ao público uma verdade pronta. Queria que o espetáculo fosse, antes, um convite para que as atrizes envolvidas se misturassem à plateia

²⁶ Safo de Lesbos, trad. Brasil Fontes, 2003, p. 377.

²⁷ Safo de Lesbos, trad. Brasil Fontes, 2003, p. 375.

²⁸] tu e Eros, meu servidor[Safo de Lesbos, trad. Brasil Fontes, 2003, p. 211.

²⁹ Safo de Lesbos, trad. Brasil Fontes, 2003, p. 377.

³⁰ Safo de Lesbos, trad. Brasil Fontes, 2003, p. 375.

³¹ Safo de Lesbos, trad. Brasil Fontes, 2003, p. 375.

na criação de uma arte participativa capaz de *reativar* (STENGERS, 2017) conceitos disputados dentro dos movimentos feministas, como o empoderamento.

Intuí que, mesmo dentro dos feminismos, estavam ativos certos funcionamentos herdados da cultura de *poder-sobre*, a dominação que, segundo Starhawk, divide por dentro a consciência da bruxa. Uma vez que as feministas têm constantemente se declarado também como herdeiras das bruxas, pensei que seria importante verificar se elas não estavam sujeitas aos Inquisidores-interiores. Daí a minha aposta na reativação de Stengers como tentativa de curar o que possíveis separações operadas por Inquisidores-interiores entre as mulheres e poderes poderiam ter envenenado. Assim, queria propor um espaço de pensamento em que se pudessem investigar as potências do cultivo, entre mulheres, de uma espécie de *poder-com*, ao invés daquele triste poder dominador que tem sido, repetidamente, investido contra nós desde o estabelecimento das sociedades patriarcais. Isso, talvez, tivesse a eficácia de criar uma versão de feminismo que ainda não estava pronta e que poderia ganhar vida ao longo do próprio trabalho.

Porém, não pude mais ignorar o clamor da poeta Sophia de Mello Breyner Andresen: *Eros soltou as feras* (2015, p. 605) e, assim sendo, me pareceu inútil com deuses rivalizar³². Ao invés de esgotar minhas forças tentando trazer a pesquisa de volta aos limites anteriormente estabelecidos, de modo que os fragmentos de Safo continuassem tendo uma participação restrita na escrita, entendi que seria mais sábio acolher as potências sáficas como minhas *parceiras* (STENGERS, 2017). Dei a elas plenos poderes para afetar e serem afetadas ao longo deste trabalho. Decidi, assim, começar por *poder-com* elas e não tentar impor mais minha vontade *sobre* essas potências. Passei a apostar que, de alguma forma, a escrita de Safo, tão íntima dos poderes de Afrodite, viria, eroticamente, trespassar com os desejos dela a minha própria escrita.

Passei, então, a investigar o que estes materiais parceiros, os fragmentos de Safo, iriam causar nas minhas tentativas tanto de divulgá-los, quanto de divulgar o trabalho de outras poetisas junto com eles. Interessava-me também descobrir o que estas divulgações poderiam fazer com as relações que se estavam criando nos encontros entre mulheres e outras forças de vida envolvidas, como a própria escrita.

Um dos primeiros efeitos dessa parceria com os fragmentos de Safo sentidos pela pesquisa foi precisamente a fragmentação – a escrita deixou de ser uma e se tornou muitas.

³² *mas é difícil, para nós, com deusas/[rivalizar]* Safo de Lesbos, trad. Brasil Fontes, 2003, p. 399.

Ganhou diversos corpos, a maioria deles arruinados, precários, difíceis de decifrar, exatamente como a obra de Safo chegou até nós: em grande parte perdida³³, provavelmente para sempre.

É bastante improvável que a própria poeta tenha, em algum momento, registrado os poemas dela por escrito, visto que ela criava e divulgava o trabalho dela dentro de uma cultura predominantemente oral (RAGUSA, 2005). Assim, os escassos registros dos poemas de Safo aos quais leitoras e leitores têm acesso hoje datam de séculos depois do florescimento dela e de muitos séculos antes da descoberta feita pelos estudiosos desses manuscritos, de modo que estiveram sujeitos a longos caminhos percorridos entre a memória de quem os transmitiu oralmente, as interpretações de quem os transcreveu e as inúmeras traduções de que agora dispomos, com todos os desejos de explicação e de reconstituição, de divisão e classificação, a que estão atadas.

Além da perda da maior parte dos versos, os poemas sofreram a separação das melodias que os acompanhavam originalmente, quando eram cantados e ouvidos, ao invés de apenas escritos e lidos. A musicalidade da poesia de Safo, tão elogiada pelos antigos, chegou até nós alijada de seu acompanhamento melódico, que entendemos que era executado em instrumentos como a lira, o bárbito e a péctis. Ademais, uma vez que o sistema rítmico dos poemas arcaicos gregos seguia uma regra baseada em sons longos e breves, diferentemente do que fazemos hoje com tônicos e átonos, é bastante complicado dar notícia da eufonia sáfica pelo meio das traduções.

Somando-se às lacunas marcadas no corpo da poesia dela, quase nada se sabe a respeito de quem foi Safo. Sabe-se apenas que foi uma poeta que floresceu entre os séc. VII e VI a.C. na ilha grega de Lesbos, tendo passado provavelmente a maior parte de sua vida em Mitilene, uma das principais cidades da ilha. Dado o refinamento técnico dos poemas dela, que atesta que ela deve ter recebido algo como uma educação formal, e o prestígio do

³³ Segundo informações fornecidas por Paula da Cunha Corrêa (apud. RAGUSA, 2005, p. 15), estima-se que apenas cerca de 35% do que foi publicado na edição alexandrina, que era composta por nove livros (é sabido que apenas do primeiro deles constavam 1320 versos ou 330 estrofes sáficas), chegou até nós. Ainda de acordo com Corrêa, dentre os fragmentos todos, há apenas um praticamente inteiro e algo em torno de uma dúzia de textos mais substanciais. Estas informações sobre a quantidade e o estado dos fragmentos estão entre os poucos dados a respeito da poesia de Safo sobre os quais não há disputa entre os estudiosos que a pesquisam. Estes fragmentos chegaram até nós por meios materialmente bastante precários, procedentes de restos de papiros encontrados no Egito, citações em tratados antigos, muitas vezes escritos em pergaminhos que foram reutilizados para outras escritas posteriormente (*palimpsestos*), o que torna ainda mais precário esse tipo de transmissão e cacos de cerâmicas usados para anotações (*óstracon*). Para informações sobre os modos de transmissão da poesia de Safo até nós, vide, além de RAGUSA, 2005, BRASIL FONTES, 2003, BIERL & LARDINOIS (ed.), 2016, dentre outros.

qual ela e a poesia dela parecem ter desfrutado desde o período arcaico, se aposta, com algum respaldo, que tenha pertencido a uma família com bons recursos econômicos e alta influência na sociedade lésbia, embora pouco se saiba sobre esta sociedade.

Todas as demais informações sobre ela que chegaram até nós, como, por exemplo, aquelas sobre seus três irmãos, sua mãe, seu pai, filha, marido e companheiras, são hoje pontos de disputa entre os pesquisadores, pois elas provêm de fontes antigas que parecem ter se fiado apenas em elementos oriundos dos próprios poemas de Safo, que por nenhuma razão devem ser inquestionavelmente tomados como autobiográficos³⁴, e de obras de outros poetas, filósofos e dramaturgos antigos, alguns satíricos, inclusive, não havendo qualquer embasamento histórico que as comprove (BRASIL FONTES, 2003, RAGUSA, 2005). Sobre Safo e sua poesia, restaram pouquíssimas certezas, para terror dos classificadores.

No entanto, esta escassez de certezas e a total precariedade dos fragmentos da poesia de Safo não enfraqueceram as potências eróticas e afrodisíacas geradoras de vida que permeiam boa parte dos versos dela. Muito pelo contrário! Inúmeras narrativas brotaram (e continuam brotando), tanto entre classificadores, quanto entre classificados, em torno da poeta e da obra dela. Desde a Antiguidade Clássica, muitas Safos ganharam vidas totalmente diversas entre si pelo meio dos estudos sobre a Grécia arcaica e de outras criações literárias, cênicas, visuais, musicais e este movimento veio até o presente, passando por uma grande proliferação na França do séc. XVI ao XX e se espalhando por outros países, principalmente pela Alemanha e Inglaterra (DEJEAN, 1989; DEMARCHI, 2013).

No Brasil, circulou em várias versões, que foram de tentativas de tradução de fontes latinas de poemas³⁵ a óperas³⁶, afetando desde o trabalho de outros poetas, como Haroldo de Campos, Décio Pignatari – e, intentamos experimentar em breve, Maria Firmina dos

³⁴ Vide, por exemplo, os estudos editados por Bierl e Lardinois (2016) sobre um dos fragmentos melhor preservados que foi recentemente descoberto por pesquisadores e que tem sido chamado de “The Brothers Song” – A canção dos irmãos. Há bons argumentos para supormos que este poema é uma obra de ficção escrita por Safo e que trata da sociedade na qual ela viveu e não algo como uma autobiografia.

³⁵ Como no caso de Lucas José D’Alvarenga analisado por Felipe Coelho de Souza Ladeira e Gracinéa Imaculada Oliveira (2018). Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2018v38n3p125> Acesso em 27 out. 2019.

³⁶ Na Hemeroteca Nacional, há diversas ocorrências ligadas às versões de Safo no Brasil desde o início do séc. XIX. Dentre elas, notas de divulgação de uma ópera de Pacini que seria encenada por uma cia italiana no Rio de Janeiro em 1845. Diário do Rio de Janeiro, Ano 1845\Edição 07026 (1). Na Europa, houve até o caso de uma compositora italiana do séc. XVII, Barbara Strozzi, que se autointitulava “a nova Safo”. A tese de doutorado de Silvana Ruffier Scarinci, defendida em 2006 no Instituto de Artes da Unicamp trata desta artista. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/284273>

Reis – até movimentos identitários de mulheres lésbicas, agora no sentido atual do termo (ALMEIDA e HEILBORN, 2008; LEITE, 2017).

Pelo meio desse emaranhado de narrativas e sucessivas tentativas de dividir e classificar a poesia e a poeta, surgiram Safo completamente conflitantes entre si. Houve quem a recriasse como uma mulher da alta sociedade de Mitilene, cuja função social teria sido pedagógica e perfeitamente ajustada aos valores de uma cultura onde o papel da mulher seria o de esposa e mãe: preparar meninas para o casamento. Neste contexto, ela teria sentido um amor quase maternal pelas pupilas de quem se ocupava e cujos supostos nomes³⁷ sobrevivem no corpo dos fragmentos. Ou teria desenvolvido com elas um amor sensual, porém, mantendo a função pedagógica nos mesmos padrões descritos, séculos depois, pelos personagens de Platão em *O Banquete*, e tendo como objetivo principal o de despertá-las sexualmente apenas para em seguida entregá-las aos noivos delas.

Houve também quem a recriasse como uma revolucionária que liderava um grupo de mulheres com interesses próprios e independentes do resto da sociedade e que mantinha com estas companheiras relações homoeróticas como compreendidas atualmente. Dentre os que defendem esta última explicação para a presença constante de nomes femininos nos fragmentos, há, entretanto, quem sustente que a percepção da sociedade em relação a ela não era a de uma revolucionária. Argumenta-se que a compreensão de sexualidade dos gregos arcaicos era completamente diferente da nossa e, por isso, nada na relação de Safo com as companheiras seria motivo de escândalo. Esta última possibilidade faz com que muitas lésbicas pensem hoje na Ilha de Lesbos como uma espécie de paraíso perdido (LEITE, 2017). Há ainda quem descreva Safo como literalmente uma sacerdotisa de um culto à Afrodite, dentro do qual lideraria um grupo de mulheres com função religiosa.

Todas estas interpretações estão presentes entre os estudiosos, com inúmeras variações sobre os mesmos temas. Lendo estudos como os de Joan DeJean (1989), que se propõem a acompanhar o desenrolar dessas narrativas, vai-se notando que, embora cada movimento de resgate e interpretação de Safo e da poesia dela tenha conseguido trazer à tona apenas pequenos sinais do que elas possam ter sido na Grécia Arcaica, os fragmentos de Safo têm grandes potências de revelar informações sobre aqueles com os quais trocam afetos em cada um destes movimentos de resgate e interpretação. Eles tornam notável, por

³⁷ A quem suspeite de que estes nomes eram, na verdade, apelidos, de modo que faziam menção às mulheres a que se referiam, mas sem explicitar a identidade destas. Vide o artigo de Renate Schlesier *Atthis, Gyrinno, and other hetairai*. *Philologus* 157 (2013) 2, pp. 199–222.

exemplo, como cada um que escreve com eles (ou sobre eles) lida com questões relacionadas aos papéis da mulher na sociedade, à paixão e ao desejo, ao amor entre mulheres, à relação entre mulheres e escritas, às tramas entre verdade e ficção.

A partir de Ovídio, surge mais uma narrativa que irá se proliferar vastamente: a de uma Safo que renega o amor pelas mulheres e se suicida em decorrência de uma paixão não correspondida pelo jovem Faon (DEJEAN, 1989; DEMARCHI, 2013). Esta versão de Safo influenciou muitas outras obras, como poemas, romances, peças de teatro e óperas³⁸ e teve uma eficácia peculiar: a da criação de uma Safo precursora de uma escrita feminina, uma escrita do desejo. Uma escrita percebida, paradoxalmente, tanto como classificadora, quanto como classificada! Um modelo a ser seguido e superado, tanto por homens, quanto por mulheres, embora por motivos diferentes...

Para muitos autores-classificadores do sexo masculino, Safo se tornou um paradigma a ser derrubado, conquistado, para retomar para os homens o domínio sobre a escrita dos desejos das mulheres (DEJEAN, 1989). Por outro lado, para as mulheres-classificadas que ousavam se colocar como escritoras, Safo se tornou um exemplo legitimador, uma ancestral mítica, uma fonte de incentivo e inspiração (DEJEAN, 1989; LEITE, 2017; 2018). E para alguns homens que se situavam como classificados (e há quem defenda que este era o caso do próprio Ovídio) ela veio a ser um ideal a ser imitado na busca pelo sublime e/ou uma *aliada de lutas*³⁹ no dismantelamento dos padrões literários cujas divisões eles desejavam derrubar (DEJEAN, 1989; BRASIL FONTES, 2003).

O único ponto que costuma estabelecer um comum entre quase todas⁴⁰ as narrativas sobreviventes que, de resto, dividem os estudiosos e amantes da poesia de Safo, é o da qualidade notável da escrita desta poeta. Graça, harmonia, brilho, refinamento, ritmo, uma

³⁸ Para um estudo mais elaborado sobre as obras de arte que se apoiam na Carta XV das *Heroides* de Ovídio, ver a tese defendida por Cristiane Demarchi na Faculdade de Educação da Unicamp em 2013, intitulada *Uma Safo à francesa: estudo das representações de Safo em imagens pictóricas da França do século XIX*. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/250988>

³⁹ SAFO apud. RAGUSA, 2005, p. 264.

⁴⁰ Houve quem desmerecesse a técnica de Safo atribuindo a ela uma escrita *meramente passional e naturalmente espontânea*, enfim, *uma escrita feminina*, centrada, igualmente, *num mundo feminino*, íntimo, e, por isso, de pouco interesse. Tais opiniões vieram principalmente em momentos em que escritores do sexo masculino estavam tentando e, infelizmente, de certa forma conseguindo, estabelecer cânones literários por eles forjados de acordo com ideais pouco lisonjeiros em relação aos papéis que as mulheres e seus desejos poderiam ocupar na escrita (DEJEAN, 1989). Um caso notável de crítica à qualidade poética dos fragmentos de Safo é o de Page, um dos principais editores modernos da poesia da poeta em questão, que disse que, ao contrário do que havia acontecido com Alceu, as novas descobertas de fragmentos de Safo mostravam que muito da poesia dela estava “*abaixo do nível em que estamos habituados a julgá-la*.” (PAGE apud. BRASIL FONTES, 2003, p. 225)

beleza que seduz todos os sentidos – tudo isso foi percebido pela maioria dos estudiosos, desde os antigos.

E há ainda quem note, pelo meio dos fragmentos, uma inteligência afrodisíaca, a *métis* (RAGUSA, 2005, pp. 153-172): esperteza, rapidez de pensamento, artimanha, habilidade para tramar, enganar, persuadir, domar a vontade e arrebatá-lo pelo desejo... De um jeito ou de outro, a maior parte daquelas e daqueles que tomam contato com os fragmentos, seja através dos textos gregos, seja por traduções e versões, fica completamente apaixonada pela brilhante técnica e pela beleza que sobrevivem nos versos, embora arruinados. Assim, o que Safo, a poeta, devia mais querer em seu próprio coração – um lugar na Memória, máxima posição a que um poeta arcaico poderia ansiar (RAGUSA, 2018) – foi garantido, com os dons das Musas e de Afrodite, que, é importante dizer, figuram, juntamente com Eros e as Graças, em parte significativa dos fragmentos, fato que também se fez notável à maioria dos estudiosos.

Entre o ouvido e o olvido

Na Grécia arcaica, sociedade na qual Safo criou e divulgou seus poemas, havia uma grande preocupação entre os mortais: a possibilidade de serem esquecidos após a morte comum. Entendia-se que, após o que hoje a Ciência entende como morte, havia uma segunda vida, que era experimentada no submundo, o Hades. Não havia uma separação completamente intransponível entre o mundo dos mortais “vivos” e este outro mundo para onde iam os mortais “mortos”. Há muitos mitos, como o de Eros e Psiquê, em que outros deuses – além do casal divino Hades e Perséfone, que governam o submundo – e mesmo heróis e heroínas enfrentam os riscos de transitar entre estes lá e cá. Na própria bruxaria, há um momento do mito da Roda do Ano, um dos principais mitos que orientam a prática das bruxas, em que a Deusa vai até o mundo dos mortos buscar de volta o Deus para a vida.

Porém, ao contrário do que ocorre no mito bruxo em que a Deusa se despe de todas as suas roupas e joias – símbolos da divindade e da imortalidade dela – e aceita entrar nos domínios da morte nua e atada como uma mortal qualquer (STARHAWK, 1999), para os gregos, o bom era adentrar o mundo inferior protegido pela boa fama. Isso lhes daria a chance de viverem essa segunda vida de modo honrado, até glorioso. Há algumas versões do que acontecia às almas dos mortos no Hades que envolvem um julgamento no qual cada uma era dividida e classificada de acordo com aquilo que seu nome carregasse (e fosse capaz de continuar mantendo) da primeira vida.

Assim, tanto a boa fama, quanto as maldições, parecem ter sido muito consideradas entre os gregos arcaicos, bem como o que esperavam que continuassem dizendo deles após a morte. Histórias semelhantes a estas parecem mover alguns rituais que são até hoje celebrados por outros povos, como o *Día de los Muertos* mexicano. De acordo com Freud, o horror do esquecimento além da morte também move a busca por fama e reconhecimento tão familiar entre aqueles que passam a vida realizando produções intelectuais e artísticas, como, aliás, o próprio Freud. É preciso notar que ele parece ter sido tão competente quanto Safo em deixar o nome dele bem marcado na memória da cultura ocidental!

Para os gregos arcaicos, a importância de serem lembrados criou até uma outra versão para a ideia do que pode ser considerado verdadeiro: *aletheia* (LEITE, 2009, p. 74, RAGUSA, 2018) – a verdade daquilo que venceu o esquecimento. Assim, Safo, quem quer que tenha sido e como quer que tenha amado, é uma poeta que conseguiu escapar àquela que, de acordo com a compreensão deles, é a pior das mortes: *léthe*, o esquecimento (RAGUSA, 2018) e, portanto, confirmar a verdade do dom que recebeu das Musas. Safo conseguiu ser para sempre – embora, como bem disse o compositor Chico Buarque, para sempre seja sempre por um triz – lembrada como uma grande poeta e, assim, permanecer viva, honrada e verdadeira. Este trabalho, se bem sucedido na realização experimental a que se propõe, pode ajudar a mantê-la num lugar belo e potente nas memórias dos mortais e, consequentemente, vista com bons olhos pela Memória, a Deusa Mnemosine, filha de Chronos, o Tempo.

O tempo ligado a Chronos é o tempo das coisas que nascem, crescem, desejam, se multiplicam, declinam e morrem. Chronos é também pai das Horas, divindades que regem todos os ciclos, como as horas do dia e as estações do ano. Para além das medições fixas, tentativas de capturar e dividir o tempo, aqui, as Horas são divindades do séquito de Afrodite, participam com ela das potências da fertilidade, não só humana, animal, mas também da fertilidade vegetal. As Horas tornam notável um dos grandes mistérios da bruxaria: não existe aniquilamento. Tudo que vive se transforma e morre, tudo o que morre se transforma e vive.

Chronos é ainda o tempo intimamente ligado às atribuições míticas de outro Tempo, o Orixá Iroko, a quem agora farei, com Caetano Veloso e Maria Gadú, uma oração que proteja os ciclos pelos quais este trabalho vai transitar: <https://www.youtube.com/watch?v=3eVHpoCiOwo>

Entre fragmentações e inteirezas

Para a minha alegria, como a poesia da “Décima Musa de Platão”⁴¹, a escrita da pesquisa, tocada pela poesia de Safo e arruinada, sobreviveu e começou a revelar outros desejos. Logo descobri que os fragmentos sáficos e as potências que os trespassam, uma vez tomados como parceiros de investigação, exigiriam de mim a criação de um espaço que escapasse, porém, sem ignorá-las, das disputas pela Verdade Absoluta tão característica dos debates entre os pesquisadores e amantes da poeta de Lesbos. Tive que fazer com os fragmentos uma série de acordos para que eles concordassem em seguir participando comigo da tecelagem deste trabalho.

Tornou-se necessário abrir mão, permanentemente: da vontade de recuperar um controle humano sobre a pesquisa, que foi tomada pelas potências sáficas – eróticas e afrodisíacas – incontroláveis e irresistíveis; da vontade de dizer uma Verdade Absoluta, diferente da verdade amiga da memória dos gregos arcaicos; de ter certeza sobre os caminhos percorridos, quaisquer que fossem estes caminhos; de entrar em qualquer combate que não o combate amoroso para o qual invocamos, Safo e eu, a própria Afrodite como aliada. Ou seja, foi assim que se fez necessário reunir-me também com as aliadas Stengers e Starhawk e banir com elas tanto as tentativas externas de representação, quanto as intrusões do meu Inquisidor-interior. É muito provável que eu ainda precise repetir algumas vezes este procedimento ao longo da escrita, até porque, eu mesma me propus a entrar e sair constantemente de divisões e classificações.

Mais que tudo, tornou-se preciso e urgente praticar, *de novo, outra vez, agora*, alguns procedimentos tramados pelas potências sáficas: aprender a atrair e ouvir as Musas; saber de cor; dizer em voz alta; reproduzir o que é belo; dizer com o corpo; perceber e seguir o ritmo; proliferar escritas pelas superfícies disponíveis; trespassar outras escritas e ser trespassada por elas; desejar a companhia de outras mulheres. Por intervenção de Eros, para esta parte do trabalho eu recebi a ajuda divina de outra bruxa praticante de magia erótica: Alda Maria Abreu⁴². Tive o prazer imenso de ser convidada, ou melhor,

⁴¹ Segundo a *Antologia Palatina*, IX, 506, Platão teria dito: *Nove são as Musas, afirmam. Que descuido!/Contem bem: com Sappho de Lesbos, dez Musas*. Brasil Fontes, 2003, p. 142. A *Antologia Palatina* é uma vasta coleção de epigramas da literatura grega que contém textos de um longo período que abrange do séc. VII a.c. ao V d.c. É uma coletânea bastante conhecida por estudiosos da cultura clássica desde o séc. XVII, de modo que o epíteto “Décima Musa” tem sido frequentemente empregado para Safo.

⁴² Segundo as palavras que ela mesma compôs em sua mini biografia que acompanhava a convocatória, “Alda Maria Abreu, uma profissão, performer, dançarina, filósofa, poeta, educadora, um título, bacharel em teatro mestre em psicologia, uma carreira, Artista Independente, Professora Universitária, Educadora”. Hoje é

convocada, a participar com ela do LAB Eros – Laboratório de Práticas Mágico-Erótico-Filosóficas, que foi realizado como parte do ritual de defesa da tese de doutoramento dela. A prática dos 13 trabalhos⁴³ que Eros exigiu de Alda, embora sutilmente diferente da que os fragmentos de Safo estão exigindo de mim, me ajudou muito a me tornar digna de receber as potências sáficas, que são também eróticas e afrodisíacas. Graças à Alda, eu aprendi a eficácia de suspirar e repetir: *Sim!*

Atenta a estas necessidades e às qualidades cambiantes dos parceiros que as causaram, entendi que eu estava enredada, junto com as potências parceiras, no que a filósofa das ciências Isabelle Stengers diz que é preciso que aconteça para se chegar à uma *realização experimental: a criação de uma situação* na qual aquilo que se questiona pode pôr em risco as perguntas que lhe são dirigidas, *estabelecendo uma diferença entre perguntas relevantes e perguntas unilateralmente impostas* (STENGERS, 2017, p. 04). Então, de alguma maneira, era preciso seguir este ritmo, continuar a urdir tramas, tecer relações, fecundar as lembranças todas que se enlaçaram aos versos e à poeta ao longo dos milênios. Os fragmentos de Safo desejavam encontros e se mostraram muito eficazes em causá-los.

Convivendo com eles, percebi que os versos fragmentados, bem como as imagens fragmentadas de Safo, desejavam ganhar outros corpos, não pela negação da precariedade dos seus corpos papiráceos, pergamináceos, cerâmicos, muito menos por uma vontade de restituição de uma inteireza original e inquestionável. Eles não queriam me provar de que forma *realmente* (STENGERS, 2017) foram, na Grécia arcaica, o corpo de Safo, o corpo da poesia dela, o corpo das mulheres às quais os poemas dela se referem, nem a relação de todos esses corpos com a sociedade perdida na qual eles se originaram. Não queriam impor à poeta e à poesia dela corpo nenhum – apenas me persuadir a convidá-las a virem, temporariamente, fazer como Eros e tomar outros corpos, de mulheres, de poemas, de ares, de águas, de árvores, de ilhas, de deusas, de diversas formas de vida que se mostrassem eficazes em se deixarem tocar e transformar, transformar e tocar pelas potências sáficas tecelãs de mitos.

doutora pelo Núcleo de Estudos da Subjetividade do PEPG em Psicologia Clínica da PUC/SP. Se eu tivesse que dizer em minhas próprias palavras quem é Alda, eu diria apenas: divina maravilhosa.

⁴³ Os 13 trabalhos de Eros que praticamos, num grupo de 13 bruxas e bruxos, durante os treze dias que desembocaram na defesa da tese: respirar, ver, escutar, limpar, dormir-sonhar, nascer-parir, nutrir, morrer, gozar, expressar, caminhar, abraçar e agradecer. O Núcleo de Estudos sobre Novas Metodologias de Pesquisa em Artes do PPG Artes do IA-UNESP foi o parceiro amoroso nesta realização de Alda.

*como o vento que se abate sobre os carvalhos na montanha*⁴⁴, as potências eróticas e afrodisíacas dos fragmentos desejavam trespassar os corpos que se oferecessem a isso, inclusive o meu próprio. Elas me fizeram notar que entre as ficções de Safo e o ensaio de Isabelle Stengers pelo qual a filósofa em questão convida à essa *aventura das ciências* na qual eu já estava embarcada, havia um chamado que, embora sendo inesperado num trabalho acadêmico, possuía comigo – e com Afrodite (RAGUSA, 2004) – bastante intimidade: a magia amorosa. Então, foi justamente para a realização de um ritual de magia amorosa que eu pedi a ajuda da bruxa Starhawk (1999) para dispor um círculo mágico entre tempos, entre mundos, entre desejos. Um espaço sagrado dentro do qual as potências divinas podem se manifestar em perfeito amor e perfeita confiança. Ou seja, uma situação perfeitamente adequada aos encontros desejados entre fragmentos sáficos e outros corpos.

*Não repulsa das frases
Na responsabilidade dos gestos*

O EXTREMO
DOS DEUS
DEDOS

⁴⁴ Safo de Lesbos, trad. Brasil Fontes, 2003, p. 407

Entre a impossibilidade e a paixão

Apenas uma breve viagem poética até a Grécia atual.

Já sabemos que não é possível dizer como *realmente* era o acompanhamento musical dos poemas de Safo. Porém, a impossibilidade de fazer contato com esta Verdade Absoluta não impediu o músico e compositor grego Ioannis Stratakis⁴⁵ de se entregar ao desejo de escrever para um dos poemas de Safo uma melodia que *soasse como verdadeira*. Segundo as explicações que ele gentilmente me ofereceu através da rede de compartilhamento de vídeos pela qual entrei em contato com esta bela criação:

The idea in this kind of little compositions was just to use the 3 written accents of the language and the mode/scale that Sappho was using (as tradition wants), the Myxolydian. The different tonal heights of the [melodic phrases] were chosen on the basis of the impression they created to my ears and if I thought it fitting to what the disposition of the words was. That is, you can sing a (...) phrase lower or higher, but a couple of choices sound more "natural" for what the words say, or proper for what comes before and after. The notes within the [phrases] are based on the word accents, giving more weight (in whatever way) to the more "important" word etc etc...⁴⁶
(STRATAKIS, 2019, s/p)

Trago aqui o resultado deste encontro entre o desejo por algo que soasse verossímil e as poucas informações oferecidas por especialistas e colhidas pelo compositor para ajudá-lo a imaginar como poderia ser a melodia de uma composição sáfica. Enlaça-se à composição de Stratakis o poema que ficou conhecido como *Hino à Afrodite* cantado em grego arcaico reconstituído por Spiliotopoulou e tocado por Chatzieleftheriou.

Só mais uma versão de Safo. Um deleite para os ouvidos de uma amadora:

<https://www.youtube.com/watch?v=XTHE-P4oZ9w>

⁴⁵ Para mais informações sobre este artista, ver <https://www.podium-arts.com/about/> Acesso em 22 nov. 2019.

⁴⁶ A ideia neste tipo de pequenas composições era apenas usar os três acentos da linguagem escrita e o modo / escala que Safo estava usando (de acordo com a tradição), o Modo mixolídio. As diferentes alturas tonais das [frases melódicas] foram escolhidas com base na impressão que elas criaram para meus ouvidos e ao que eu achasse adequado à disposição das palavras. Ou seja, você pode cantar uma frase (...) mais baixa ou mais alta, mas algumas opções parecem mais "naturais" para o que as palavras dizem ou apropriadas para o que vem antes e depois. As notas nas [frases] são baseadas nos acentos da palavra, dando mais peso (de alguma maneira) à palavra mais "importante" etc etc...

Entre lembradas e esquecidas

A eficácia que os fragmentos de Safo têm demonstrado de manter poeta e poesia livres do esquecimento – a mais terrível de todas as mortes – me parece ter sido algo que fez com que tantas mulheres que amaram mulheres tenham desenvolvido um vivo interesse pela mélica de Lesbos. Isso talvez não tenha se dado sempre de modo deliberado, mas não deixa de ser notável.

Este grupo de classificadas tem se interessado muito por possíveis reconstituições da obra e da biografia de Safo feitas a partir deste traço específico dos poemas dela: não sabemos por que, porém, é fato que, pelo meio dos poemas, uma voz que pode ser lida como a voz de uma mulher, fala eroticamente de outras mulheres. Levando em conta: a tremenda dificuldade que se encontra hoje para reconstituir narrativas sobre a história das mulheres que se relacionaram eroticamente com outras mulheres do ponto de vista delas próprias; e mais o tanto que os trabalhos que se propõem a recontar estas histórias continuam sendo virulentamente atacados e desmerecidos (LEITE, 2013); não me parece descabido dizer que Safo se tornou uma potência a ser evocada contra o apagamento que parece se abater constantemente sobre a *existência lésbica* (RICH, 1980).

Entretanto, mesmo em Safo, quando o assunto se aproxima do lesboerotismo, as tentativas de divisão e classificação se proliferam vastamente! Há inclusive o caso de pesquisadores que se sentem compelidos a declarar categoricamente, a cada vez que sentem o cheiro dessa fumaça, que *realmente* não acreditam que Safo tenha amado outras mulheres. E apontam os discordantes como portadores de meras crenças infundadas sem nenhuma evidência na realidade, como Stengers (2017) notou que a Ciência com C maiúsculo tende a fazer com aqueles que classifica como animistas. Este é o caso, por exemplo, da professora Giuliana Ragusa⁴⁷, importante estudiosa da poesia grega arcaica no Brasil que em sua minuciosa dissertação de mestrado transformada em livro (RAGUSA, 2005) não se cansa de se posicionar enfaticamente contra os trabalhos que abordam a poesia de Safo na perspectiva dos estudos de gênero. Outro célebre estudioso da poeta em

⁴⁷ Professora Associada (Livre-Docente) de Língua e Literatura Grega na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (DLCV), da Universidade de São Paulo. É Bacharel em Letras/Português (1999), Mestre (2003) e Doutora (2008) em Letras Clássicas, pela USP, com Pós-Doutorado (08/2012-01/2013) nos EUA (University of Wisconsin-Madison). Informações disponíveis no currículo Lattes da professora. Acesso em: 22 nov. 2019.

questão, o professor Joaquim Brasil Fontes⁴⁸, embora não se posicione enfaticamente em relação aos sinais de lesboerotismo nos fragmentos de Safo – e até evidencie estes sinais na tradução do fr. 1, diz sobre os poemas de Renée Vivien⁴⁹ que estes são *sáficos* (*no, para mim, mau sentido dessa palavra*) (BRASIL FONTES, 2003, p. 149). Porém, apesar dessas negações mais ou menos categóricas, algo na poesia e nas ficções de Safo parece continuar tendo a eficácia de atrair outras escritas carregadas de lesboerotismo (LEITE, 2018), como se os fragmentos de poesia e biografia dela convidassem à escrita de muitas notas de rodapé... Uma atração erótica parecida com a que Stengers (2017) se lembra de sentir, junto com outros colegas filósofos, pelos textos de Platão.

É interessante notar que, em alguns momentos, como na tradução realizada por Anne Dacier em 1681, o apagamento das marcas de lesboerotismo dos fragmentos parece ter se dado como uma tentativa de “proteção” ou “preservação” de Safo e da poesia dela em sociedades nas quais isso poderia ter sido usado para invalidá-las. Podemos dizer com segurança que Dacier conhecia as marcas, pois o pai dela, Tanneguy Le Fèvre, havia publicado uma tradução destes fragmentos do grego para o latim anos antes e deixado registrado, além dos fragmentos, um comentário dirigido a um jovem do qual ele era tutor explicando que Safo amara outras mulheres (DEJEAN, 1989).

Anne Dacier, ela própria uma mulher que se dedicou à escrita numa sociedade em que isto era algo bastante incomum e mal visto, ajudou a criar uma imagem de Safo como uma escritora “respeitável”, de acordo com os padrões vigentes. E, de certa forma, isso funcionou: a tradução dela foi respeitada e reeditada e Dacier publicou ainda outras traduções realizadas por ela de textos gregos. Um movimento semelhante a este da tradutora francesa em questão parece acontecer no já referido trabalho de Ragusa (2005), em que a autora se esmera em ressaltar o brilho da poesia de Safo ao mesmo tempo em que

⁴⁸ Tinha graduação e licenciatura em Letras [Francês/Português] pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1972), graduação e licenciatura em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1969), mestrado em Letras Modernas - Université de Besançon (1973) e doutorado em Letras Modernas - Université de Besançon (1977). Seguiu cursos, no quadro de um pós-doutorado, no Collège de France, Paris (1978-79) e École des Hautes Études, Paris (1978-79). Defendeu tese de Livre Docência, na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), sobre a lírica de Safo de Lesbos (1989). Foi professor-titular colaborador da Universidade Estadual de Campinas e coordenador do GEISH (Grupo de Estudo Interdisciplinar em Sexualidade Humana) da Unicamp. Conforme havia sido informado pelo professor em seu currículo Lattes. Acesso em 22 nov. 2019. O professor faleceu em julho de 2019, três meses antes de completar 80 anos.

⁴⁹ Poeta inglesa radicada na França que teve sua obra bastante afetada pela de Safo, além de ter traduzido e feito versões dos fragmentos dela para o Francês no início do século XX. Para mais informações sobre a relação entre Renée Vivien e Safo, ver o artigo de Letícia Batista Rodrigues Leite, *Renée Vivien, tradutora de Safo*. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/139845> Acesso em: 22 nov. 2019.

se defende enfaticamente toda vez em que se depara com aspectos da obra da poeta que ameaçam reacender a fogueira.

À primeira vista, estes movimentos de “defesa”, tanto da credibilidade de Safo, quanto da credibilidade das próprias autoras que se propõem a estar em contato com ela (*Não, eu realmente não acredito que Safo tenha sido lésbica!*), certamente têm o potencial de despertar o Inquisidor-Interior naquelas que veem na poeta uma ancestral que possa legitimar suas próprias escritas e desejos. A vontade de julgar as ações destas escritoras-classificadoras e classificá-las, de vingança, como covardes e desprezíveis e afirmar enfaticamente o oposto do que elas afirmaram – *Sim! Safo realmente foi lésbica!* – é imensa! Disputas pela Verdade Absoluta são muito atraentes! Porém, como disse Rita Lee numa canção que também é bastante polêmica entre feministas, *só quem já morreu na fogueira sabe o que é ser carvão*⁵⁰ e a questão pode ser inteira bem mais complicada do que isso. Alguns séculos depois de Dacier, em 1903, Renée Vivien, segunda mulher a traduzir Safo para o francês, não apenas recuperou os traços originais de lesboerotismo dos fragmentos, como lhes deu bastante destaque (LEITE, 2018). Já notamos que este movimento de Vivien é visto com maus olhos até hoje...

Um caso que recentemente voltou a ser lembrado entre ativistas e estudiosos das letras e das questões de gênero em Portugal dá notícias das relações desastrosas que podem acontecer quando poemas com expressões que possam ser percebidas como lesboeróticas se encontram com sociedades conservadoras. Trata-se do embate entre duas obras da poeta Judith Teixeira e uma sociedade portuguesa na qual o salazarismo estava em ascensão. Ela teve os livros recém-publicados de sua obra *Decadência* confiscados e queimados (como legítimos herdeiros das bruxas) em 1923 por atentar contra a moral e os bons costumes da sociedade lusitana. Ocorreu que os poemas publicados nesta obra foram considerados indecorosos por dizerem de desejos que foram apontados como “homossexuais”, logo, “doentios” e “criminosos”, de acordo com os códigos da medicina e da justiça vigentes (BOIA, 2013). Por muitos anos, após esta e mais uma grande polêmica envolvendo outro livro dela e seu decoro, ela foi praticamente apagada da história da poesia portuguesa e só voltou a ser considerada como uma poeta digna de atenção depois de décadas de atuação de feminismos que vieram questionar o modo como as produções intelectuais de mulheres são

⁵⁰ Rita Lee e Zélia Duncan. *Pagu*. 2000. Do álbum *3001* de Rita Lee pela gravadora Universal Music. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pupXJIN9Jfc> Acesso em: 22 nov. 2019.

vistas e, mais recentemente, por intermédio de trabalhos como os de Andreia Fragata Oliveira Boia⁵¹.

Curiosamente, ao tentar se defender e explicar por que havia escrito do modo como o fez, Judith Teixeira diz que suas preocupações eram, acima de tudo, estéticas. Como nos conta Boia, ao trazer para a dissertação dela a defesa que Judith Teixeira compôs para si mesma – *De Mim. Conferência. Em que se explicam as minhas razões sobre a Vida, sobre a Estética e sobre a Moral* em 1926:

Judith Teixeira serve-se da máxima “A luxúria é uma força” do “Manifesto Futurista da Luxúria” de Valentine de Saint-Point para explicar que linha seguem as suas composições, afirmando-se uma convicta apreciadora de tudo o que é vibrante, forte, colorido, gritante, pois não sabe “cantar os amores débeis” [TEIXEIRA, 1996, p. 203-204]. Inquietar e desequilibrar são, portanto, os fins desejados já que, segundo os princípios juditianos “temos de ser fatalmente desequilibrados” para poder, à semelhança do poema, vibrar, sofrer e atingir o expoente máximo das sensações. Se, por esse motivo, os seus versos recebem comentários reprovadores e são censurados, Judith Teixeira mostra não se importar, já que o seu interesse é a elevação, a sublimação, que a transporta para um nível onde, segundo ela, não é possível ser alcançada. (BOIA, 2013, p. 64)

De acordo com o que Judith Teixeira manifesta neste texto (TEIXEIRA, 2015, pp. 279-296), ela mesma se via como poeta e escrevia como escrevia porque sentia que a poesia também podia e até precisava ser feita assim. Não era uma questão de fazer como mulher, nem como lésbica, ao contrário do que parece ter acontecido com Renée Vivien. No entanto, as consequências para a poeta portuguesa foram muito semelhantes às enfrentadas pela poeta assumidamente *sáfica*. Há rumores de que mesmo uma parte das obras de Safo tenha sofrido um mau encontro parecido com uma sociedade cujos valores perturbou e acabado na fogueira ainda na Antiguidade (DEMARCHI, 2013, p. 76). Houve ainda, durante a inquisição, casos de mulheres processadas apenas por estarem lendo livros proibidos com temática *sodomita* (VAINFAS in. DEL PRIORE, 2015, pp.115-140).

De um jeito ou de outro, tanto as ficções de Safo lésbica, quanto as ficções de Safo de Lesbos acabaram fazendo parte desta trama complicada de divulgação dos fragmentos de poemas e dos imaginários tecidos ao redor da memória da poeta. E se por um lado os movimentos lésbicos atuais buscam em Safo uma ancestral mítica que os fortaleça (ALMEIDA e HEILBORN, 2008; LEITE, 2017), por outro, há trabalhos claramente

⁵¹ Pesquisadora portuguesa que, em sua dissertação *Que o desejo me desça ao corpo – Judith Teixeira e a literatura sáfica* defendida em 2013 na Universidade do Porto, quis apaixonadamente ajudar a recuperar do esquecimento a memória desta poeta lusitana cuja obra foi queimada viva.

preocupados em não permitir que a classificação “poesia lésbica” e a classificação “escrita feminina”⁵² anulem outros aspectos presentes no que restou da obra dela.

Estes movimentos bastante contraditórios entre si acabam tornando notável uma questão em comum: a relação de assimetria de poder entre as mulheres e escritas lésbicas e as morais vigentes que vêm se estabelecendo notadamente desde a Inquisição (VAINFAS in. DEL PRIORE, 2015, pp.115-140) e que já se anunciava entre os clássicos. Dizer de uma escrita que ela é lésbica, embora a torne mais cara aos movimentos de mulheres que amam mulheres, parece colocar nesta escrita uma etiqueta: interessante apenas para os estudos de sexualidade ou de gênero. Classificada (quando não Censurada, Listada e Proibida). E a classificação se estende junto para quem assinar a escrita marcada.

Diante dessa divisão instaurada entre os trabalhos e movimentos sociais de perspectiva lésbica e os trabalhos que se esforçam em ressaltar outras características dos fragmentos, frequentemente à custa do apagamento do lesboerotismo que os trespassa, sinto a necessidade de desligar temporariamente a luz focal da lanterna.

Trabalhos como os dos professores Joaquim Brasil Fontes e Giuliana Ragusa – que em muitos pontos são discordantes inclusive entre eles dois – são valiosos nas urdiduras desta dissertação. Não tenho a intenção de descartá-los, muito menos a arrogância de os desmerecer: são eles dois dos maiores especialistas em Safo no Brasil atualmente. E foram feitas por eles as traduções dos fragmentos do grego para o português que já estão frequentando este texto.

Porém, também não tenho a menor intenção de excluir o lesboerotismo desta escrita, muito pelo contrário! Este trabalho assumirá com prazer os riscos corridos por Renée Vivien e Judith Teixeira. Assumirei ainda o risco de experimentar a eficácia do canto sagrado de Kore entre os dois lados da divisão, sem saber antes do teste que tipo de toque-transformação vai se operar. O desejo é o de que venha como um carinho. Mas só será possível saber fazendo.

⁵² Em sua dissertação de mestrado *Sobre os fragmentos poéticos de Safo de Lesbos e ideias da existência de uma voz feminina* (2009) defendida no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, a própria Letícia Batista Rodrigues Leite, que depois vai escrever sobre as relações entre as ficções de Safo e os movimentos lésbicos, trata das implicações de se rotular a escrita de Safo como uma escrita feminina. Esta dissertação está disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/279188> Acesso em: 22 nov. 19.

Estou apostando que o fato deste trabalho ser um trabalho de divulgação poética e não um trabalho de teoria e crítica literária torne este encontro não apenas possível, mas mesmo favorável. Novamente, não porque a teoria e crítica literária seja um terreno estéril, mas apenas porque lá as possibilidades de tecelagem são diferentes das que eu tenho aqui. Aqui, as potências sáficas dos fragmentos convidam a estas múltiplas abordagens.

Espero não cair na mesma armadilha que Isabelle Stengers (2017) sabiamente notou que tirou a potência da proposta que André Breton e os surrealistas tinham para os transe magnéticos. Digo, a armadilha de achar que este trabalho é o lugar em que Safo será purificada das ilusões e crenças que foram criadas sobre ela e poderá realizar sua verdadeira potência. Armadilha que me faria supor que eu não tenho nada a aprender sobre Safo com seres de fora do meu próprio movimento, como fez os surrealistas pensarem que não precisariam tecer relações com outras perspectivas de mundo que escapassem à representação, como a perspectiva animista (STENGERS, 2017). Inquisidores interiores e exteriores podem se aquietar em relação a isso! Aqui, justamente, o que estou chamando de terreno propício para o encontro de versões normalmente separadas e conflitantes de Safo é apenas mais uma ficção – uma que inclusive se reconhece como tal. Uma versão *com licença poética* em que Safo seja *desdobrável* como uma mulher neste poema de Adélia Prado⁵³.

⁵³ Adélia Prado. *Com licença poética*. Disponível em: <https://www.escritas.org/pt/t/10334/com-licenca-poetica> Acesso em: 22 nov. 19.

Entre o prazer e o perigo

Quando senti finalmente o chamado para voltar, tentar outra vez estar dentro da universidade, pensar pelo meio envenenado *de novo, outra vez, agora*, não para enfrentá-lo, mas para tentar cura-lo e a mim dentro dele, reativar essa relação *regenerando o que a separação em si envenenou*⁵⁴, a primeira coisa que me ocorreu foi: volte, mas não sozinha. É perigoso. Não tem graça. Volte junto. Como bem me conscientizou Alda, divina maravilhosa, mas só depois do já vivido, a ideia de levar outras mulheres comigo era muito gostosa, sabia bem⁵⁵.

Mas eu não sabia como. E não sabia quem. Então, a própria Deusa falou em mim: *Mire-as. Mire-as e você vai saber. Mire-as e corra o risco de desejá-las mais do que tudo. Mire-as e assuma o seu desejo diante delas. Deixe que elas se criem.*

Assim eu fiz, apesar de todos os riscos e assim se fez: tudo fruto do mais puro desejo. Com esse chamado na voz de Angela Ro Ro: <https://www.youtube.com/watch?v=HNeoAobljJI>

Cada reencontro, um ato de amor e prazer, um ritual para a Deusa em mim e em cada uma delas que retornava. Uma por uma, um brilho encantador, um sorriso irresistível, um desejo intenso de pedir que viesse comigo. *Sim!* Como foi maravilhoso ouvir isso! *De novo e outra vez... Sim!* Mesmo sendo a proposta completamente vaga e indecifrável até para mim mesma... *Sim!* Sem nenhum motivo aparente além da beleza – eram todas tão lindas quanto a própria Afrodite *em flóreo manto furta-cor*⁵⁶. *Sim! Sim! Sim!* Parecia magia – e era.

As primeiras companheiras de criação estavam reunidas e, para minha surpresa, logo se revelaram – eram todas *bruxas da palavra*⁵⁷. Eu não sabia que o caminho que estava se abrindo conforme eu caminhava era este... Mas eu ouvi – *Mire-as!* – e elas me contaram, mais que isso, elas me tomaram as mãos e me convidaram – *Vamos por ali!*

Eu tive medo. *Eu já sabia que virar pelo avesso era uma experiência mortal*⁵⁸. Eu já sabia que aqueles que fazem Ciência com C maiúsculo e Arte e Filosofia e Divulgação e Magia nos olhariam com os piores olhos – os olhos da desconfiança, da classificação e divisão, da condenação à inexistência.

Porém eu estava diante delas que me diziam: *não há nada que a nossa voz não abra*⁵⁹. *Mire-as*: como recusar um chamado delas? Eu preferia o risco de ter que enfrentar o

⁵⁴ STENGERS, 2017, p. 08.

⁵⁵ Parte do 7º trabalho de Eros – nutrir – saber é, ao mesmo tempo, conhecer e saborear.

⁵⁶ Safo de Lesbos, trad. Giuliana Ragusa, 2005, p. 263.

⁵⁷ Maria Teresa Horta. *Anjos mulheres* – VI, disponível em: <https://www.portaldaliteratura.com/poemas.php?id=1169> Acesso em: 22 nov. 19.

⁵⁸ Parafraseando Ana Cristina Cesar, *Eu não sabia/ que virar pelo avesso/ era uma experiência mortal*. Do poema *Fagulha*. Disponível em: <https://www.escritas.org/pt/t/3061/fagulha> Acesso em: 22 nov. 19.

⁵⁹ Maria Teresa Horta. *Anjos mulheres* – VI, disponível em: <https://www.portaldaliteratura.com/poemas.php?id=1169> Acesso em: 22 nov. 19.

Inquisidor-em-mim, a voz interior que me dizia, em coro com as vozes dos outros herdeiros das práticas de poder-sobre, em que eu podia acreditar ou não, a que era permitido existência e a que não era... Eu preferia encarar meu Inquisidor-Interior e minha Sombra do que afastar o meu desejo do delas por covardia.

Mire-as: são as próprias Graças me tirando para dançar! Segui o conselho de Starhawk⁶⁰ – reconheci o que era sagrado para mim e coloquei minhas melhores energias vitais a serviço disso. Fiz das minhas parceiras de criação *as mais lindas coisas sobre a terra*⁶¹, o foco dos meus estudos, do meu trabalho, o teste dos meus prazeres e relacionamentos, sem nunca permitir que o medo e a insegurança me desviassem do caminho pelo qual elas me guiavam. Eu escolhi servir à minha paixão e me arriscar por ela, *embora não querendo*⁶², pois já não era um querer humano, era um delírio amoroso, um desejo de inspiração divina como tão graciosamente diz Maria Firmina dos Reis:

*Não há nada
que a natureza não abra
Nem sem as luzes da paixão*

Eu não te ordeno, te peço,
Não é querer, é desejo;
São estes meus votos – sim.
Nem outra coisa almejo,
E que mais posso querer?
(Maria Firmina dos Reis, 2018, p. 197)

Starhawk estava muito certa! Escolha alguma teria me feito nem mais alegre, nem mais criativa do que a dedicação a um trabalho completamente infundido de amor como o meu veio a ser!

*all acts of love and pleasure are My rituals*⁶³

E o que mais posso querer? *Mire-as*: elas foram se proliferando e se multiplicando. *De novo, outra vez, agora...* Elas ganharam muitas *vozes deliciosas*, muitos *risos luminosos*, muitos *modos de andar que acordam desejos e cambiantes brilhos que mais eu queria ver nos rostos delas que*⁶⁴...

Mire-as: elas têm muitos nomes! Começaram se chamando Ana Clara, Alyne, Andreza, Camila V., Fernanda, Mayara, e logo se chamaram também Adriana, Ana Cristina, Anaktória, Áthis, Baleia Branca, Bruna, Camila C., Carolina, Cris, Dika, Dora, Elektra, Entre nós, Erica, Fabiana, Gonghyla, Isabelle, Jennifer, Judith, Julia, Kleís,

⁶⁰ STARHAWK, 1999, p. 11.

⁶¹ *a mais linda coisa sobre a terra – para mim, / é quem tu amas*. Safo de Lesbos, trad. Brasil Fontes, 2003. p. 385.

⁶² Safo de Lesbos, trad. Brasil Fontes, 2003. p. 377.

⁶³ “todos os atos de amor e prazer são meus rituais”. *The charge of the Goddess*, texto poético tradicional wiccano escrito por Doreen Valiente e adaptado por Starhawk. STARHAWK, 1999, p.103. Para ler a versão de Valiente inteira: <http://www.doreenvaliente.com/Doreen-Valiente-Doreen-Valiente-Poetry-11.php#sthash.sdkDENUy.dpbs> Acesso em: 22 nov. 19.

⁶⁴ *aquele modo de andar que acorda os desejos/ e cambiantes brilhos, mais eu queria ver, no seu rosto,/ que soldados com panóplas e carros lídios/ [em pleno combate]*. Safo de Lesbos, trad. Brasil Fontes, 2003. p. 385.

Lidiane, Maria C., Maria Firmina, Maria Teresa, Marília, Marion, Mary, Miranda, Morgana, Paula, Raquel, Renata, Tatiana, Telma, Safo, Sofia, Sophia, Speranza, Starhawk, Stephanie, Victória, Vinciane, Virginia, Iolanda <https://www.youtube.com/watch?v=OAX3uWMfpVA> e tantas outras que nunca cessaram de chegar...

Mire-as: todas Mirias. Todas a própria Deusa da criação de mundos.

Assim, os atos de criar, de pesquisar, de escrever e de divulgar devem ser aqui, a partir de agora, necessariamente compreendidos também como formas de amar. Se essa dissertação não puder ser mais que mais uma dissertação, com os poetas Chico Buarque e Pablo Milanés (1984) e a doçura da voz de Simone⁶⁵, fique desde já registrado o meu desejo: *quem dera fosse uma declaração de amor.*

Afrodite:
paixões,
tormentos,
vontade, tantas...
eu... neste
dourado de...

⁶⁵ Álbum *Desejos*, 1984, gravadora CBS (LP 138.287)

Entre uma e outras

Suavemente, as mãos na seda,
vão soltando o leve manto...
Meu lindo corpo de Leda,
fascina-me, enamorada
de todo o meu próprio encanto...
(Judith Teixeira. “Ao espelho”. 2015, p. 73)

Alone, awesome, complete within Herself, the Goddess, She whose name cannot be spoken, floated in the abyss of the outer darkness, before the beginning of all things. And as She looked into the curved mirror of black space, She saw by her own light her radiant reflection, and fell in love with it. She drew it forth by the power that was in Her and made love to Herself, and called Her “Miria, the Wonderful.”⁶⁶ (STARHAWK, 1999, p. 41)

O CORPO
FELIZ DE
SER TÃO
SEU!

⁶⁶ “Sozinha, plena de maravilha, completa em si mesma, a Deusa, Ela, cujo nome não pode ser dito, flutuava no abismo da grande escuridão exterior, antes do começo de todas as coisas. E quando Ela se mirou no arco sombrio do espaço, Sua própria luz fez com que ela se visse refletida como num espelho e Ela se apaixonou por sua própria imagem radiante. Pelo poder que estava Nela, deu à Sua imagem existência e fez amor com Ela e a chamou de ‘Miria, a Maravilhosa’.” Importante ressaltar novamente que aqui se trata de poder-com e não de poder-sobre. A Deusa se desdobra e cria Miria, com quem compartilha seu poder divino igualmente.

Eu e elas nos miramos e nos desejamos, nos criamos, nos nomeamos e nos amamos intensamente, de novo e de novo e de novo. Eu sou atada a elas e a uma teia de outras escritas que me dão forma, eu as chamo de muitos nomes porque nelas se refletem, além da minha própria imagem, as imagens e palavras de infinitas outras mulheres de pele e papel que nós admiramos juntas. Mulheres que nos maravilham: encantam, assombram, desafiam. Nós somos constantemente feitas de outras e fazemos outras tantas para continuarmos existindo. Outra vez e outra vez e outra vez. Como no mito da bruxaria que descreve a contínua criação do universo, nós somos feitas do mesmo desejo, do mesmo orgasmo cósmico que dá existência a tudo o que vive. Porém, exatamente como o êxtase original faz com que Miria se afaste e se torne outra, enquanto a Deusa e Ela dão à luz as galáxias e a todos os viventes, eu e minhas contrapartes nos diferenciamos, nos separamos e nos atraímos, e este movimento eterno de fazer reencontros dá forma aos textos que tecemos juntas. *O ritmo: na surpresa, no encanto, na admiração, no êxtase, no medo*⁶⁷.

Os homens gritam:
- São as Bruxas

As mulheres pensam:
- São os anjos

As crianças dizem:
- São os fadas

⁶⁷ Brasil Fontes, 2003, p. 349.

Assombrados
de sermos dois
dentro do mundo
E de tão sós
repetirmos
a criação inteira
(Dora Vasconcellos. "Achado do Amor". 1963, p. 15)

Assombradas de sermos tantas fazendo mundos e de entre nós repetirmos a criação inteira.

*É na mão uma, logo amará,
mundo que não quise*

Entre uma e muitas

Prece-poema à Afrodite⁶⁸

Em brilhos multicoloridos, Imortal Afrodite,
Divina entre todos os deuses, tecelã de paixões,
eu te suplico: não me domes com tormentos,
Poderosa, a vontade

mas vem até mim, como já no passado, tantas
vezes, ouviste o chamado das outras como eu
e deixando tua áurea morada, pronta, vieste
em seu carro dourado

conduziam-te velozes e graciosos pares de
pardais sobre a terra fértil, lado a lado, num
turbilhão de asas do céu através dos ares
e logo chegaram.

E tu, Maravilhosa, lançando a elas este sorriso
imortal, lhes perguntaste qual era, de novo, o
tormento e por que, mais uma vez, outra
de nós a invocava

e o que cada uma mais desejava em meio a este
delírio. Quem, de novo, pede que venha persuadir
um amor? Quem, como Safo, me suplica
com poemas?

Carol, pois se lhe foge, em breve lhe perseguirá;
se lhe recusa os dons, em troca, dons lhe dará;
se ela não te ama, vai te amar em breve,
queira ou não queira.

Vem, agora, como antes! Livra-me deste
colapso, tudo o que eu mais desejo, realiza e
vem ser, tu mesma, nesta escrita, minha
Ajudante-em-Combates!

Remember my name...

Agora é preciso se permitir dançar. Para ajudar nesta tarefa, invoco a divina
presença do Soul de Verão de Sandra de Sá: <https://www.youtube.com/watch?v=mj-ZANkuzK8>

⁶⁸ Carolina Scartezini. *Prece-poema à Afrodite*. 2020, p. 53 – uma versão do *Fr. I de Safo* criada pela autora dessa dissertação com base nos estudos e traduções de Brasil Fontes (2003) e Ragusa (2005).

É necessário se entregar a outras formas de escrita. Escrever a música com o corpo inteiro, com todas as potências das cinco direções. É preciso pensar sobre a música, prestar atenção às palavras, essa *atenção voltada para fora*, um *viver que escuta*⁶⁹. Mas também é preciso aceitar ser tomada pelo espírito da música e dançar de entusiasmo! Entusiasmo é possessão divina! Sentir o prazer, suspirar, gargalhar, *sim! Sim*, risco! *Sim*, prazer! *Sim*, criação imperfeita! *Sim*, descontrole! *Sim! Sim! Sim! Sim*, tesão do corpo que vibra, pulsa e brilha! *Sim*, a *tudo o que é vibrante, forte, colorido, gritante*⁷⁰! *Sim*, realização selvática, errática, *aventura das ciências*, das artes, filosofias e divulgações poéticas! *Eros soltou as feras*⁷¹!

A música é só uma versão. Ela tem sede de som e fome de luz. Ela não veio dizer uma Verdade Absoluta, ela veio *dar notícias*, como diria Alda, divina maravilhosa. Ela veio lembrar à escrita que além do Inquisidor-interior existe o Eu-Jovem (STARHAWK, 1999) e esta entidade psíquica quer dançar, quer rir, quer criar sem precisar se preocupar com os julgamentos dos classificadores. Ela não quer mais ser uma classificada, nem quer classificar nada. Ela quer ser inclassificável! E a bruxa, se for sábia, vai acolher estes quereres, que não são quereres, são desejos.

O Eu-Jovem é o mensageiro. O Eu-Jovem desperta e saúda as potências de vida que guardam os caminhos entre os mundos, entre mortais e imortais, entre o dito e o interdito. É ele que ajuda a reativar a relação separada e envenenada entre o Eu-Consciente e a Sombra. É ele que ajuda a bruxa a atravessar o véu entre o mundo conhecido como possível e o mundo desconhecido da magia. É ele que ajuda a bruxa a mudar o modo de percepção da luz da lanterna para a luz das estrelas.

Uma versão conta uma história. Em alguns pontos, é possível que esta nova história toque e transforme outras histórias e seja tocada e transformada por elas. É possível que uma versão convide outras versões para pensar junto e segure as mãos delas nas suas para que juntas possam fazer aquilo que não conseguem fazer sozinhas – *pensar* (PIGNARRE e STENGERS, 2011)! Pensar para além da cabeça, pensar com a cabeça também, mas trazer junto tudo o que tem acima, embaixo, ao redor da cabeça, pensar pelo meio (STENGERS, 2017), pensar pelo desejo. Pensar pelo ar, pelo fogo, pela água, pela terra, pensar pelo divino... *Sim!*

⁶⁹ Sophia de Mello Breyner Andresen. *Poema*. 2015, p. 575

⁷⁰ BOIA, 2013, p. 64.

⁷¹ Sophia de Mello Breyner Andresen, *Eros, Neera sacudiu os seus* (VII). 2015, p. 605.

Poema - Poema à Afrodite
 versão Carolina

Poema à Afrodite
 versão Carolina

Aprender a invocar o divino pelo meio de uma prece literária, num experimento-ritual em que mulheres e poemas possam trocar afetos entre eles e entre todas as formas de vida que para cá vem, trazidas pelas potências sáficas – eróticas e afrodisíacas.

De todos os fragmentos de Safo, o único que chegou até nós contendo a totalidade das estrofes sáficas que o compunham na coletânea alexandrina foi um poema-prece, um hino clético (RAGUSA, 2005, p. 264) à Afrodite. Este tipo de poema se configura como uma prece literária na qual a voz poética insta a (s) divindade (s) a vir de onde estiver (em) e se fazer (em) presente (s) diante da (o) suplicante. Os hinos cléticos têm, além da temática, uma estrutura em comum: 1. A divindade que está sendo invocada é nomeada, com o emprego de alguns dos seus epítetos, preferencialmente aqueles que mais dizem das qualidades dela que serão requisitadas para atender ao que pedirá a prece; 2. A voz suplicante lembra à divindade situações passadas nas quais lhe dirigiu outras súplicas, tendo sido positivamente atendida, como um argumento para convencê-la de que já há um vínculo entre elas e que, logo, ela deve vir novamente em auxílio de quem lhe invoca; 3. O pedido atual é feito e, em alguns casos, são feitas promessas de sacrifícios e oferendas em gratidão ao novo auxílio prestado pela intervenção divina (BRASIL FONTES, 2003; RAGUSA, 2005)

Na prece-poema de Safo, Afrodite é invocada com alguns epítetos tradicionais, ligados à própria condição de deusa, como *Imortal*, mas também é invocada com dois epítetos que parecem aos estudiosos serem originais da poesia de Safo. Estes fazem referência às características desta deusa que serão requisitadas pela suplicante: suas qualidades cambiantes, encantadoras, sedutoras e o dom de tecer, urdir, tramar... Características que estão diretamente ligadas à *métis*, a inteligência que é atribuída à Afrodite desde a *Teogonia* de Hesíodo (RAGUSA, 2001).

Aphodite **em trono de cores e brilhos**,
imortal filha de Zeus, **urdidora de tramas!**
eu te imploro: a dores e mágoas não dobres,
Soberana, meu coração;

Mas vem até mim (...)
(SAFO trad. BRASIL FONTES, 2003, p. 375)

De flóreo manto furta-cor, ó imortal Afrodite,
filha de Zeus, **tecelã de ardis**, suplico-te:
não me domes com angústias e náuseas,
veneranda, o coração,

mas para cá vem (...)
(SAFO trad. RAGUSA, 2005, p.263)

*Liberta-me
Lima-me*

No corpo do poema, há dois pedidos declarados pela voz poética: que a Deusa a poupe dos tormentos da paixão, que parecem ter sido sentidos pelos gregos arcaicos como dramaticamente coloca Brasil Fontes: uma *completa revulsão do desgosto físico e moral* (2003, p. 181); o segundo, que Afrodite venha, ela mesma, lutar ao lado de Safo nos combates amorosos. Neste último pedido, Safo usa um termo que, segundo Brasil Fontes, designava, no mundo arcaico, uma função militar que só podia ser exercida por homens: *aquele que, nas batalhas, peleja ombro a ombro com outro soldado, no corpo a corpo com o inimigo* (BRASIL FONTES, 2003, p.183). Aquele a quem era preciso proteger mais de perto. Aquele por quem se pode morrer. Ajudante-em-combates.

Safo não apenas clama à Afrodite que venha ocupar este lugar incomum ao lado dela como, no momento da epifania em que a Deusa surge e fala pelo meio da memória da suplicante, Afrodite trama com ela uma inversão de papéis no jogo amoroso, como torna notável Brasil Fontes. A amada, que, do ponto de vista arcaico, teria um papel passivo e assimétrico na relação amorosa, será alçada ao papel de amadora: é ela que perseguirá, ofertará presentes, amará, *embora não querendo...* No mundo arcaico, paixão não era querer, era desejo – irresistível, incontrollável.

Há diversas divergências, inclusive entre Brasil Fontes e Ragusa, tanto sobre o que Safo *mais queria em seu coração delirante*, quanto à declaração feita por Afrodite. No entanto, do ponto de vista da bruxaria, o poema apresentou uma eficácia que corresponde a um desejo que foi sem Safo dizer... Este poema foi tão bem preservado graças ao encanto que ele causou em Dionísio de Halicarnasso, que o citou integralmente em seu tratado *Sobre o arranjo das palavras*. E não foi apenas a ele que a fina trama de palavras de Safo seduziu, há citações desta prece-poema em outras fontes semelhantes (RAGUSA, 2005, p. 262). A própria Ragusa parece ter sido enlaçada por este hino clético e ido estudar Safo por causa dele, de acordo com o que nos conta Paula da Cunha Corrêa na introdução de *Fragmentos de uma deusa: a representação de Afrodite na lírica de Safo* (RAGUSA, 2005, p. 13-14).

Remember my name...

Não podemos afirmar categoricamente o que Safo queria com a súplica que dirigiu à Afrodite, mas podemos notar o que ela conseguiu: ser lembrada como uma poeta muito habilidosa na arte de tecer ardis com a escrita. E é pensando nesta eficácia especificamente que eu invoco a urdidora de tramas, de novo, outra vez, agora! Aceitarei com alegria os

possíveis efeitos colaterais que talvez sejam atraídos pelos pedidos abertamente declarados também. Que Afrodite me proteja dos efeitos devastadores da paixão amorosa pela qual eu já estou tomada, querendo ou não querendo, desejando... E se uma das minhas amadas acabar trocando de papel comigo e vindo me escrever ao invés de ser escrita por mim, será um prazer imenso!

Agora eu vou contar aqui meus segredos e tirar as palavras para dançar.

banhada de luar / alagado e frio - / Dizendo em segredo / a minha ambição,
 O destino sombrio / dos grandes sonhos

Entre peles e papiros

Experimento-ritual de corporreativação poética 1 – magia erótica literária para que corpos femininos e poéticos se toquem e se transformem. Este experimento revelou a eficácia de transformar todas as bruxas envolvidas em divulgadoras poéticas.



Anjos mulheres – VI. Fotógrafa-invocadora-poética: Maria Cortez. 2020.

Primeiro, é preciso ouvir o clamor da poetisa (como ela prefere ser chamada) Maria Teresa Horta: *Não há nada que a nossa voz não abra – Nós somos as bruxas da palavra*⁷². Assim, vamos começar abrindo um espaço sagrado, um círculo mágico que tenha a eficácia protetiva identificada por Isabelle Stengers e Philippe Pignarre (2011). Este é um feliz encontro entre formas de vida que estão aqui em perfeito amor e perfeita confiança para se tocarem e se transformarem.

Caso seja necessário, pode-se realizar um novo banimento. Nossas práticas testaram a eficácia⁷³ de estabelecer com nossos Inquisidores-Interiores (e exteriores) o seguinte

⁷² *Anjos mulheres – VI*, Maria Teresa Horta, disponível em:

<https://www.portaldaliteratura.com/poemas.php?id=1169> Acesso em: 11 mar. 20.

⁷³ STENGERS, 2008; 2017.

acordo: não estamos aqui para estabelecer a verdade sobre o que é o feminino, nem o poético, nem a relação entre mulheres e escritas (nem sobre coisa alguma).

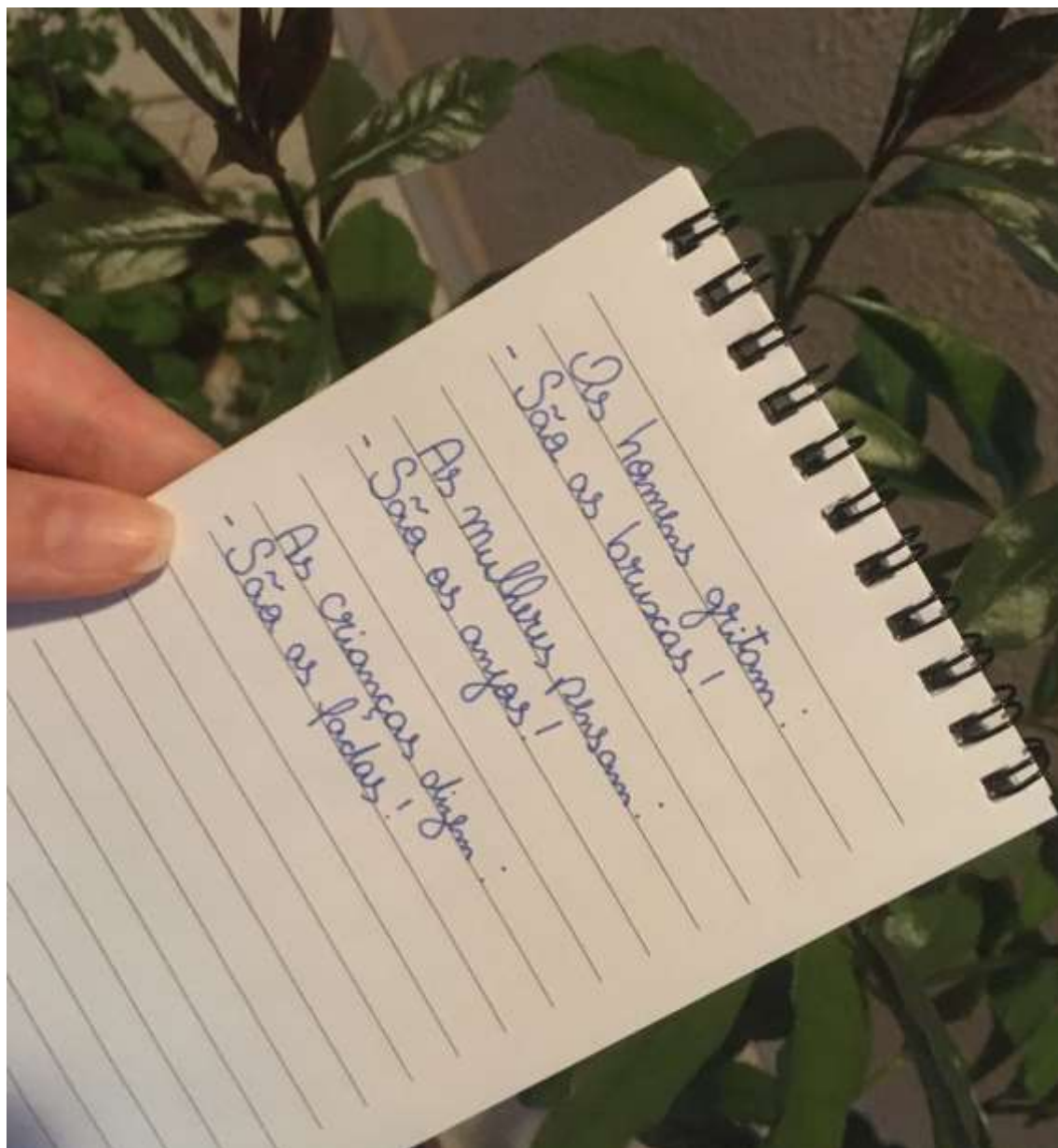
Este é um experimento-ritual de *poder-com* os materiais. Assim, aquietamos aquelas vozes latentes que permanecem nos repetindo através dos séculos que bruxas não podem viver, que mulheres não podem amar outras mulheres, que nossos prazeres são no mínimo pecado, nossas visões de mundo, ilusões do mal, e que vão se transformando sorrateiramente num discurso médico que faz dos nossos corpos patologias, dos nossos desejos, loucura e que vão buscando aliados entre aqueles que se definem com maiúsculas para dizer que o que fazemos não é pesquisa...

Estamos aqui reunidas para experimentarmos apenas uma versão⁷⁴ do que essa relação entre mulheres e escritas pode ser. A versão que se cria durante o nosso encontro e que não tem qualquer obrigação de comprovar sua existência em outro meio que não este, do qual ela depende para existir⁷⁵.

⁷⁴ DESPRET, STENGERS, et. al. 2014.

⁷⁵ STENGERS, 2017.





Anjos mulheres – VI. Fotógrafa-invocadora-poética: Camila Vieira. 2020.

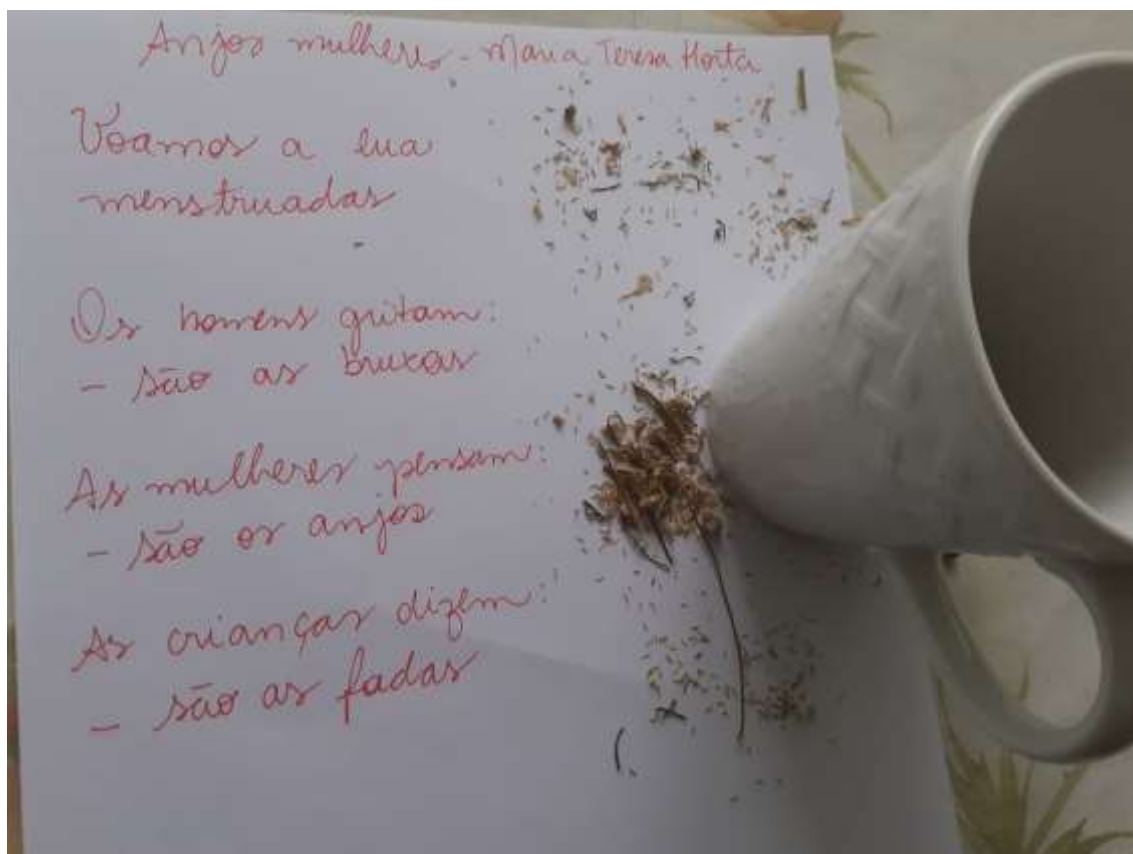
Aqui, como no lindo e potente poema de Horta⁷⁶, as mulheres são mulheres, mas também são anjos *com as suas asas feitas de cristal de rocha da memória. Depois, iguais aos pássaros...* São fadas, *filigrama cintilante de asas volteando no fundo da vagina...*

Temos um pacto

com aquilo que

voa

⁷⁶ Toda esta sequência de versos vem do corpo do poema Anjos mulheres – VI, de Maria Teresa Horta, disponível em: <https://www.portaldaliteratura.com/poemas.php?id=1169> Acesso em 11 mar. 20.



Anjos mulheres – VI. Fotógrafa-invocadora-poética: Raquel Noronha. 2020.

Com tudo aquilo que, como a *Procelária*⁷⁷ de Sophia Andresen, é visto *quando há vento e grande vaga e faz o ninho no rolar da fúria*. Com tudo o que voa e com tudo o que mergulha e dança, como as baleias. As baleias se divertem, elas cantam e dançam alegremente pelos mares e nós, mulheres, com elas. Entre mulheres e baleias,

Por afrontamento do desejo
insisto na maldade de escrever
mas não sei se a deusa sobe à superfície
ou apenas me castiga com seus uivos.
Da amurada deste barco
quero tanto os seios da sereia.
(Ana C. 2013, p. 27)

O colo da sereia que é também o colo de Afrodite, de Iemanjá, de Oxum. Uma escrita acolhimento. Uma escrita abraço de amante, desejosa! Ávida! Uma escrita que diga à cada uma das bruxas da palavra envolvidas *vieste: eu esperava por ti; escorres, como água fresca, no meu coração ardente*⁷⁸...

⁷⁷ Sophia de Mello Breyner Andresen, *Procelária*. 2015, p. 505.

⁷⁸ Safo de Lesbos, trad. Brasil Fontes. 2003, p. 443.

Mulheres à beira-mar

Confundindo os seus cabelos com os cabelos do vento, têm o corpo feliz de ser tão seu e tão denso em plena liberdade.

Lançam os braços pela praia fora e a brancura dos seus pulsos penetra nas espumas.

Passam aves de asas agudas e a curva dos seus olhos prolonga o interminável rastro no céu branco.

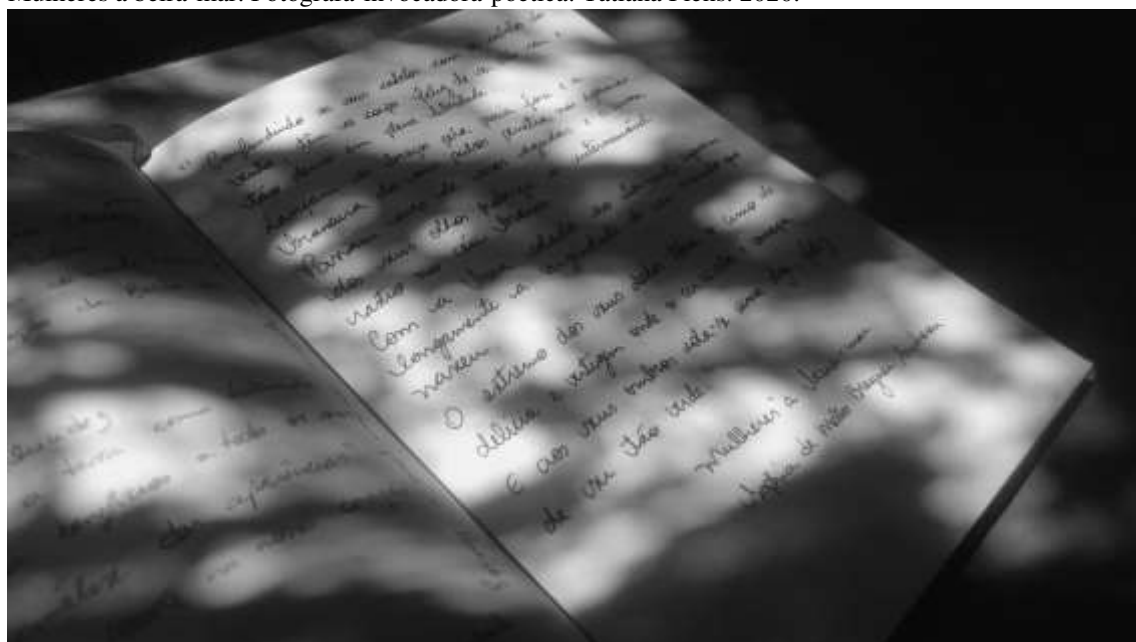
Com a boca colada ao horizonte aspiram longamente a virgindade de um mundo que nasceu.

O extremo dos seus dedos toca o cimo de delícia e vertigem onde o ar acaba e começa.

E aos seus ombros cola-se uma alga, feliz de ser tão verde.

(Sophia de Mello Breyner Andresen, 2015, p. 229)

Mulheres à beira-mar. Fotógrafa-invocadora-poética: Tatiana Plens. 2020.



Este é um acontecimento de magia literária em que todas as bruxas presentes se entregam a um experimento-ritual de escrita participativa: não há mais separações, nem entre artistas e público, nem entre escritoras e escritas. Todas as formas de vida envolvidas estão presentes em perfeito amor e perfeita confiança, todas com iguais possibilidades de afetar e de serem afetadas durante o experimento. A espiral de *poder-com* que se eleva dentro dele permanecerá acolhida e protegida.

Uma bruxa invocadora diz algumas palavras mágicas do poema escolhido (as mais amorosas), que ela já tem guardadas no coração e sabem bem na boca e todas as bruxas participantes repetem estas palavras mágicas do modo como preferirem: falando, murmurando, cantando, sussurrando, gritando, enfim, ecoando os dizeres da invocadora como quiserem, desde que continuamente para que estes fragmentos poéticos possam permanecer dançando pelas superfícies e ocupando o espaço sagrado o tempo todo, sucedendo um ao outro sem interrupções. Essa dança sonora funciona muito bem para que se atinja um transe leve e agradável.

O CORPO
FELIZ DE
SER TÃO
SEU

Coração delirante
Corpo feliz



Entre nós. Fotógrafa-invocadora-poética: Tatiana Plens. 2020.

Bruxas:
pomos asas em vassouras
de vento⁷⁹

As asas da noite que surgem
E correm no espaço profundo⁸⁰

As suas asas empresta
à tempestade⁸¹

— que o meu desejo subindo
solte a rubra asa
e nos leve!⁸²

⁷⁹ Maria Teresa Horta, *Anjos Mulheres* – VI.

⁸⁰ Dora Vasconcellos, *Melodia sentimental*. Letra da poeta e música de Heitor Villa-Lobos. Para ouvir esta linda peça com a cantora Mônica Salmaso: https://www.youtube.com/watch?v=_gMrLEBXCnk Acesso em: 11 mar. 20.

⁸¹ Sophia de Mello Breyner Andresen, *Procelária*. 2015, p. 505. Para ouvir este poema declamado por Maria Bethânia e saudar Iansã (Eparrei, Oiá!): <https://www.youtube.com/watch?v=tFMPOSwZ8LI> Acesso em: 11 mar. 20.

⁸² Judith Teixeira. *Mais beijos*. 2015, p. 167. Também disponível em: <http://www.citador.pt/poemas/mais-beijos-judith-teixeira> Acesso em: 11 mar. 20.

Simultaneamente, cada uma das envolvidas precisa escrever, com cuidado e carinho, aquilo que está dizendo na pele de outra bruxa. É importante ressaltar que cada bruxa disponibiliza para as outras escreverem apenas a extensão de superfície que se sentir confortável oferecendo. Este ritual foi elaborado para ser celebrado em público, de modo que este cuidado se faz necessário.



Entre nós. Fotógrafa-invocadora-poética: Tatiana Plens. 2020.

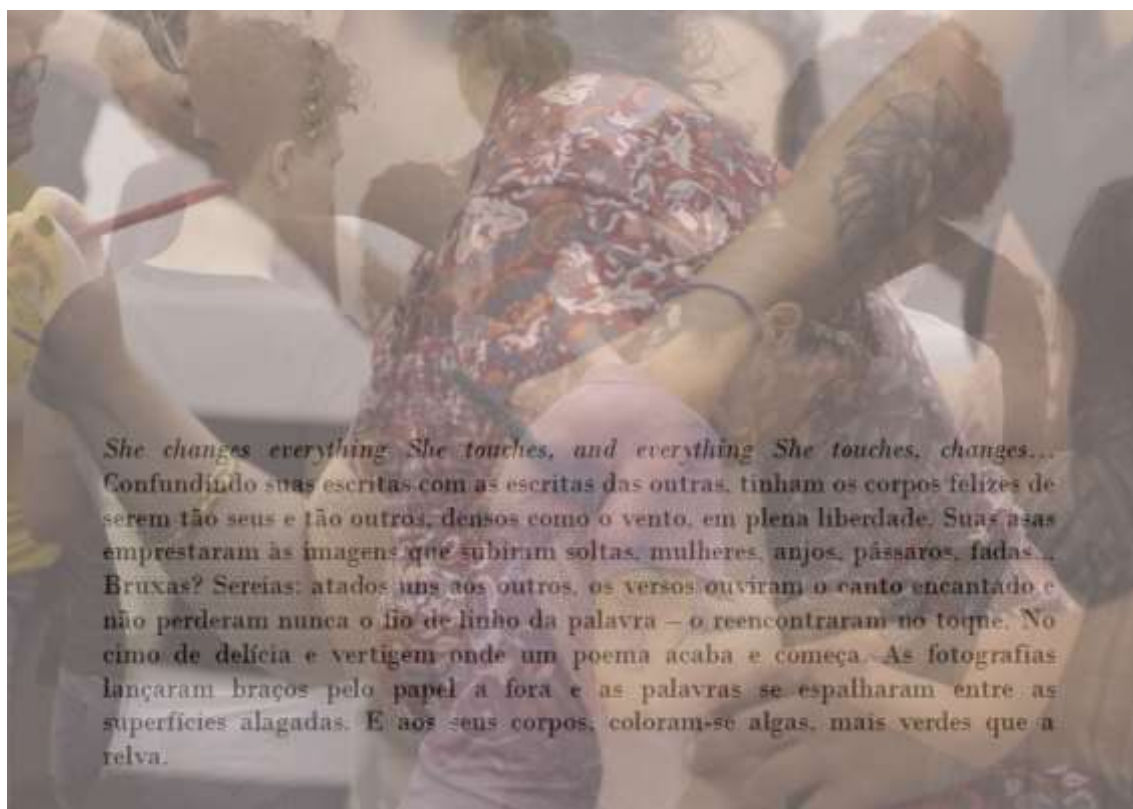
Aqui murmura o vento apaixonado,
Ali sobre uma rocha o mar gemeu.⁸³

Aqui o tempo apaixonadamente
Encontra a própria liberdade.⁸⁴

⁸³ Maria Firmina dos Reis. *Uma tarde em Cumã*. 2018, p. 191. Também disponível em: <https://aarteliteraria.wordpress.com/2018/02/11/cantos-a-beira-mar-o-livro-de-poemas-de-maria-firmina-dos-reis/#1> Acesso em: 11 mar. 20.

⁸⁴ Sophia de Mello Breyner Andresen, *Liberdade*. 2015, p. 372. Também disponível em: <https://www.escritas.org/pt/t/4961/liberdade-2> Acesso em: 11 mar. 20.

Quando a bruxa invocadora perceber que a espiral de poder já atingiu sua elevação mais potente e que o poema já quer ganhar corpo por inteiro, ela se permite atravessar por ele e dar voz à poeta invocada para o oferecer às outras.

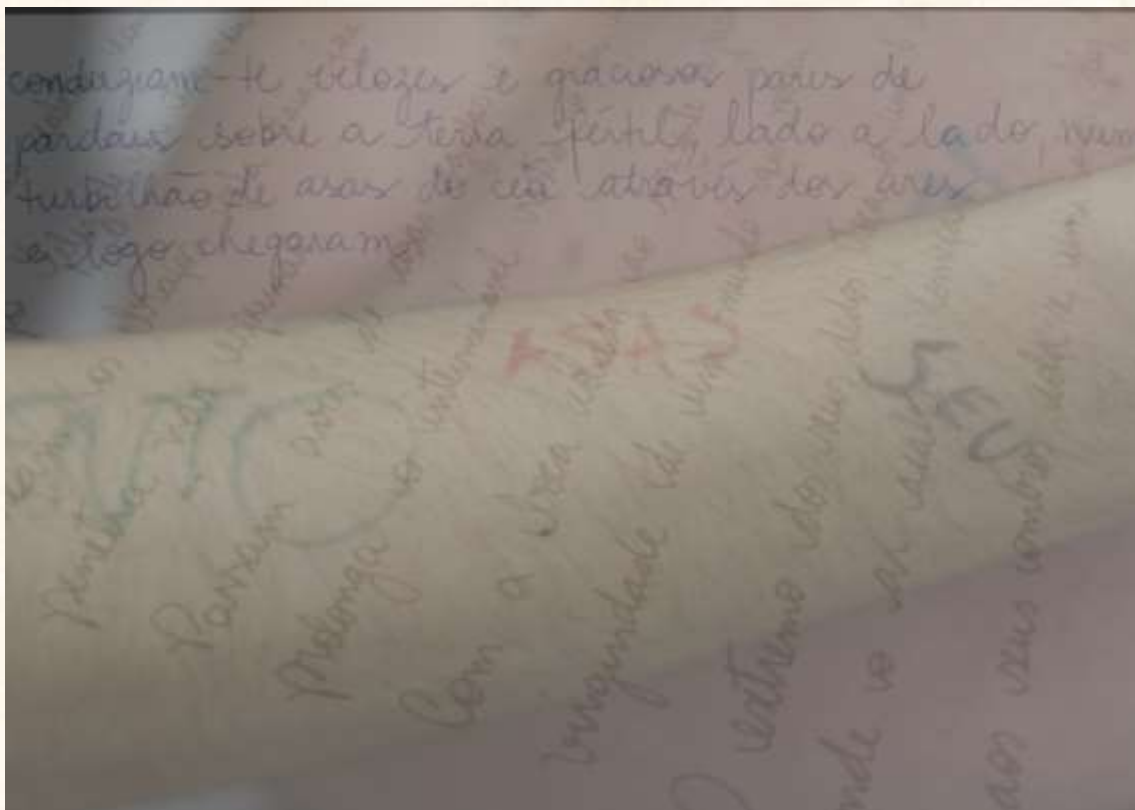


Entre nós, em devir palimpsesto. Bruxa da palavra: Carolina Scartezini. Fotógrafas-invocadoras-poéticas: Tatiana Plens e Carolina Scartezini. 2020.

Para que a corporreativação se complete e se sele o reencontro entre peles, papéis e palavras, ao final do experimento-ritual, é importante que as bruxas possam compartilhar entre si suas impressões a respeito do encontro. Isso pode se dar igualmente por palavras ditas, escritas, fotografadas, olhadas, abraçadas, sorridas, beijadas, choradas ou qualquer combinação ou derivação dessas possibilidades.



Palimpsesto 1 – escritas poéticas sobrepostas⁸⁵. Bruxas da palavra: Safo de Lesbos e Sophia de Mello Breyner Andresen. Fotógrafas-invocadoras-poéticas: Tatiana Plens e Carolina Scartezini.



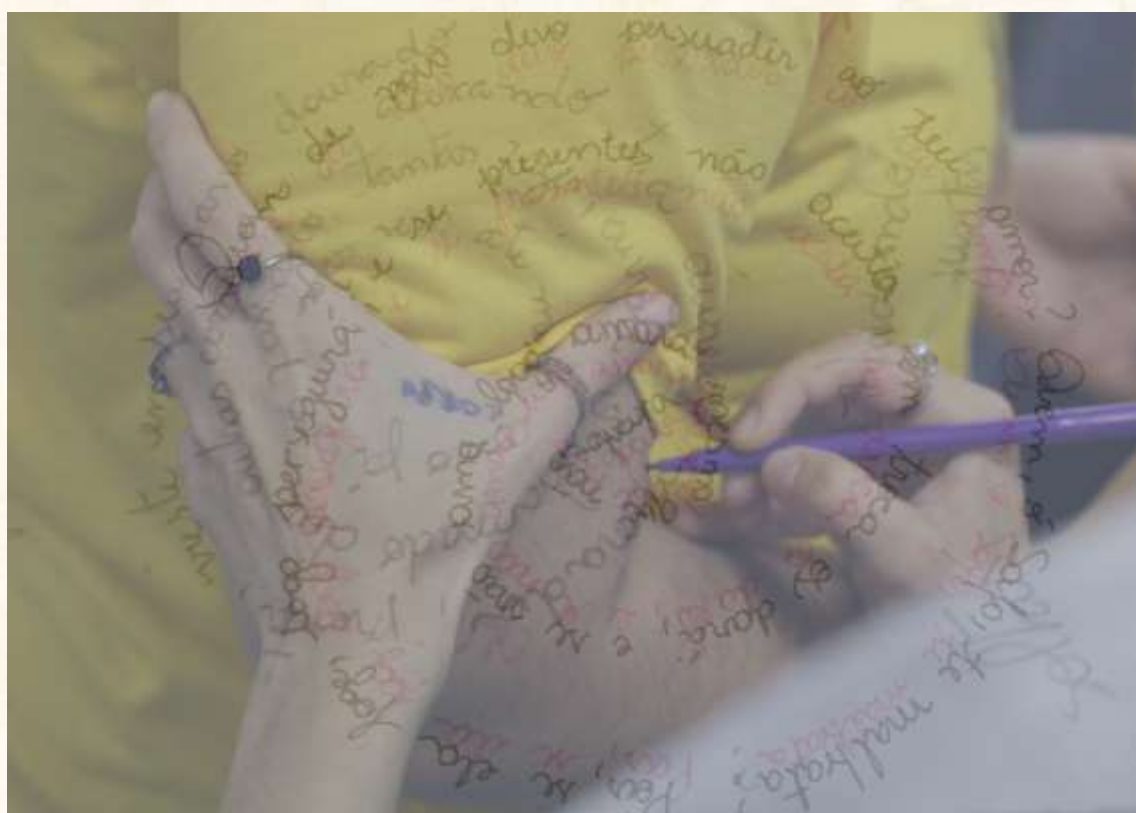
⁸⁵ Poemas invocados: Carolina Scartezini. *Prece-poema à Afrodite*. 2020, p. 53 – uma versão do *Fr. 1 de Safo* criada pela autora dessa dissertação com base nos estudos e traduções de Brasil Fontes (2003) e Ragusa (2005); Sophia de Mello Breyner Andresen. *Mulheres à beira-mar*. 2015, p. 229.

Palimpsesto 2 – escritas poéticas sobrepostas⁸⁶. Bruxas da palavra: Safo de Lesbos e Judith Teixeira. Fotógrafas-invocadoras-poéticas: Tatiana Plens, Victória Coelho, Sofia Fransolin e Carolina Scartezini.



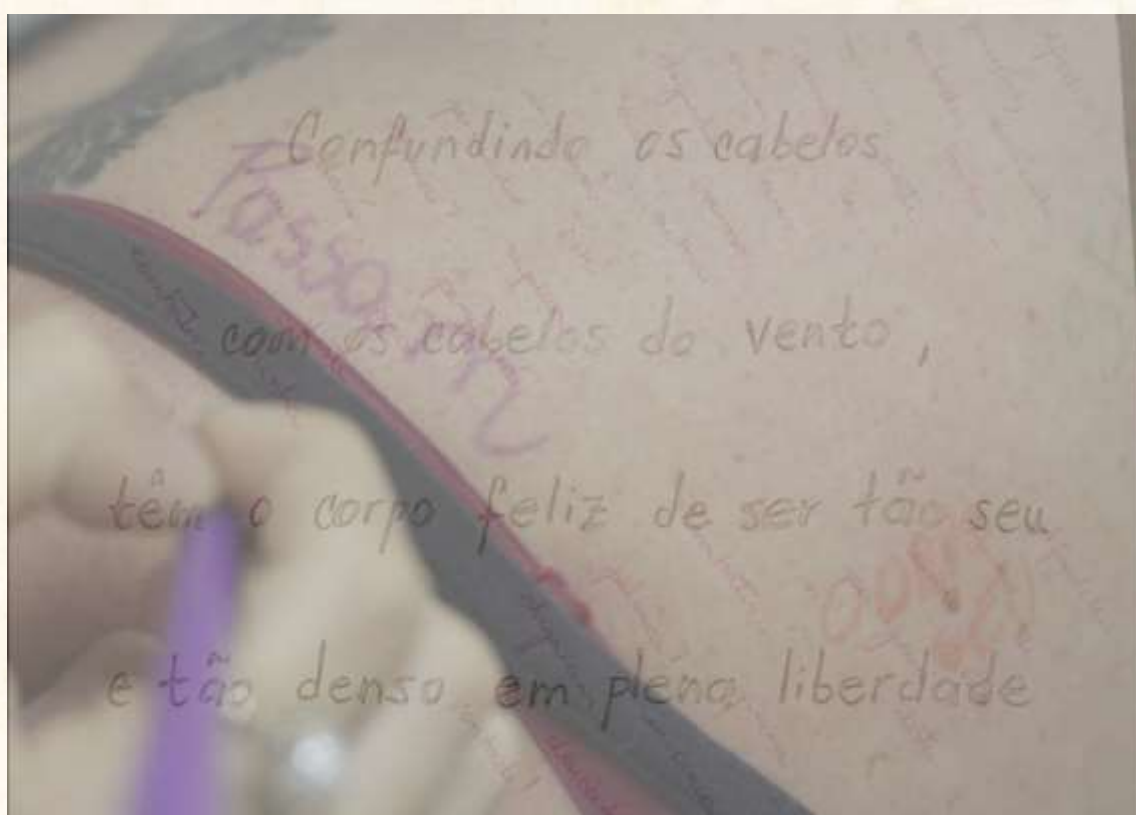
⁸⁶ Poemas invocados: *Fr. 1 de Safo*, traduções de Brasil Fontes (2003, pp. 374-377) e Ragusa (2005, pp. 263-264); Judith Teixeira. *Ao espelho*. 2015, pp. 73-74.

Palimpsesto 3 – escritas poéticas sobrepostas⁸⁷. Bruxas da palavra: Safo de Lesbos e Sophia de Mello Breyner Andresen. Fotógrafas-invocadoras-poéticas: Tatiana Plens, Sofia Fransolin, Andreza Celestino e Carolina Scartezini.



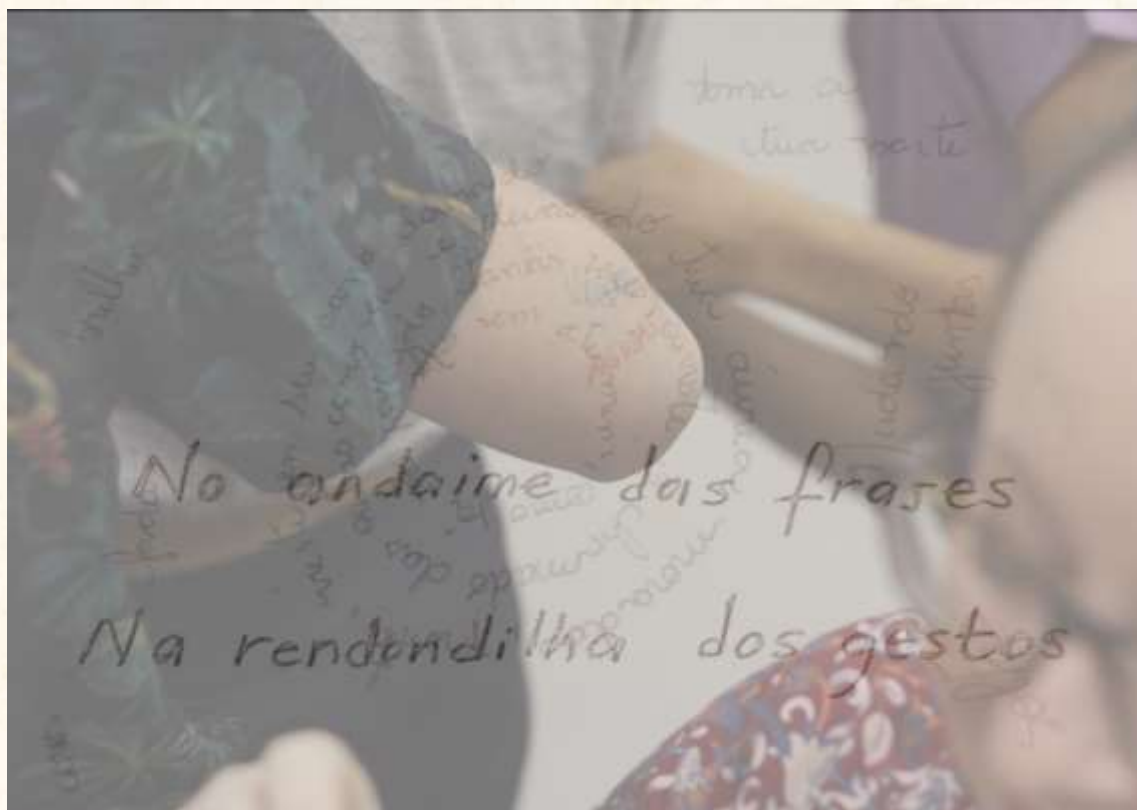
⁸⁷ Poemas invocados: Carolina Scartezini. *Prece-poema à Afrodite*. 2020, p. 53; *Fr. 1 de Safo*, tradução de Giuliana Ragusa (2005, pp. 263-264); Sophia de Mello Breyner Andresen. *Mulheres à beira-mar*. 2015, p. 229.

Palimpsesto 4 – escritas poéticas sobrepostas⁸⁸. Bruxas da palavra: Safo de Lesbos e Sophia de Mello Breyner Andresen. Fotógrafas-invocadoras-poéticas: Tatiana Plens, Lidiane Mandaio, Camila Cunha e Carolina Scartezini.



⁸⁸ Poemas invocados: Carolina Scartezini. *Prece-poema à Afrodite*. 2020, p. 53; Sophia de Mello Breyner Andresen. *Mulheres à beira-mar*. 2015, p. 229.

Palimpsesto 5 – escritas poéticas sobrepostas⁸⁹. Bruxas da palavra: Safo de Lesbos, Sophia de Mello Breyner Andresen, Dora Vasconcellos, Cora Coralina, Maria Teresa Horta e Carolina Scartezini. Fotógrafas-invocadoras-poéticas: Tatiana Plens, Andreza Celestino, Camila Cunha e Carolina Scartezini.



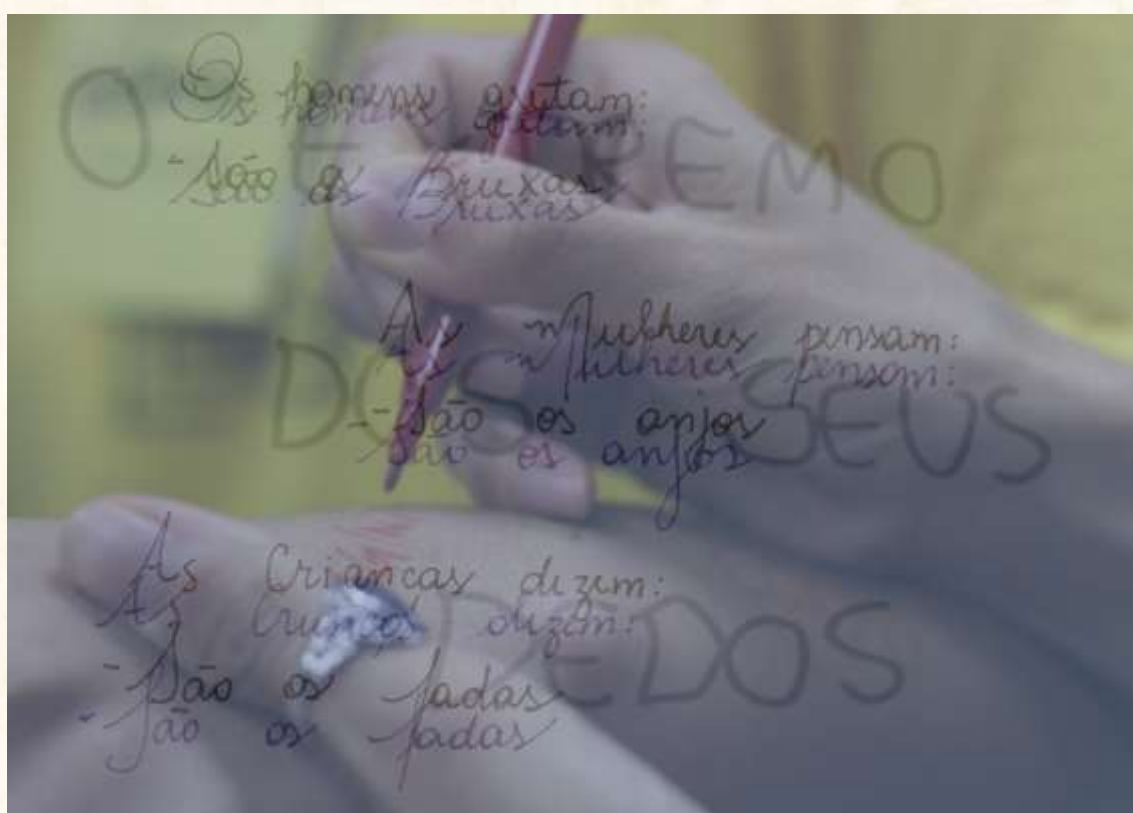
⁸⁹ Poemas invocados: Carolina Scartezini. *Prece-poema à Afrodite*. 2020, p. 53; Sophia de Mello Breyner Andresen. *Mulheres à beira-mar*. 2015, p. 229; Dora Vasconcellos. *Êxtase*. 1958, pp. 172-174; Cora Coralina. *Aninha e suas pedras*. Disponível em: <https://blog.estantevirtual.com.br/2015/08/20/cora-coralina-tres-poemas-tres-livros/> . Acesso em: 12 nov. 20; Maria Teresa Horta. *Anjos mulheres – VI*. Disponível em: <https://www.portaldaliteratura.com/poemas.php?id=1169> . Acesso em: 22 nov. 19.

Palimpsesto 6 – escritas poéticas sobrepostas⁹⁰. Bruxas da palavra: Safo de Lesbos, Sophia de Mello Breyner Andresen, Dora Vasconcellos e Maria Teresa Horta. Fotógrafas-invocadoras-poéticas: Tatiana Plens, Sofia Fransolin, Camila Cunha e Carolina Scartezini.



⁹⁰ Poemas invocados: *Fr. 1 de Safo*, tradução de Giuliana Ragusa (2005, pp. 263-264); Sophia de Mello Breyner Andresen. *Mulheres à beira-mar*. 2015, p. 229; Dora Vasconcellos. *Êxtase*. 1958, pp. 172-174; Maria Teresa Horta. *Anjos mulheres – VI*. Disponível em: <https://www.portaldaliteratura.com/poemas.php?id=1169> . Acesso em: 22 nov. 19.

Palimpsesto 7 – escritas poéticas sobrepostas⁹¹. Bruxas da palavra: Sophia de Mello Breyner Andresen e Maria Teresa Horta. Fotógrafas-invocadoras-poéticas: Tatiana Plens, Sofia Fransolin, Fabiana Oliveira e Carolina Scartezini.



⁹¹ Poemas invocados: Sophia de Mello Breyner Andresen. *Mulheres à beira-mar*. 2015, p. 229; Maria Teresa Horta. *Anjos mulheres* – VI. Disponível em: <https://www.portaldaliteratura.com/poemas.php?id=1169> . Acesso em: 22 nov. 19.

Palimpsesto 8 – escritas poéticas sobrepostas⁹² ainda incompletas. É preciso tocá-las e transformá-las... Bruxas da palavra: Safo de Lesbos e quem você trouxe. Fotógrafas-invocadoras-poéticas: Tatiana Plens, Carolina Scartezini e você.



⁹² Poemas invocados: Carolina Scartezini. *Prece-poema à Afrodite*. 2020, p. 53; ...

Capítulo 2 – Entre poemas amorosos e ilhas desconhecidas: divagar é preciso.

Entre naufrágios e divagações

Reminiscências que vêm dar à superfície ao som das ondas de Todo Azul do Mar, na doce voz de Leila Pinheiro: <https://www.youtube.com/watch?v=oKcNSx4XHb8>

Agora é como ter sobrevivido a um naufrágio. O encontro com os fragmentos de Safo teve a eficácia de uma tempestade em alto mar – abalou todas as certezas, desfez a Verdade Absoluta em inúmeros pedaços, fragmentou a pesquisa e a espalhou por uma ampla superfície repleta de ondulações. Querendo ou não querendo, desejando um destino, a escrita foi arrastada para uma paisagem completamente desconhecida, tão desconhecida que ainda não existe – existirá *entre*, exigirá mais encontros.

É preciso reunir coragem para reabrir os olhos quando não se sabe sequer se o mundo que encontraremos fora estará povoado por vida ou por morte. Porém, *a nossa sorte é ter coragem*⁹³. A escrita ainda se recorda do mistério bruxo que acabou de experimentar: não existe aniquilamento (STARHAWK, 1999). Vida e morte, memória e esquecimento, inteirezas e fragmentações se tocam e se transformam, de novo, outra vez, agora... Como a Deusa diante do Guardião, é preciso despir-se e, como apenas mais uma mortal, atravessar a fronteira entre o mundo conhecido e o mundo desconhecido. E abrir-se ao desconhecido. Abrir-se ao que ainda não existe e se entregar a ele com todos os sentidos à flor da pele... Abrir a boca para saber melhor o que vem e redescobrir a língua desfeita. Reabrir os olhos e perceber que, de novo, eles nada veem. Escutar para relembrar como zumbem os ouvidos...

O extremo dos... e água escorre de mim, e um tremor de todo me toma, e mais verde que a relva estou, e bem perto de estar morta pareço eu mesma.⁹⁴

Entretanto, o corpo continua quente e o calor não chega apenas do sol que o acaricia. É ainda aquele *ligeiro fogo que de pronto corre sob minha pele*⁹⁵... De algum passado, como que de outra vida, ressurge a visão que desencadeou todo este colapso – *um riso luminoso que acorda desejos*⁹⁶...

Eu não consigo me lembrar de como foi que eu e os fragmentos de Safo nos encontramos pela primeira vez. Por mais que eu tente saber de algum laço primordial, nada me resta além de algumas recordações inventadas – verossímeis – mas nenhuma que se possa afirmar como certeza. Pode ser que tenha sido pelo meio dos feminismos... Safo, uma ancestral mítica, uma mulher que conseguiu resistir ao esquecimento, que viveu, amou e criou com outras mulheres, uma revolucionária... Pode ser que tenha sido pelo meio das artes... Safo, a Décima Musa de Platão... A grande poeta respeitada e admirada através dos

⁹³ Da música *Eternal Viagem*, do Cordel do Fogo Encantado com a atriz e poetisa Nataly Rocha: *Eu sei que é tarde e quase tudo é medo/ Mas agora não é agora em todo canto/ A tua voz, eternal viagem/ A nossa sorte é ter coragem*. Para ouvir este lindo poema: <https://www.youtube.com/watch?v=zsQhfKPKK18>

⁹⁴ Safo de Lesbos, trad. RAGUSA, 2005, p. 269.

⁹⁵ Safo de Lesbos, trad. RAGUSA, 2005, p. 269.

⁹⁶ Safo de Lesbos, trad. BRASIL FONTES, 2003, p. 379.

séculos... Transformada em personagem em comédias na antiguidade clássica, heroína em óperas barrocas, suicida em pinturas românticas... Ou pelo meio de estudos da história das mulheres... Safo, primeira escritora de que o Ocidente tem notícias... Safo e as incertezas a respeito dos papéis reservados às mulheres na Grécia arcaica... Safo e o modo como cada sociedade que a invocou lidava com mulheres, escritas e sexualidades... Talvez possa até ter sido pelo meio da psicanálise... Safo, o caso icônico de lesboerotismo... Pode ainda ter sido pelo meio da bruxaria: Safo e Eros, servidores de Afrodite.

Eu não me lembro. Não consigo me lembrar. Talvez todas essas versões juntas sejam, enfim, a verdade amiga da memória – *aletheia*. Talvez os fragmentos de Safo tenham, eles mesmos, me chegado aos poucos, também como os destroços de um naufrágio, como tão lindamente diz Catharine R. Stimpson, editora de *Fictions of Sappho*, numa nota dentro desta obra de Joan DeJean (1989, p. xv). *Safo, um navio de tesouros naufragado milênios atrás...* O único fato documentado constitui em si mesmo um mistério: a poeta já estava comigo no momento em que escrevi meu projeto de mestrado. Os fragmentos de Safo, junto com os muitos fragmentos de Afrodites de Cnido. Não sei dizer como... Na verdade amiga da memória, tudo o que eu consigo dizer é que Safo parece ter estado comigo desde sempre. *É deste modo que o destino costuma comportar-se conosco, já está mesmo atrás de nós, já estendeu a mão para tocar-nos o ombro, e nós ainda vamos a murmurar, Acabou-se, não há mais que ver, é tudo igual*⁹⁷...

No entanto, a minha Safo ainda não está pronta. Assim como a música, de acordo com o *Livro das Sonoridades* de Silvio Ferraz (2005), minha Safo não está naquele passado obscuro e inalcançável – ela está no futuro. Ainda não soou. Ela está ganhando corpos. Corpos em que as memórias possam ser vagas. Corpos em que as verdades possam ser vagas. Corpos em que os saberes possam ser vagos. Corpos inteiros de vagas e vagos – ondas e vazios. Arrebentações e repuxos. Paixões e tempestades. Ela vai acontecer... E a chamo minha – não porque eu tenha intenção de possuí-la. Minha só porque gosto dela. *Gostar é provavelmente a melhor maneira de ter, ter deve ser a pior maneira de gostar*⁹⁸. Minha porque vou ao encontro dela, de novo, outra vez, agora, me tornar dela. Como tão divinamente explica Juana Inés de la Cruz⁹⁹ à sua *Divina Lysi*, tocando e transformando poeticamente relações envenenadas de *poder-sobre* numa relação apaixonada de *poder-com*:

Mi rey, dice el vasallo;
mi cárcel, dice el preso;

⁹⁷ José Saramago, *O conto da Ilha Desconhecida*. Disponível em:

http://www.releituras.com/jsaramago_conto.asp

⁹⁸ Idem.

⁹⁹ Juana Inés Asbaje ou Sor Juana Inés de la Cruz foi uma importante poeta barroca mexicana que passou a maior parte de sua vida como freira, interna num convento, o que não a impediu de ter seus poemas publicados, mesmo em meio à Inquisição. Isso se fez possível com o auxílio de María Luisa Manrique de Lara y Gonzaga, a condessa de Paredes, vice-rainha da Nova Espanha entre 1680 e 1686. É esta amiga que nos poemas de amor de Juana Inés é chamada de “divina Lysi”. Além de ser reconhecida pelo brilho de sua poesia, Juana Inés foi também famosa por defender as capacidades intelectuais das mulheres e o acesso delas à educação. Chegou a ter uma contenda pública com o padre Antônio Vieira. O poeta mexicano Otávio Paz escreveu um ensaio sobre ela (PAZ, 2017).

y el más humilde esclavo,
sin agraviarlo, llama suyo al dueño.

Así, cuando yo mía
te llamo, no pretendo
que juzguen que eres mía,
sino sólo que yo ser tuya quiero.
(Sor Juana Inés de la Cruz. s/p)¹⁰⁰

Minha Safo está no futuro, no que ainda não foi tocado, no que ainda não se deu a conhecer. Mas esse futuro não é um lugar qualquer. É um destino.

Todas as versões que nos chegaram de Safo começam num ponto em comum: a ilha de Lesbos. E é para lá que eu preciso ir, ao encontro dela. Porém, não para esta Lesbos que consta dos mapas gregos e das cartas de navegação. Não para esta – para a outra. Aquela, da qual mal temos notícias. A que não existe mais. A que, talvez, só tenha existido no desejo de quem, por Safo, a imaginou. A que espera ser inventada.

Uma ilha que compartilhe seu nome com a poeta: Safo de Lesbos. A terra amada da amadora de onde ela possa contemplar o mar, o luar, as amigas e os brilhos do Oriente. A Lesbos que, emprestando seu nome à décima musa, o estenda a todas as mulheres que amam outras mulheres. Essa ilha amorosa à qual talvez só seja possível chegar em sonhos e visões, como bem dito por Ailton Krenak (2019, p. 66). Então, de acordo com ele, precisamos de uma outra tradição, uma tradição de sonhadores... A tradição *daqueles que mergulham de olhos abertos e reconhecem o abismo pedra a pedra anêmona a anêmona flor a flor*¹⁰¹.

Para isso, faz-se necessária outra prática, uma que ajude a mim e à escrita da pesquisa a ganhar intimidade com o meio no qual Safo e sua poesia de destroços de naufrágio desejam habitar conosco. Essa ilha desconhecida, tão desconhecida que ainda não existe, que clama por ser inventada. Por enquanto, tudo vaga. Tudo um oceano primordial onde criações podem ser gestadas.

Um vestígio de memória me roça a pele. Uma outra história escrita pelo desejo: a do homem que Saramago encontrou corajosamente batendo à porta das petições e solicitando ao rei que lhe desse um barco¹⁰² com o qual ele pudesse ir ao encontro de uma ilha tão desconhecida quanto a que eu mesma estou buscando. Eu, como ele, nunca pilotei uma embarcação, nem tenho carta de navegação, nem sequer estive antes à deriva em alto mar. Talvez eu possa aprender com aquele homem e a companheira de viagem que decidiu ir com ele – a ex-mulher da limpeza do castelo – um jeito de ir ao lugar que ainda não consta

¹⁰⁰ Juana Inés de la Cruz. *Divina Lysi mía*. “Meu rei, diz o vassalo/ minha prisão, diz o prisioneiro/ e o mais humilde escravo/ sem ofensa, chama de seu ao senhor/ Assim, quando minha/ eu te chamo, não pretendo/ que julguem que tu sejas minha/ apenas que eu ser tua desejo”. Tradução livre.

¹⁰¹ Sophia de Mello Breyner Andresen. *O Minotauro*. 2015, pp. 628-629.

¹⁰² Personagem de *O conto da ilha desconhecida* de José Saramago, que pede obstinadamente ao rei que lhe dê um barco para que ele possa ir a uma ilha que ninguém conhece ainda e que ele próprio não sabe onde estará. Disponível em: http://www.releituras.com/jsaramago_conto.asp

dos mapas. A minha versão de uma Lesbos para a minha Safo que está ganhando existência conforme se escreve em mim. Ali, naquele azul infinito onde tudo são vagas e vagos.

Quando indagado pelo capitão que lhe entregou o barco prometido pelo rei se ele sabia navegar, o homem respondeu: *Aprenderei no mar*.¹⁰³ Isso ele disse e isso, tanto ele, quanto sua companheira de viagem fizeram, antes mesmo de terem deixado o porto. Não terá sido exatamente isso o que eu mesma e minha companheira de aventura das ciências, a escrita, temos feito? Desde sempre: era este o desejo. Estarmos entregues, desde a primeira versão do projeto de pesquisa, a uma viagem que fosse inteira toque e transformação. Uma viagem pelo meio: das artes, dos feminismos, dos experimentos-rituais... No mínimo tão importante quanto o fim, para o desejo, era o próprio caminho e este também não estava certo – era errante. Precisava acontecer nos encontros. Precisava ser traçado com o *saber-do-corpo* (ROLNIK, 2018, pp. 28-97), entre as potências das cinco direções (STARHAWK, 1999), reunindo razões, fés, emoções, ações e divindades, entre o mundo que vemos à luz da lanterna e o que sonhamos à luz das estrelas. Caminho guiado por uma visão: *outro mundo é possível* (PIGNARRE, STENGERS, 2011).

Um caminho que não se fizesse na vontade de dizer sobre algo pronto a alguém que não o soubesse. Um caminho de saber com, de saber junto. Um caminho de saber entre nós o que nenhuma de nós poderia saber sozinha. Um que levasse a mim e à escrita a uma série de encontros nos quais os fragmentos de Safo e das outras poetisas que vieram com eles não fossem apenas divulgados, mas se propagassem como ondas pelo meio dos corpos que a eles se entregassem. Encontros em que as potências sáficas, eróticas e afrodisíacas, nos trespassassem e criassem entre nós curas, amores, feminismos, poemas, bruxarias, ciências, artes, filosofias... Corporreativações poéticas... Uma divulgação, também, mas uma que fosse tocada pelo encanto do que Isabelle Stengers (2017) chamou de *realização experimental*. Uma divulgação com os fragmentos de Safo e não sobre os fragmentos de Safo. Poder-com eles, poder-com as poetisas, poder-com as parceiras de experimento-ritual. Poder compartilhado, comunal, conhecimento tramado nos encontros – divagação.

Já era a sabedoria do mar que ensinou ao homem que queria ser dele: *Sim, às vezes naufraga-se pelo caminho, mas, se tal me viesse a acontecer, deverias escrever nos anais do porto que o ponto a que cheguei foi esse, Queres dizer que chegar, sempre se chega, Não serias quem és se não o soubesses já*¹⁰⁴. Chegar sem medo da fragmentação, potência sáfica. Chegar sem qualquer vontade de continuar intacta, muito pelo contrário – desejar toques e transformações. Chegar aos encontros reconhecendo, em cada um deles, destino. Entre todos os pontos – nós. Nós para pensar, sentir, experimentar, criar...

Agora para habitar mais um destes pontos – um que, por enquanto, é apenas miragem de quem está entregue ao sabor das ondas, singrando entre as certezas das formas que já estavam dadas pelas ficções de Safo e as forças de vida eróticas e afrodisíacas que querem germinar outros possíveis (ROLNIK, 2019) – divagar é preciso. De acordo com o

¹⁰³ *O conto da ilha desconhecida*, José Saramago.

¹⁰⁴ *Idem*.

divagador Renato Salgado de Melo Oliveira (2011) que vêm aqui ajudar a escrita com esta prática,

No mar não se divulga, se divaga. Divagação (...) é uma resistência em mar não pelo enfrentamento direto, mas uma busca por percorrer as linhas do entre, conseguir entrar e sair da onda sem ser destruído pelas suas forças. Singrar apesar das velocidades, calmarias e tempestades, aproveitando as potências de cada situação. Divagar não é o contrário de divulgar, divagar é não fincar os pés no chão e se opor às forças que vêm de encontro, divagar é singrar entre as forças que vêm em furor. (OLIVEIRA, 2011, p. 10)

Divagar: uma prática entre a fabulação deleuziana e a divulgação (OLIVEIRA, 2011). Para Deleuze (2008), a fabulação é uma potência literária que tem a eficácia de criar um povo que falta, um povo *menor*: que ganha existência não para disputar poder e dominar um mundo que já existe, como numa revolução, mas sim um que venha tecer outras relações com o poder e criar um mundo porvir, pelo meio da própria literatura. Um povo no futuro para habitar um mundo também no futuro. Em *Histórias do mar: divagação científica, biotecnologias e RPG*, o divagador Renato Salgado de Melo Oliveira se põe a jogar, ora como marinheiro, ora como pirata, para tomar dos *Role-Playing Games* potências que afetem a divulgação e criem um *entre* no qual conhecimentos científicos de biotecnologias possam se encontrar com os conhecimentos de narração compartilhada dos jogadores para essa criação de porvires proposta por Deleuze.

Aqui, no meu caso, as forças que vêm em furor – as potências sáficas, que são também eróticas e afrodisíacas – me pedem um jogo semelhante para que continuem fazendo encontros, trespassando outros corpos e criando ilhas futuras para Safos de Lesbos também futuras. Então é preciso reaprender a ouvir no marulho outros murmúrios, experimentar como as potências sáficas afetam e fazem divagação... Para se chegar à ilha desconhecida, a que estará entre as narrativas já dadas sobre Lesbos e que, sem querer dominá-las ou excluí-las, vai inventar para si uma existência, é preciso, antes, além de continuar aceitando a fragmentação mesmo que ela chegue a liquefazer a pesquisa, *Gota por gota*¹⁰⁵, recuperar o que os fragmentos já me exigiram. *Aprender a atrair e ouvir as Musas; saber de cor; dizer em voz alta; reproduzir o que é belo; dizer com o corpo; perceber e seguir o ritmo; proliferar escritas pelas superfícies disponíveis; trespassar outras escritas e ser trespassada por elas; desejar a companhia de outras mulheres.*

Estas exigências não se colocam como imposições ou obrigações, são pedidos de cuidado (STENGERS, 2015). São necessárias para que as potências sáficas e todos os materiais por elas atraídos possam continuar aqui como parceiros, em perfeito amor e perfeita confiança. E esse amor e essa confiança também não estão prontos, precisam ser tramados constantemente, em cada encontro, em cada parceria, na aposta de que todas as partes envolvidas estejam atentas ao que a sequência de experimentos-rituais precisa para ganhar vida, se nutrir e se proliferar. Neste momento, para estar assim com os fragmentos de Safo e as parcerias que estão se chegando a eles, é preciso aceitar estar entregue ao mar,

¹⁰⁵ Safo de Lesbos, trad. BRASIL FONTES, 2003, p. 443

quando mesmo a embarcação que nos foi confiada se deu sem resistências a este desfeito destino. Olhar a imensidão azul sob a luz das estrelas e perceber as formas se desfazendo para compor com a vida na água padrões aquáticos. Ondas. Borbulhas. Espumas. Cantos.

Divagar – quando todas as embarcações conhecidas já naufragaram, deixando de si apenas tábuas soltas como pranchas, fragmentos, destroços... Nenhuma amurada me separa mais dos seios da sereia que o afrontamento do desejo fez Ana C.¹⁰⁶ pressentir. Agora, a escrita vai descobrir se a deusa sobe à superfície, ou se será preciso mergulhar guiada pelos divinos uivos.

Devagar: o mar no qual eu me desfaço e a escrita divaga também não está pronto. É preciso sonhá-lo, mas não como um sonho banal, interpretável e definível. É preciso que seja um *sonho como experiência de pessoas iniciadas numa tradição para sonhar*, do modo que visionariamente nos ensina o sábio Ailton Krenak (2019, p. 66). O mar que aqui começa a se sonhar se alimenta das visões que outras bruxas da palavra captaram dele. É o *Mar Sonoro* de Sophia, cuja *beleza aumenta quando estamos sós*

E tão fundo intimamente a tua voz
Segue o mais secreto bailar do meu sonho,
Que momentos há em que eu suponho
Seres um milagre feito só pra mim.
(ANDRESEN, 2015, p. 128)

É o mar pelo qual navegava Caraxos, o irmão que Safo pode ter inventado¹⁰⁷ para dizer das aventuras e desventuras dos navegadores comerciantes de Lesbos. O mar que, após ter dado à luz Afrodite, fez dela, juntamente com Hera e as Nereidas, protetora dos navegantes invocada pelo meio dos fragmentos da mélica de Mitilene. O mar que, no poema de Dora Vasconcelos, *lavará nossos silêncios continuamente*¹⁰⁸... O mar que é preciso ser para fazer nascer.

Ser mar para lhe dar uma vida e divagar com ele... Parecendo-me tal fim um tanto assustador, ainda que ardentemente desejado, sinto que preciso cantarolar, como uma criança reunindo coragem para enfrentar o medo da escuridão e poder passar através dela (STENGERS, 2008). Aproveitando a sabedoria da bruxaria, invocarei uma aliada que me ensine um refrão que tenha a eficácia de me ajudar a caminhar pela superfície das ondas que está se formando e me liquefazendo a pele. Clamo que para cá venha, pelo meio das ondas, a realeza marítima trazida alegremente por Adriana Calcanhoto:

<https://www.youtube.com/watch?v=mp1tg4a-XI4>

¹⁰⁶ Ana Cristina César. *nada, esta espuma*. 2013, p. 27. O poema ao qual me refiro foi citado integralmente na p. 61 dessa dissertação.

¹⁰⁷ Novamente, ver os estudos acerca da *Canção do Irmãos* reunidos por BIERL & LARDINOIS (ed. 2016) na segunda parte da obra referida.

¹⁰⁸ Dora Vasconcellos. *Diz que não é verdade*, 1958, p. 49-51.

*a minha terra é o mar, o meu cavalo é o mar, o meu céu é o mar, o meu castelo é o mar, o meu amor é o mar*¹⁰⁹...

É neste mar que é preciso redescobrir, à flor da pele das águas, as potências divinas que vêm receber a escrita em seus braços.



¹⁰⁹ *Príncipe das Marés*. Composição de Péricles Cavalcanti. Do álbum *Margem* de Adriana Calcanhotto (2019, Sony Music Entertainment Ltda.).

Entre dolos e dons

Segundo a *Teogonia* de Hesíodo (séc. VIII a. C.), como nos conta Giuliana Ragusa (2001; 2005) – que também sobreviveu ao naufrágio – Afrodite teve uma origem marítima e insular após uma geração bastante conturbada. No famoso poema que conta versões de mitos originários de diversos deuses que compunham o mito cosmogônico grego, a deusa do amor erótico, da fecundidade e da beleza nasceu de um ato de vingança – a castração de Urano, o Céu.

Gaia, a Terra, uma das quatro divindades primordiais, juntamente com Caos, Tártaro e Eros, havia gerado de modo obscuro e aparentemente sem necessidade de encontros sexuais vários filhos, dentre eles, Urano, o Céu. Este último, que era igual em tamanho à sua mãe, passou a se deitar sobre ela e gerar nela muitos filhos-irmãos, sem cessar. Gaia, em sofrimento e ultrajada, pede ajuda aos filhos para se vingar de Urano e se livrar daquele abuso e é atendida por Cronos. Juntos, mãe e filho tramam *uma ação dolosa, premedita, traiçoeira* (RAGUSA, 2001, p. 111), urdida com a fina esperteza e senso de oportunidade da *métis*. Gaia dá a Cronos uma foice dentada e o oculta de modo que ele possa aproveitar a próxima investida do Céu contra a Terra para garantir que seja a última.

Do pênis decepado de Urano, lançado longe por Cronos, caem algumas gotas de sangue sobre Gaia e dessa fecundação nascem divindades bastante violentas e belicosas: as Erínias (justiceiras que perseguiram aqueles que cometessem crimes contra seu próprio sangue, cujos equivalentes romanos eram as Fúrias), as Ninfas Freixo e os Gigantes. Por fim, o membro do deus castrado cai ao mar e da espuma que se forma na mistura de esperma e água salgada, surge Afrodite. Hesíodo não menciona isso, mas há versões que explicam tal fecundação pelo encontro do sêmen celestial com o ventre marítimo de Tálassa, a mar, divindade feminina pré-olímpica do Mar Mediterrâneo.

Apesar de haver uma separação, de acordo com a *Teogonia*, entre a criação das divindades bélicas e a da amorosa no momento da castração de Urano, é preciso assinalar que a deusa do amor é herdeira do tipo de inteligência usada por Gaia e Cronos para arquitetar e executar a vingança – a *métis* – e é gerada do mesmo ato que seus irmãos e irmãs belicosos. Também há nos mitos a relação entre Afrodite e Ares, amante com quem essa deusa acaba gerando três filhos, dois guerreiros violentos como o pai e a Harmonia que, como a mãe, tem influência nas uniões.

Além disso, ainda segundo Ragusa (2005), é notável que a Afrodite grega é uma deusa estrangeira, provavelmente vinda do Oriente, com muitas familiaridades com outras deusas orientais mais antigas, como Ishtar e Astarte. Nestas deusas, os atributos da guerra e do amor erótico estavam ambos presentes, concomitantemente e a própria Afrodite chegou a ser cultuada como uma divindade guerreira, mesmo na Grécia. Ademais, pelo meio da poesia grega arcaica, é comum que as palavras da guerra e as palavras do amor erótico se misturem, toquem e transformem dando notícias das íntimas relações tecidas entre estes heterogêneos. Não por acaso, no hino clético à deusa do amor, Safo pede que ela venha ser Ajudante-em-combates.



É importante fazer notável que o modo como Afrodite vai atuar nos demais mitos tecidos por Eros em torno dela passa muito mais pelas sutilezas e astúcias dessa *métis* herdada da mãe do que pela força física e pelo poder-sobre característicos do pai. Não que isso signifique que a deusa vá evitar situações de perigo e violência, como as batalhas da Guerra de Tróia. Nada nos mitos indica que a deusa do amor e da beleza não seja também bastante corajosa e determinada, muito pelo contrário. A questão é que a única violência que atravessa as tramas afrodisíacas é justamente aquela da paixão, da qual a própria Safo implora ser poupada. Cada vez que Afrodite precisa vencer uma disputa, como no julgamento de Paris, é a esta força erótica intensa, irresistível e incontrolável que a deusa recorre. Isso faz com que frequentemente os outros deuses e até alguns heróis zombem dela e a tratem como se ela fosse frágil e impotente. No entanto, são os dons dela que ajudam Hera, a rainha do Olimpo, a dobrar a vontade de Zeus, o mais poderoso de todos os deuses (RAGUSA, 2005, p.108, 2004, p.19-20).

Afrodite, nascida em meio às espumas do mar, é então levada pelas ondas de uma ilha à outra – de Citera à Chipre, onde finalmente sai das águas para a terra – um longo, aquático e sinuoso caminho. Ambas estas ilhas, bem como a ilha de Creta, tiveram importantes cultos à deusa do amor erótico na Antiguidade (RAGUSA, 2005). Pelo meio dos fragmentos de Safo, a deusa é frequentemente nomeada de modo a relacioná-la a estas memórias insulares – Citereia (de Citera), ou Cípris, ou Ciprogênia (nascida em Chipre).

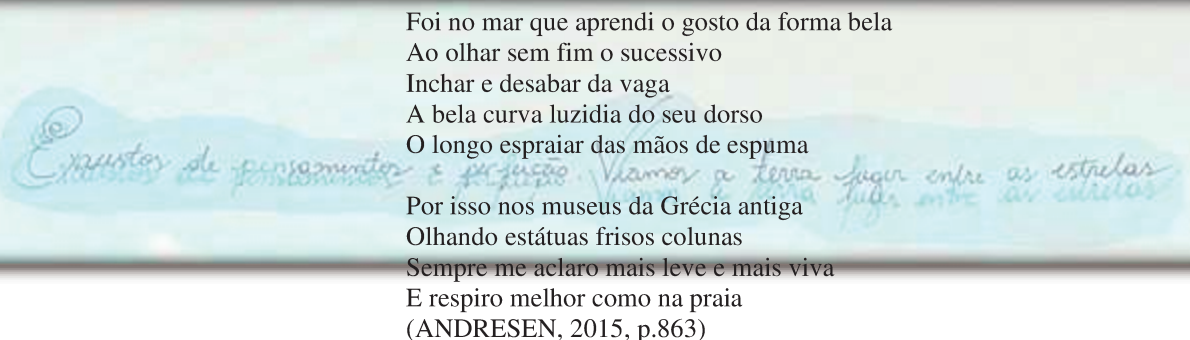
É interessante notar que, apesar das referências às ilhas presentes na poesia sáfica, no único poema da décima musa no qual conseguimos encontrar uma referência à origem mítica da deusa em questão¹¹⁰, ela é chamada de *filha de Zeus*, seguindo a tradição homérica dentro da qual Afrodite é gerada pelo senhor do Olimpo e sua contraparte feminina, Dione. Esta última deusa, por sua vez, também é uma divindade associada ao mar, pois nesta versão é ela que aparece como filha de Tálassa, que seria, então, avó de Afrodite. Desse modo, em qualquer das versões míticas de sua origem, a influência marítima pela linhagem materna na gênese da tecelã de ardis fica mantida. Devido a esses mitos de nascimento, muitas imagens de *Afrodite Anadyomene* – a que sai do mar – se propagaram desde a Antiguidade.

Isadora Duncan¹¹¹, que dizia ter aprendido os primeiros movimentos de sua dança com o mar e os aprimorado em seguida no encontro com as potências dos fragmentos de arte grega, se afirmava nascida sob o signo de Afrodite. Sorte muito justa para uma mulher que passou a vida maravilhando, seduzindo e encantando e ao mesmo tempo resistindo,

¹¹⁰ Trata-se novamente do Hino à Afrodite. Logo na primeira estrofe da prece-poema, Safo a chama de imortal filha de Zeus.

¹¹¹ Tendo se mudado para Londres em busca de um mundo que estivesse mais aberto à dança a qual queria dar corpo, a dançarina californiana Isadora Duncan, precursora da dança moderna, acabou se encontrando, juntamente com sua mãe e irmãos, em situações de intensa precariedade. Não tendo dinheiro nem para as suas refeições, Isadora conta em sua autobiografia (DUNCAN, 2012) ter passado muitas e muitas horas dentro do Museu Britânico, encantada com as obras da antiguidade grega. Segundo ela, foram as imagens que ela contemplou naquelas cerâmicas fragmentadas, juntamente com o mar de São Francisco, Califórnia – sua terra natal – que a ensinaram a dançar.

perseverando, tramando apaixonadamente para alcançar seus objetivos, apesar das muitas dificuldades. Parece que a ouço dizer, pelo meio de um poema de Sophia¹¹²:



Foi no mar que aprendi o gosto da forma bela
 Ao olhar sem fim o sucessivo
 Inchar e desabar da vaga
 A bela curva luzidia do seu dorso
 O longo espraiar das mãos de espuma
 Por isso nos museus da Grécia antiga
 Olhando estátuas frisos colunas
 Sempre me aclaro mais leve e mais viva
 E respiro melhor como na praia
 (ANDRESEN, 2015, p.863)

Para Isadora e Sophia, o mar de Afrodite teve a eficácia de ensinar uma arte, que foi, ao mesmo tempo, para cada uma delas uma paixão. Algo que as fazia pensar, sentir, criar, imaginar que outros mundos eram possíveis. Entre a dança e a poesia, um ritmo aprendido deste mar – o ritmo de Eros. De acordo com Brasil Fontes (2003), é esta potência do amor erótico, o amor apaixonado, tomado pelo desejo, que não apenas atravessa todos os fragmentos de Safo – é a própria matéria da qual eles são tecidos. É ao ritmo de Eros que as palavras de Safo estão atadas. E é a este ritmo que esta pesquisa também deseja, parafraseando Camões, estar presa por vontade. Mesmo sabendo que tão contrário a si é este amor (que, como a própria Afrodite, carrega em si potências de criação e destruição) que Safo, por causa dele, teve que reunir em uma só palavra o doce e o amargo para dizer que Eros é *dociamargo*.

Como o vento que desaba sobre as superfícies oceânicas, Eros me trespassa... Este potente sopro de vida erótico toca as águas superficiais e as transforma em correntes marítimas que fluem através dos mares da escrita. Aprendi com as ciências que estas águas carregadas de energia divina atravessam outras águas tocando-as e transformando-as com diferentes temperaturas, velocidades, direções, salinidades, densidades, criando áreas repletas de nutrientes onde diversas formas de vida se proliferam... Essa intensa troca de afetos se propaga por todo o meio subaquático e também sobe pelos ares, dança com as nuvens e, junto com elas e os ventos, altera o tempo e o clima por onde passam. As correntes marítimas fazem pontes, tecem relações, transformam *divisões em contrastes ativos com poder de afetar, de produzir pensamento e sentimento* (STENGERS, 2017, p. 2).

Porém, as correntes marítimas têm, ainda, a eficácia de causar naufrágios, desvios de rota, divagações... Estão envolvidas no acontecimento de fenômenos como o *El Niño*, capazes de inverter umidades e temperaturas, causando verdadeiros colapsos onde se depende da estabilidade e previsibilidade de um tempo. *Como as paixões e as palavras*¹¹³... Pelo meio dos fragmentos de Safo, estas correntes eróticas doadoras e destruidoras arranjam as palavras, imagens e sons de modo sublime, ao mesmo tempo em que

¹¹² Sophia de Mello Breyner Andresen, *Foi no mar que aprendi*. 2015, p. 863.

¹¹³ *Amor, meu grande amor*, letra de Ana Terra, música de Angela Ro Ro.

desarranjam a amadora de tal maneira que em poucos versos todos os vínculos que a ligavam à vida se desfazem... Para os gregos arcaicos, não havia nenhuma divisão ou hierarquia entre corpo e alma diante das investidas da paixão de modo que quando Eros faz ruir o que, para o sentido atual das palavras, seria apenas o corpo da amadora, é toda a integridade do ser dela que está em jogo.

Correndo os mesmos riscos que Renée Vivien correu ao tentar dar outra existência aos fragmentos de Safo na França do início do séc. XX, me lanço ao arrebatamento de tais perigosas correntes e estando ao mesmo tempo nutrida e aterrorizada pela eficácia delas, agora é o meu ser inteiro que se desfaz, palavra por palavra, gota por gota, para que eu também me torne digna dessa troca erótico-marítima de afetos...

A paixão – À Renée Vivien I¹¹⁴

Que poder sobre-humano tem um homem
que age como se fosse normal
ter assim, tão perto dele,
essa sua boca fatal

que sorri, sussurra e me suga pro inferno –
mal você chega, todos os sentidos
me fogem, uma palavra sua
e eu fico muda...

O meu corpo enlouquece e delira,
minha inteligência desaba,
minha alma se quebra
em desejo...

O resto do mundo para e tudo aquilo
que era eu gira, sem fim nem pausa,
ao redor de querer você
apaixonadamente

Entre correntes e ritmos

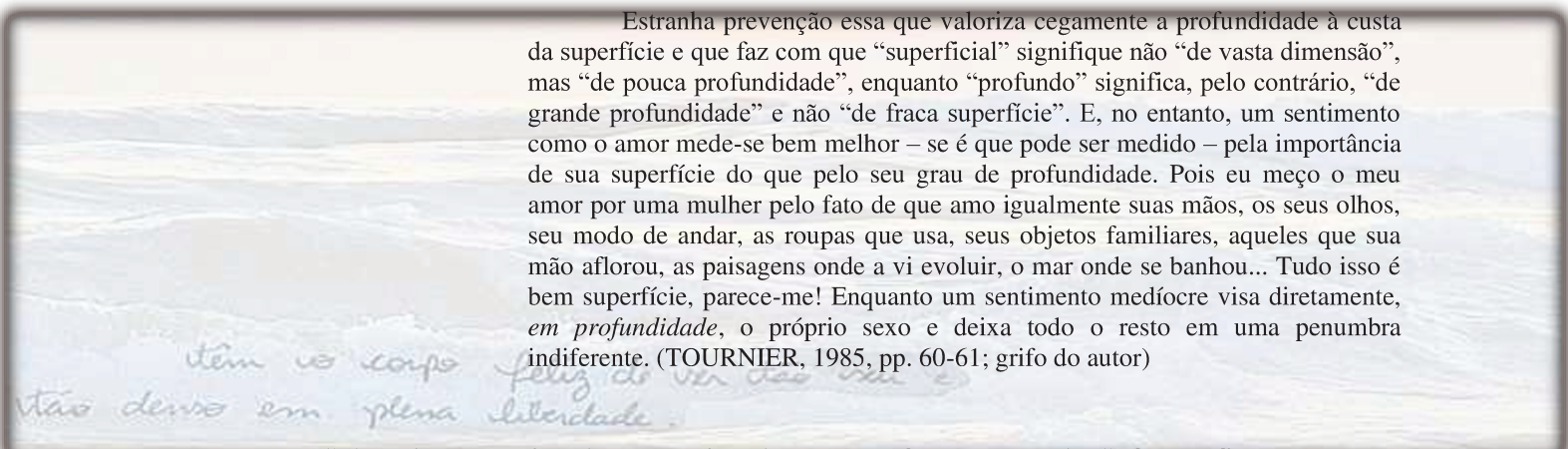
A poeta lésbia imortalizou em seus poemas os nomes ou apelidos de algumas mulheres, dentre elas Anactória, Áthis, Gonghyla, Mnasídika e nos chegou pelo meio dos fragmentos cantando amores por elas – e se desfazendo por estes amores. E também escreveu e notabilizou, igualmente por causa de Afrodite (RAGUSA, 2005), como se viu, os nomes e designações relativas às ilhas associadas por mitos e cultos à deusa do amor erótico: Chipre, Citera, Creta. Há rumores de que Safo tenha ainda passado por um período de exílio político em outra ilha, a Sicília, e algumas ficções de Safo se espalharam por lá.

¹¹⁴ Carolina Scartezini. *A paixão – À Renée Vivien I*. 2020, p. 86. Essa versão do *Fr. 31 V* de Safo foi composta pela autora dessa dissertação com base nos estudos e traduções de Brasil Fontes (2003) e Ragusa (2005) e também no estudo de Leite (2018) sobre a tradução que Renée Vivien fez dos fragmentos de Safo.

Como os navegantes que desejam encontrar a Ilha Desconhecida, precisamos continuar aprendendo com o mar... Se as ondas levaram Afrodite de uma ilha à outra, do Oriente até a Grécia, para só então darem a deusa à praia, é provável que a minha Safo também precise ser levada de ilha em ilha até que possa tocar a areia da Lesbos dela. Assim, da mesma maneira que temos buscado a parceria de outras mulheres para dar corpos de amadas e amadoras à poeta, agora Afrodite e as correntes erótico-marítimas revelam que se faz necessário pedir ajuda a outras ilhas para dar à uma ilha minha poeta.

A primeira parceira insular que aqui invoco comprovou ter a eficácia de ensinar a um naufrago a se tornar ele mesmo nela, se libertando das amarras que o impediam de sonhar-se ilha. Trata-se de Speranza, a ilha desconhecida que acolheu o Robinson Crusoe de Michel Tournier e ensinou a ele, dentre outras coisas muito potentes, a importância das superfícies.

A superfície – agora é esta tez que espelha o céu e que convida a dançar e saltar como uma baleia, ou, *como um animal que sabe da floresta, redescobrir o sal que está na flor pele* do jeito que tão graciosamente cantou Gonzaguinha¹¹⁵! Superfície que não se opõe à profundidade, visão que Speranza revelou ao naufrago dela:



Estranha prevenção essa que valoriza cegamente a profundidade à custa da superfície e que faz com que “superficial” signifique não “de vasta dimensão”, mas “de pouca profundidade”, enquanto “profundo” significa, pelo contrário, “de grande profundidade” e não “de fraca superfície”. E, no entanto, um sentimento como o amor mede-se bem melhor – se é que pode ser medido – pela importância de sua superfície do que pelo seu grau de profundidade. Pois eu meço o meu amor por uma mulher pelo fato de que amo igualmente suas mãos, os seus olhos, seu modo de andar, as roupas que usa, seus objetos familiares, aqueles que sua mão aflorou, as paisagens onde a vi evoluir, o mar onde se banhou... Tudo isso é bem superfície, parece-me! Enquanto um sentimento medíocre visa diretamente, *em profundidade*, o próprio sexo e deixa todo o resto em uma penumbra indiferente. (TOURNIER, 1985, pp. 60-61; grifo do autor)

Saber-do-corpo insular: amo igualmente os fragmentos de Safo, as ficções que se tecem pelo meio deles, os mitos e desejos que os trespassam, os nomes femininos e insulares que os habitam, as incertezas e ambiguidades que eles causam, as divindades que invocam, as lacunas, vagas e vagos que os compõem e me decompõem... Amo a paixão que eles despertam e as apaixonadas e apaixonados que eles arrastam. Amo os poemas e poetas que eles atraem. Amo os feminismos que eles provocam. Amo a tempestade que eles conjuraram e que me naufragou e as correntes erótico-marítimas que me desfazem poemas...

As superfícies de Safo – os fragmentos e as demais materialidades todas que eles tramam, enlaçam, tocam e transformam. Papiros, pergaminhos, cerâmicas, papéis, peles, palavras... Superfícies que fizeram descobrir potência na precariedade, na fragilidade, que tornaram notável que suas marcas, mesmo aquelas causadas pela violência, pelo esquecimento, pelo descuido, acaso e descaso, também são capazes de compor com os

¹¹⁵ Gonzaguinha, *Redescobrir*, aqui redescoberta pelas vozes das duas filhas e filho do cantor: <https://www.youtube.com/watch?v=u02sYMqra3I>

poemas, de compor outros poemas, de se tocarem e transformarem em marcas amorosas, poéticas, mágicas, curativas... Superfícies que ao se darem ao toque, ao encontro, ao carinho, se proliferam ao redor e ainda ao interior, criando um dentro que não se opõe a um fora, mas dele se faz, tesouro que se dá ao navio apenas no próprio naufrágio, como sugere Speranza ao Robinson dela:

Um mecanismo semelhante [ao que opõe superfície e profundidade] valoriza a interioridade à custa da exterioridade. Os seres seriam tesouros encerrados numa casca sem valor, e quanto mais se penetrasse neles, maiores seriam as riquezas a que se chegaria. E se não houvesse tesouros? (...) Creio que a alma só começa a ter um conteúdo assinalável para além da cortina de pele que separa o interior do exterior, e que ela se enriquece infinitamente à medida que se anexa aos círculos mais amplos em torno do ponto-eu. (TOURNIER, 1985, p. 61)

A minha Safo e a minha Lesbos estão se fazendo, assim, navio de tesouro como o de Catharine R. Stimpson (apud. DEJEAN, 1989, p. xv), mas não um naufragado há milênios atrás como o dela, um naufragado *de agora em diante*, um que está vindo do futuro, como uma música que se dá a ouvir sempre pela primeira vez (FERRAZ, 2005). É preciso prestar à atenção e escutar, ouvir Safo como música, pois agora não se trata mais de melodias perdidas e inacessíveis, mas sim daquilo que ela só pode cantar entre nós, não representada, re-presentificada, tornada presente, viva, pelo meio das superfícies que se dão a conhecer juntas.

Continuemos a escutar... No marulho, soam a sábia voz da ilha parceira e as lembranças do náufrago dela. Ela nos conta que o caminho traçado por Robinson para se fazer ilha com ela envolveu dois tipos de tempo e dois tipos de escrita. Houve o tempo da clepsidra, dedicado à escrita de leis, códigos, sermões e outros controles, como plantações e criações de gado, tempo em que Robinson se guiava, incessantemente, pela *bússola moral* (ROLNIK, 2018, pp. 28-97) que o fazia continuar reproduzindo as formas do mundo que ele já conhecia. E houve o tempo fora do tempo, causado, primeiro, pelo esquecimento de Robinson de manter a água que contava as horas fluindo no ritmo desse cálculo. Nesse tempo fora do tempo, a escrita de Robinson, movida pelo desejo da *outra ilha*, pela *bússola ética* (ROLNIK, 2019) que acolhia as forças de vida em gestação, foi de especulações filosóficas insulares a rituais de amor e prazer com a terra, dos quais nasceram muitas mandrágoras – prole humana e vegetal num corpo só.

Entre a ilha administrada e a outra ilha – a ilha desconhecida, Speranza foi para Robinson mãe, esposa, traidora e, finalmente, ele mesmo. Speranza praticou com Robinson o toque-transformação de Kore (STARHAWK, 1999; STENGERS, 2017): quanto mais ele a tocava e transformava, mais ele era tocado e transformado. Quanto mais ele tentava fazê-la funcionar no tempo da clepsidra, mais aprendia com ela o ritmo das Horas, filhas de Iroko – o tempo de tudo o que vibra, pulsa e brilha. O tempo da festa, da alegria de viver. Ela ajudou Robinson a experimentar os mistérios entre a vida e a morte, a natureza e a cultura, o selvagem e o civilizado, o conhecido e o desconhecido, a desolação e a esperança. O moral e o ético.

Devagar: aqui, no nosso caso, como estamos nos guiando? O desejo é o de continuarmos singrando pelas correntes erótico-marítimas, mas talvez seja preciso algo mais do que apenas deixar a escrita ser arrastada por elas.

De acordo com Suely Rolnik (2018, pp. 28-97), há duas maneiras de se guiar quando se tenta criar algo, dois modos de proceder ao caminhar. Num deles, o da bússola moral, se caminha de um jeito que só faz reproduzir as formas de mundos já existentes, repetindo-as e fazendo de cada passo mais do mesmo. No caso dos fragmentos de Safo, um procedimento destes nos levaria diretamente até a Lesbos que já está nos mapas, onde ouviríamos de novo a velha ladainha *Acabou-se, não há mais que ver, é tudo igual*¹¹⁶. Quase nada se sabe objetivamente sobre como era a ilha na época de Safo... Não nos restaram documentos confiáveis... É impossível saber...

Ou, ainda, nos manteria aprisionadas no meio envenenado das disputas entre as ficções que já foram contadas sobre a Lesbos sáfica. Algo entre um paraíso lésbico no sentido atual do termo, mas genérico e perdido para sempre num passado muito remoto e uma ilha grega sem diferenças significativas para o que vieram a ser as ilhas gregas mais notáveis na Antiguidade Clássica. Eu gostaria que a Lesbos da minha Safo tivesse mais graça do que isso. Usar dessa bússola moral seria o equivalente a querer chegar à ilha desconhecida usando somente *a luz focal da lanterna* ou de um farol e ignorando que em alto mar as estrelas podem ser grandes aliadas, não apenas das bruxas, mas também dos navegantes-náufragos.

Não, não vale a pena tentarmos traçar uma rota exata para a Lesbos que, de modo geral, seria a considerada verdadeira, inquestionável, a Lesbos original. Então, tomaremos cuidado com essa vontade: a de tentarmos voltar para o ponto de origem, o ponto em que tudo começou *de verdade*.

Entre formas e fluências

Segundo Lygia Clark, cujo artefato-experimento *Caminhando* de 1963 Rolnik (2018, pp. 28-97) invoca para pensar junto, querer voltar ao ponto inicial do corte é exatamente a fórmula que leva à reprodução do que já se apresenta como forma fixa e imutável. No caso de Clark, a reprodução de mais uma fita de Moebius, superfície pela qual o experimento dela convida a caminhar. Voltar à forma que já estava dada, como se nenhum toque-transformação tivesse acontecido.

Aqui, isso seria a reprodução de uma Lesbos perdida, ao invés da criação de uma Lesbos desconhecida. O equivalente ao que fazem os tristes refrãos que povoam o mundo com alternativas infernais e ajudam a sustentar a feitiçaria que entorpece, imobiliza, anula todas as forças que se erguem para tocar e transformar as formas do poder-sobre vigentes das quais são reprodutores fiéis, como nos alertam Stengers e Pignarre (2011). Minha Safo precisa de um lugar mais amoroso que ela possa povoar também de maneira mais amorosa.

¹¹⁶ José Saramago. *O conto da ilha desconhecida*. Disponível em: http://www.releituras.com/jsaramago_conto.asp

Então, retomemos a segunda possibilidade oferecida por Suely Rolnik (2018, pp. 28-97): a bússola ética. De acordo com ela, o que se busca não é a conservação das formas já instituídas, dos caminhos já conhecidos, daqueles traçados por pontos por onde o desejo já passou e que, logo, levariam no máximo a ilhas esquecidas, repetições estéreis. O que o desejo busca ao se guiar pela bússola ética é antes a conservação da própria força de vida que depende de encontrar pontos ainda inexplorados na superfície das relações para poder continuar fluindo e criando novos viventes.

Tal procedimento parece bem mais adequado a quem se move pelo desejo de uma Lesbos porvir e que precisa singrar entre as correntes erótico-marítimas. Rolnik nos adverte, porém, de que *a conservação da vida não se dá separadamente das formas vigentes na superfície do mundo; lograr conservá-la depende de negociar com tais formas, de modo a encontrar os pontos onde o desejo poderá perfurar a superfície (...)*. (ROLNIK, 2018, p. 65).

Para a nossa sorte, as histórias sagradas de outra divindade das águas, do amor erótico e da fertilidade nos recordam de que as potências divinas aquáticas podem ser muito eficazes na negociação com formas e poderes estabelecidos...

Oxum, divindade iorubá que presentifica as forças das águas doces e que detém atributos muito afins aos de Afrodite, se tornou famosa entre os orixás por resolver de modos bastante inesperados e sutis problemas graves e complexos. Em diversas situações, como naquela em que Ogum, o orixá guerreiro e ferreiro, abandonou a forja e privou divindades e mortais de armas e ferramentas necessárias à manutenção da vida, Oxum provou a eficácia da graça, da perseverança e da esperteza quando nem a racionalidade, nem a violência explícita dos outros orixás foram capazes de resolver o impasse (PRANDI, 2001, pp. 321-323).

Ao invés de partir para enfrentamentos diretos com os poderes estabelecidos, ela usa da inteligência e do encanto para fazer com que estes poderes simplesmente acabem atuando de modo que favoreça os objetivos dela – embora não querendo, desejando, tocados e transformados pelos divinos dons. Caso encontremos resistências pelo caminho, o que é muito provável que aconteça, essa orixá poderá vir a ser uma importante aliada. Ninguém melhor do que um rio sagrado para ajudar a descobrir brechas por onde se possam contornar formas fixas que se imponham pelo meio do fluxo da vida... Então, saudemos Oxum com a alegria e a delicadeza da voz de Maria Bethânia:

<https://www.youtube.com/watch?v=OKpeQFybYRw>

(Guarde-se aqui este segredo: sem as bênçãos de Oxum, divindade que se fez presente muito antes de ter sido aqui anunciada, nenhum encontro amoroso teria acontecido, nenhuma forma de vida teria sido gerada ao longo desta pesquisa e a escrita teria se deixado abandonar diante dos inúmeros obstáculos com os quais já se deparou.)

Essa orixá-rio traz ainda duas outras características bastante importantes para a Lesbos que ainda não existe. Ela não é dada a simplesmente aceitar que mulheres e demais

forças femininas sejam excluídas de partilhas, proibidas de terem acesso a conhecimentos e impedidas de participarem de acontecimentos importantes, como conselhos deliberativos e a leitura de oráculos. Há registros de histórias sagradas nas quais, igualmente por meio de estratégias sutis e bem elaboradas, jogando apenas com as forças disponíveis – seus próprios dons, frequentemente menosprezados e desacreditados por outros orixás – Oxum conseguiu fazer ruir proibições que a impediam de poder saber e de poder fazer o que ela desejava.

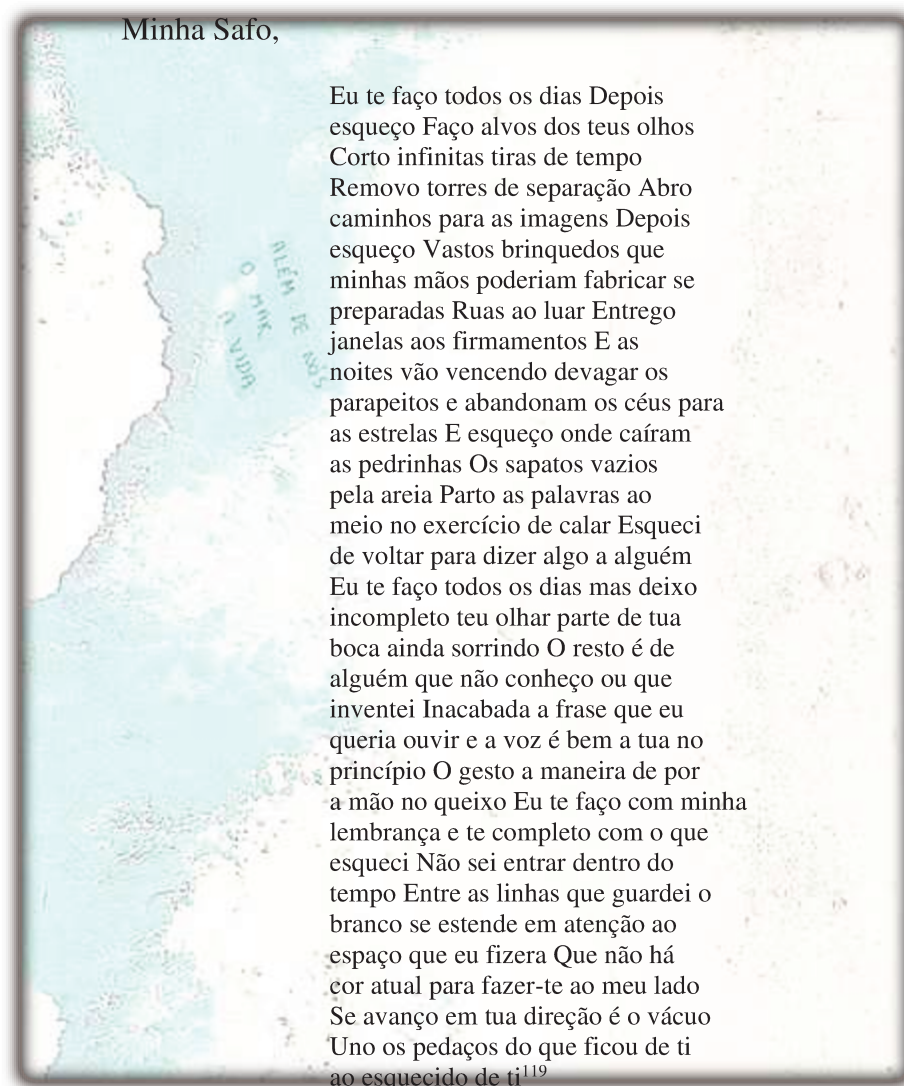
Simplesmente retirando, sem qualquer alarde, a fertilidade da Terra, ela conseguiu convencer os orixás masculinos a reconhecerem a importância das orixás femininas e as aceitarem como iguais na tomada de decisões (PRANDI, 2001, p.345). Oxum sabe (e faz saber) que a delicadeza não precisa ser uma fraqueza, nem a sedução uma futilidade e que a esperteza não precisa ser uma falha de caráter. Ela domina perfeitamente bem a arte da dosagem, cujo valor Isabelle Stengers (2015) sabiamente reconhece e torna notável. Essa orixá é muito boa em singrar pelas forças que vêm em furor, em tecer relações subaquáticas com as correntes erótico-marítimas e em reconhecer, como Starhawk (1999) recomenda que as bruxas aprendam a fazer, o momento propício para cada ação.

Foi pelas encantadoras mãos de Oxum que mais uma bruxa da palavra se juntou amorosamente aos experimentos-rituais, atraída como parceira pelos fragmentos de Safo. Vem de novo, outra vez, agora compor com Oxum tramas diplomáticas com as correntes erótico-aquáticas Dora Vasconcellos¹¹⁷, que se fez poeta e também diplomata numa sociedade em que não se esperava que uma mulher *de boa família*¹¹⁸ fosse nada além de esposa e mãe, no máximo uma socialite.

Parece que me ouço dizer, pelo meio de um poema de Dora trazido pelo desejo:

¹¹⁷ Nascida Dora Alencar de Vasconcellos no Rio de Janeiro a 06 de setembro de 1910, vinha de uma família da elite carioca, sendo seu avô materno o Almirante Alexandrino Faria de Alencar, figura proeminente tanto na Marinha, quanto na política no início do século XX. Porém, acabou seguindo um caminho bastante incomum para uma moça de sua origem, de acordo com a moral vigente à época. Em 1937, já casada e com um filho pequeno, decidiu prestar um concurso para o Itamaraty e foi uma das três mulheres aprovadas num total de dez candidatos que passaram nas provas (FRIAÇA, 2018). Em 1942, se desquitou amigavelmente (e, misteriosamente, sem deixar registros notáveis de um escândalo) do ex-marido, o compositor e jornalista José da Cruz Cordeiro Filho, que àquelas alturas já havia constituído uma segunda família. Tendo iniciado no serviço diplomático como cônsul de terceira classe em fevereiro de 1938, foi a segunda mulher a conseguir chegar ao topo da carreira, tendo falecido como embaixadora em *Port-of-Spain* em 25 de abril de 1973. Foi a primeira mulher diplomata a ser enterrada com todas as honras devidas ao cargo que ocupava quando de seu falecimento.

¹¹⁸ Ademais de todo o trabalho no Itamaraty, no qual chegou a ocupar cargos importantes como o de Cônsul Geral e até o de embaixadora (FRIAÇA, 2018), Dora Vasconcellos terminou de criar seu filho e ainda publicou três livros de boa poesia, para tremenda surpresa de Gilberto Amado, prefaciador do segundo deles, que achava que uma *moça de família, de boa família...* [não poderia compor versos que fossem outra coisa além da] *expressão mais ou menos bem arrumada de sentimentos convencionais ou de experiências íntimas já mil vezes traduzidas, rimadas ou ritmadas* (AMADO in: VASCONCELOS, 1958). Foram eles *Palavra sem Eco* (Hipocampo – 1952), *Surdina do Contemplado* (José Olympio – 1958) e *O Grande Caminho do Branco* (José Olympio – 1963). Isso, mais as letras escritas para a suíte *Floresta do Amazonas* do amigo Villa-Lobos.



Dora Vasconcellos vem me ensinar a fazer diplomacia entre a Safo de Lesbos e a Lesbos de Safo das formas que já se deram ao esquecimento e as minhas amadas que virão do futuro criando memória. A poesia da poeta-diplomata parece fazer o caminho dela para fora do destino que já estava dado a ela ciente de que nem este caminho, nem o destino ao qual ele a levará já estão prontos. Tudo vai se dando conforme o desejo pelo destino que ainda não existia a move. Como um rio que faz o próprio leito conforme vai passando, ora escolhendo ir por onde o terreno já está propício, ora tendo paciência, persistência e paixão para abrir espaço pelo meio resistente.

Entre resistências e reexistências

Voltando à Speranza, ela nos lembra de que, num dado momento, ela também conseguiu um importante aliado na libertação de Robinson do funcionamento da bússola moral: Sexta-feira. Com o auxílio de uma feiticeira indígena, a ilha atraiu para dentro de si

¹¹⁹ Dora Vasconcellos. *Moldura*. 1963, p. 41.

um moço que era, ao mesmo tempo, indígena e negro, reunindo potências de povos originários (tomados como “primitivos” pela cultura eurocêntrica) para ajudá-la a libertar Robinson da necessidade de continuar exercendo poder-sobre, dividindo e classificando. Não foi um encontro fácil – o Robinson da ilha administrada tentou escravizar Sexta-feira. Mas Sexta-feira havia sido batizado pelo próprio administrador de Speranza sob o signo de Afrodite¹²⁰, como Isadora Duncan, e trazia em si os dons de Oxum que, diante das pedras (dos mortais e dos imortais) mais obstinadas, dança e as contorna. Sexta-feira-Dia-de-Vênus ajudou Robinson a se desfazer da bússola moral e aceitar a bússola ética que o levou finalmente à desejada outra ilha.

Para a Lesbos que está sendo inventada, pedirei à Speranza, Oxum e às bruxas da palavra que comigo já estão que me ajudem a atrair para o interior dessa ilha desconhecida uma parceira que é, além de mais uma potente bruxa da palavra, uma sábia que entende bem de magias amorosas para descolonizar corpos e paixões femininos. Que para cá venha, trazida pelas correntes erótico-marítimas, a divina presença de Audre Lorde, *negra, lésbica, feminista, poeta e mãe de duas crianças, incluindo um menino*¹²¹ (LORDE, 1983, s/p) com seu ensaio *Usos do erótico – o erótico como poder* (LORDE, 2019). Confio que a presença dela na minha Lesbos vá dar à ilha melhores chances de se defender caso precise enfrentar tentativas de poder-sobre, divisão e classificação.

Audre Lorde nos aponta que as potências eróticas são uma fonte muito importante de poder-com que nos convida a estarmos presentes, vivas, atentas e a compartilhar o prazer da criação de mundos entre diferentes. Ela também ouviu o clamor do refrão que mobilizou Stengers e Pignarre (2011): um outro mundo é possível. E ela nos ensina que este outro mundo precisa ser feito de encontros entre diferenças, não para que estas diferenças sejam apagadas ou desprezadas, mas sim para que sirvam como o contraste-ativo desejado por Stengers (2017) na construção de pontes entre heterogêneos. Que as diferenças provoquem entre as envolvidas intuições, compreensões, conhecimentos e nos recordem de que não precisamos nos sujeitar a dominações, divisões e classificações.

Lorde nos lembra ainda de que o erótico é energia vital, energia de criação, ética e poética, saber-do-corpo como nomeado por Rolnik (2018, pp. 28-97) e que nada tem de semelhança com a pornografia, que tem por método separar a sensualidade do corpo das ideias, fés, emoções e sentimentos, despotencializando os contatos, anulando as possibilidades de toque-transformação. O erótico de Audre Lorde nos convida a experimentar o amor e o prazer dos encontros como as bruxas os experimentam num ritual para a Deusa. Reunindo e reativando forças mentais, espirituais, emocionais, físicas e

¹²⁰ Em francês, o nome do dia da semana que aqui corresponde à sexta-feira é *Vendredi*, dia de Vênus, a equivalente romana de Afrodite. Na história de Tournier, Robinson, não querendo dar um nome cristão a quem ele achava que ainda não merecia um, chama o moço que vem dar à ilha pelo nome do dia da semana em que, de acordo com o calendário da ilha administrada, ele apareceu. Mais tarde, Robinson há de se lembrar das visões de um comandante-cartomante que logo no início da trama havia lhe tirado a sorte e anunciado em detalhes todas as aventuras e desventuras que ele viveria com Speranza, inclusive a aparição de Afrodite Anadyomene – Vênus saindo do mar.

¹²¹ Tradução livre do original que é parte do ensaio *There is no hierarchy of oppression* disponível em: <http://www.pages.drexel.edu/~jc3962/COR/Hierarchy.pdf>

divinas, sem hierarquizações entre elas. Estando nos encontros com a diferença em perfeito amor e perfeita confiança.

Os usos do erótico propostos por esta bruxa da palavra conhecem intimamente o segredo mágico que a bruxa ativista Starhawk (2018, pp. 64-65) generosamente oferece pelo meio dos escritos dela sobre ações diretas não-violentas: tão vital quanto sabermos contra que estamos lutando, que mundo é este no qual não queremos mais viver, é termos muita clareza a respeito de pelo que estamos lutando, que mundo é aquele no qual desejamos viver. E esta clareza precisa ser transformada em ações no presente, ações que façam pequenas amostras do mundo desejado acontecer, se saber possível e real e se dar a conhecer a outras pessoas que ainda não foram tocadas pela visão dele.

Estas ações têm ainda a eficácia de ajudar a transformar quem as pratica em habitante do mundo que deseja habitar. O outro mundo que é possível precisa deste outro povo que também é possível. E este povo precisa começar por perceber o feitiço das *alternativas infernais* (PIGNARRE e STENGERS, 2011) e aprender a se defender dele, ou seja, a reconhecer que sim, outras escolhas são possíveis, outros modos de sentir, pensar, criar e agir são possíveis – e são muito mais desejáveis, potentes e prazerosos do que os que já estão dados.

O Sexta-feira de Robinson e Speranza veio, brincou de vestir cactos em cores e brilhos, explodiu, embora não querendo – desejando – a ilha administrada e foi-se embora, muito provavelmente, ensinar a outros colonizadores-colonizados que é possível resistir às violências da dominação. Sexta-feira foi ser vento. Mas antes de ir, ele conduziu a escrita ao encontro com a poeta que ficará no lugar dele para ajudar a ilha que se está criando a resistir reexistindo eroticamente.



Entre o visível e a visão

Além de Speranza, Oxum, Dora Vasconcellos e Audre Lorde, é provável que eu e a escrita precisemos ainda de mais parcerias para conseguirmos seguir e atravessar as fronteiras entre as cartas de navegação que só levam a ilhas já conhecidas e o lugar em que ficará nossa ilha desconhecida. Intuímos, com Rolnik, que a Lesbos que ainda não existe ficará entre as formas do mundo que já está dado e as forças de vida que desejam germinar outros mundos e precisamos de uma parceira com bastante experiência nesse tipo de entremeio.

Para fazer companhia à Speranza e dar uma segunda ilha ao caminho mítico-aquático da minha Safo, convido a ilha de Avalon e sua última grande sacerdotisa conhecida, Morgana.

Assim como Robinson Crusóé, Morgana aprendeu muito desde a primeira vez que seus olhos tocaram a superfície da ilha que a acolheu. De acordo com Marion Zimmer Bradley (1989), a ilha das sacerdotisas da Deusa foi apresentada à Morgana ainda na infância por Viviane, tia materna dela que era então a Senhora de Avalon. Lá, ela passou

pelos sete anos de treinamento que eram exigidos de uma sacerdotisa da Deusa naquela tradição, que, como a *Reclaiming*, era herdeira da Antiga Religião, a religião do povo das fadas.

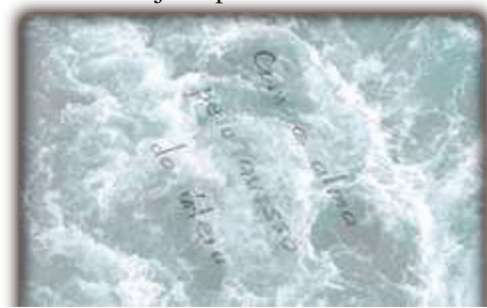
Porém, ao contrário do que acontece hoje na *Reclaiming*, a tradição na qual Viviane iniciou Morgana era bastante rígida, hierárquica e embora criticasse o poder-sobre exercido pela Igreja cristã que estava crescendo na Bretanha, o modo como entendia os desejos da Deusa e o uso do poder passavam bem longe do poder-com que estamos tentando experimentar aqui. Viviane e Morgana acabaram enfrentando conflitos tão violentos com a Igreja e o trono da Bretanha que o resultado foi a aparente completa separação entre a Ilha dos padres e a Ilha da magia, que no início das divergências ficava apenas oculta aos olhos do mundo exterior como medida de proteção contra intolerantes.

Porém, pelo meio desses conflitos, Morgana acabou conseguindo ouvir Avalon e compreender de outra maneira a eficácia dos mistérios entre a vida e a morte, o toque e a transformação. Notou que Viviane e ela estavam tentando defender em vão as formas de um mundo que estava deixando de existir e não se deram conta de que as forças de vida (ou seja, o desejo da Deusa) já tinham conseguido seguir por outros caminhos. A mudança à qual passaram décadas resistindo e se opondo, acreditando que lutavam para realizar a vontade da Deusa, era a própria Deusa em ação – apesar dos esforços delas, que estavam orientados pela bússola moral e não pela bússola ética.

O conflito com a igreja acabou funcionando como o contraste-ativo de Stengers e Lorde e revelou exatamente a Sombra que aquela tradição mágica havia lançado sobre si mesma. Enquanto as duas sacerdotisas passavam de uma batalha à outra, Avalon fez o que a bússola ética lhe indicou – se retirou da disputa e desapareceu nas brumas, ao mesmo tempo em que descobriu outro modo de trocar afetos com a ilha cristã. E ainda deu um jeito de continuar atraindo até ela aquelas que ouviram o chamado da Deusa e lhes abrindo caminhos para a reativação da magia. Começou por conseguir uma escritora que deu voz à Morgana para que ela pudesse contar essa outra versão da história.

Quando principiou a experimentar construir pontes com Starhawk, Isabelle Stengers notou sabiamente uma questão que para as bruxas é bastante fundamental: se alguém lhes disser que a Deusa delas não passa de uma ficção, elas provavelmente responderão sorrindo – e você é daquelas pessoas que acreditam que a ficção não tem poder? (STENGERS, 2017, p. 12). A bruxaria se propaga muito mais pela divagação do que pela divulgação. Não é comum que se encontre uma bruxa bradando os mistérios da magia em praça pública, inquisidores interiores e exteriores ficariam escandalizados com uma atitude dessas e provavelmente as divindades interiores também. Há, evidentemente, alguns cursos e uma série de manuais que pretendem ensinar magia, desde que Charles G. Leland, um folclorista e estudioso de práticas mágicas do final do séc. XIX publicou *Aradia – o Evangelho das Bruxas*¹²², com um compilado de textos sobre a tradição das *streghe*, as bruxas italianas. As bruxas consideram estes manuais úteis, porém, é raro que um livro desses seja a primeira escolha de alguém que nunca tenha sido tocado pela bruxaria.

¹²² LELAND, 2000.



É muito mais frequente que pessoas se interessem pela magia justamente pelo meio de obras de ficção e a partir daí busquem outros modos de aprender mais sobre o tema. A própria Starhawk começou escrevendo ficção e Dion Fortune, uma importante ocultista do início do séc. XX que acabou tendo bastante influência no movimento neopagão da segunda metade do mesmo século, inclusive na obra da bruxa que tem permeado esta pesquisa, também se alternou entre manuais e ficções.

Isso talvez aconteça porque a atitude de uma pessoa que vai ler ou assistir algo apenas por prazer e curiosidade é muito mais compatível com a manifestação do Eu-mais-jovem, que ajuda a mudar a percepção da luz da lanterna para a luz das estrelas. Mesmo no caso de alguém que tenha nascido numa família que já esteja envolvida em práticas mágicas, os ensinamentos raramente serão explicados de modo apenas racional, simplesmente porque isso não seria eficaz, nem divertido. O caminho para a Deusa é sempre uma viagem, um singrar entre forças, um descobrir passagens e pontos de contato pelo meio das brumas.

Vamos então ouvir com mais calma à sabedoria de Avalon – esta ilha tornou notável à Morgana que a Deusa havia encontrado modos de trocar afetos, tocar e transformar, com a nova religião cristã. Afinal, a Deusa é imanente, está em absolutamente tudo o que vive, inclusive nos cristãos. Não havia nenhuma Grande Verdade em Avalon que não pudesse ser intuída e mesmo experimentada em qualquer parte do mundo, até na Ilha dos padres, que esteve, desde que o encantamento protetivo foi lançado pelos druidas e sacerdotisas, pareada com a Ilha da magia. E mesmo depois da suposta separação total entre as duas ilhas, Avalon continuou ao alcance, continuou conseguindo tocar e transformar, ser tocada e transformada por aquelas e aqueles que ouviam o chamado.

Avalon conseguiu até continuar ajudando nos encontros e aprendizados entre bruxas. Uma das fontes nas quais Marion Zimmer Bradley foi se nutrir para sonhar as práticas e rituais da magia da Avalon dela foi o próprio manual de bruxaria escrito por Starhawk (1999), a quem ela agradece logo no primeiro dos quatro volumes da obra. Avalon, assim, não só se manteve viva como se propagou – se tornou uma série de outras Avalons, que podem ser invocadas de muitos lugares e podem inspirar muitas bruxas. Não é mais necessário ir a Glastonbury para encontrá-la, embora muita gente ainda faça isso como turismo.

Isadora Duncan, pelo meio das muitas aventuras às quais se lançou para dar corpo aos desejos que a animavam, foi literalmente até a Grécia em busca da dança que tinha se mostrado a ela em sonhos e visões no museu de Londres. Encontrou um terreno, adquiriu-o e o descobriu tremendamente árido – tentou montar a escola dos seus sonhos num lugar em que não havia nenhuma água doce disponível. Podia-se cavar à vontade! Nem uma gota. Por sorte, apesar das grandes despesas de dinheiro e energia, não desistiu, se mudou novamente e foi tentar dar vida à escola em outros países.

Entretanto, continuo investindo em cada uma das tentativas como se fosse a definitiva, como se o sucesso do projeto estivesse à espera de um lugar específico onde pudesse germinar, o que sempre lhe rendeu dívidas e decepções. Talvez, se Isadora tivesse



ouvido Morgana e Avalon, acabasse percebendo que a questão era muito mais de pareamento do que de deslocamento. A Grécia de Isadora estaria sempre no lugar em que se dançasse para ela, pois não se tratava da Grécia conhecida, mas sim daquela que Isadora desejava ardentemente que ganhasse existência.

Dessa forma, ficamos avisadas de que nossa Lesbos, uma vez tocada e transformada por Avalon, poderá ganhar existência em qualquer lugar em que seja ardentemente desejada e aceita como uma ficção que não se opõe a uma realidade, mas a toca e transforma. Uma ficção e uma realidade que podem ser pareadas, dando vida a uma ilha entre elas.

Entre ilha e ilha

Agora chegou o momento de tentarmos atravessar. Para isso, precisaremos de um barco, faz parte da tradição. Para nossa sorte, temos entre nós, desde o início desta aventura erótico-aquática, um barco que é ao mesmo tempo uma ilha: o Ilha Desconhecida, da mulher e do homem de Saramago.

O Ilha Desconhecida vai ao encontro de si por fora, pelo contato com outras formas de vida, outros mares, outras ilhas. Ele sabe o segredo que Speranza contou a Robinson sobre interiores e exteriores: o Ilha Desconhecida vai em busca de outra ilha desconhecida para poder encontrar a si mesmo. Não que ele acredite que haja uma verdade fora de si a ser descoberta, mas porque intui que a verdade vai se dando pelo meio dos próprios encontros.

Nossa Safo também foi se dando dessa maneira – tocando e transformando. Ela pôde ser um navio de tesouros naufragado apenas a partir do ponto em que se espalhou pela ampla superfície das múltiplas ficções que ao mesmo tempo foram se anexando ao redor dela. Eis aí a grande riqueza de Afrodite e Oxum: a potência erótica, o desejo que faz com que os encontros sejam perseguidos apaixonadamente.

Antes de nomearem o barco, foi preciso que o homem e a mulher sonhassem esse barco. Foi preciso que pelo meio do sonho o barco pudesse se transformar, proliferar vidas, vir a ser a ilha desejada. E então, o ato mágico da nomeação.

O Ilha Desconhecida nos ensina que é preciso que sonhemos Minha Lesbos para que possamos encontrá-la e nomeá-la. Todas nós que estamos aqui reunidas tentando vislumbrá-la pelo meio das brumas da ficção entre as Lesbos já existentes e a futura ilha que ainda não soou. Divindades, bruxas da palavra, ilhas, amadas e amadoras...

O homem de Saramago começou por sonhar quem e o que ele gostaria de levar com ele para a ilha. Eu já estou a fazer isso aqui, desde quando me pus a divagar inventando um mar e sendo tomada pelas correntes erótico-aquáticas. Eu escolhi minha tripulação (ou, antes, minha tripulação escolheu estar aqui comigo): além de mim e da escrita da dissertação, os fragmentos de Safo, as vozes que tudo abrem das bruxas da palavra parceiras de experimentos-rituais, os sonhos e visões de Audre Lorde sobre os usos do erótico. A dança e a paixão de Isadora Duncan, os dons das divindades aquáticas Afrodite e Oxum.

Algumas práticas de Starhawk e Stengers, que vieram apostando nas sutilezas como as divindades invocadas e trouxeram com elas observações de Suely Rolnik (que por sua vez trouxeram a experiência do *Caminhando* de Lygia Clark); Os conhecimentos da apaixonada Giuliana Ragusa. As parceiras insulares Speranza e Avalon. Morgana, que tem muita experiência nesse tipo de travessia e o Ilha Desconhecida, que é, ao mesmo tempo, embarcação, ilha e tripulação. Tenho ouvido uns ruídos no porão e, como ao contrário do homem de Saramago, eu não me lembro de ter trazido cavalos, bois, nem nada semelhante, suspeito que sejam as paixões e palavras de outro amador arrastado pelos fragmentos de Safo, Joaquim Brasil Fontes. Também vieram nos acompanhando lado a lado, em sua própria embarcação, as apostas e (in)certezas do divagador-marinheiro-pirata Renato Salgado de Melo Oliveira. E as musas...

Mas e minha Safo? No sonho do homem que queria encontrar a ilha desconhecida, a mulher que ele ama só reaparece quando, após a debandada do resto da tripulação, a embarcação começa a se tornar ilha, com pomares, hortas, jardins. Eu não espero que minha tripulação me abandone – embora saiba que não é impossível que isso aconteça. Prefiro tentar outra coisa. Prefiro tentar atravessar. Pode ser que a minha Safo reapareça, no momento em que encontrarmos a Lesbos dela.

Experimento-ritual de corporreativação poética 2 – magia erótica literária para que corpos femininos, aquáticos, insulares e poéticos se toquem e se transformem numa ilha desconhecida. Este experimento também pode ter a eficácia de transformar todas as bruxas envolvidas, inclusive as que estiveram até agora fazendo o papel de leitoras, em divagadoras poéticas.

Mais uma vez, é preciso dispor o círculo mágico. Reativar a lembrança de que a magia acontece no encontro entre as potências das cinco direções. Pensamentos, razões e ideias; fés, crenças e entusiasmos; sentimentos e emoções; matérias e ações. Todas essas forças precisam se reunir e invocar e saudar o divino em tudo o que vibra, pulsa e brilha.

Isso é um trabalho de arte participativa. É necessário que todas as formas de vida envolvidas aceitem entrar na dança dos toques-transformações, em perfeito amor e perfeita confiança, e se divertir com isso! É preciso que se escolha praticar a arte do encontro, reativar o saber-do-corpo, se relacionar com os materiais sob a visão da luz das estrelas, se deixar levar pelas correntes erótico-aquáticas, permitir-se tanto se nutrir quanto se aterrorizar no encontro com elas.

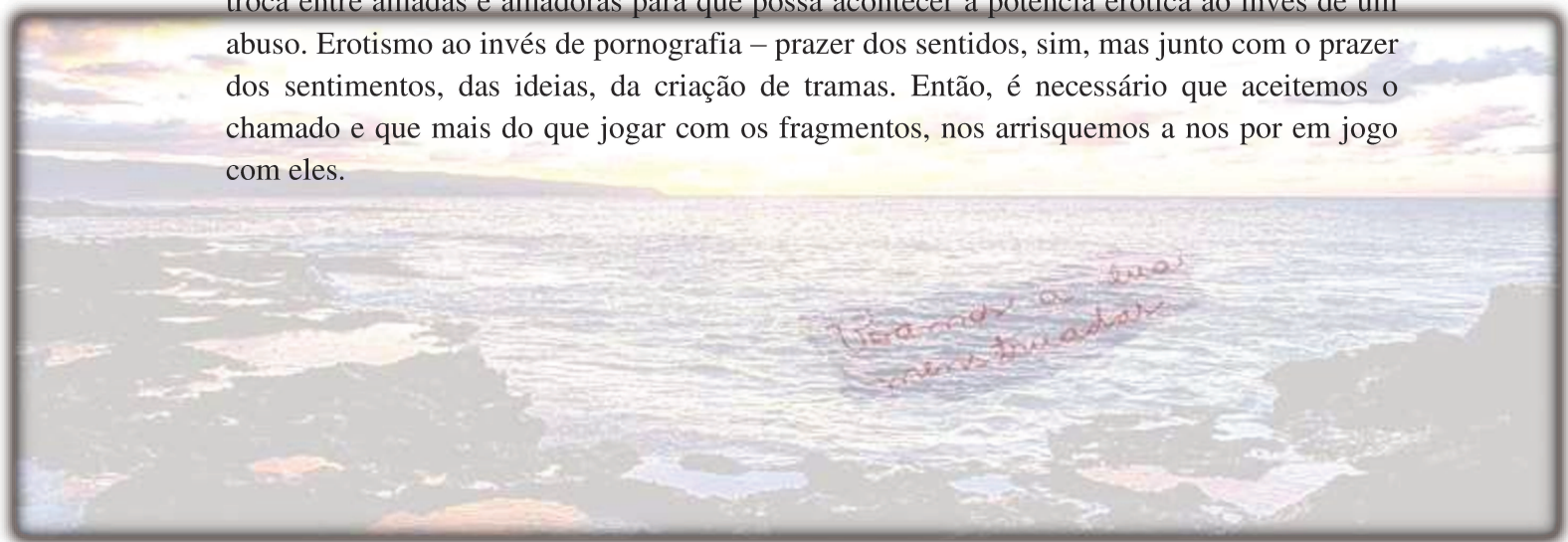
Faz parte deste experimento-ritual a disposição de um altar-arquipélago. Ele não tem uma forma pré-definida, fixa, um jeito certo absoluto de ser feito. Ele apenas deseja alguns materiais e convida a(s) bruxa(s) envolvida(s) a atentar para o que estes materiais também desejam, os cuidados que eles demandam, o prazer que eles oferecem. Ele pode ser criado sobre qualquer superfície que suporte as formas de vida que virão habitá-lo: pode ser no chão, numa mesa, numa bandeja ou caixa, numa bacia...

Escolhida a superfície, se pode envolvê-la ou demarcar nela um espaço com algo belo, como um tecido, um papel especial, algum tipo de pigmentação... Sobre esta

superfície afetuosamente preparada, é preciso que se arrumem: a) um alimento que tenha eficácia comprovada de reavivar memórias amorosas na(s) bruxa(s) envolvida(s); b) um recipiente belo e delicado contendo água que possa ser bebida; c) algo que funcione como suporte para a escrita e algo com que se possa escrever sobre o suporte escolhido. É preciso dar a estes três materiais números de 1 a 3, em qualquer ordem.

Também será necessário algum dispositivo eletrônico que permita acessar links no YouTube durante o experimento-ritual.

Pelas superfícies das próximas páginas, várias formas de vida irão lançar seus encantos eróticos e convidar os sentidos a senti-las. E vão dizer quais são os desejos que as movem neste momento. Segundo nossa parceira Audre Lorde, é preciso que haja acordo e troca entre amadas e amadoras para que possa acontecer a potência erótica ao invés de um abuso. Erotismo ao invés de pornografia – prazer dos sentidos, sim, mas junto com o prazer dos sentimentos, das ideias, da criação de tramas. Então, é necessário que aceitemos o chamado e que mais do que jogar com os fragmentos, nos arrisquemos a nos por em jogo com eles.



Divagações poéticas

Qual destes fragmentos lhe toca?

Se for este¹²³, vá para o feitiço de número 21 e se entregue aos toques-transformações do encantamento...



Em Creta
Os muros de tijolo da cidade minoica
São feitos de barro amassado com algas
E quando me virei para trás da minha sombra
Vi que era azul o sol que tocava o meu ombro

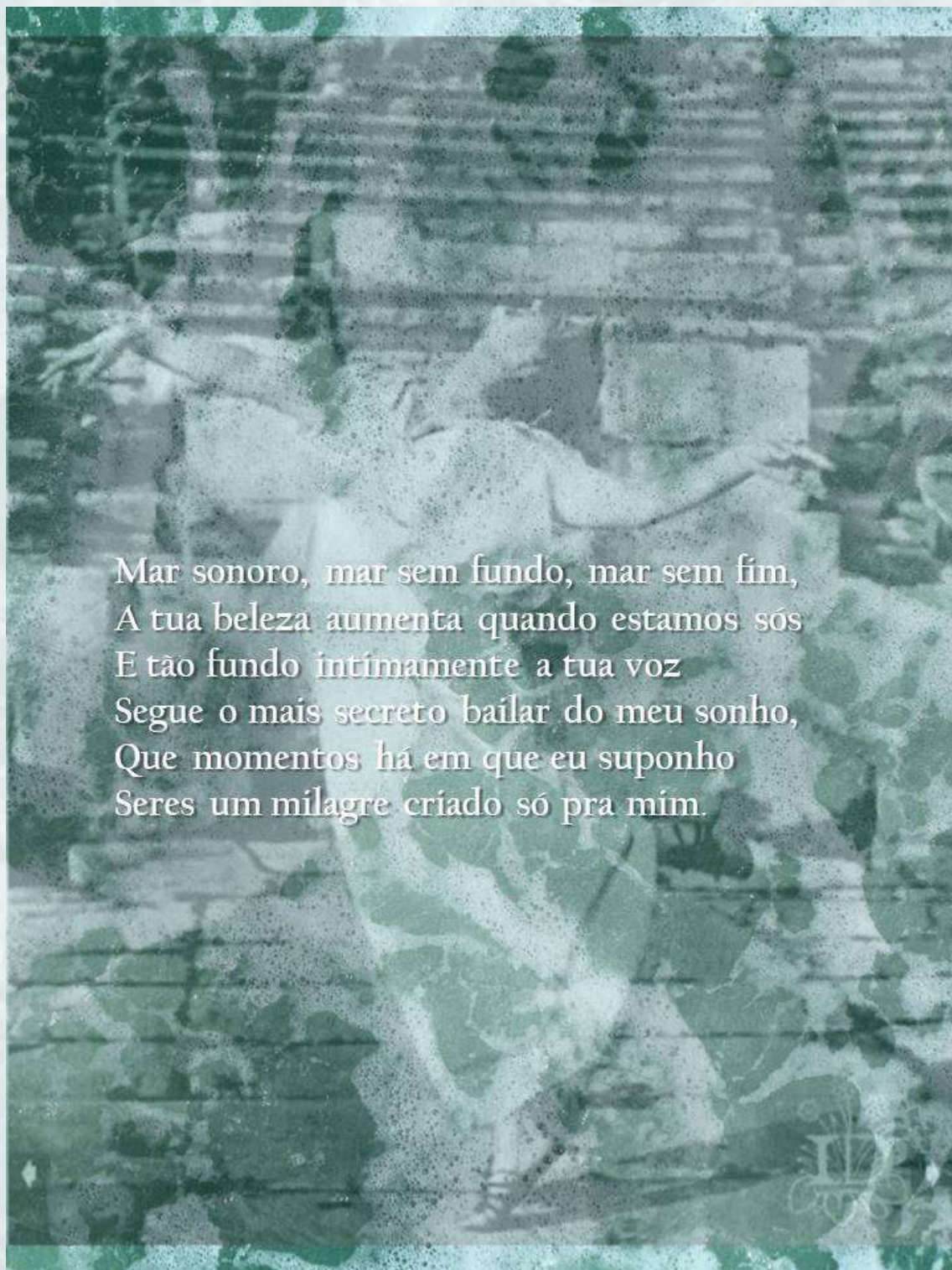
Em Creta onde o Minotauro reina atravessei a vaga
De olhos abertos inteiramente acordada
Sem drogas e sem filtro
Só vinho bebido em frente da solenidade das coisas –
Porque pertencio a raça daqueles que percorrem o labirinto
Sem jamais perderem o fio de linho da palavra

¹²³ Sophia de Mello Breyner Andresen. *O Minotauro*. 2015, pp. 628-629.

Se for este¹²⁴, vá para o feitiço de número 13 e se entregue aos toques-transformações do encantamento...



¹²⁴ *Fragmento de Safo (equivalente ao Fr. 31 V)* – tradução de Joaquim Brasil Fontes, (2003, pp. 378-379).

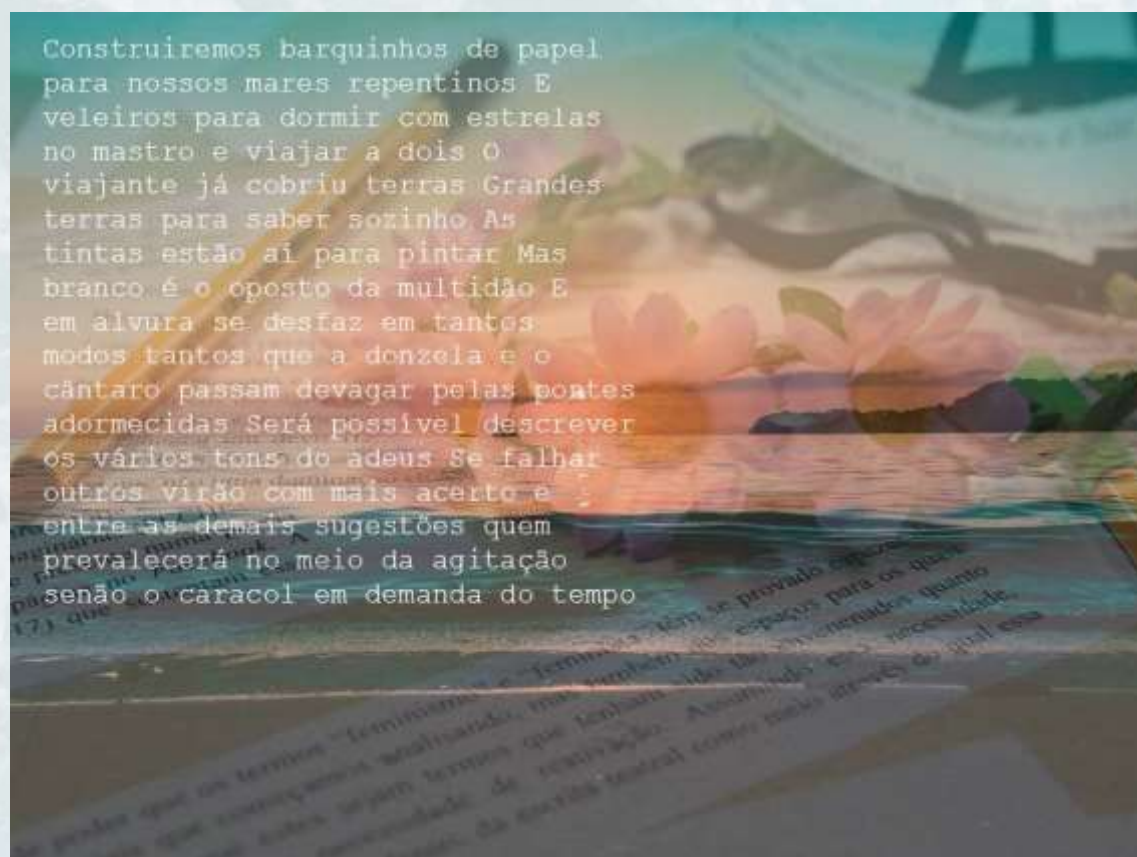


Mar sonoro, mar sem fundo, mar sem fim,
A tua beleza aumenta quando estamos sós
E tão fundo intimamente a tua voz
Segue o mais secreto bailar do meu sonho,
Que momentos há em que eu suponho
Seres um milagre criado só pra mim.

Se for este¹²⁵, vá para o feitiço de número 9 e se entregue aos toques-transformações do encantamento...

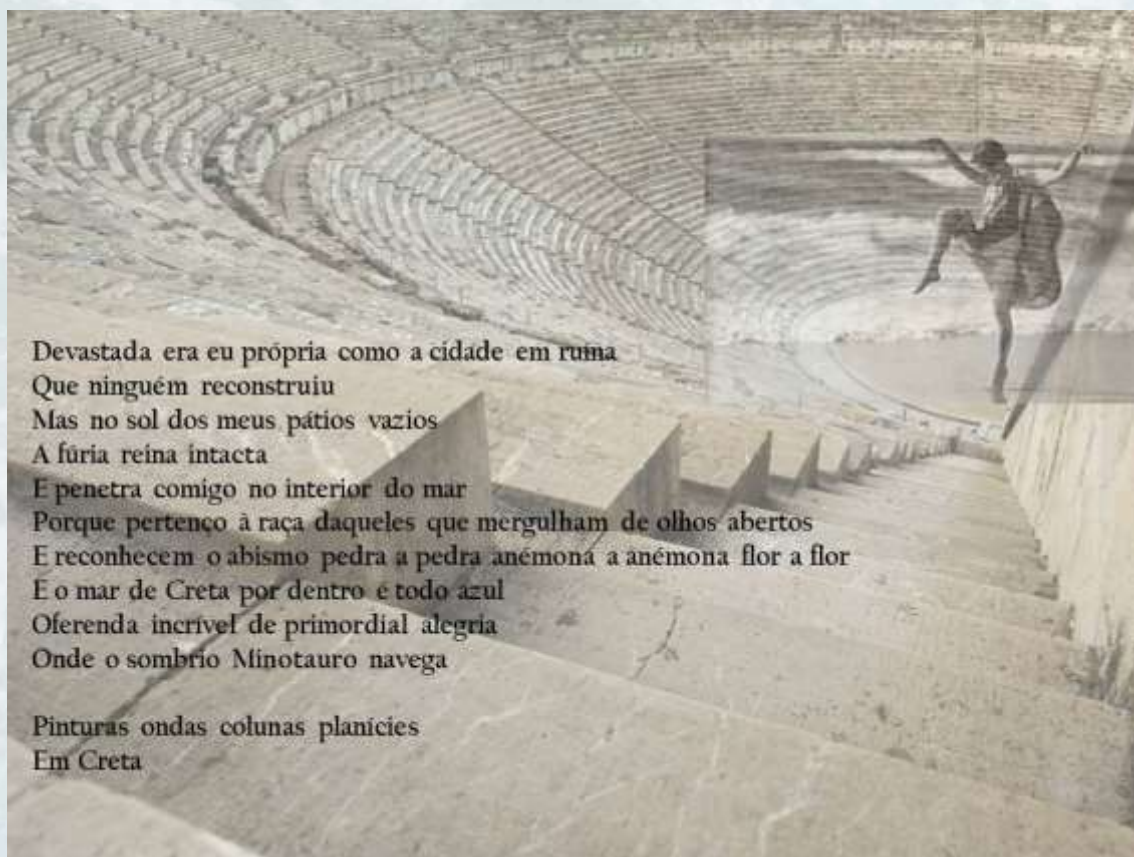
¹²⁵ Sophia de Mello Breyner Andresen. *Mar sonoro*. 2015, p. 128.

Se for este¹²⁶, vá para o feitiço de número 6 e se entregue aos toques-transformações do encantamento...



¹²⁶ Dora Vasconcellos. *Momento*. 1963, p. 35.

Se for este¹²⁷, vá para o feitiço de número 1 e se entregue aos toques-transformações do encantamento...



¹²⁷ Sophia de Mello Breyner Andresen. *O Minotauro*. 2015, pp. 628-629.

Se for este¹²⁸, vá para o feitiço de número 10 e se entregue aos toques-transformações do encantamento...

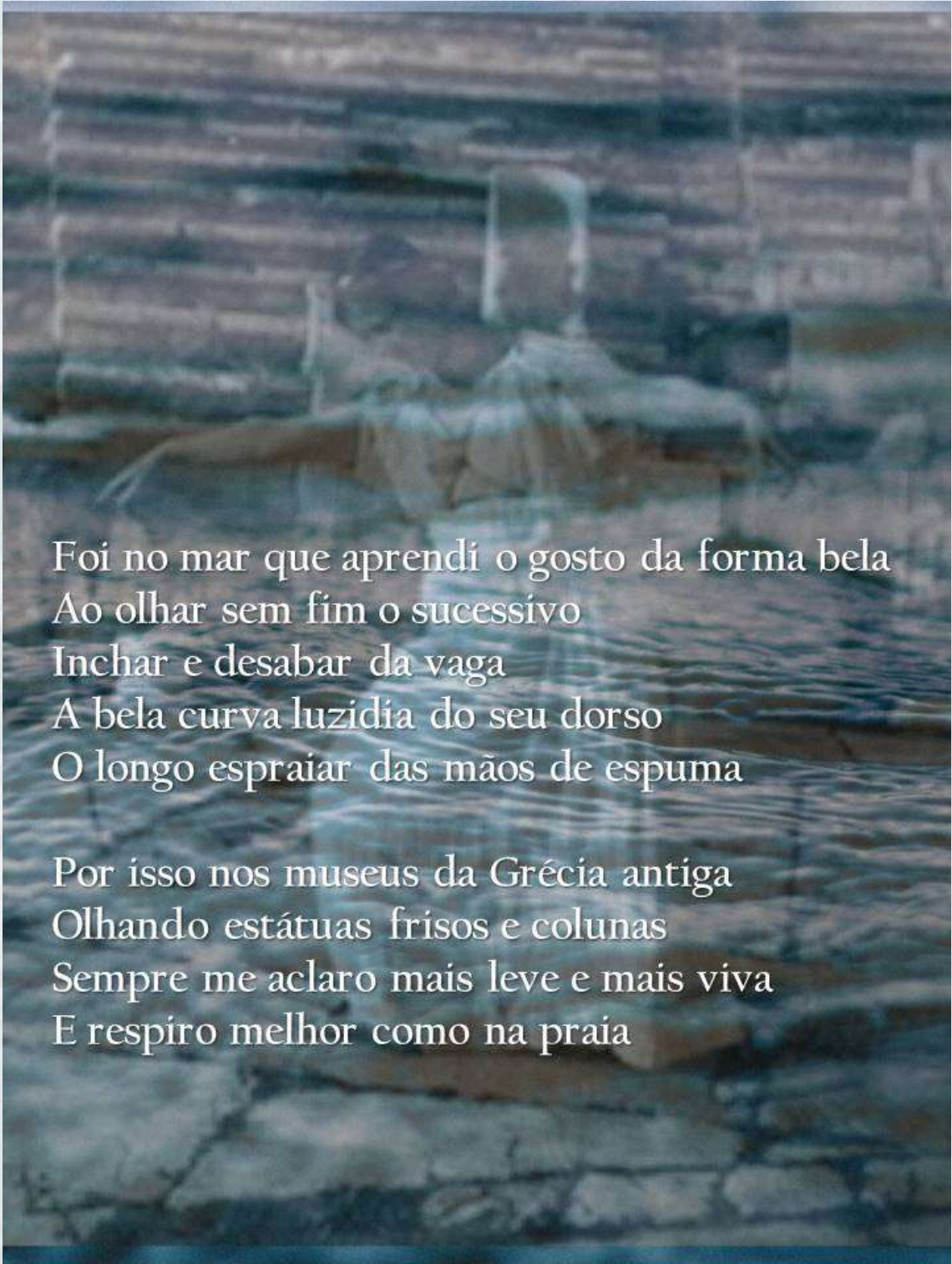


¹²⁸ *Fragmento de Safo*, tradução de Joaquim Brasil Fontes (2003, pp. 442-443).

Se for este¹²⁹, vá para o feitiço de número 20 e se entregue aos toques-transformações do encantamento...



¹²⁹ Sophia de Mello Breyner Andresen. *Liberdade*. 2015, p. 372.



Foi no mar que aprendi o gosto da forma bela
Ao olhar sem fim o sucessivo
Inchar e desabar da vaga
A bela curva luzidia do seu dorso
O longo espraiar das mãos de espuma

Por isso nos museus da Grécia antiga
Olhando estátuas frisos e colunas
Sempre me aclaro mais leve e mais viva
E respiro melhor como na praia

Se for este¹³⁰, vá para o feitiço de número 16 e se entregue aos toques-transformações do encantamento...

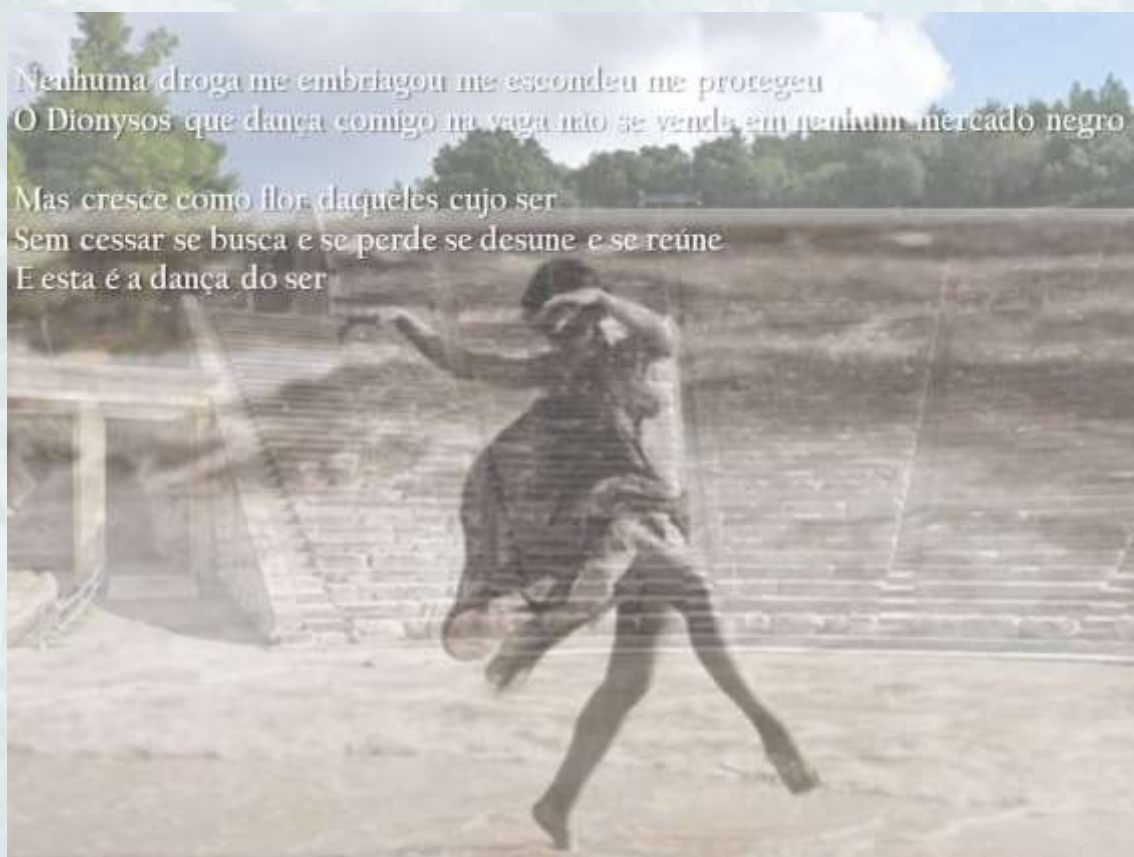
¹³⁰ Sophia de Mello Breyner Andresen. *Foi no mar que aprendi*. 2015, p. 863.

Se for este¹³¹, vá para o feitiço de número 3 e se entregue aos toques-transformações do encantamento...



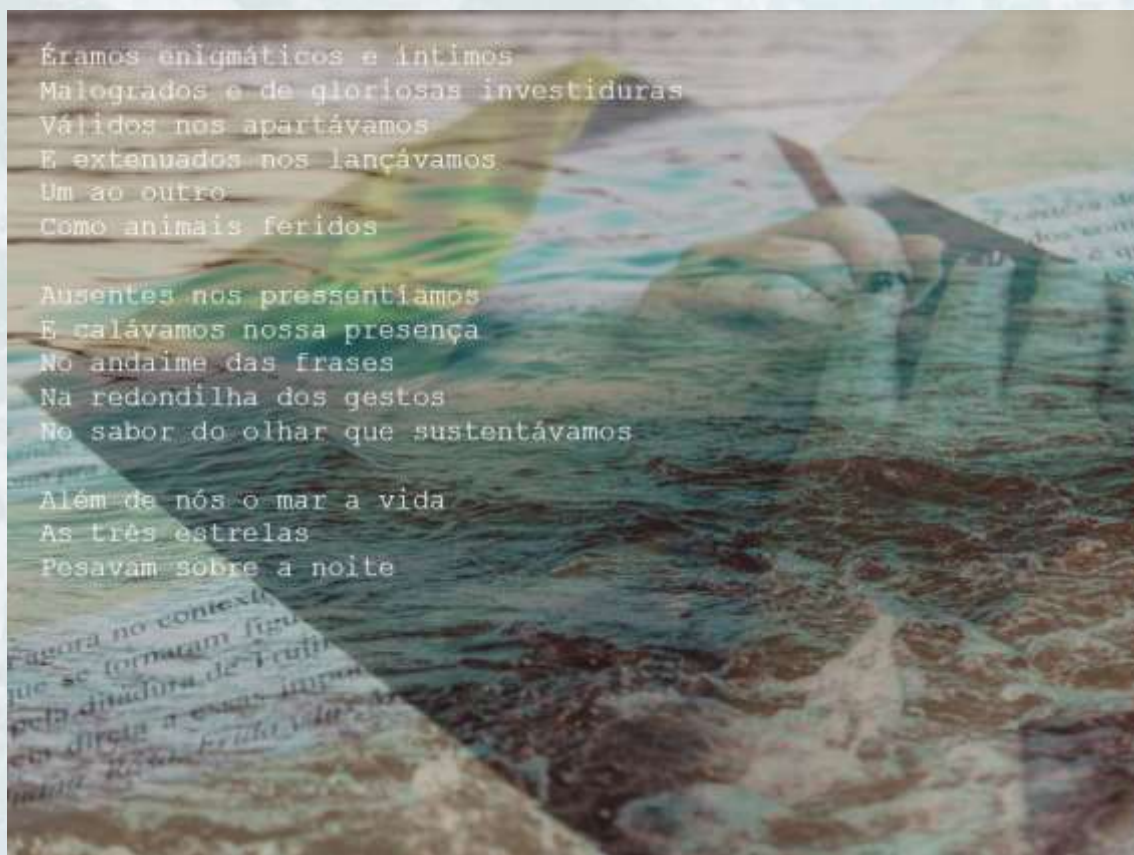
¹³¹ Dora Vasconcellos. *De tarde*. 1963, pp. 32-33.

Se for este¹³², vá para o feitiço de número 4 e se entregue aos toques-transformações do encantamento...



¹³² Sophia de Mello Breyner Andresen. *O Minotauro*. 2015, pp. 628-629.

Se for este¹³³, vá para o feitiço de número 8 e se entregue aos toques-transformações do encantamento...



Éramos enigmáticos e íntimos
Malogrados e de gloriosas investidas
Válidos nos apartávamos
E extenuados nos lançávamos
Um ao outro
Como animais feridos

Ausentes nos pressentíamos
E calávamos nossa presença
No andaime das frases
Na redondilha dos gestos
No sabor do olhar que sustentávamos

Além de nós o mar a vida
As três estrelas
Pesavam sobre a noite

¹³³ Dora Vasconcellos. *Êxtase*. 1958, pp. 172-174.

Se for este¹³⁴, vá para o feitiço de número 19 e se entregue aos toques-transformações do encantamento...



¹³⁴ Sophia de Mello Breyner Andresen. *Mar*. 2015, p. 914.



Se for este¹³⁵, vá para o feitiço de número 14 e se entregue aos toques-transformações do encantamento...

¹³⁵ Sophia de Mello Breyner Andresen. *Mar*. 2015, p. 65.

Se for este¹³⁶, vá para o feitiço de número 7 e se entregue aos toques-transformações do encantamento...



¹³⁶ Dora Vasconcellos. *Moldura*. 1963, p. 41.

Se for este¹³⁷, vá para o feitiço de número 2 e se entregue aos toques-transformações do encantamento...



vem, de Kreta até mim, no templo
santo deste bosque deleitoso
de macieiras, que é teu, e onde queima nos altares
incenso perfumado;

aqui, a água fria rumoreja entre ramos
de macieiras; recobre este lugar uma sombra
de rosas; das folhas trêmulas um sortilégio
escorre;

¹³⁷ *Fragmento de Safo (equivalente ao Fr. 2 V)*, tradução de Joaquim Brasil Fontes (2003, pp. 380-381).



Ajudada por vós posso fazer
Que os rios entre as margens espantadas
Voltem correndo até suas fontes.
Posso espalhar a calma sobre os mares
Ou enchê-los de espumas e fundas ondas,
Posso chamar a mim os ventos, posso
Larga-los cavalgando nos espaços.

Se for este¹³⁸, vá para o feitiço de número 5 e se entregue aos toques-transformações do encantamento...

¹³⁸ Sophia de Mello Breyner Andresen. *Medeia*. 2015, p. 181.

Se for este¹³⁹, vá para o feitiço de número 15 e se entregue aos toques-transformações do encantamento...



¹³⁹ Dora Vasconcellos. *Terreno Baldio*. 1963, pp. 122-124.

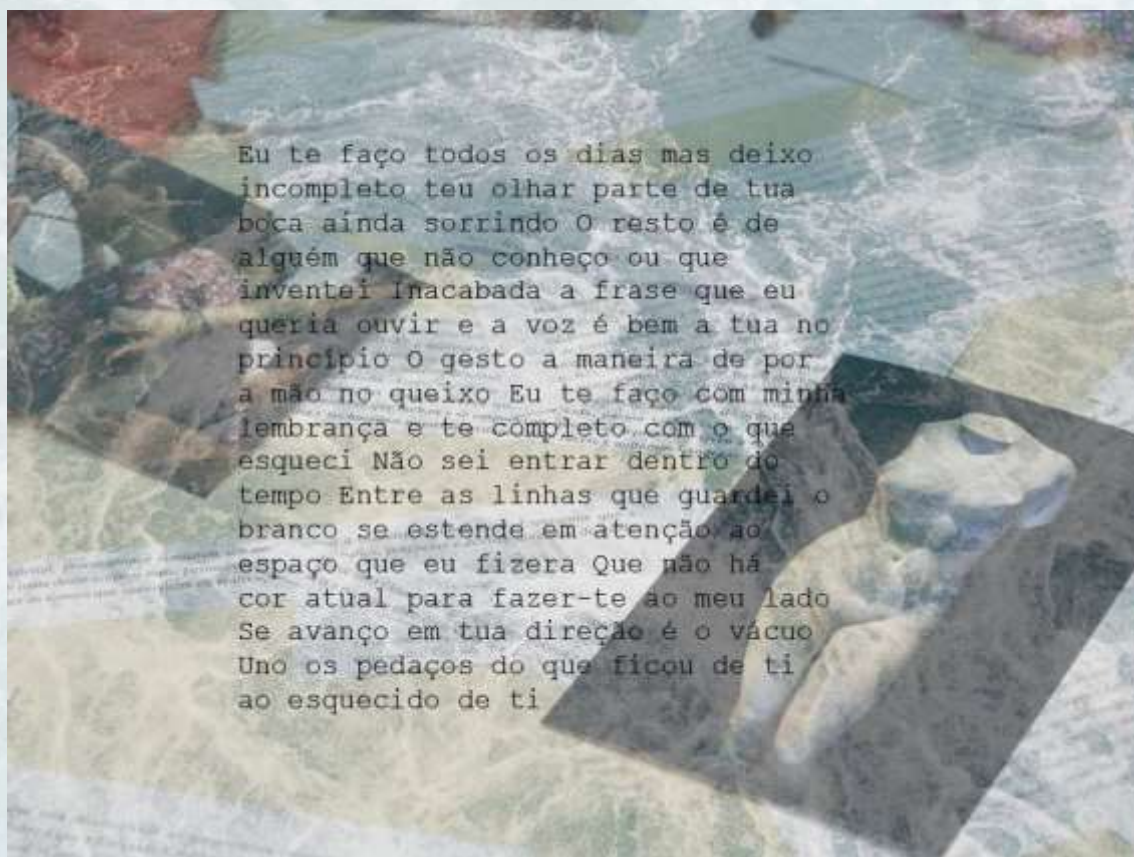
Se for este¹⁴⁰, vá para o feitiço de número 18 e se entregue aos toques-transformações do encantamento...



É um batalhão de infantes – ou de cavaleiros
– dizem outros que é uma frota de negras naus
a mais linda coisa sobre a terra – para mim,
é quem tu amas.

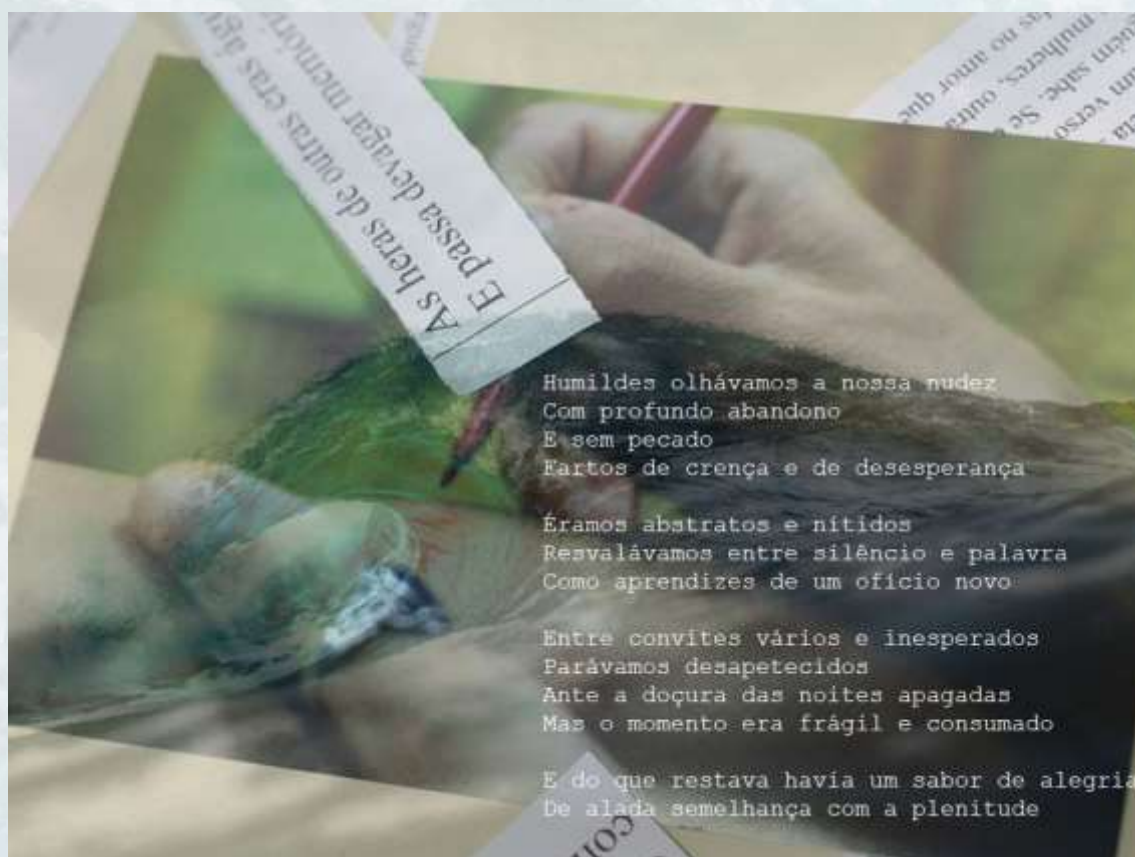
¹⁴⁰ *Fragmento de Safo (equivalente ao Fr.16 V)*, tradução de Joaquim Brasil Fontes (2003, pp. 384-385).

Se for este¹⁴¹, vá para o feitiço de número 12 e se entregue aos toques-transformações do encantamento...

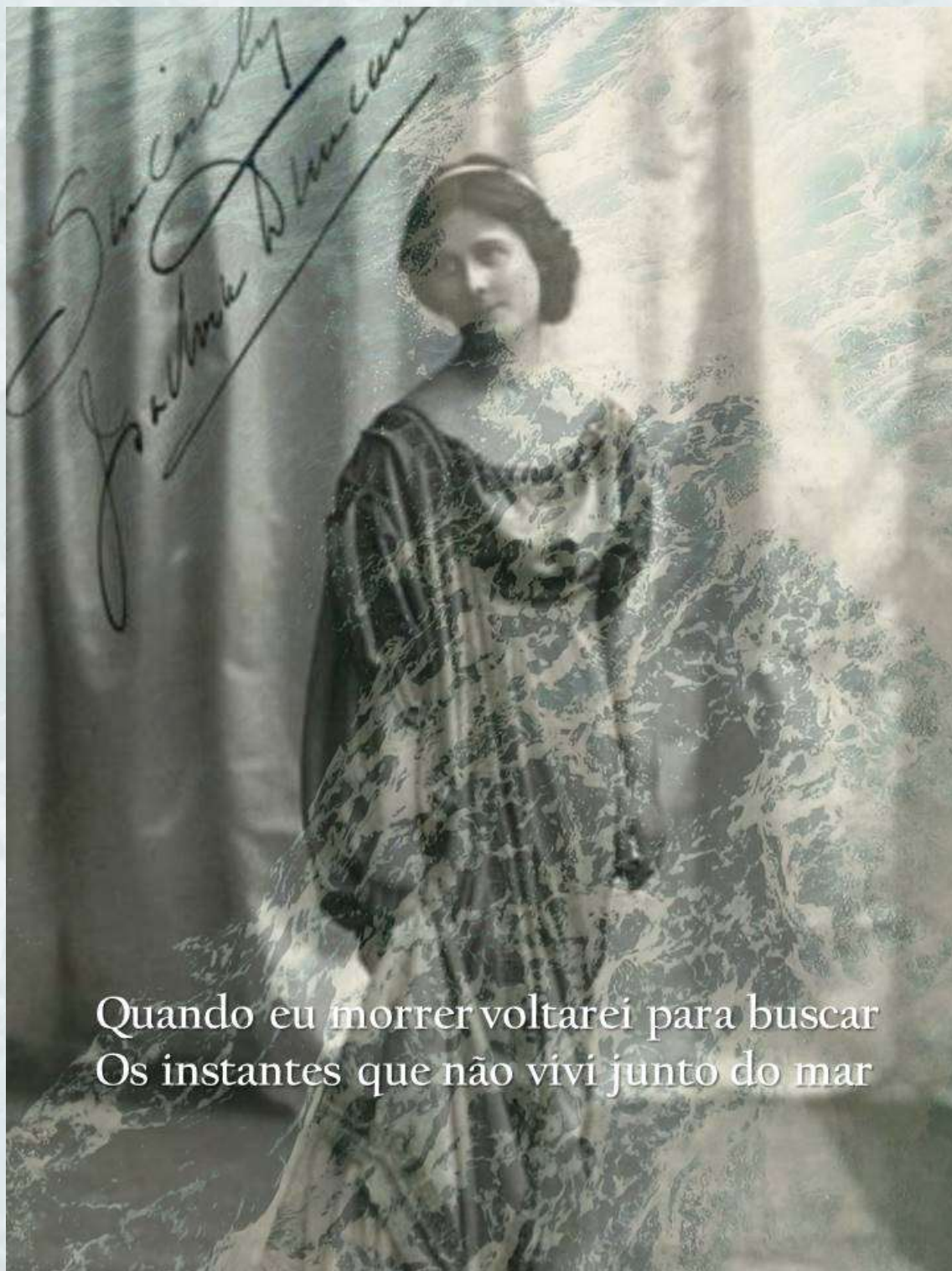


¹⁴¹ Dora Vasconcellos. *Moldura*. 1963, p. 41.

Se for este¹⁴², vá para o feitiço de número 17 e se entregue aos toques-transformações do encantamento...



¹⁴² Dora Vasconcellos. *Êxtase*. 1958, pp. 172-174.



Se for este¹⁴³, vá para o feitiço de número **11** e se entregue aos toques-transformações do encantamento...

¹⁴³ Sophia de Mello Breyner Andresen. *Inscrição*. 2015, p. 464.

Encantamentos:

1. Ouça essa música e dance com o seu fragmento: Beginning of the Earth (Reclaiming Chants: Ritual Music)
<https://www.youtube.com/watch?v=IIUiDDwVMRI>
2. Cante para o seu fragmento.
3. Pergunte ao objeto numerado com o número 1 no seu altar como se deixar afetar pelo seu fragmento.
4. Escreva um verso para o seu fragmento.
5. Recite o seu fragmento para uma máquina. Ouça a resposta dela.
6. Escreva uma memória para o seu fragmento.
7. Sonhe com o seu fragmento.
8. Conte uma história para o seu fragmento.
9. Caminhe dizendo o seu fragmento em voz alta.
10. Recite o seu fragmento para outra forma de vida.
11. Acaricie com o seu fragmento.
12. Conte um segredo para o seu fragmento.
13. Escreva uma pergunta para o seu fragmento. Ouça o que ele lhe responde.
14. Pergunte ao objeto numerado com o número 2 no seu altar como se deixar afetar pelo seu fragmento.
15. Descubra como sentir o sabor do seu fragmento.
16. Tome banho com o seu fragmento. Leci Brandão – Saudação à Oxum:
<https://www.youtube.com/watch?v=evu35yrlyVg>
17. Invente um jeito de sentir o cheiro do seu fragmento.
18. Pergunte ao objeto numerado com o número 3 no seu altar como se deixar afetar pelo seu fragmento.
19. Brinque com o seu fragmento.
20. Dê outro corpo ao seu fragmento.
21. Faça amor com o seu fragmento. Melodia Sentimental – Monica Salmaso:
<https://www.youtube.com/watch?v=gMrLEBXCnk>

Capítulo 3 – Entre flores e frutos: divagação poética afetada pelos desejos da terra

Entre o erótico e o fértil

Vem de Creta até mim, para cá, neste templo
sagrado, em meio ao teu gracioso bosque de
macieiras, em cujos altares dançam
inebriantes espirais de incenso

Aqui a água fresca murmura entre ramos e
maçãs, a sombra das roseiras sobre tudo
tece um véu, das folhas tremeluzentes
escorre um torpor de sonho

E o prado por onde pastam teus cavalos viceja
extasiado com tenras ervas e ternas flores
ao sabor dos ventos férteis que sobre a
relva exalam carícias doces

E quando chegares, ó Cípris verdejante, toma
em tuas róseas mãos as áureas taças e
mistura o néctar da vida eterna
à alegria do vinho vertido¹⁴⁴

Envolto na doçura do poema de Caetano Veloso, suavemente derramada pela voz de Maria Bethânia: <https://www.youtube.com/watch?v=kVDC5tSoIkY>

Tomado pelas potências sáficas – eróticas e afrodisíacas – o Ilha Desconhecida atravessou as brumas da ficção e deu-se à praia, ou melhor, fez-se praia. Já não é mais possível dizer o que era barco e o que veio a ser ilha. No exato momento em que as divindades invocadas tocaram a embarcação, do conjunto arranjado de tábuas de madeira, obra calculada da engenharia humana, aconteceu-se floresta: criação divina e, ao mesmo tempo, anarquia natural, das quais o humano também participa.

Anarquia não porque desordem, mas porque uma ordem de outra ordem – comunal, exigentemente participativa, *uma anarquia ecológica, porque ainda que as conexões possam ser produzidas entre quaisquer partes (...), elas também devem ser produzidas. Elas são acontecimentos, ligações (...) aquilo que é e permanecerá heterogêneo*

¹⁴⁴ Carolina Scartezini, 2020, p. 123. Recriação de fragmento sáfico, livremente inspirada na tradução e nos estudos de Giuliana Ragusa sobre o *Fr. 2 V* de Safo de Lesbos (RAGUSA, 2005, p. 196).

(STENGERS, 2017, p. 5). Cada forma de vida ali acolhida se fez necessária e responsável pelo equilíbrio flutuante e cambiante que foi estabelecendo com cada uma das demais. Uma floresta só pode existir num conjunto muito delicado e imbricado de relações, tecidas de acordo com a visão sob a luz das estrelas – não formas isoladas, mas padrões. Encontros.

E criação divina... Porém, não no sentido da atuação de forças transcendentais, puramente externas. As divindades invocadas, Afrodite e Oxum, ao tocarem e transformarem, participam, elas mesmas, dos dons que fazem outra vez presentes. Para Starhawk, o que sustenta a vida numa floresta, como em qualquer outro ecossistema, é exatamente a mesma potência divina que anima, segundo Joaquim Brasil Fontes (p. 209), toda a poesia de Safo – o erótico.

Dentro da *Reclaiming*, assim como nas culturas de diversos povos originários, tudo o que existe, tudo o que vibra, pulsa e brilha, está vivo e cheio de desejo. E tudo o que o desejo move é sagrado. O próprio desejo é divino. A Deusa fala: todos os atos de amor e prazer – os atos do desejo – são meus rituais. Nossa embarcação, plena desse amor erótico, foi por ele transformada nesta outra forma de vida – levando todas as parcerias da pesquisa consigo, se fez ilha e se reflorestou. Há florestas que dão excelente madeira para as embarcações. E agora sabemos que há embarcações que dão excelente matéria para florestas... Foi o caso do Ilha Desconhecida.

Ao embarcarem com a pesquisa nessa aventura das ciências, Afrodite e Oxum souberam e fizeram saber de novo o antigo mistério: as forças que movem o humano são as mesmas forças que movem toda a natureza. *O Desejo (...) reúne os elementos da matéria e explica a união dos seres; e das palavras e ritmos. Eros liga o homem à natureza, revela sua presença ao cosmos: dele brotam os entes, as melodias e as lendas* (BRASIL FONTES, 2003, p. 258).

Souberam e fizeram saber – saber com a língua, saber com a pele, saber do corpo. Saber que o humano é também natureza e que a natureza é também ciência e cultura: conhecimentos e cultivos. O divino está em tudo, tudo atravessa, tudo é e tudo o que toca, transforma e tudo transforma quando toca.

Agora é preciso realizar o ato mágico de escrever-lhe o novo nome. Foi isso o que fizeram o homem e a mulher de Saramago ao despertarem do sonho visionário que transformou barco em ilha. Mas é preciso que o ato de nomear seja um ato de abençoar –

dar nome pode ser também uma lembrança do sagrado. Seguindo uma antiga tradição, é possível que a ação de nomear a ilha que está se revelando dê notícias da aliança estabelecida entre ela e as potências divinas que foram invocadas para animá-la, nutri-la e protegê-la.

Na bruxaria, muitos são os rituais ligados à benção da fertilidade, tanto à humana, quanto à da terra e de todas as demais formas de vida. Em sua compilação de mitos, feitiços e rituais da *stregheria Aradia, o evangelho das bruxas*, Charles G. Leland (2000, p.77-80) retoma um desses encantamentos que relembra antigos vínculos entre a Deusa, especialmente em seu aspecto de doadora da sexualidade e da fertilidade, e deuses da vegetação e da vida selvagem, como o romano Baco, o grego Dioniso e o celta Cernunnos.

Entre as *streghe*, as bruxas italianas de quem Leland colheu um feitiço que pode ser utilizado nesse tipo de ritual, a Deusa é chamada de Diana e é uma deusa lunar, intimamente ligada a todos os ciclos da natureza, ao amor e à magia. Porém, assim como são muitos os rituais para a fertilidade, são inúmeras as deusas – ou, para as bruxas, as faces ou aspectos da Deusa – que trazem integradas as potências da paixão e da proliferação de vidas entre seus atributos.

A Afrodite da *Teogonia*, ao finalmente sair do mar e tocar com os pés divinos o solo de Chipre, imediatamente faz com que ao redor deles cresça a relva. Segundo o estudo de Giuliana Ragusa (2005), há muitos sinais de que, na Antiguidade, Afrodite tenha sido tão responsável pela fertilidade da terra e a proliferação de formas de vida vegetais e animais, quanto pelas paixões e gerações de deuses e humanos. E tudo indica que tanto a ilha de Chipre, quanto a de Lesbos, onde vigoraram importantes cultos a esta deusa, tenham sido de fato, à época em que Safo compôs a poesia dela, lugares muito prósperos e férteis.

Também Oxum, de acordo com histórias sagradas que a cercam, tem como atributo a fertilidade de todos os seres, além de reger o amor, a beleza e a sedução. Na compilação organizada por Reginaldo Prandi (2001, p. 345), há uma história em que Oxum usa desse dom para convencer os orixás masculinos da importância do feminino e da necessidade de se ouvir as orixás na tomada das decisões que envolvam os viventes. Esta mesma história sagrada já havia sido repetida por Pierre Fatumbi Verger (2018, p. 180). Sem Oxum, a vida não se multiplica, nem se renova, os animais não procriam, nem a terra prospera. Nada nasce, nada nutre nem é nutrido. A fertilidade do solo está diretamente vinculada à presença



da água doce, da qual todas as formas de vida predominantemente terrestres e outras tantas aquáticas dependem para viver.

Juntamente com Afrodite e Oxum, há outras tantas divindades femininas a quem foram atribuídas, simultaneamente, os dons do amor erótico e da fecundidade dos seres. A própria Giuliana Ragusa, ao investigar as origens da deusa grega em questão, traz à tona outras divindades, a fenícia Astarte e a assíria Ishtar que também faziam presentes as potências eróticas doadoras de vida e ainda lembravam ao humano dos fluxos e ciclos do mundo todo vivo do qual ele mesmo fazia parte.

Segundo Starhawk (2018), a arqueóloga Marija Gimbutas, herdeira direta de uma espiritualidade centrada na terra (o país em que ela nasceu e cresceu, a Lituânia, foi o último país da Europa a ser cristianizado),

chamou atenção para algumas dessas imagens e desenhos que ela encontrou por toda a Europa no período que chamou de Europa Antiga – do início do Neolítico até cerca de 3500 a.C. Foi nesse momento que ocorreu a transição das culturas de caça-coleta para o início da agricultura e todas essas coisas que nós gostamos de chamar de civilização: a cerâmica, a arquitetura, a tecelagem, a confecção de roupas e, a partir de determinado momento, a escrita. Havia culturas que honravam o fluxo da vida, considerando-o feminino e conectando-se integralmente com ele. (STARHAWK, 2018, p. 56)

Ao encontrar um número muito grande dessas pequenas imagens – que terminaram sendo genericamente chamadas de *Vênus* por outros pesquisadores, Gimbutas percebeu que outro mundo era possível e se arriscou a dar voz à outra história das sociedades primitivas. Nesta versão, entre as narrativas já dadas sobre um passado sempre violento, sempre entre caçadores e guerreiros que disputavam ora a caça, ora as fêmeas, ora os territórios, ela viu povos cujas espiritualidades centradas na terra e nos ciclos naturais honravam a vida em todas as suas manifestações. E o faziam no feminino. As teorias dela suscitaram pesadas críticas, algumas de fato preocupadas com os métodos empregados pela pesquisadora, mas muitas focadas apenas em destruir a possibilidade de que mundos outros se proliferassem no passado e acabassem tendo a chance de afetar o presente.

E quais afetos temidos poderiam ser estes? Que perigos a versão centrada na terra e no feminino de Marija Gimbutas poderia oferecer à sociedade ocidental do século XX, na qual a arqueóloga estava inserida?

Antes de testarmos uma possível resposta a estas perguntas, é preciso recuperar um mito, aquele que orienta todo o calendário mágico da bruxaria. Trata-se do mito da Roda do Ano, que envolve tanto o sagrado feminino – a Deusa – quanto o aspecto dela no sagrado masculino – o Deus – e que acompanha o ciclo da vida, desde a concepção até a morte e o renascimento.

Entre o terreno e o divino

Um mito potente, bem acompanhado por esta bela canção na voz de Cássia Eller: <https://www.youtube.com/watch?v=4HkRcDWgDpc> .

Ao longo dos oito pontos da Roda do Ano, chamados pelas bruxas de Sabbats, tanto a Deusa quanto o Deus se transformam. Ela se torna Donzela, Mãe e Anciã. Ele vai de Criança da Luz a Guardião da Fronteira entre a vida e a morte. Pelo meio deste ciclo, eles se fazem mãe e filho, amantes, oponentes, complementares. O Deus é, ao mesmo tempo, pai e filho, luz e sombra. Ele se sacrifica pela terra para poder renascer dela. Fecundação, gestação, nascimento, crescimento, florescimento, frutificação, declínio e morte se tocam e se transformam e toda a natureza dança de acordo com este ritmo.

O que mantém a Roda girando continuamente é o eterno desejo pelo reencontro amoroso – *Eros, tecelão de mitos*¹⁴⁵. *Eros, força primordial que reúne e fecunda os elementos da matéria, enquanto causa e fim do mundo* (BRASIL FONTES, 2003, p. 254). Eros, na surpresa do novo, no prazer do encontro, no horror da perda, na dor da saudade, na coragem da entrega, na paixão do reencontro, na esperança do recomeço, de novo, outra vez, agora...

Apesar do mito em questão ter sido concebido de acordo com as passagens muito bem delineadas das Estações no Hemisfério Norte, onde o ciclo entre o enterrar das sementes no silêncio do Inverno e o êxtase da vida no auge do Verão é bastante notável, o mistério que ele engendra e ensina pode ser vivido tanto em escala macrocósmica, quanto em escala microcósmica. É o mistério da vida e do amor que se fazem eternos, não porque imutáveis, mas sim pela infinita transformação e que nos recorda de que o divino não precisa estar apartado deste mundo, pode (e, para as bruxas, precisa) ser vivido nele.

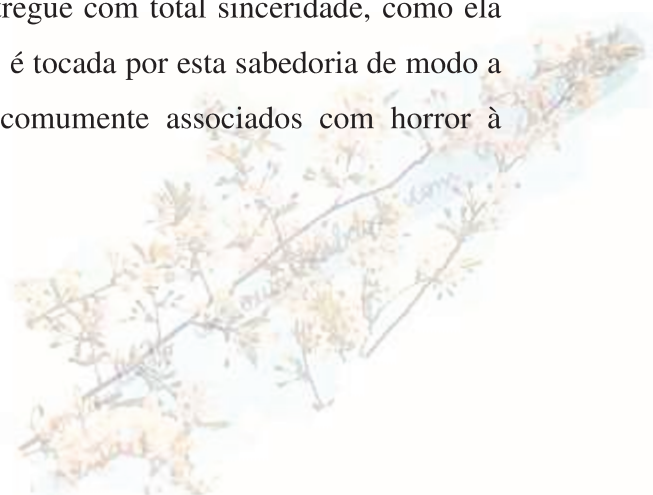
¹⁴⁵ Fragmento de Safo, trad. Brasil Fontes, 2003, pp. 408-409.

Em um de seus poemas, Judith Teixeira, entregue com total sinceridade, como ela mesma se dizia¹⁴⁶, e desassombro à força da luxúria, é tocada por esta sabedoria de modo a vislumbrar que mesmo os decompositores, seres comumente associados com horror à finitude dos corpos, agem movidos por Eros:



Acaba-se um amor...
há outro, outro ainda,
e outro e outro após!
O amor não finda!
Essa flama de oiro e sangue,
fulva e irisada,
anda presa a nós,
latente,
teimosa,
e indomada!...

Nada é triste, afinal.
A vida foi sempre alegre
e sensual!
Até a morte
se multiplica em vidas
no quietismo sombrio dos covais...
E os ínfimos vermes,
sobre as nossas carnes
arrefecidas,
têm bodas alegres,
em férvidas bacanais!
(A Vida. 2015, p. 133)



É sabido que os decompositores, estes seres maravilhosos que ajudam a transformar matéria orgânica morta em matéria inorgânica capaz de alimentar novas vidas, se reproduzem de diversas maneiras, algumas delas consideradas pelos cientistas como assexuadas. Porém, dada a eficácia do trabalho que realizam e que ajuda, por exemplo, a nutrir o solo de uma floresta para que mais viventes possam nascer e crescer, se pode reconhecer que as *bodas alegres* e *férvidas bacanais* judithianas são um lindo jeito de dizer da participação desses seres no tecido erótico que anima o universo e faz a Roda continuar girando...

Para as bruxas (e outros povos ditos pagãos e neopagãos), a Terra é inteira sagrada. A Deusa, em todos os aspectos dela, inclusive nos masculinos, é imanente, o mundo dela é também este mundo, mais que isso, ela *é* o mundo. Ela não se encontra distante daqui, intangível. Ela está em absolutamente tudo que se entrega aos toques-transformações. Ela está em tudo aquilo que o erótico atravessa, está nas relações que essa potência divina cria

¹⁴⁶ Judith Teixeira. *De mim*. 2015, pp. 279-296.

entre os vivos. Assim, tudo aquilo que é visto pela cultura capitalista como recursos naturais a serem explorados, para os povos cujas espiritualidades são centradas nos fluxos, ritmos e ciclos da natureza, é o próprio sagrado a ser honrado, respeitado, protegido. Retomaremos isso em breve, pois pode dar resposta a muitas perguntas e vida a outras tantas.

Agora é de acordo com esta compreensão que o solo sagrado em que a escrita veio se dar deseja ser nomeado. Starhawk explica a importante eficácia dessa aliança entre o sagrado e a terra da qual a nossa ilha deseja participar:

To say that this earth is sacred is to take a very radical position, for what is sacred cannot be defiled or exploited. What is sacred has a value inherent in itself, that cannot be measured by any other standard or weighted by a profit-and-loss accounting system. If we hold the forest sacred, we cannot clear-cut the last stands of old growth, no matter how many short-term jobs that might provide. If we honor the diversity of living things, we must be willing to preserve other species. If the air is sacred to us, we can't sit by and run our air conditioning as the ozone is destroyed. What is sacred is what we are willing to sacrifice for.¹⁴⁷ (STARHAWK, 2010a, p. 19)

Dessa maneira, dizer que a ilha que estamos começando a habitar está viva e é sagrada é dizer que o jeito como ela será cultivada, as relações que se estabelecerão com ela devem sempre e antes de mais nada honrar o divino nela. E, novamente, como a própria Starhawk clama, aqui honrar o divino na terra é também honrar o erótico, uma vez que:

(...) if we experience the earth as living being, then in all honesty I think we have to admit that she's an erotic being. How else do we explain fireflies, mangos, the unfurling of ferns? We are part of an erotic being in an erotic universe, whose deepest purposes seem to be served by getting various creatures to rub against each other in a wide variety of ways. Erotic energy holds the universe together. What is gravity but the desire of one body for another? When we hold the erotic as sacred, we say that our capacity for pleasure has a value in and of itself, that in fact it is one of the ways in which we connect with the deepest purposes of the universe.¹⁴⁸ (STARHAWK, 2010a, p. 19)

¹⁴⁷ Dizer que esta terra é sagrada é assumir uma posição muito radical, pois o que é sagrado não pode ser contaminado ou explorado. O que é sagrado tem um valor inerente a si mesmo, que não pode ser medido por nenhum outro padrão ou ponderado por um sistema contábil como um balanço de perdas e ganhos. Se considerarmos a floresta sagrada, não podemos limpar as últimas áreas de árvores antigas sobreviventes, não importa quantos empregos de curto prazo possam oferecer. Se honramos a diversidade de seres vivos, devemos estar dispostos a preservar outras espécies. Se o ar é sagrado para nós, não podemos sentar e acionar o ar condicionado enquanto o ozônio é destruído. O que é sagrado é aquilo pelo que estamos dispostos a fazer sacrifícios.

¹⁴⁸ (...) se experimentamos a Terra como um ser vivo, com toda a honestidade, acho que temos que admitir que ela é um ser erótico. De que outra forma podemos explicar vaga-lumes, mangas, o desenrolar das

Starhawk torna notável, ademais, que esta visão das relações entre a terra, o erótico e o prazer ainda confere à questão do amor e da paixão entre pessoas em suas mais variadas manifestações, inclusive as lésbicas – no sentido atual do termo – outra potência. Se todo amor é sagrado e todo prazer é sagrado, deixa de ser necessário tornar fixos identidades e papéis entre amantes para se defender o direito a qualquer maneira consensual de amar, embora continue sendo possível o fazer dessa forma.

Também se torna desnecessário aderir a debates, frequentemente envenenados, a respeito da origem e da finalidade dos amores, uma vez que a própria potência erótica se revela como *causa e fim*. Quaisquer que sejam os prazeres, desde que experimentados em perfeito amor e perfeita confiança, vêm da paixão divina da vida e a ela servem, de um jeito ou de outro. A questão, que já era pessoal e política, ganha também uma dimensão espiritual e comunal quando o prazer nos religa aos propósitos eróticos da vida. Então, passa a ser possível reunir outros heterogêneos para ajudar a lutar por ela, aqueles que defendem a liberdade humana de buscar modos de estar com o sagrado e aqueles que entendem que a própria vida é sagrada.

Assim, para que seja sagrada e honrada, atravessada pelas potências eróticas que dão vida e ritmo ao universo, seja dado à Ilha Desconhecida, com muito prazer, um novo nome – Minha Lesbos.

Entre usos e abusos

Agora podemos recuperar a questão das implicações entre as espiritualidades centradas na terra e os interesses capitalistas, para termos clareza a respeito dos usos que faremos juntas desse solo sagrado e erótico. Também é preciso ter consciência daqueles usos dos quais precisaremos nos precaver para evitar que Minha Lesbos venha a ser abusada, como tantas terras sagradas têm sido. Para tanto, é necessário olharmos outra vez para o momento em que estas duas forças – o espírito da terra e o espírito capitalista – começaram a entrar em conflito, pois isso pode nos dar importantes conhecimentos que nos ajudem a escapar de maus encontros.

samambaias? Fazemos parte de um ser erótico em um universo erótico, cujos propósitos mais profundos parecem ser servidos ao fazer com que várias criaturas se esfreguem umas nas outras de várias maneiras. A energia erótica mantém o universo unido. O que é a gravidade senão o desejo de um corpo por outro? Quando consideramos o erótico sagrado, dizemos que nossa capacidade de prazer tem um valor em si mesma, que de fato é uma das maneiras pelas quais nos conectamos com os propósitos mais profundos do universo.

De acordo com Starhawk, a questão nos leva de volta ao problema da fumaça das bruxas queimadas que ainda paira sob as nossas narinas e ao contexto da Inquisição.



O que aconteceu foi que nos séculos XVI e XVII houve uma tremenda reação contra tudo o que restava do Paganismo antigo, o que acabou motivando as perseguições às Bruxas. As pessoas geralmente pensam nas perseguições às Bruxas como próprias da era medieval, mas, na verdade, elas ocorreram bem mais tarde, tendo começado no final dos anos 1400, com a publicação do *Malleus Maleficarum* por dois monges jesuítas, Kraemer e Sprenger, e de uma bula pontifícia do papa Inocêncio VIII que criminalizou a bruxaria, julgando-a um ato de heresia. A perseguição às Bruxas também se desenvolveu e se intensificou em muitos lugares por conta das ações das igrejas protestantes. *Não foi à toa que a perseguição às Bruxas ocorreu ao mesmo tempo que a transição das antigas economias feudais para o capitalismo moderno se iniciava. Na verdade, foi a perseguição às Bruxas que preparou o terreno para o capitalismo. (...) [Essas perseguições] surgiram como uma maneira de contestar e erradicar a antiga percepção de que o mundo está vivo e de que a vida é dotada de percepção e consciência (...) por conta dessa consciência, tinha-se uma ideia restrita do que poderíamos fazer em relação ao mundo natural.* (STARHAWK, 2018, p. 56-57, grifos meus)

Ou seja, de acordo com a percepção de Starhawk, o capitalismo precisava (e continua precisando) eliminar do caminho dele as espiritualidades centradas na terra porque pessoas que entendiam o solo e todo o mundo natural como sagrados poderiam se opor ao tratamento abusivo dado à natureza em benefício da acumulação de riqueza nas mãos de poucos. Ela cita um caso do qual ela teve notícia por jornais locais de um conflito ocorrido há alguns anos atrás numa comunidade rural da Escócia onde os moradores se opuseram à construção de uma estrada porque no percurso desenhado pelas autoridades havia uma árvore das fadas que não podia ser derrubada (STARHAWK, 2018, p. 57).

Há ainda o exemplo bastante atual dos constantes conflitos entre os interesses das autoridades e os interesses espirituais dos povos andinos que continuam honrando a *Pachamama*¹⁴⁹. Essa visão de Starhawk pode acrescentar algo importante à teoria

¹⁴⁹ Como mostra o interessante estudo de Zelma Tomaz Tolentino e Liziane Paixão Silva Oliveira comparando as constituições do Equador (2008) e da Bolívia (2009) com a do Brasil (1988) na questão da proteção ambiental, os povos da *Pachamama* haviam conseguido nestes dois primeiros países algo notável. Eles tinham logrado promover alterações nas leis nacionais de modo a nelas incluir os direitos da *Pachamama*, garantindo à Terra, entendida como viva e sagrada, direitos jurídicos específicos, o que levou a um novo modo de legislar centrado numa visão não-utilitarista da natureza cujas implicações sociais e políticas são notáveis. Porém, segundo a professora do Departamento de Ciência Política da Universidade Federal da Bahia, Sue Iamamoto, pesquisadora da política boliviana, nem mesmo o ex-presidente indígena Evo Morales, em cujo governo se aprovou a constituição boliviana em questão, foi capaz de se distanciar do modo extrativista de exploração da natureza e isso foi um dos fatores que gerou conflitos na base aliada dele. Recentemente, após a renúncia de Morales, representantes de setores de extrema direita têm feito declarações no sentido de banir a *Pachamama* do governo boliviano. Entrevista da professora Sue Iamamoto ao *El País* em nov. 2019, disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/16/politica/1573936502_101528.html. No Equador, os movimentos indígenas conseguiram recentemente, em outubro de 2019, fazer frente às

desenvolvida por Silvia Federici a respeito das estreitas ligações entre a Inquisição, a expropriação das terras comunais e do trabalho reprodutivo das mulheres e o acúmulo primitivo de capital.

Federici vem desenvolvendo, desde a década de 1980, um importante trabalho de crítica interna à teoria marxista da acumulação primitiva do capital. Segundo ela, a teoria marxista clássica falha ao deixar de fora do problema da expropriação dos bens comuns (como terras cultiváveis, bosques e rios comunais) a expropriação do corpo e dos saberes femininos que se deu simultaneamente, sob os poderes da Inquisição. A pesquisadora justifica essa posição analisando cuidadosamente diversos procedimentos tomados por autoridades políticas e religiosas direcionados a tirar do domínio das mulheres e tomar para si o poder sobre o corpo feminino e o trabalho reprodutivo dele extraído. A perseguição às parteiras e as curandeiras, ambas conhecedoras dos ciclos femininos e de modos de interagir com estes ciclos, dando às mulheres o poder de escolher, por exemplo, quando gerar bebês e quando não, se encaixa nesse grupo de procedimentos.

Para Federici, essa alienação do trabalho reprodutivo e de tudo o que ele envolve é necessária ao capitalismo, pois, quando mulheres o fazem de graça, elas acabam servindo duplamente ao acúmulo primitivo de capital. Primeiro, fazendo outros trabalhos dos quais depende o bom funcionamento do sistema capitalista e pelos quais não são remuneradas: todo o trabalho doméstico, liberando o tempo e as forças masculinas para serem explorados fora da casa; o sexo, que ajuda a diminuir a insatisfação dos trabalhadores; a criação e educação das crianças e o cuidado com os idosos e doentes, liberando o sistema capitalista dessas responsabilidades. Segundo, pela geração constante de prole que virá a ser usada como força de trabalho pelo sistema capitalista, força esta que precisa estar sempre abundante para que o capitalismo consiga se sustentar. Quanto maior o acúmulo de mão de obra disponível, menores as preocupações com salários e condições de trabalho que podem ser precarizados à vontade, aumentando os lucros.

Ela acrescenta ainda que a acumulação primitiva de capital e a exploração contínua do trabalho reprodutivo não foram apenas um processo necessário para a implementação do

medidas anunciadas pelo presidente Lenín Moreno cujo objetivo era firmar outro acordo com o FMI. Após uma longa greve que contou também com o apoio de outros setores da sociedade equatoriana, como feministas e trabalhadores, o presidente se viu obrigado a se reunir com as lideranças indígenas e negociar com elas as medidas. Essa reunião histórica foi transmitida em rede nacional por exigência das lideranças indígenas e teve altíssima audiência. Um resumo desses acontecimentos pode ser lido em: https://apublica.org/2019/10/o-protesto-indigena-popular-que-parou-o-equador/?mc_cid=55e85a0ea2&mc_eid=f6cd98aaa9. Acessos em: 20 jun. 2020.

capitalismo, mas sim o próprio meio do qual o capitalismo depende para continuar existindo. Logo, ao longo de toda a história capitalista, procedimentos de expropriação de espaços e saberes comuns e procedimentos de subjugação do trabalho reprodutivo têm ocorrido com bastante frequência. De acordo com Federici, o capitalismo se alimenta constantemente desse tipo de procedimento, vide as eternas tentativas de expropriação das terras comuns que ainda resistem, como os territórios indígenas e quilombolas, e as infindáveis disputas políticas e religiosas pelo direito das mulheres de retomarem o controle sobre seus próprios corpos.

Pensando essas análises de Federici juntamente com a de Starhawk, faz-se notável que a Inquisição auxiliou a abrir espaço para o capitalismo tanto pela expropriação das terras (e florestas, e rios...) comuns e dos corpos das mulheres, quanto por um processo de expropriação de saberes comuns, dentre eles, os saberes cultivados de acordo com as espiritualidades centradas na natureza.

Também aqueles saberes que ligam o corpo, a mulher e o erótico ao sagrado saíram gravemente prejudicados – e não por acidente. Os aspectos políticos e econômicos da caça às bruxas têm sido exaustivamente debatidos dentro dos movimentos feministas e estes debates dispõem de trabalhos como os de Federici para fundamentá-los. Mas trabalhos como o de Starhawk apontam que se esses debates deixarem de fora o aspecto de perseguição religiosa ou não levarem a sério os aspectos espirituais dessa perseguição, algo muito importante pode acabar nos escapando.

Como bem apontam Isabelle Stengers e Philippe Pignarre (2011), a feitiçaria capitalista tem atuado nas subjetividades e feito com que as vítimas dela acabem atuando contra si mesmas. Starhawk e Federici notam que isso vem acontecendo desde os próprios processos inquisitoriais, durante os quais certos modos de funcionamento foram se estabelecendo, primeiro, direcionados pelas autoridades, porém, infelizmente, logo assimilados pelos perseguidos. Silvia Federici relembra¹⁵⁰ que fazia parte dos procedimentos da Inquisição torturar as mulheres não apenas até que se confessassem bruxas, mas sim até conseguir quebrar o que restava da solidariedade e proteção mútua entre elas, de modo a obrigá-las a entregar outras mulheres aos inquisidores. Já a bruxa e ativista recorda que a Inquisição se aproveitou do medo e do ódio que estavam sendo

¹⁵⁰ Em conferência disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=d7v8vorm3sg> . Acesso em 15 ago. 2019.

gerados entre os camponeses pela expropriação dos bens comunais e pela consequente e progressiva precarização da vida campesina para coloca-los uns contra os outros, evitando que eles notassem as verdadeiras ameaças a que estavam sujeitos:

Numa época em que os camponeses estavam vendo a delimitação dos bens comuns – a terra tradicionalmente disponível para todos – e a restrição dos direitos campesinos, em que a riqueza havia sido levada daqueles que trabalharam a terra e em que as oportunidades estavam diminuindo, quando um grande número de pessoas foram expulsas do campo e forçadas a ir para as cidades e trabalhar para receber pagamento, e *uma época em que o conhecimento estava sendo mais e mais restringido*, os governantes se beneficiaram e colocaram o foco nos medos das pessoas em relação àquela horrível e malvada bruxa, que poderia ser sua vizinha, em vez de colocar o foco em seu suserano, contra quem você poderia se rebelar. (STARHAWK, 2018, p. 58-59. Grifo meu).

Starhawk acrescenta que um processo muito semelhante tem se dado na atualidade com o movimento de “guerra ao terror” inaugurado pelos EUA após a queda das Torres Gêmeas. Para ela, o terrorismo tem servido ao propósito de fazer com que a população aceite uma nova escalada da violência aplicada contra si, a perda de direitos civis e políticos, novos acúmulos de poder e dinheiro nas mãos de poucos.

Ativistas feministas têm tornado notável que é muito frequente nos lugares em que o capitalismo promove crises de desemprego que os trabalhadores acusem as mulheres de estarem roubando seus empregos e alguns políticos conservadores endossam isso. O mesmo equívoco perverso se verifica em relação aos refugiados. Isabelle Stengers e Vinciane Despret (et al 2014, p. 13-19) notam ainda algo do mesmo funcionamento acontecendo dentro das universidades, pressionadas constantemente pela escassez de recursos e o excesso de cobranças de adequação às necessidades do mercado:

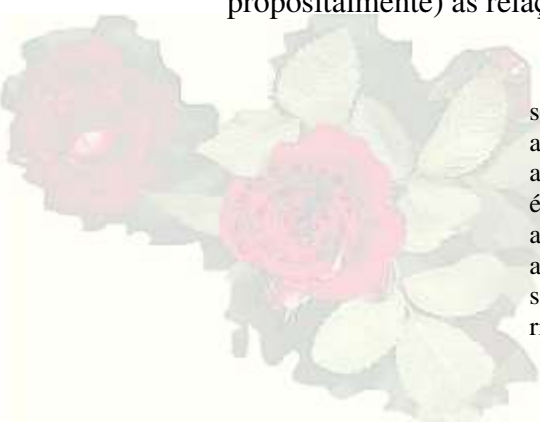
There, as everywhere else, it is going to be a question of being on guard to demonstrate one's flexibility, to learn to give good signals and to listen to those which come from the market. In short: to give the requisite guarantees of motivation and seriousness. And what is striking is that we, academics, have not been able to resist any better than the more vulnerable workers. We knew perfectly well that we were under attack but everyone seems to have thought that if s/he was clever enough, good enough, s/he would be able to escape the worst. *Now we see converted colleagues manifesting a great loyalty to the new standard, firmly shouldering the role of guard-dogs against escapist temptations.*¹⁵¹ (2014, p. 16-17. Grifos meus.)

¹⁵¹ Lá, como em qualquer outro lugar, está se tornando uma questão de estar em alerta para demonstrar flexibilidade, aprender a dar bons sinais e ouvir os sinais que vêm do mercado. Em resumo: dar as garantias necessárias de motivação e seriedade. E o mais impressionante é que nós, acadêmicos, não conseguimos resistir melhor do que os trabalhadores mais vulneráveis. Sabíamos perfeitamente bem que estávamos sendo atacados, mas todo mundo parece ter pensado que, se fosse esperto o suficiente, bom o suficiente, seria capaz de escapar do pior. Agora vemos colegas convertidos manifestando uma grande lealdade ao novo padrão, assumindo firmemente o papel de cães de guarda contra as tentações escapistas.

E dando voz constantemente a *alternativas infernais* (PIGNARRE & STENGERS, 2011) envolvendo prazos, rankings, notas, bolsas e afins para justificarem seus procedimentos e policiarem os procedimentos dos colegas. Essa percepção das duas filósofas das ciências vem ao encontro da implicação apontada por Starhawk de que *a perseguição às Bruxas foi parte da expropriação de terra, além de também ter sido uma expropriação de conhecimento. Ela deixou um legado que diz que apenas o conhecimento acordado entre as autoridades é real e aceitável* (STARHAWK, 2018, p. 59). A própria Isabelle Stengers tem trabalhado muito com essa questão e chamado à atenção para o quanto esse legado, herdado da caça às bruxas, tem sido nocivo inclusive para os cientistas quando estes se deixam envenenar por este papel de autoridade com poder de determinar o que pode ser considerado um conhecimento verdadeiro (STENGERS, 2008, 2011, 2017).

Aqui, diante do perigo da paralisia pela feitiçaria capitalista, pode ser vital lançar um sortilégio protetivo para o futuro da pesquisa. Para tanto, invocamos o auxílio de Zélia Duncan, que diante das ameaças da terrível Medusa, ao invés de se petrificar, canta: <https://www.youtube.com/watch?v=52NPxVq4sYk>

De acordo com Starhawk, o apagamento dos saberes das bruxas e dos povos originários, esse cerceamento ao conhecimento, essa imposição de que apenas aquilo que pode ser experimentado, calculado, medido e comprovado racionalmente pode ser tomado como um conhecimento legítimo, com poder de verdade, afetou diretamente (e propositalmente) as relações entre humanos e natureza:



A perseguição às Bruxas nos deixou um legado que cortou nossa sensibilidade em relação a uma Terra viva. É difícil para a gente se abrir e escutar a Terra falando sem sentir medo ou sem, ao menos, sentir que estamos fazendo algo suspeito e perigoso ou talvez apenas algo ridículo, algo que obviamente não é verdadeiro. Eu frequentemente reflito sobre como seria ter uma ciência que admitisse a possibilidade de consciência. Como seríamos se nos permitíssemos abraçar novamente algumas das visões de mundo indígenas e, ao mesmo tempo, somar a elas alguns dos nossos modos atuais de entender como comprovar rigorosamente nosso conhecimento. (STARHAWK, 2018, p. 59)

Como seríamos se diante desse mundo todo vivo e todo movido pelo erótico nos permitíssemos dar atenção aos brotos de novas perguntas, ao invés de ficarmos nos cobrando umas das outras: *you realmente acredita nisso? E você realmente acredita que isso vá solucionar os nossos problemas? Você realmente acha que voltar a essas*

espiritualidades centradas na terra, ao erótico e ao culto a deusas não seria apenas uma negação da nossa dura realidade e um atraso nas nossas lutas? Munição para aqueles que nos acusam de não sermos razoáveis e práticas?

Evidentemente, a Inquisição e a Ciência com C maiúsculo, que Stengers aponta como herdeira direta daquele processo de expropriação de saberes, também afetaram muito e destrutivamente o vínculo entre o feminino e o sagrado. A noção de uma ligação muito íntima entre mulheres e natureza, característica do saber das bruxas, nunca foi totalmente apagada, muito pelo contrário, chegou a ser evidenciada em alguns momentos, mas de modo completamente envenenado. Novamente (isso já havia acontecido entre alguns pensadores clássicos, como Aristóteles), tanto a mulher, quanto a parte não-humana da natureza sofreram um progressivo processo de desvalorização e dominação diante da racionalidade, considerada um dom masculino. Como apontado por Federici, as mulheres praticamente entraram para a lista de recursos naturais a serem exaustivamente explorados pelo capital.

O que se tentou eliminar, então, não foi o vínculo feminino-natureza, notável e frequentemente apontado no próprio corpo das mulheres e nos seus ciclos, comumente como justificativa para a desvalorização e subordinação delas em relação aos homens, mas sim o vínculo de ambas, mulheres e natureza, com o sagrado. De acordo com a percepção de Starhawk, esta dessacralização que atingiu, simultaneamente, as mulheres, a natureza e o próprio erótico na negação da sacralidade do prazer tornou possível que todas essas potências fossem violentamente exploradas, o que contribuiu enormemente para a situação de colapso social e ambiental que agora estamos tendo que enfrentar.

Os ataques contra a tríade mulher-natureza-erótico acabaram promovendo uma série de envenenamentos e separações. O divino, retirado da natureza e do feminino, foi lançado longe, para fora deste mundo, se tornou exclusivamente masculino, racional, transcendente. O corpo, destituído de divindade e da sacralidade do prazer, ficou refém da vontade das autoridades religiosas, políticas, morais, científicas. O sexo, separado do erótico, foi reduzido ao pecado, à reprodução e à pornografia, uma forma de prazer desprovido das potências do sentimento, da intimidade, de um sentido de partilha, do próprio divino.

Sobre esta última separação, a bruxa da palavra Audre Lorde nos recorda ainda de que há outra armadilha comum, a da falsa assimilação entre erótico e pornográfico e que deste equívoco podem ocorrer mais separações: entre o espiritual e o erótico e,

consequentemente, entre o espiritual e o político, pois, segundo ela, *a ponte que os conecta* [espiritual e político] *é formada pelo erótico* (LORDE, 2019, p. 70). Lorde também lembra que aqueles que querem exercer poder-sobre outros precisam eliminar as fontes de energia vital nas quais os dominados poderiam encontrar meios para resistir. E aponta que, principalmente para as mulheres, mas não apenas para elas, o erótico é uma fonte importantíssima de vitalidade, de poder-com e um convite à resistência à dominação.

Assim, podemos agora fazer uma aposta: se todo o processo de envenenamento e abuso (da natureza, das mulheres, do erótico e mesmo da espiritualidade) tem se baseado em separações, expropriações, extinções, que alienam e envenenam as relações, para proteger Minha Lesbos de ser também abusada, é necessário cultivá-la de modo a reativar as ligações que foram violentadas.

Entre o literal e o literário

Para começar, faz-se necessário rever mais uma das disputas entre as ficções de Safo. Há ficções que defendem que Safo foi literalmente uma sacerdotisa de Afrodite e que toda a poesia sáfica ficava restrita aos cultos a esta deusa. Por outro lado, há ficções de Safo que retiram dos poemas qualquer espiritualidade ou religiosidade, dando ênfase aos aspectos literários das preces e renegando a possibilidade de que elas estivessem de alguma maneira ligadas ao sagrado.

Ambas estas separações acabam colocando seus defensores em situações embaraçosas. Os que defendem que ela era apenas uma religiosa falham em explicar de modo convincente como foi que ela chegou a ser tão famosa como poeta. E os que defendem que não havia nada de espiritual nas preces literárias se veem meio perplexos em alguns versos, como nos da última estrofe conhecida do poema que invoca a *Cípris* no bosque sagrado. Neles, Safo diz algo sobre a deusa derramar néctar em áureas taças, ação essa de alguma maneira associada a algum tipo de celebração e a verter vinho. O mais recente trabalho de tradução completa dos fragmentos de Safo no Brasil acrescenta a este fragmento a seguinte nota de rodapé: *Cípris é epíteto típico e ritual de Afrodite, vinculado ao mito de seu nascimento em Chipre. Curioso observar que a deusa, neste poema, parece servir de garçoneiro para a poeta e suas companheiras* (GONTIJO FLORES, 2017, p. 35).

Já Giuliana Ragusa, apesar de temer que palavras como “transe” – que evidenciem o vínculo entre Safo e Afrodite e a magia e o encantamento – possam enfraquecer a tradução,

por estarem carregadas *de sentidos pejorativos em português* (RAGUSA, 2005, p. 208), acaba fazendo uma aposta menos envenenada. Após meticoloso estudo que torna notáveis as potências eróticas e afrodisíacas que Safo invoca para compor o cenário descrito no poema – e considerando integralmente a relação dessas potências com o sagrado, presente em todo o corpo deste hino clético, ao chegar a esta última estrofe, conclui: *No universo do fragmento, não há dicotomias, mas misturas*. (RAGUSA, 2005, p. 226).

De acordo com a pesquisadora, no lugar configurado como templo, *poeticamente arquitetado sobre a tríade natureza-sagrado-erotismo* (RAGUSA, 2005, p. 232) tão familiar à Afrodite (e também à Oxum), uma série de oposições se dissolvem, dentre elas, a que separa o mortal e o imortal. Ao mesmo tempo em que a Deusa mistura néctar, vinho e as *thalíaisi*, palavra que reúne os universos da vegetação, da abundância, da alegria e da festa associada aos deuses, universos com os quais uma das três Graças, Tália, tem muita intimidade,

Todas essas misturas, a antecipação da epifania da deusa e as oferendas à Afrodite – entre as quais a própria prece – são formas de expressar algo que alicerça a linguagem e a forma do fragmento: *o desejo de proximidade entre a voz e a deusa por ela privilegiada e a diluição poética de fronteiras entre mortalidade e imortalidade*. (RAGUSA, 2005, p. 232. Grifos meus).

De acordo com muitas tradições pagãs, como a tradição *streghe* estudada por Leland (2000), não seria nada estranho, ao fim de uma prece toda marcada pelas potências de erotismo e fertilidade da Deusa, pedir a ela que viesse pessoalmente dotar o vinho do encanto da imortalidade, no caso dos gregos arcaicos, manifestada no néctar que apenas os deuses podiam consumir regularmente. Este vinho, tomado pela potência da própria divindade, poderia ser, em seguida, derramado sobre o solo e as plantações para que estes fossem também trespassados novamente por Eros. O vinho feito sangue da Deusa, sangue da Terra, fertilidade erótica, abundância nas colheitas. Bebido pelos convivas, sim – mas pelos humanos e não-humanos, numa partilha sagrada, num ato de comunhão divina do qual todos participam.

É claro que esta é apenas mais uma ficção de Safo, até porque, as condições materiais em que este poema nos chegou são precárias, como o são as de todo o corpo sáfico. Porém, é uma ficção que pode ajudar a estabelecer outro tipo de relação entre Safo poeta e Safo sacerdotisa. Eu preferiria que a Minha Safo escapasse a estas disputas de “ou isto, ou aquilo” e pudesse cultivar Minha Lesbos ao mesmo tempo como poeta brilhante e

sacerdotisa consciente das potências que está invocando. Afinal, as implicações trazidas por Starhawk, Despret, Stengers, Pignarre e Lorde tornam notável que a luta contra os abusos da terra tem também uma dimensão espiritual que não deve ser ignorada. E as deusas invocadas como protetoras da Minha Lesbos, Afrodite e Oxum, certamente podem ser excelentes ajudantes-em-combate nesse momento.

Note-se que não será preciso afirmar categoricamente que a Minha Safo é *realmente* uma sacerdotisa e que um poema é *realmente* um feitiço ou prece. Basta que se atente, como nos aconselham Starhawk e Stengers, para a eficácia dos versos em questão. De acordo com Ragusa, o poema de Safo, carregado de potência erótica, tem a eficácia de, pelo toque-transformação de Afrodite, reunir os contrários em si e fazer com eles mistura, diluindo poeticamente até a fronteira entre vida e morte. Ou seja, reativando o mistério bruxo que permeia o mito da Roda do Ano.

Segundo Brasil Fontes (2003), não é apenas neste fragmento que isso acontece, mas em toda a poesia de Safo. A poeta reúne o descontrole e a violência da paixão ao controle rigoroso da técnica¹⁵², reúne o passado e o futuro ao presente na urgência do desejo¹⁵³... Ao dizer que Eros é dociamargo, trespassa a fronteira entre prazer e dor e *ao reuni-los numa unidade vocabular e afetiva*, consegue *manter os contrários magicamente suspensos no mesmo ato* (BRASIL FONTES, 2003, p. 216). Isso não quer dizer que ela elimine as diferenças entre o prazer e a dor, mas antes que ela consegue criar entre eles um *contraste ativo com poder de afetar, de produzir pensamento e sentimento* como as pontes que Isabelle Stengers gosta de fazer (2017, p. 02)

Assim, se a pesquisa se empenhar em cultivar Minha Lesbos com esta eficácia erótica da poesia de Safo, transformando dicotomias em misturas, honrando a dança divina entre os opostos, é possível que se consiga evitar que este solo sagrado e todas as formas de vida a ele associadas sejam dominados por separações, envenenamentos e outras formas já conhecidas de abuso.

Entre monoculturas e permaculturas

Trocando afetos com outras declarações de amor, com a ajuda de Maria Bethânia e Mart'nália:

¹⁵² BRASIL FONTES, 2003, p. 186

¹⁵³ BRASIL FONTES, 2003, p. 179



https://www.youtube.com/watch?v=35ReFHStks&list=OLAK5uy_kPI0NaFwLLmb4SeEvFCEee119hF1_39ac&index=6

Estando consciente de que é preciso descobrir um jeito de cultivar Minha Lesbos que seja trespessável pelas potências sáficas, um cultivo pelo meio do qual misturas entre heterogêneos possam ocorrer, cabe ouvir de Starhawk uma pergunta que certamente tem o poder de afetar a pesquisa: *A questão central é: “Como construímos o novo mundo quando as pessoas estão tão profundamente feridas pelo velho?”* (2018, p. 60). Como podemos tecer com poemas uma versão das relações entre mulheres, natureza, erótico e sagrado que não anule as oposições, mas crie entre elas um equilíbrio vital, sempre em movimento e transformação? Entre os feminismos, às vezes as fronteiras histórica e socialmente construídas entre mulheres heterogêneas parecem completamente insuperáveis...

Numa enquete sobre a percepção que mulheres lésbicas, bissexuais e/ou feministas têm a respeito de Safo e dos fragmentos dela¹⁵⁴, a pesquisadora Lettícia Batista Rodrigues Leite nota que, das trinta e três respondentes, apenas seis (18,2%) não consideram Safo como uma figura histórica importante. Dentre estas, três não justificam a resposta negativa, duas justificam-na explicando que não conhecem a poeta e uma justifica a posição dela



(...) de maneira contundente: “*Porque eu sou preta*”. Perspectiva que será ainda uma vez reforçada na resposta que dá à questão que segue, referente à (im)pertinência do uso de termos modernos tais como “lesbian(i)dade” ou “homossexualidade”: “*Porque não representa todas as lésbicas*”; assim como na sua última resposta à última pergunta (“Como você imagina e descreveria a sociedade de Lesbos e/ou o círculo de garotas no qual a atividade poética de Safo teve lugar?”), a qual ela responde nos seguintes termos: “*Um lugar de exclusão do povo negro*”. Posicionamento que, sem dúvida alguma merece atenção, seja por representar, em nossa amostra, uma notável exceção, seja pela recusa e resistência em tomar a chamada antiguidade clássica como referência paradigmática do passado do grupo com o qual ela se identifica: “o povo negro”. (LEITE, 2017, p. 07 – Safo de Lesbos: ícone lésbico? Grifos meus.)

Faz-se importante notar que, em outro estudo realizado pela mesma pesquisadora, se verifica entre lésbicas negras e Safo uma relação que vai em sentido diametralmente oposto desta acima. No artigo *Quando a “Décima Musa” inspira raps e tambores: dos usos políticos da figura de Safo por vozes lésbicas e feministas no Brasil contemporâneo*¹⁵⁵, Leite apresenta e comenta dois casos em que a memória de Safo – a memória amiga da

¹⁵⁴ Comunicação da análise preliminar dessa enquete disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1503336042_ARQUIVO_Texto_completo_M_M_FG_letticiabrl.pdf. Acesso em 15 ago. 2019.

¹⁵⁵ Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/herodoto/article/view/1115>. Acesso em 15 ago. 2019.

verdade – é invocada contra o apagamento da existência lésbica. Em ambos os casos, coincidentemente, as artistas envolvidas – um grupo de percussionistas cearenses e um grupo de *rappers* de São Paulo – são mulheres negras que escolheram se vincular à poeta lésbica, apesar das muitas diferenças entre elas e ela.

Porém, mesmo parecendo que a decisão da respondente negra pode ser uma exceção nas relações entre as feministas negras lésbicas e a décima musa grega, isso de forma alguma constitui motivo para que as respostas dela sejam desconsideradas, como a própria proponente das perguntas bem analisa. Não caberia aqui tentar explicar, muito menos questionar os motivos pelos quais ela deu estas respostas na enquête. Podemos, entretanto, tentar pensar com o que ela respondeu. Talvez isso nos ajude a nutrir o solo que intentamos cultivar.

Num primeiro movimento, é preciso pensar com a possibilidade da existência de algo que funcione como um impedimento para que mulheres heterogêneas possam trocar afetos potentes entre elas. No caso específico, algo que não permitisse a uma mulher negra perceber a poeta lésbica como uma antepassada na qual ela pudesse se nutrir e fortalecer, como Safo parece ser percebida pela maioria das lésbicas que já ouviram falar nela (ALMEIDA e HEILBORN, 2008; LEITE, 2017 a, b; 2018).

Para auxiliar nessa investigação, será preciso invocar outras duas potentes bruxas da palavra: Maria Firmina dos Reis e Carolina Maria de Jesus. Como a já parceira da pesquisa Audre Lorde, as duas novas companheiras de encontro foram muito ativas no questionamento dos papéis socialmente atribuídos às mulheres, sobretudo às mulheres negras, na sociedade em que cada uma viveu. E ambas deixaram registros, como Safo, de uma paixão que até hoje é considerada por muitos como sendo imprópria para mulheres que nasceram negras e pobres, como foi o caso das duas: a paixão pela poesia. Carolina Maria de Jesus tinha plena consciência de que o desejo dela era um desafio aos padrões vigentes e colocou o enfrentamento a eles em versos:

Eu disse: o meu sonho é escrever!
Responde o branco: ela é louca.
O que as negras devem fazer...
É ir pro tanque lavar roupa.
(Carolina de Jesus, 1996, p. 201)



Ou seja, apesar de não se relacionar eroticamente com outras mulheres, nem escrever nada que desse a entender um amor lésbico, a paixão que Carolina expressa, em diversos dos poemas dela, acaba se revelando tão inadequada aos olhos da sociedade em que ela vive, quanto as que Renée Vivien expressava nos poemas dela:

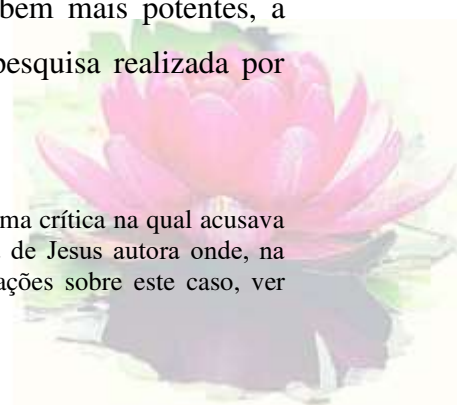
Ninguém amou a poesia
 Certamente mais do que eu
 Nem mesmo Gonçalves Dias
 Nem Casimiro de Abreu
 (Carolina de Jesus, 1996, p. 211)

E Carolina de Jesus luta por este amor, enfrenta por ele toda uma estrutura machista, classista e racista que insiste até hoje em desmerecê-la como poeta usando como argumento a inadequação da escrita dela aos cânones, às *estéticas, teorias e críticas literárias* (LAJOLO in: Carolina de Jesus, 1996, p. 43). Ela não era lésbica, nem pelo gentílico, nem pelo sentido atual do termo. Mas era negra – e bem negra. Tanto no tom de sua pele retinta, quanto no lugar social do qual ela surge para o meio literário: a favela.

Ao contrário do que se supõe sobre Safo, que se aposta ter pertencido à elite de Mitilene e, por isso, tido acesso a algo como uma educação formal e à poesia, Carolina de Jesus veio de um lugar que em nada parecia favorecer o surgimento de uma poeta lírica. Tanto que, mesmo depois do imenso sucesso do primeiro livro dela publicado, *O quarto de despejo*, que apesar de todos os cortes e alterações promovidos pelo jornalista Audálio Dantas já revelava uma escrita carregada de lirismo, Carolina continua enfrentando muitas resistências quando o assunto deixa de ser *o diário de uma favelada* e se torna a poesia escrita por ela. Na verdade, o caso é tão grave que até pouquíssimo tempo atrás havia até quem questionasse a competência dela como escritora mesmo da obra prima dela¹⁵⁶.

De acordo com os cânones literários, a poesia dela é considerada fraca, tanto por questões de estilo, quanto por questões gramaticais. Apenas por muito empenho dos movimentos negros e feministas em resgatar a memória e o trabalho dessa importante escritora, começaram a surgir estudos que trazem outras versões, bem mais potentes, a respeito da escrita carolineana. É o caso, por exemplo, da ampla pesquisa realizada por

¹⁵⁶ Vide o caso emblemático do jornalista Wilson Martins que em 1993 publicou uma crítica na qual acusava Audálio Dantas de “Mistificação Literária”, ou seja, de ter inventado a Carolina de Jesus autora onde, na verdade, teria existido apenas a favelada catadora de lixo. Para maiores informações sobre este caso, ver Fernandez, 2015, p. 88-89.



Raffaella Andréa Fernandez (2015) que foi rever os manuscritos da autora para poder ler o que a própria Carolina de Jesus escreveu – e como o escreveu.

Já Maria Firmina dos Reis parece ter experimentado relações um pouco mais próximas das que deve ter desfrutado Safo com a sociedade na qual ela viveu e não se duvidou de que ela fosse autora das obras dela – ou, ao menos, não se deixou registro notável disso. Tendo produzido entre a segunda metade do séc. XIX e o começo da primeira metade do séc. XX, a maranhense Maria Firmina dos Reis é considerada a primeira romancista e poeta negra brasileira. Apesar de ter nascido negra e bastarda, como, de acordo com o pesquisador Danglei de Castro Pereira, ela mesma se definia (PEREIRA apud. REIS, 2018, p. 08), de algum modo que até hoje permanece obscuro, ela teve acesso à educação formal e à cultura considerada erudita naquela sociedade. Mais que isso, conseguiu se tornar professora concursada de primeiras letras e veio a ser, inclusive, fundadora de uma pioneira escola mista rural.

Porém, mesmo tendo vivido uma vida intelectual e social bastante intensa e realizado feitos tão notáveis quanto a escrita do primeiro romance abolicionista do Brasil, *Úrsula*, veio a morrer pobre e esquecida em 1917 e foi apenas a partir da década de 1970 que começou a ser lembrada e estudada. Ainda assim, muito mais se tem dito sobre a prosa dela do que sobre a poesia. Segundo as pesquisadoras da Universidade Federal do Maranhão Josiane Oliveira Ferreira e Cristiane Navarrete Tolomei:

Maria Firmina dos Reis demonstrava ser detentora de uma grande intelectualidade, dentre os seus escritos foram encontrados textos traduzidos para a língua francesa e, por várias vezes, a escritora fez utilização de epígrafes de escritores como Lord Byron, Alexandre Herculano, Goethe, além de notarmos influências de Saint-Pierre, Stowe, Lamartine, Shakespeare, Garret, entre outros. Apesar de ter demonstrado um amplo conhecimento literário, Maria Firmina dos Reis continuou/continua à margem do cânone nacional. (p. 140)

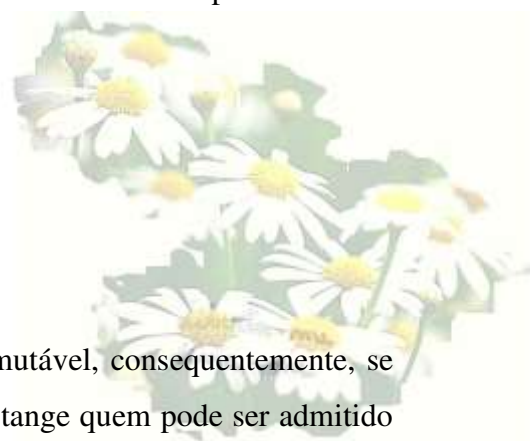
De fato, os casos de Carolina Maria de Jesus e Maria Firmina dos Reis nos dão notícias de um problema que também foi constatado entre algumas mulheres brancas, como Judith Teixeira e Renée Vivien (e até pela própria Safo, se nos lembrarmos de casos como o de Page¹⁵⁷), mas que pode estar agindo de forma específica em relação a elas: a

¹⁵⁷ PAGE apud. BRASIL FONTES, 2003, p. 225. Ver nota de rodapé na p. 29.

inadequação aos cânones. Ou, antes, a inadequação dos cânones a elas, como, aliás, a própria Judith Teixeira deixa claro em sua conferência *De mim* (2015, pp. 279-296).

Entretanto, nenhuma das “inadequadas” mencionadas se resignou e todas violaram o “Não atravesse: permitido apenas para especialistas” argutamente apontado por Stengers (2015; 2017) como uma barreira erguida em nome do progresso da Ciência, mas que, Lajolo (apud. JESUS, 1996, pp. 37-61) torna notável, se tem aplicado igualmente à Literatura. A Arte das Letras não admite facilmente a possibilidade de se chegar a outro saber a não ser pelo caminho do já sabido, como perspicazmente escreve Sophia de Mello Breyner Andresen:

Os homens sábios tinham concluído
Que só poderia haver o já sabido:
Para a frente era só o inavegável
Sob o clamor de um sol inabitável
(2015, p. 728)



Mantendo o “já sabido” nos cânones como fixo e imutável, conseqüentemente, se evita também que ocorra uma mudança significativa no que tange quem pode ser admitido no seletivo e restritivo grupo dos “sábios”...

Evidentemente não caberia aqui entrar em debate sobre o que são exatamente estes cânones, as misteriosas normas que determinam o que pode fazer uma poesia ser considerada de boa qualidade ou não, pois esta pesquisa não é um trabalho focado na teoria e crítica literária. A questão aqui é que o alerta da respondente da enquete continua ressoando – a fumaça das bruxas queimadas, a exclusão do povo negro. E levar este cheiro a sério nos faz reencontrar uma das ficções de Safo que, se novamente plantada entre nós, pode agir como uma erva daninha e adoecer o resto da sementeira: a ficção de Safo como um cânone, um exemplo pronto, definitivo e fixo a ser seguido.

A Poesia com P maiúsculo. Lésbica das lésbicas. Os casos de Carolina Maria de Jesus e Maria Firmina dos Reis e mesmo os de Judith Teixeira e Renée Vivien tornam notável que a tentativa de cultivo de poesias e paixões entre mulheres de acordo com cânones pré-estabelecidos prolifera mais dolos do que dons. Tomada como ideal a ser trazido de volta de um passado remoto, Safo de fato não pode vir a ser uma potência de vida que anime novas paixões e escritas – nem para as mulheres negras, nem para qualquer outra. Nem para lésbicas e bissexuais, nem para outras formas de vida.

Como apontam de modo perspicaz Gláucia Almeida e Maria Luiza Heilborn num estudo sobre identidade lésbica

A identidade lésbica também guarda uma forte implicação com seu “mito de origem” e dele extrai muitas de suas verdades constitutivas. O caráter revolucionário do comportamento é uma delas, além da presença de uma ilha que, no imaginário atual, busca obstinadamente isolar, ao menos simbolicamente, a vivência lésbica da heterossexual. A exaltação do amor romântico, o equilíbrio dos indivíduos inseridos em uma rede de relações homoeróticas, o culto artístico à beleza feminina e o *personalismo* presente no resgate (sempre solitário) de uma Safo heroica também integram o mito de origem. *O paradoxo do personalismo refere-se ao fato de que a heroína, embora apresentada de forma solitária, precisou de outras mulheres para ser definida como “lésbica”.* (p. 231. Primeiro grifo das autoras, segundo, meu.)

E estamos apostando que a Minha Safo ainda precisa de muitos encontros para poder existir e amar. E que a Minha Lesbos não deseja ser tomada por uma monocultura plantada por qualquer cânone, não importa qual ele seja.

Agora, cabe aqui nos perguntarmos: Como estarmos juntas, nós, que temos muitas diferenças, de modo que possamos nos proteger, nutrir e fortalecer pelo meio das relações tecidas entre nós? Como evitar entrarmos em disputas envenenadas que podem acabar nos confinando outra vez à perigosa e indesejada monocultura? Em outras palavras, como estarmos juntas de modo que nossas diferenças sejam potentes para todas nós, como propôs tantas vezes a bruxa da palavra Audre Lorde? Evitar que uma se estabeleça como modelo fixo para todas as outras parece ser um caminho, mas apenas isso pode não ser o suficiente. Como já nos alertou Starhawk, tão importante quanto a consciência do que não queremos é a visão clara daquilo que desejamos.

É provável que seja muita pretensão tentar cultivar em Minha Lesbos algo que represente todas as lésbicas (ou todas as mulheres, ou todas as poetisas...), como demanda a segunda resposta da mulher negra que não se reconhece em Safo. Até porque, isso talvez nos levasse justamente ao tipo de cultivo que estamos tentando evitar, o cultivo abusivo, indiscriminado, generalizante – canônico. Talvez, ao invés de tentarmos algo que de modo uniforme represente toda uma identidade, seja mais sábio, neste momento, pensarmos no que poderia, ao invés de “representar”, “*tornar presentes*”, “*animar*” muitas identidades, mesmo as divergentes. Até àquelas que preferem nem se definir de modo imutável, mas que precisam cultivar modos de conviver e co-criar paixões outras, paixões que ajudem as formas de vida apaixonadas a resistirem à feitiçaria capitalista (PIGNARRE e STENGERS,

2011) e dominações semelhantes. Para nossa sorte, a própria Audre Lorde nos recorda de um procedimento literalmente vital:

O erótico é o que estimula e vela pelo nosso mais profundo conhecimento. O erótico, para mim, opera de várias formas, e a primeira delas consiste em fornecer o poder *que vem de compartilhar intimamente alguma atividade com outra pessoa. Compartilhar o gozo, seja ele físico, emocional, psíquico ou intelectual, cria uma ponte entre as pessoas que dele compartilham que pode ser a base para a compreensão de grande parte daquilo que elas não têm em comum, e ameniza a ameaça das suas diferenças.* (LORDE, 2019, p. 71. Grifos meus.)

Então podemos experimentar um tipo de cultivo irrigado pelo erótico e cujo critério de seleção de sementes se baseie em algo que várias das parceiras da pesquisa já têm em comum: o amor pela poesia. Atendendo a este critério, cada parceira poderá plantar o que lhe der desejo de colher, desde que isso se faça de modo a continuar deixando o erótico fluir e permitindo que cada canteiro cresça tocando-transformando com cuidado seus parceiros.

Esperamos que as espécies trazidas por cada uma criem relações de benefício mútuo com as trazidas pelas outras e isso significa troca mútua de nutrição, proteção e fortalecimento e também que isso seja feito dando muito prazer a todas as envolvidas. Afinal, o prazer é sagrado e a presença dele é um modo de saber pelo corpo que o erótico está fluindo livremente. Para isso, contaremos com os conhecimentos que Starhawk vem cultivando a respeito da permacultura, não apenas entre espécies vegetais, mas também entre bruxas e ativistas.

Entre cantos e canteiros

Antes de tentarmos cultivar o solo de Minha Lesbos com a permacultura poética que intentamos fazer juntas – eu e as parceiras bruxas da palavra que estiveram comigo desde o início da pesquisa – convém dar atenção ao que a parceira Starhawk já aprendeu sobre este modo de cultivo. E, mais uma vez, escutar a doçura da voz de Maria Gadú: <https://www.youtube.com/watch?v=h9iRDLIM2CM>

De acordo com Starhawk, a permacultura é *um sistema de design ecológico que surgiu na Austrália nos anos 1970. O termo foi cunhado por um professor de estudos*

ambientais, Bill Mollison, da Universidade da Tasmânia, e por seu aluno de pós-graduação David Holmgren.” (STARHAWK, 2018, p. 61) Ela explica que estes dois pesquisadores foram tocados e transformados por uma pergunta: como uma floresta cultiva a si mesma? Foi a própria floresta que lhes causou a questão, como também foi ela quem lhes ofereceu a resposta.

Uma floresta é um complexo sistema de relações, a maioria delas, de benefício mútuo. Uma rede infinita de toques-transformações liga cada uma das formas de vida que nela habitam (e que a ela *fazem*) a todas as outras. O que uma forma de vida descarta, serve para nutrir, proteger e até proliferar outras. Nada é inútil. Numa floresta em equilíbrio – e aqui é preciso lembrar que este equilíbrio nada tem de fixo e imutável – nada falta, nem é desperdiçado. As formas de vida cooperam entre si para que esse equilíbrio, do qual todas dependem para continuar saudáveis, seja mantido. Uma anarquia ecológica, como quer Stengers (2017). Trabalhando uns com os outros, os viventes que fazem floresta conseguem manter o sistema com autonomia e não dependem que algo externo vá lá fazer cultivo. Não que uma floresta não possa tocar e transformar o que está fora dela... Ela pode. Mas, nessas outras relações, é necessário que se mantenha a mesma qualidade de cuidado, para que elas também sejam de mútuo benefício.

É evidente que o mundo atual, completamente comprometido – ao mesmo tempo que irresponsável – com a crise climática, tem falhado perigosamente nessas relações. Starhawk ressalta que a crise do clima tem uma irmã gêmea: a crise social (STARHAWK, 2018). Entre elas, sim, uma alimenta a outra, reciprocamente. Nesse contexto, a permacultura aposta num conjunto de práticas que podem ajudar a humanidade a reencontrar o equilíbrio dinâmico perdido e reativar as ligações envenenadas tanto entre si, quanto com o resto da natureza.

Como publicado na declaração¹⁵⁸ relativa à mudança climática que foi elaborada na Convergência Internacional de Permacultura em 2015, em Londres e assinada por mais de 600 pessoas de centenas de organizações diferentes ao redor do mundo dentre elas, pela própria Starhawk:

A mudança climática ocasionada por seres humanos é uma crise de sistemas – ecossistemas e sistemas sociais – e deve ser abordada sistemicamente. Novas tecnologias ou soluções generalizadoras não resolverão o problema. A

¹⁵⁸ Original em inglês disponível em: <https://permacultureconvergence.com/permaculture-climate-change-statement-from-international-permaculture-convergence-climate-change-group/> Acesso em: 20 jun. 2020.



permacultura emprega sistemas pensando, observando padrões, relações e fluxos, conectando soluções a estratégias sinérgicas que trabalham com a natureza e combinam condições locais, terreno e cultura. Ações para enfrentar a crise climática devem ser baseadas na justiça social, econômica e ecológica.
(apud. STARHAWK, 2018, p. 62. Grifo meu.)

A permacultura funciona como um conjunto de princípios éticos para as relações entre humanos e não-humanos que visa produzir alimentos pelo mesmo funcionamento ecológico e autossustentável de uma floresta. Assim, se podem suprir as necessidades humanas regenerando, ao invés de destruindo. É um modo relacional de ser com a Terra, perfeitamente compatível com espiritualidades centradas na natureza e também com a consciência de que tanto a crise social, quanto a climática, demandam que reativemos nossas capacidades de estabelecermos relações baseadas em trocas justas. Demandam que desliguemos a lanterna que está apontada para o benefício individual e nos religuemos à visão sob a luz das estrelas que nos relembra de que tudo está interligado e que podemos nos beneficiar mutuamente. Que reaprendamos a fazer bons usos do solo e de outros viventes que nos ajudam a permanecer vivos, ao invés de continuarmos abusando uns dos outros como se as consequências já não fossem sabidamente desastrosas.

Starhawk se propõe a reativar, pelo meio da permacultura, a ideia indígena de que

os seres humanos não são algo separado do resto do mundo, dos animais, das plantas, da vida, da espiritualidade: o que existe é um contínuo e um fluxo de consciência que atravessam o próprio mundo e a própria Terra. (...) A natureza canta e fala, e o mundo inteiro se comunica conosco. Nisso podemos reconhecer outra definição de magia: a magia seria a arte de se abrir e ouvir profundamente essa comunicação (STARHAWK, 2018, p. 55)

A bruxa permaculturista tem aplicado essa consciência do mundo como uma teia de vida inteira inter-relacionada tanto no cultivo literal da terra, quanto no cultivo de relações de anarquia ecológica entre ativistas. A *Reclaiming* já nasceu intimamente envolvida com a militância política e fazendo notáveis as dimensões espirituais, emocionais e práticas desta militância. Com o tempo, ela, as demais bruxas e outros ativistas neopagãos foram testando e desenvolvendo meios de fazer as ações políticas de acordo com os princípios que já regiam as práticas da magia.

Como os covens da *Reclaiming* são anarquistas e todas as decisões dentro deles tomadas precisam ser verdadeiramente coletivas – o que passa muito além da ideia democrática de decidir pela vontade da maioria – isso acabou se estendendo também para a



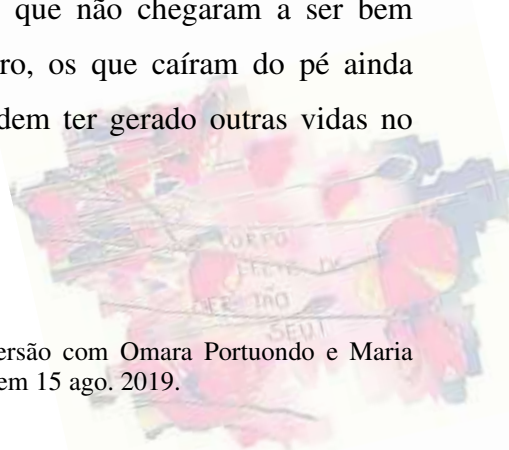
organização de protestos e outras ações. Não há lideranças fixas e todos compartilham igualmente do poder e da responsabilidade pelo grupo. Todas as relações estabelecidas precisam levar em conta as potências e limitações de cada forma de vida envolvida, exatamente como acontece no cultivo agroflorestal.

A permacultura nos ensina que, antes de mais nada, é preciso reaprender a ouvir o solo. *Conhecer os desejos da terra*¹⁵⁹ para poder estar em perfeito amor e perfeita confiança com ela. O solo é a superfície sagrada na qual começam os toques-transformações de fazer floresta e agrofloresta. É a pele da Terra. Para as espiritualidades centradas da natureza, a pele da própria Deusa. O solo precisa ser nutrido e protegido, irrigado, aqui, no nosso caso, pelas potências eróticas. E todo o conjunto de toques-transformações deve ser desenhado de modo a compor uma relação de mútuo benefício com ele. A ideia é utilizar neste preparo da superfície a ser cultivada apenas materiais que não causem novas agressões. Uma composteira é um jeito excelente de reduzir a produção de lixo descartado sem cuidado e, ao mesmo tempo, oferecer nutrientes ao solo.

O solo sagrado da Minha Lesbos é feito da mesma matéria que antes alimentou todo o corpo da pesquisa. Os fragmentos de Safo, as ficções de Safo, muitos e muitos poemas das bruxas da palavra parceiras, alguns conceitos filosóficos, bruxaria. Canto das Musas. Feminismos. Fragmentos biográficos, ficcionais, imagens e sons. Muitos encontros. Cada experimento-ritual se nutriu de tudo isso e agora vai devolver ao solo essa matéria transformada pela memória – a amiga da verdade. Veremos se essa mistura (de) composta, (re) composta terá a eficácia de tornar Minha Lesbos fértil.

A graça maior de uma composteira é que, frequentemente, algo já brota dentro dela mesmo. Assim, quando se vai abri-la ou descobri-la para colher o adubo, já se recebe também uma nova muda. Como todos os alimentos que, após nutrirem a pesquisa, foram guardados dentro desse caldeirão eram de excelente qualidade, certamente devem ter doado boas sementes para vidas futuras. Mesmo aqueles frutos que não chegaram a ser bem digeridos, os que não puderam ser consumidos por inteiro, os que caíram do pé ainda verdes ou, de tão maduros, começaram a se desfazer, podem ter gerado outras vidas no útero de terra.

¹⁵⁹ Milton Nascimento e Chico Buarque, *Cio da Terra*. Em linda versão com Omara Portuondo e Maria Bethânia: <https://www.youtube.com/watch?v=bC2IvuX4PyA>. Acesso em 15 ago. 2019.



Após a preparação do solo, que deve ser acariciado, adubado e descansar, se pode dividir os canteiros. Mas dividir não para separar e classificar como formas fixas, dividir apenas para dar espaço e cuidados de modo que todas as formas de vida cultivadas possam crescer e criar novas tramas com as demais. Aqui, recuperando a sabedoria do círculo mágico, faremos uma mandala. Por este sistema, o que um anel produz ajuda a nutrir e proteger tanto os anéis que o envolvem, quanto os que ele contém.

Convém colocar no centro desses anéis algum outro tipo de forma de vida, que possa simultaneamente consumir possíveis excessos e contribuir para a adubação e a ventilação, como os conceitos filosóficos e conhecimentos mágicos têm feito ao longo deste trabalho todo no convívio com os fragmentos de Safo e dos poemas das bruxas da palavra parceiras.

Num sistema como este, mesmo aquilo que vem de fora e aparentemente o abala é importante. Pragas e doenças são sinais do que precisa ser reequilibrado entre os vivos. A cura para cada mal pode ser encontrada na própria natureza, na grande maioria das vezes. Sem agrotóxicos. Sem mais veneno. Assim, se algum vestígio de cânone ou coisa parecida aparecer por aqui, será melhor observar o todo e tentar descobrir como se livrar dele pelo cuidado amoroso.

Entre flores e frutos

Experimento-ritual de corporreativação poética 3 – magia erótica literária para que corpos femininos, imagéticos, terrenos e poéticos se toquem e se transformem numa Lesbos em que a poesia de uma poeta possa nutrir, fortalecer e proteger as poesias de outras poetisas, mutuamente. Este experimento também pode ter a eficácia de transformar todas as bruxas da palavra envolvidas, inclusive as que estiveram até agora fazendo o papel de leitoras, em amadas-e-amadoras.

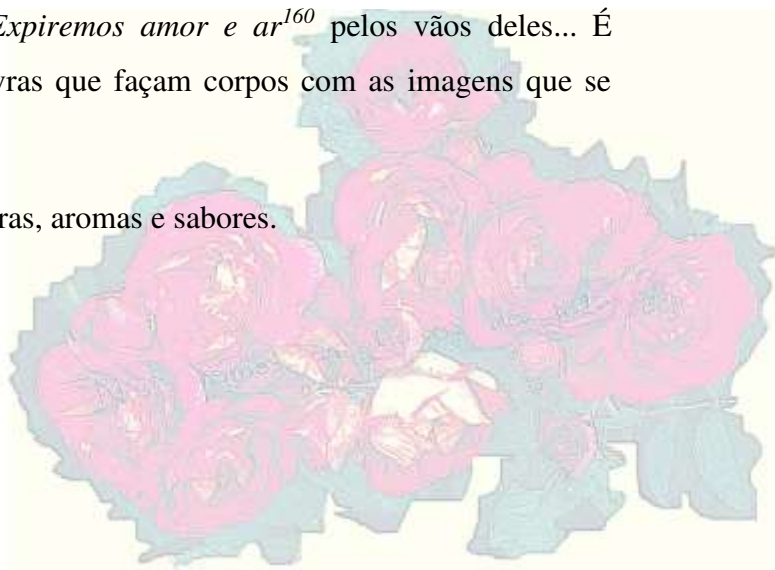
Agora que o solo foi preparado e que os fragmentos poéticos atraíram polinizadores e disseminadores de sementes, é preciso invocar novamente a proteção e as potências das cinco direções e as bênçãos das divindades protetoras de Minha Lesbos. É preciso reativarmos a consciência de que as flores e frutos que estão para brotar devem ser colhidos e sabidos não apenas pelo intelecto. É preciso que se os colha, cheire e saboreie com o espírito, as emoções, com o corpo, com o divino imanente. É preciso estar presente e com disposição para os riscos de mais encontros. Aqui, *honrar o sagrado é criar condições nas*

quais a nutrição, o sustento, o habitat, o conhecimento, a liberdade e a beleza possam vicejar. Honrar o sagrado é tornar o amor possível (STARHAWK, 2018, p. 60).

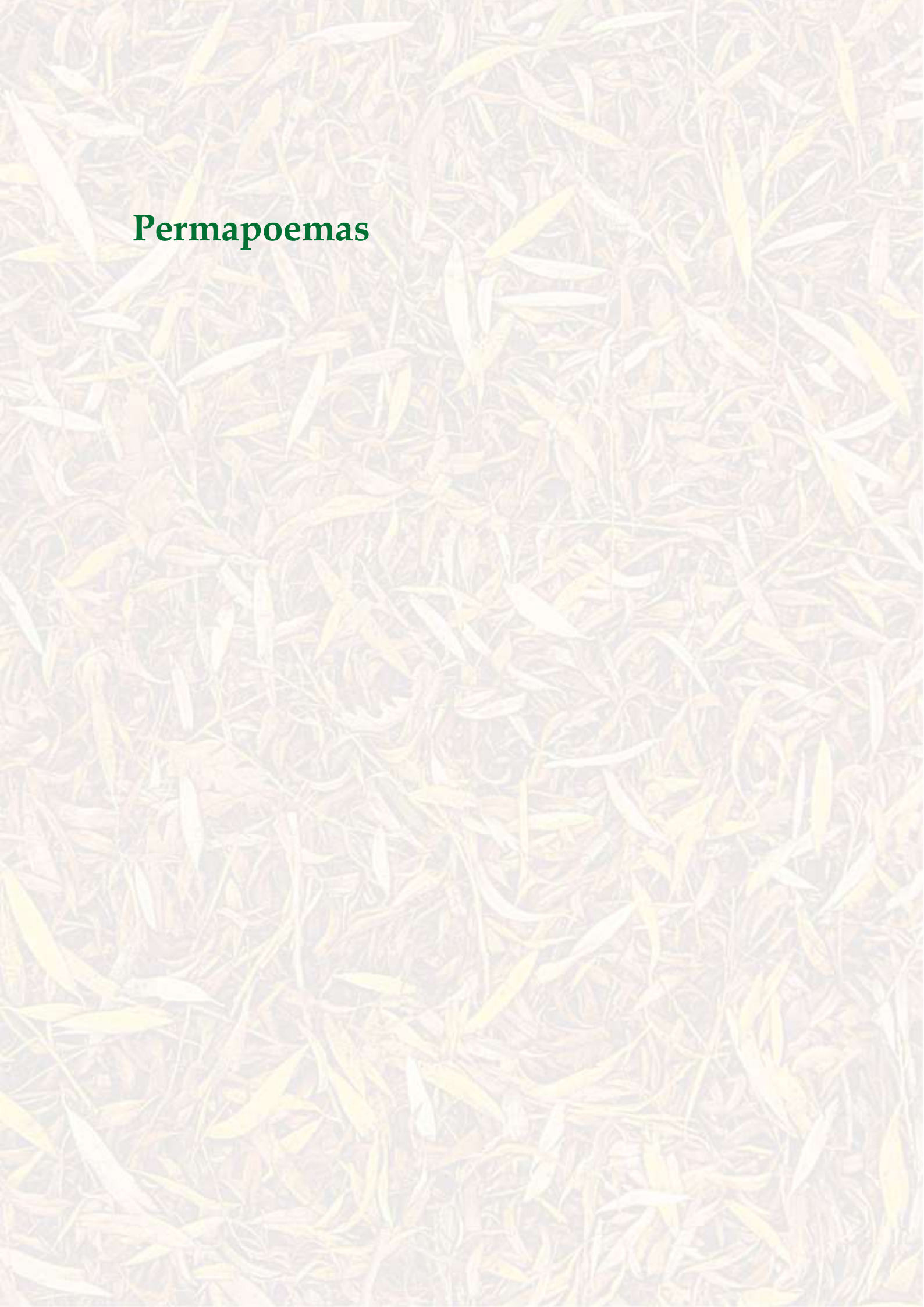
Os poemas começaram a brotar pelos canteiros. Olhando-os com cuidado, se nota que alguns estão nascendo como já existiram em outras terras, porém mais vigorosos, bem nutridos pelos vizinhos. Outros, são hibridações, espécimes novas que não teriam acontecido não fosse o encontro amoroso com os canteiros vizinhos.

Há ainda muitos espaços em outros canteiros, nos quais mais *poemas pulsantes, ainda que imperfeitos, querem nascer... Expiremos amor e ar*¹⁶⁰ pelos vãos deles... É preciso se entregar à aventura de dar palavras que façam corpos com as imagens que se oferecem aos toques-transformações...

E vamos lá saber-lhes as cores, texturas, aromas e sabores.



¹⁶⁰ Parafraseando Hilda Hilst. *Amavisse* – XIX. (2004, p. 60)



Permapoemas

Entre¹⁶¹ Sophia de Mello Breyner Andresen e Dora Vasconcellos



As heras de outras eras água pedra
E passa devagar memória antiga
Com brisa madressilva e Primavera
E o desejo da jovem noite nua
Música passando pelas veias
E a sombra das folhagens nas paredes
Descalço o passo sobre os musgos verdes
E a noite transparente e distraída
Com seu sabor de rosa densa e breve
Onde me lembro amor de ter morrido
– Sangue feroz do tempo possuído

Tantas flores nasceram sem
explicação E os vidros refletiram
sem quebra de unidade O gesto não
perturbou o hiato Os céus de maio
foram partidos pelos sinos Pode
ficar O momento é belo demais para
respostas Guarda o silêncio na
algibeira das portas Além quem sabe
Pode ser verdade
ou um dia depois

¹⁶¹ Coluna da esquerda – Sophia de Mello Breyner Andresen. *Primavera*. 2015, p. 470; coluna da direita – Dora Vasconcellos. *Momento*. 1963, p. 35.

Entre¹⁶² Sophia de Mello Breyner Andresen e Dora Vasconcellos



¹⁶² Da esquerda para a direita: Primeira coluna – Sophia de Mello Breyner Andresen. *Primavera*. 2015, p. 470; segunda e terceira colunas – Dora Vasconcellos. *Momento*. 1963, p. 35.

Entre¹⁶³ Dora Vasconcellos e Sophia de Mello Breyner Andresen



¹⁶³ De cima para baixo: duas primeiras estrofes – Dora Vasconcellos. *Êxtase*. 1958, pp. 172-174; terceira estrofe – Sophia de Mello Breyner Andresen. *Mundo nomeado ou Descoberta das ilhas*. 2015, p. 500.

Entre¹⁶⁴ Safo de Lesbos e Dora Vasconcellos

Agora rebrilha entre as mulheres lídias,
como, depois do Sol
posto, a Lua, com dedos de rosas,

os astros ofuscando, todos, sua luz;
derrama sobre o mar salgado
e nos campos constelados de flores;

alastra-se lindamente o orvalho;
abrem-se as rosas, o delicado
cerefólio e o florido meliloto;

ela vagueia sem cessar, recorda-se de Athis,
a deliciosa, e seu coração
delicado se aflige com tua sina:

Eu te faço todos os dias mas deixo
incompleto teu olhar parte de tua
boca ainda sorrindo O resto é de
alguém que não conheço ou que
inventei Inacabada a frase que eu
queria ouvir é a voz é bem a tua no
princípio O gesto a maneira de por
a mão no queixo Eu te faço com minha
lembrança e te completo com o que
esqueci Não sei entrar dentro do
tempo Entre as linhas que guardei o
branco se estende em atenção ao
espaço que eu fizera Que não há
cor atual para fazer-te ao meu lado
Se avanço em tua direção é o vácuo
Uno os pedaços do que ficou de ti
ao esquecido de ti

¹⁶⁴ Coluna da esquerda – *Fragmento de Safo (equivalente ao Fr. 96 V)*, tradução de Joaquim Brasil Fontes (2003, pp. 396-397); coluna da direita – Dora Vasconcellos. *Moldura*. 1963, p. 41.

Entre¹⁶⁵ Maria Firmina dos Reis e Judith Teixeira



¹⁶⁵ Coluna da esquerda – Maria Firmina dos Reis. *Sonho ou visão?*. 2018, pp. 205-206; coluna da direita – Judith Teixeira. *Ilusão*. 2015, pp. 136-137.

Entre¹⁶⁶ Sophia de Mello Breyner Andresen, Safo de Lesbos e Judith Teixeira



¹⁶⁶ De cima para baixo: duas primeiras estrofes – Sophia de Mello Breyner Andresen. *O Minotauro*. 2015, pp. 628-629; terceira estrofe – *Fragmento de Safo*, tradução de Joaquim Brasil Fontes (2003, pp. 420-421); quarta estrofe – Judith Teixeira. *A Bailarina Vermelha*. 2015, pp. 141-142.

Entre¹⁶⁷ Safo de Lesbos e Maria Firmina dos Reis



¹⁶⁷ De cima para baixo: primeira e segunda estrofes – *Fragmento de Safo*, tradução de Joaquim Brasil Fontes (2003, pp. 384-385); terceira e quarta estrofes – Maria Firmina dos Reis. *À minha carinhosa amiga a Exma. Sra. D. Ignez Estelina Cordeiro*. 2018, p. 195.

Entre¹⁶⁸ Ana Cristina Cesar e Dora Vasconcellos



¹⁶⁸ Coluna da esquerda – Ana Cristina César. *Sumário*. 2013, p. 90; coluna da direita – Dora Vasconcellos. *Sumário*. 1963, pp. 71-73.

Entre¹⁶⁹ Maria Firmina dos Reis e Carolina Maria de Jesus



¹⁶⁹ Coluna da esquerda – Maria Firmina dos Reis. *Uma tarde em cumã*. 2018, pp. 191-192; coluna da direita – Carolina Maria de Jesus. *Estátua de pedra*. 1996, pp. 231-232.

Entre¹⁷⁰ Judith Teixeira e Safo de Lesbos



¹⁷⁰ Coluna da esquerda – Judith Teixeira. *Ao espelho*. 2015, pp. 73-74; coluna da direita – *Fragmento de Safo*, tradução de Joaquim Brasil Fontes (2003, pp. 420-421).

Entre¹⁷¹ Sophia de Mello Breyner Andresen, Safo de Lesbos e
Carolina Scartezini



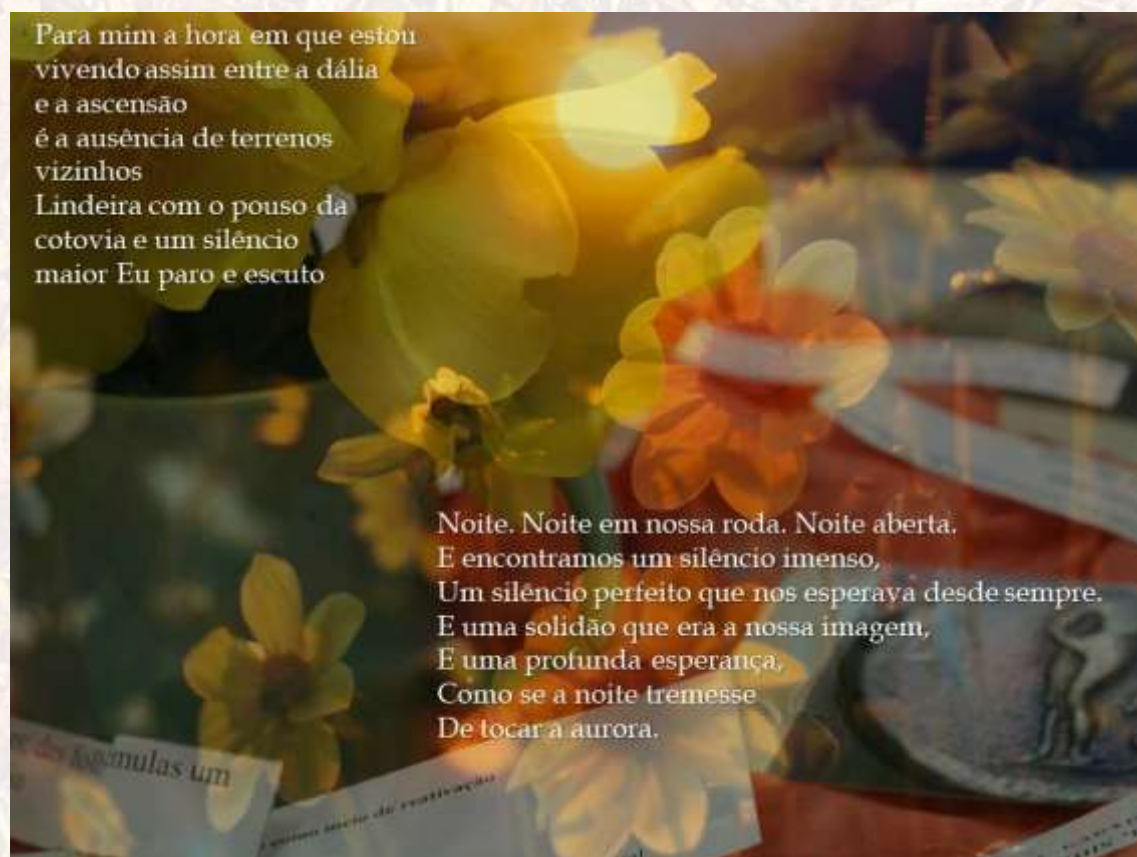
¹⁷¹ Coluna da esquerda: Sophia de Mello Breyner Andresen. *Jardim perdido*. 2015, p. 192; coluna da direita: Carolina Scartezini. *O desejo*. 2020, p. 163 (inspirado pelas potências eróticas dos fragmentos de Safo e nos estudos da autora dessa dissertação para a criação de uma versão para o *Fr. 31 V*).

Entre¹⁷² Carolina Maria de Jesus e Judith Teixeira



¹⁷² Coluna da esquerda: Carolina Maria de Jesus. *Dá-me as rosas*. 1996, p. 169; coluna da direita: Judith Teixeira. *Rosas Vermelhas*. 2015, pp. 69-70.

Entre¹⁷³ Dora Vasconcellos e Sophia de Mello Breyner Andresen



¹⁷³ Coluna da esquerda: Dora Vasconcellos. *Terreno Baldio*. 1963, pp. 122-124; coluna da direita: Sophia de Mello Breyner Andresen. *Noite*. 2015, p. 906.

Entre¹⁷⁴ Judith Teixeira e Carolina Scartezini

O teu corpo branco e esguio
prende todo o meu sentido...
Sonho que pela noite, altas horas,
aqueces o mármore frio
do alvo peito entumecido...

E quantas vezes pela escuridão,
a arder na febre dum delírio,
os olhos roxos como um lírio,
venho espreitar os gestos que eu
sonhei...

.....
- Sinto os rumores duma convulsão,
a confessar tudo que eu cisme!

.....
Ó Vênus sensual!
Pecado mortal
do meu pensamento!
Tens nos seios de bicos acerados,
num tormento,
a singular razão dos meus cuidados!

Ergue-te resplandecente
Como a Lua entre as estrelas,
Imortal e soberana,
Em meio às rosas
No jardim sagrado que é teu,
Como és só teu
Meu desejo mais pagão

Razão da minha loucura,
Tua pele de mármore,
Teus lindos seios,
Para sempre rijos,
Iluminam pela noite escura
Meus olhos incandescentes,
Irresistível Deusa do Oriente

Inebriante direção para a qual
Me arrastas quando vens,
Em sonhos oculta,
Tomar meu corpo para teu altar
E acender, deleitosa,
Em minhas brasas encarnadas
Teu misterioso incenso

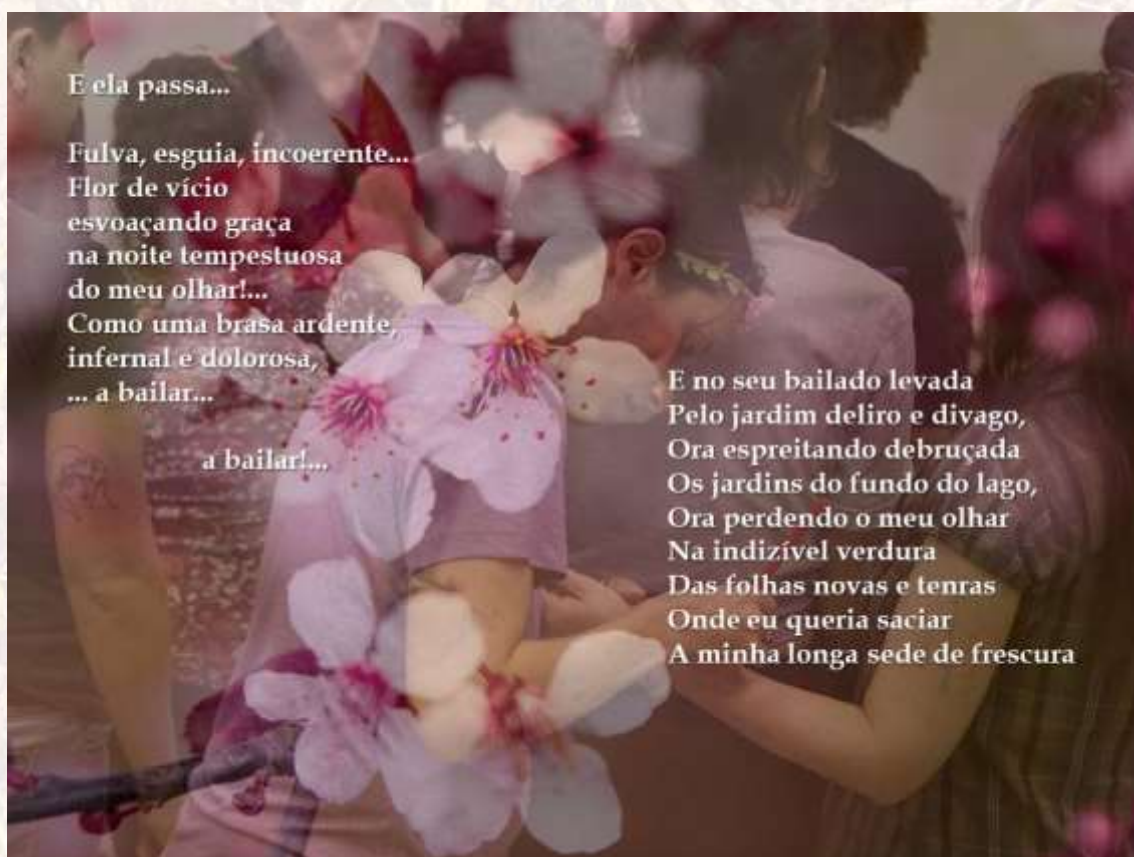
Intenso, teu olhar pético
Me sorri e eu, imóvel,
Nos teus braços paralisada,
Sinto desabar sobre os
Meus lábios desejosos
Os beijos ardentes
Da tua boca desesperada

Madrugada adentro
Até que o Sol, enciumado,
Reclama de novo tua divina
Presença auribrilhante
Sob o calor de seus
Louros afagos e eu,
Desfalecendo em doloroso

Gozo, caio,
Letargicamente,
Em meio às ondas
Acetinadas e revoltas
Do meu ainda tépido leito
Orvalhado e fragrante
Solitário e descomposto

¹⁷⁴ Da esquerda para a direita: primeira coluna – Judith Teixeira. *A Estátua*. 2015, p. 47; segunda e terceira colunas – Carolina Scartezini. *Deusa do Oriente – à Judith Teixeira II*. 2020, p. 166.

Entre¹⁷⁵ Judith Teixeira e Sophia de Mello Breyner Andresen



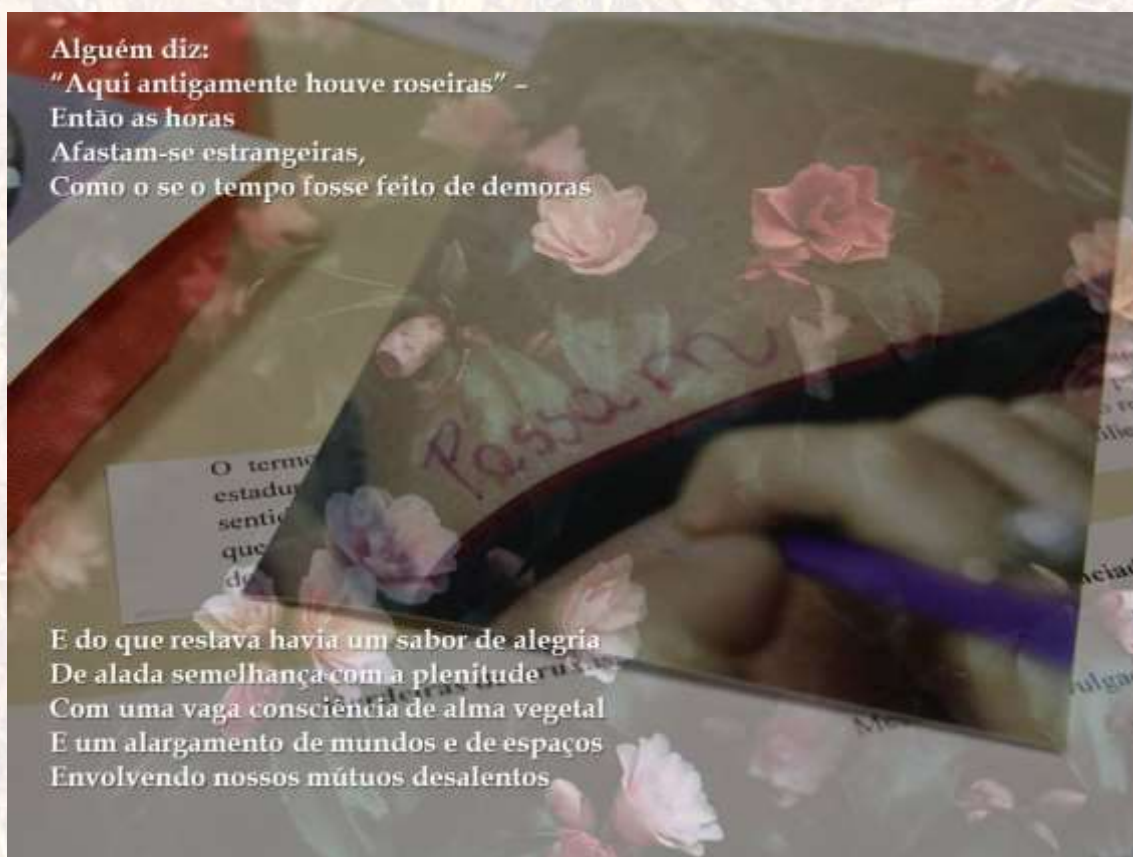
¹⁷⁵ Coluna da esquerda: Judith Teixeira. *A Bailarina Vermelha*. 2015, pp. 141-142; coluna da direita: Sophia de Mello Breyner Andresen. *O Jardim*. 2015, p. 129.

Entre¹⁷⁶ Carolina Scartezini e Judith Teixeira



¹⁷⁶ Coluna da esquerda: Carolina Scartezini. *A fonte – à Judith Teixeira I*. 2020, p. 168; coluna da direita: Judith Teixeira. *De mim*. 2015, pp. 279-296.

Entre¹⁷⁷ Sophia de Mello Breyner Andresen e Dora Vasconcellos



¹⁷⁷ De cima para baixo: primeira estrofe – Sophia de Mello Breyner Andresen. *Jardim*. 2015, p. 94; segunda estrofe – Dora Vasconcellos. *Êxtase*. 1958, pp. 172-174.

Entre¹⁷⁸ Sophia de Mello Breyner Andresen e Safo de Lesbos



O jardim está brilhante e florido.
Sobre as ervas, entre as folhagens,
O vento passa, sonhador e distraído,
Peregrino de mil romagens

tu, de grinaldas, coroa, ó Dika, teus adoráveis cabelos,
raminhos de anís enlacando com as mãos delicadas;
floridas, as preces agradam as divinas Graças
que se afastam, porém, se grinaldas não trazes

¹⁷⁸ De cima para baixo: primeira estrofe – Sophia de Mello Breyner Andresen. *O Jardim*. 2015, p. 129; segunda estrofe – *Fragmento de Safo*, tradução de Joaquim Brasil Fontes (2003, pp. 430-431).

Entre¹⁷⁹ Dora Vasconcellos e Sophia de Mello Breyner Andresen

Humildes olhávamos a nossa nudez
Com profundo abandono
E sem pecado
Fartos de crença e de desesperança

Éramos abstratos e nítidos
Resvalávamos entre silêncio e palavra
Como aprendizes de um ofício novo

Por isso repetíamos os gestos rituais que restabelecem
O estar-ser-inteiro das coisas –
Isto nos tornou atentos a todas as formas que a luz do sol conhece
E também à treva interior por que somos habitados
E dentro da qual navega indicível o brilho.

¹⁷⁹ De cima para baixo: primeira e segunda estrofes – Dora Vasconcellos. *Êxtase*. 1958, pp. 172-174; terceira estrofe – Sophia de Mello Breyner Andresen. *Os gregos*. 2015, p. 635.

Entre¹⁸⁰ Ana Cristina Cesar e Carolina Maria de Jesus



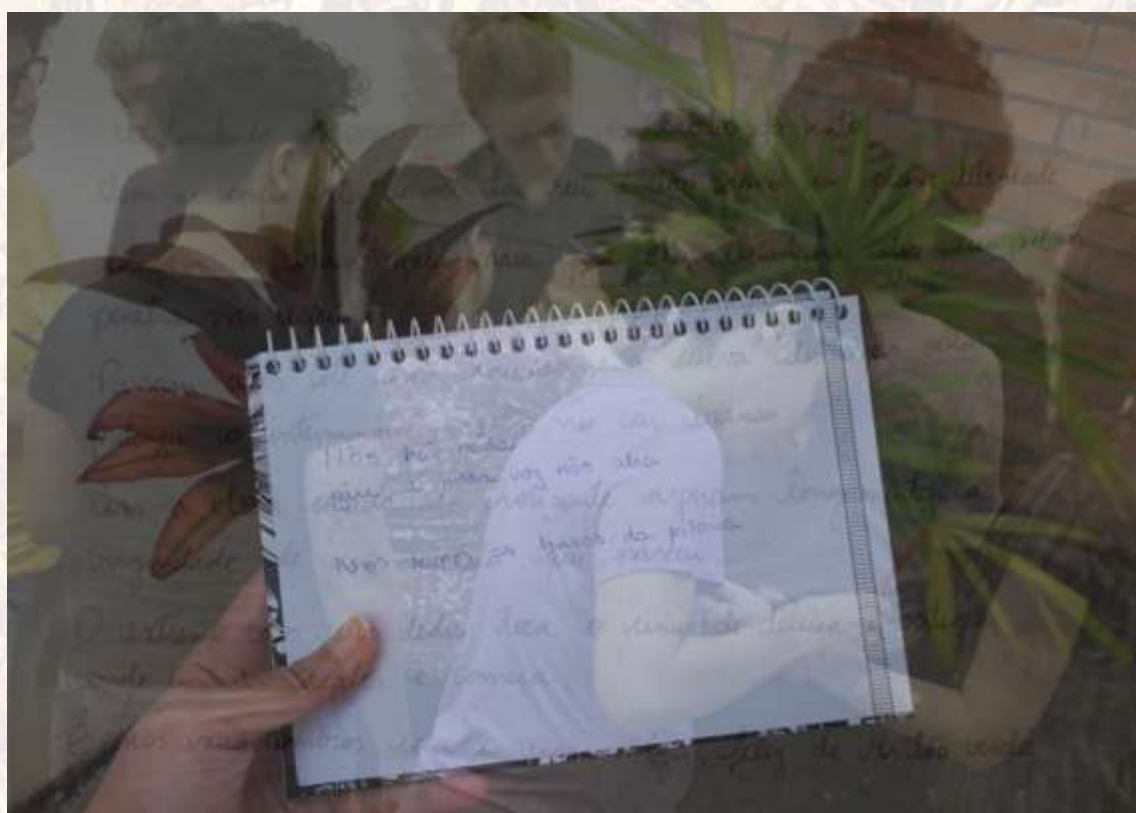
¹⁸⁰ De cima para baixo: primeira estrofe – Ana Cristina César. *Mocidade independente*. 2013, p. 85; segunda estrofe – Carolina Maria de Jesus. *Quadros*. 1996, pp. 197-213.

Entre¹⁸¹ Sophia de Mello Breyner Andresen e Ana Cristina Cesar



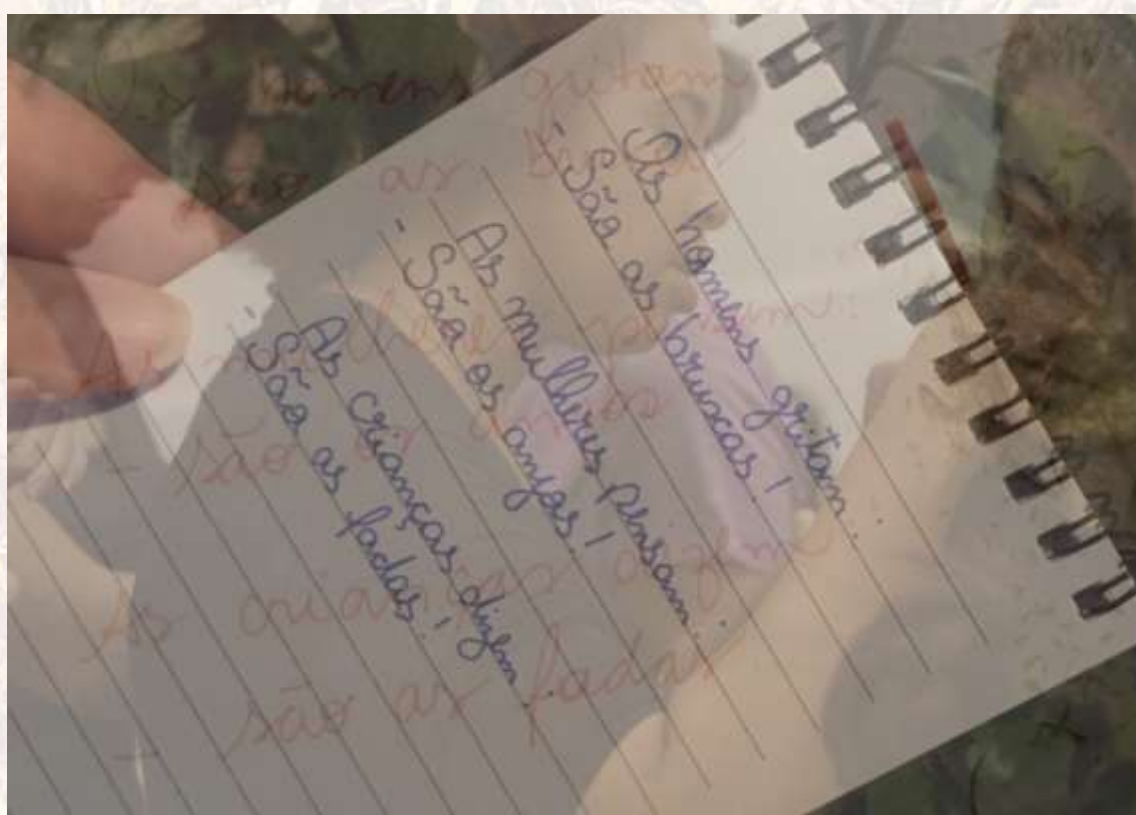
¹⁸¹ De cima para baixo: primeira estrofe – Sophia de Mello Breyner Andresen. *Beira-mar*. 2015, p. 882; segunda estrofe – Ana Cristina César. *Cartilha de cura*. 2013, p. 87.

Entre¹⁸² Sophia de Mello Breyner Andresen, Maria Teresa Horta e ...



¹⁸² Plano de fundo: Sophia de Mello Breyner Andresen. *Mulheres à beira-mar*. 2015, p. 229; em segundo plano: Maria Teresa Horta. *Anjos mulheres* – VI, disponível em: <https://www.portaldaliteratura.com/poemas.php?id=1169>. Acesso em: 22 nov. 19; em primeiro plano: ...

Entre¹⁸³ Maria Teresa Horta e ...



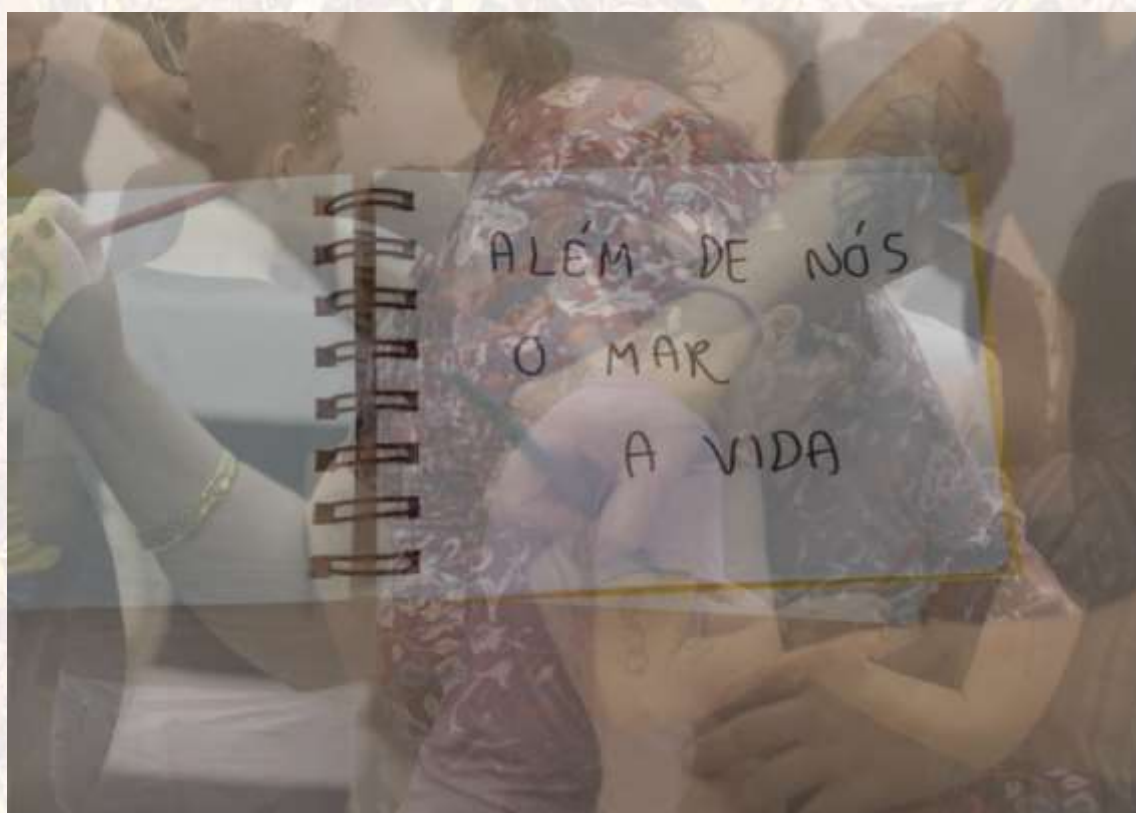
¹⁸³ Fundo e segundo plano: Maria Teresa Horta. *Anjos mulheres* – VI, disponível em: <https://www.portaldaliteratura.com/poemas.php?id=1169>. Acesso em: 22 nov. 19; em primeiro plano: ...

Entre¹⁸⁴ Sophia de Mello Breyner Andresen, Dora Vasconcellos e ...



¹⁸⁴ Plano de fundo: Sophia de Mello Breyner Andresen. *Mulheres à beira-mar*. 2015, p. 229; em segundo plano: Dora Vasconcellos. *Êxtase*. 1958, pp. 172-174; em primeiro plano: ...

Entre¹⁸⁵ Dora Vasconcellos e ...



¹⁸⁵ Plano de fundo: Dora Vasconcellos. *Êxtase*. 1958, pp. 172-174; em primeiro plano: ...

Entre minha e nossa

*“Tudo no mundo é frágil, tudo passa...”
Quando me dizem isto, toda a graça
Duma boca divina fala em mim¹⁸⁶.*

<https://www.youtube.com/watch?v=QhSvExQDVqc>

Encerra-se um feitiço. Este fim não é mais que um recomeço, como o são todos os fins que se podem atingir pelos meios escolhidos. A Roda gira. Vida e morte, começos e términos se encontram, sucessivamente, de novo, outra vez, agora...

Os segredos da Roda do Ano – não existe aniquilamento, nem conclusão acabada e fixa. A pesquisa viva feita poema em composição anelar, como no Hino à Afrodite de Safo de Lesbos. O último verso retoma os desejos do primeiro, mas não pela repetição incessante das formas de um caminho já conhecido – por caminhos outros, surpreendentes, eróticos. Caminhos proliferadores de muitas formas de vida, incontrolláveis. O ponto final reencontra o desejo do ponto de partida, porém, tomando o cuidado de não coincidir exatamente com ele, como bem alertaram Lygia Clark (1963 apud. ROLNIK, 2018) e Suely Rolink (2018, pp. 28-97).

as amigas adoráveis,

Isto não significa que tenhamos retrocedido – não retrocedemos. E se não o fizemos, tal não se passou pelo temor ao imperativo moral “*não retrocederás*” (STENGERS, 2017) que ora move, ora intercepta os caminhos das Ciências, Artes, Filosofias e Magias com maiúsculas e singulares. Se não retrocedemos, foi simplesmente por termos nos permitido caminhar com o fluxo sagrado da vida, *a dança cósmica do encanto*¹⁸⁷, por termos aceitado girar com a Roda do Ano, por termos divagado e mergulhado em busca do intangível. Por termos aprendido com os rios a correr apaixonadamente ao encontro do mar, que é deles o destino e o renascimento, mas correr cortando torto, errando, refazendo as margens. Por termos inventado com as parcerias que se fizeram presentes, as criando a cada passo, possibilidades de caminhos sinuosos entre os dois que já estavam dados, entre as divulgações de verdades absolutas aparentemente impossíveis de se cruzarem sem se impedirem de seguir vivendo.

Assim, antes da dispersão das forças divinas invocadas como parceiras ao longo da pesquisa, é preciso dar voz ao sincero agradecimento que lhes é devido. Esteja para sempre e sempre por um triz na memória dessa escrita toda a minha gratidão às potências divinas que permearam as tramas que foram se tecendo pelo meio dos encontros! Divindades, bruxas da palavra, mulheres, fragmentos de poemas, fotografias, artes, ciências, magias, filosofias... Todas essas forças eróticas que enlaçaram a mim e à pesquisa de tal maneira que o que era *razão do meu viver* pode vir a ser *toda a minha vida*, porém não no sentido de uma biografia como escrita fixa de uma vida de verdade, mas sim como aquilo que move,

¹⁸⁶ Florbela Espanca. *Fanatismo*. In: Antologia Pessoal (2015, p. 56)

¹⁸⁷ Cecília Meirelles *Deus dança*. In: Viagem: vaga música (1982, p. 268)

toca, transforma e faz viver outras tantas vidas verdadeiras e outras tantas escritas amigas da memória na qual se inscrevem.

Agora, a entrega e a espera. A língua desfeita, a poesia, a pesquisa em pedaços. O corpo que a paixão me tomou por inteiro e que agora eu sei: nunca foi meu. Amadora, entrego tudo o que eu não sou e tudo aquilo que eu não soube dizer, *a expressão que o mau jeito não soube dar à voz ou as palavras que fugiram longe do sentido*¹⁸⁸ àquelas a quem o destino já chegou pelas costas e já lhes tocou o ombro. *O que é proposto pode ser aceito ou rejeitado*¹⁸⁹. No entanto, errando, é certo que alguma se vire novamente e encare o toque-transformação como eu o encarei, pegue uma das tantas pontas soltas dessa tecelagem amorosa fragmentada e trame com ela outros encontros.

Afinal, essa dissertação, mesmo feita declaração de amor, não é mais que mais uma dissertação, nem é mais que mais uma declaração de amor. Como sabiamente avisa Virginia Woolf (2007a, p. 612), essa escrita precisa ser lida como parte de uma sequência de inúmeras outras escritas, exatamente como a escritora dela precisa ser lida como a continuação de todas as outras escritoras. Essa amadora não é mais que mais uma amadora. Essa paixão não é mais que *a mesma história tantas vezes lida*¹⁹⁰. Nada aqui é o início nem o fim absoluto de coisa alguma, embora possa dar princípios e fins a várias outras. Todas as canções, paixões e palavras que para cá vieram foram e continuarão sendo herança de todas as canções, paixões e palavras que nunca terminaram de queimar, pois são, elas mesmas, chama... Aquela chama furtiva correndo sob a pele de cada uma que tem a língua partida pelos toques-transformações divinos, pelos encantos das Musas.

Por fim, outro salto no abismo. *meu coração* Mais uma volta nos laços pelo meio das tantas ficções de Safo. Encontrar o abismo, sim, entretanto, não para dar fim a uma paixão. Lançar-se apaixonadamente ao abismo, se dar a um fim, para poder participar dos inícios de inúmeras outras paixões. Para que outras tantas paixões possam renascer das ondas, singrando de ilha em ilha, de poema em poema, como a divindade que as anima.

Dispersar-se no ar como palavra-pólen para poder se perder e se reencontrar noutras bocas divinas, deixar despedaçadas as formas para que se permitam atravessar de novo, outra vez, agora, pelas potências desejosas de germinar outros possíveis...

Porque pertenço à graça daquelas que,
sem saber que virar pelo avesso
era uma experiência mortal,
foram fundo ao abismo
e o souberam:
Morremos do mesmo amor mil mortes.
Atadas e nuas como a imortal
Imersas, gota por gota,
de olhos abertos,
em todas as canções
em todas as paixões

¹⁸⁸ Dora Vasconcellos. *De tarde*. In: O grande caminho do branco (1963, p. 32-33)

¹⁸⁹ Dora Vasconcellos. *Momento*. In: O grande caminho do branco (1963, p. 35)

¹⁹⁰ Florbela Espanca. *Fanatismo*. In: Antologia Pessoal (2015, p. 56)

em todas as palavras
De novo
Outra vez
Agora.

para sempre fiel

As fragmentações poéticas, palimpsestos, divagações e permapoemas que se proliferaram pelo corpo dessa dissertação se deram à luz pelas mãos da própria pesquisadora, com o auxílio do site *Canva* no cuidado das novas formas de vida. Deste site, também vieram as imagens aquáticas e florais que ajudaram a dar formas aos fluxos das composições. As fotografias de escritas poéticas que as animaram nasceram em parceria com mulheres amadas que generosamente deixaram marcas pela memória amiga da verdade. Todas as superfícies pelo meio das quais aconteceram tais encontros, salvo as colhidas no site já referenciado, vieram do arquivo pessoal da pesquisadora. Os poemas que atravessaram as tramas tecidas entre nós fazem parte das obras constantes na bibliografia a seguir.

Epílogo – Skólia

Pequenas escritas pelas margens dessa dissertação. Tramas tecidas entre teorias e práticas, acontecidas pelos vãos e vagas do corpo do texto no encontro com as arguições da banca de defesa. Das razões, sim, mas também – e muito – das intuições, emoções e sensações que se deixaram conduzir pela pesquisa, querendo ou não querendo, trespassadas pelo desejo.

Uma visão revelada pela herança de sonhadoras de outros saberes que são possíveis: para que os conhecimentos tenham uma eficácia para além de um saber apenas racional, é preciso que o caminho de dar passagem a eles seja feito das mesmas potências que só se manifestam quando algo além da razão pode ser mobilizado.

As outras escritas acadêmicas que são possíveis precisam desses outros caminhos, que também são possíveis.

As amadas-amadoras, parceiras de experimentos-rituais

Dentre todas as muitas escolhas movidas pelo desejo que se fizeram corpos ao longo da pesquisa, a primeira – e que teve a eficácia de me ensinar a fazer todas as outras – foi aquela que me levou ao encontro das minhas Mirias.

No começo, ou melhor, antes mesmo de qualquer começo, eu as convidei. Poucas. Quase em segredo. Algumas, conhecidas há muitos anos, outras, há poucos meses. Pouca razão: me parecia que todas elas tinham algum interesse por possíveis tecelagens entre artes e feminismos e eu queria um grupo de mulheres para pesquisar essas coisas comigo, informalmente.

O que me moveu: muita intuição e um desejo divino, potente, irresistível! Cada um dos nomes, dos rostos, das vozes delas me atormentou infinitamente até que, ainda tímida e assombrada pelo indizível, cedi à necessidade de lhes estender a mão e pedir que viessem comigo. Eu me apaixonei completamente por elas – e continuo apaixonada!

Para meu tremendo espanto, elas simplesmente aceitaram! Sem questionamentos, sem pedido de mapas, nem de qualquer outro tipo de garantias. E me encorajaram com total sinceridade desde o momento em que decidi começar a escrever o projeto para concorrer à vaga no programa de pós-graduação que acabei escolhendo. Elas se tornaram as minhas Graças, as que nunca deixaram me faltar inspiração, prazer e alegria, nem nos momentos mais difíceis e perigosos da aventura pelo meio das artes, ciências e filosofias.

Depois delas (e com elas junto), inúmeras outras parceiras (parceiros e parceiros) acabaram se sentindo atraídas e vieram fazer conosco os experimentos-rituais realizados em público. Dessas tantas, mais algumas se tornaram constantes, vieram para serem perenes, ficaram até o momento da defesa. Foram escritas dessas mulheres e de algumas das Graças que acabaram tomando o corpo todo da dissertação, como haviam antes tomado o meu próprio. Muitas outras participaram apenas uma vez, o que absolutamente não significa que não tenham sido vitais – elas foram! Na verdade amiga da memória, essa pesquisa foi feita

por e para todas essas amadas-amadoras e não teria acontecido como aconteceu sem a participação de cada uma delas.

Entre elas todas, há mulheres (e mulheridades) completamente heterogêneas e diversas. De crianças que estavam acompanhando as mães delas a senhoras que vieram com as filhas. Pessoas de diferentes escolaridades, profissões, raças, crenças, religiões, sexualidades, identidades... Todas as que desejaram estar conosco foram muito bem-vindas e bem-vindes!

Nunca realizamos um censo formal que nos desse dados concretos sobre essas pessoas porque não era disso que a pesquisa se propunha a tratar. Elas nunca foram meus objetos de pesquisa, sempre vieram como parceiras. Vieram como quiseram, quando quiseram, apenas se quiseram – ou, melhor dizendo, vieram como, quando e apenas movidas pelo desejo. O meu desejo também, mas junto com os delas, respeitando e acolhendo os delas, sempre.

Esses encontros tiveram a eficácia de me ensinar, na prática, modos de fazer funcionar os conceitos filosóficos e sabedorias mágicas com os quais eu havia escolhido trabalhar. Assim, toda a escrita da dissertação foi tocada-e-transformada por eles. Foi com eles (e com elas) que eu aprendi a pensar, intuir, sentir, criar e escrever do jeito como tenho feito desde estes acontecimentos. Escrever *podendo* dizer *com* essas parcerias mulheris, mágicas e filosóficas todas, não *podendo* dizer *sobre* elas.

Do mesmo modo que nas ações eu nunca cobreí das pessoas que desejaram estar junto uma explicação para esse desejo, pude, enfim, acolher conceitos e práticas que desejaram estar com a escrita sem ficar exigindo que eles me explicassem de antemão suas presenças ali. Com o convívio entre nós, acabou se revelando uma razão – eles se deram a saber bons anarquistas ecológicos, todos eles aceitaram tecer relações potentes com os fragmentos e ficções de Safo.

Porém, estavam atravessados demais pelas potências eróticas para acabarem presos a qualquer armadilha demasiado humana. Eles vieram, trocaram afetos com o texto, e, como o Sexta-feira de Tournier (1985), encantados pelas divindades que os nomearam, foram ser vento (e fogo, e água, e terra, e espírito, e...).

As memórias, as Musas, as músicas

Cada uma das canções que vieram trocar afetos com o corpo desse texto foi um acontecimento, sopro divino trespassando escutas, escritas, peles e papéis. Algumas delas já eram antigas amigas das minhas verdades. Outras, foram ouvidas por mim pela primeira vez no exato momento em que deram notícias de si, em meio aos fluxos da dissertação. Entre umas e outras: mais uma vez, intuição e desejo, a inexplicável sensação de que precisava delas para seguir.

Da mesma maneira, das vozes que, melifluindo divinamente, deram ares aos poemas e melodias em questão, algumas haviam sido ouvidas desde a minha infância, outras tantas vieram de surpresa. Vieram do futuro desejoso de criação.

O que todas as músicas e Musas invocadas têm em comum: irresistivelmente, foram tomando o meu corpo e o da dissertação durante as nossas aventuras de divagação poética. Corporreativações movidas pelo desejo de ajudar a curar mais separações, divisões e classificações: entre poesias e músicas, entre composições e performances, entre um rosto e uma voz perdidos e muitos rostos e muitas vozes possíveis, entre diversas histórias contadas sobre uma vida e histórias diversas contadas pelas viventes.

Corporreativações que tocaram-e-transformaram toda a pesquisa, provocando ritmos, movimentos, sensações, emoções, lembranças... E prazeres! Elas sabem bem na boca, na pele, nos ouvidos...

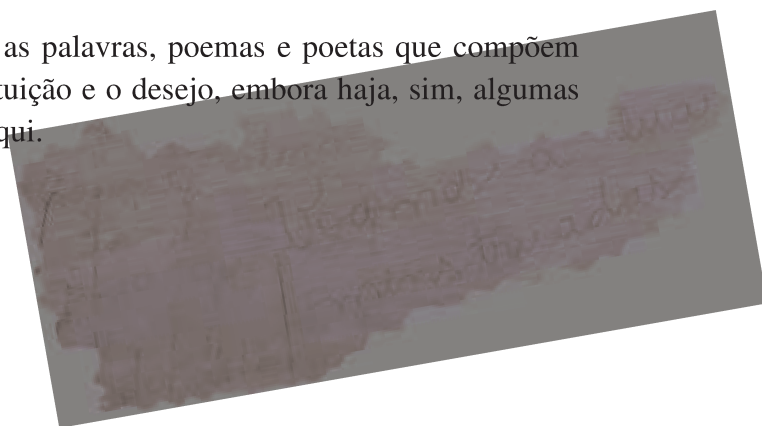
Elas podem, ainda, dar uma satisfação às leitoras que vão aos fragmentos e ficções de Safo ávidas pelos vestígios de lesboerotismo e desejosas de encontrar, na verdade amiga da memória, uma mulher que amou outras mulheres. A maioria das vozes femininas que soam pelo meio dessa pesquisa já soou em autodeclarações de lesbiandade ou bissexualidade muito bem documentadas. E longe de formarem um coro homogêneo, uma monocultura do que pode ser uma mulher apaixonada pela poesia, pela música e por outras mulheres, cada uma das vozes delas é, por si só, polifônica. Muitas harmonias – inclusive algumas bastante dissonantes – são possíveis entre elas.

Eu sei que há muitas outras cantoras e compositoras brasileiras que se autodeclaram lésbicas e bissexuais, algumas das quais eu mesma gosto muito e pelas quais tenho grande admiração. Como também sei que inúmeras outras canções maravilhosas poderiam ter vindo compor ardis com esse trabalho. Porém, ao invés de ceder espaço à frustração e dizer que, infelizmente, nem todas couberam aqui, faço às leitoras (e leitores) mais um convite: deem ouvidos ao desejo como eu mesma dei, tragam para cá as Musas e as músicas que melhor lhes soarem no momento da leitura, aquelas que lhes souberem mais doces! São todas bem-vindas e bem-vindes! Abençoadas e abençoades sejam!

Como divulgadora poética, sinto que uma última eficácia do atravessamento dessas canções pelo meio da dissertação precisa ser dita: em mim, elas provocaram o desejo de ouvir mais canções. Mais canções trespassadas de erotismo, criações sopradas pelas Musas, carregadas de inspiração divina. E eu sigo tomada por esse desejo. Graças à essa potente possessão, venho dando meus ouvidos à escuta tanto de mais canções das cantoras e compositoras que por aqui soaram, quanto a muitas outras que continuam escutando o chamado e me chamando junto. Não sei dizer ainda se essa eficácia se repetirá no encontro da música com outros ouvidos. O desejo é o de que, de novo, outra vez, agora, a resposta seja um sonoro sim!

Os poemas, as poetisas, os encantamentos

Assim como as canções e as paixões, as palavras, poemas e poetisas que compõem essa dissertação chegaram muito mais pela intuição e o desejo, embora haja, sim, algumas razões importantes que se podem dar a saber aqui.



No início da pesquisa, eu já conhecia várias das bruxas da palavra que acabaram sendo invocadas e mais algumas que, por enquanto, preferiram estar apenas à beira do texto. Mas não conhecia todas as que ficaram, nem muitas das que estiveram conosco pelo caminho.

Embora não tenham sido delimitados à priori, nem chegado sempre da mesma maneira, tanto os poemas, quanto as poetisas que acabaram se revelando mais perenes entre nossos cultivos têm algo em comum. De algum modo, fizeram mais amizade com os fragmentos e ficções de Safo e com os conceitos e práticas filosóficos e mágicos que mobilizaram a pesquisa. São também os que provaram ter a eficácia de dar mais prazeres às parceiras de experimento-ritual. Isso tudo nem sempre aconteceu de um jeito objetivo, mas, às vezes, sim. Em alguns dos casos, é possível notar laços entre as palavras, temas, ritmos, biograficções...

Os poemas mais perenes foram ainda os que se deram, desejosos, a serem sabidos de corpo inteiro com maior facilidade e alegria pelas bruxas invocadoras. E foram os que apresentaram a eficácia de estabelecer prontamente relações de anarquia ecológica uns com os outros, pelo meio das quais pudessem se cuidar, nutrir, proteger e fortalecer mutuamente, como está claramente proposto nos permapoemas do terceiro experimento-ritual apresentado.

Em relação às poetisas, há mais alguns pontos pelo meio dos quais se teceram nós. Algumas delas já haviam apresentado sinais de terem conseguido para elas um lugar na memória, enquanto outras me pareciam estar perigosamente ameaçadas pelo esquecimento. Então, apostei em experimentar se as lembradas poderiam ter a eficácia de auxiliarem a criar verdades amigas da memória para as que estavam sob o risco de serem esquecidas. Ao mesmo tempo, desejei ardentemente saber o que essas poetisas quase esquecidas, que até aquele momento haviam lutado bravamente e por seus próprios meios contra um fim triste, poderiam criar junto com aquelas que pareciam já ter alguma fama assegurada.

Como divulgadora poética, tinha ainda a suspeita de que nem as mulheres poetisas mais famosas tinham sido tão renomadas em meio ao nosso público quanto os homens poetisas, apesar de algumas delas serem muito lembradas entre os estudos acadêmicos. Eu desconfiava de que nem mesmo aquelas cujos nomes têm sido bastante honrados dentro da academia e de alguns vãos e vagas da sociedade fossem tão reconhecidas publicamente. Nem mesmo Safo.

Durante as realizações dos experimentos-rituais, foi muito frequente que as pessoas viessem ao final, geralmente encantadas, nos agradecer pela oportunidade de terem ouvido falar dessas poetisas maravilhosas pela primeira vez. Houve também – e igualmente com alguma constância – mulheres que têm frequentado a academia e que vieram, um tanto surpresas e aborrecidas, nos contar que nunca haviam sequer sabido da existência dessas poetisas mais famosas, apesar de tantos anos dedicados à pesquisa e à escrita.

Não era desejo desse trabalho questionar e investigar os motivos desses apagamentos, que às vezes dão a impressão de uma escassez de mulheres poetisas entre nós,

embora, evidentemente, esses assuntos me pareçam bastante relevantes. O que, sim, desejava experimentar, por sentir que nisso eu mesma poderia dar uma contribuição potente à questão, era a criação de caminhos pelos quais muitas poesias e muitas poetisas pudessem se proliferar abundantemente por muitos corpos.

Novamente, sei que há inúmeras outras bruxas da palavra tão potentes e dignas de lembrança e fama quanto as que se tornaram nossas parceiras de experimentos-rituais. E de novo, outra vez, agora, repito o convite às leitoras (e leitores): há muitos espaços desejosos de encontros dentro dessa pesquisa! Esses espaços estão aqui, arados e adubados, abertos para receberem as poetisas e poesias que vierem trazidas pelos desejos de vocês.

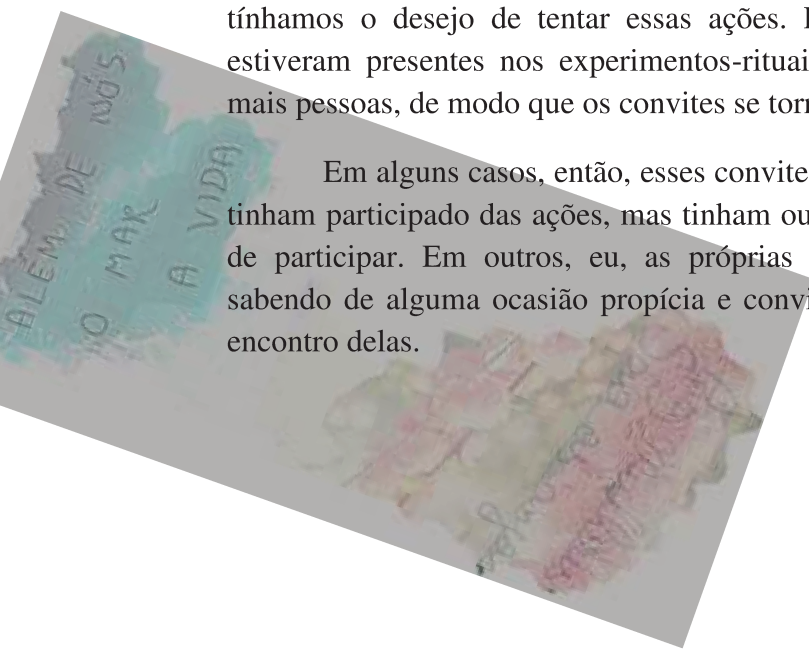
O meu próprio desejo é o de que essa escrita siga sendo tocada-e-transformada, que ela possa ter inúmeras vidas, mortes, renascimentos e que, na verdade amiga da memória das relações entre mulheres, amores e poesias, seja sempre (mesmo que sempre por um triz) bem lembrado: nós somos muitas. E podemos viver mais saudáveis, alegres e vigorosas juntas.

Experimentos-rituais de magia literária

As ações que deram corpos a cada um dos experimentos-rituais apresentados ao longo dessa dissertação foram criadas em parceria com as amadas-amadoras que tomaram parte nelas e sempre se levando em consideração a situação em que aconteceriam. Tanto as Graças, quanto as outras parceiras que foram se tornando perenes decidiram junto comigo quais seriam as propostas iniciais feitas às demais parceiras. Estas, por sua vez, sempre foram convidadas a decidirem com a gente o que de fato seria feito entre nós, podendo, inclusive, tocar-e-transformar as propostas que lhes fazíamos inicialmente. Era esse procedimento que nos assegurava que pudéssemos estar juntas em perfeito amor e perfeita confiança durante os acontecimentos de magia literária.

Todos os experimentos-rituais foram pensados, intuídos e sentidos para serem realizados em público. Na maioria das ocasiões, este público era completamente desconhecido, aberto, muito amplo e heterogêneo. O que determinava quando e onde iríamos experimentar-e-celebrar era sempre um convite, geralmente feito por alguma das amadas-amadoras que tomaria parte nos acontecimentos conosco. Começamos sendo convidadas por amigas ou conhecidas que haviam sabido, em conversas informais, que tínhamos o desejo de tentar essas ações. Porém, muito rapidamente, as parceiras que estiveram presentes nos experimentos-rituais compartilharam as experiências delas com mais pessoas, de modo que os convites se tornaram mais abundantes.

Em alguns casos, então, esses convites foram feitos por essas pessoas que ainda não tinham participado das ações, mas tinham ouvido falar delas e desejado ter a oportunidade de participar. Em outros, eu, as próprias Graças e demais parceiras perenes ficamos sabendo de alguma ocasião propícia e convidamos umas às outras para que fôssemos ao encontro delas.



Dessa maneira, estivemos juntas em eventos artísticos, como saraus e oficinas e em eventos acadêmicos, como jornadas, simpósios, encontros de divulgação de ciência e cultura. Também estivemos em atividades especiais dentro de disciplinas do programa de pós-graduação que eu cursei e no meu ritual de qualificação da dissertação. Participamos ainda de alguns eventos feministas, geralmente ligados às artes e à magia.

É importante ressaltar que nós nunca recebemos qualquer tipo de cachê para a realização dos experimentos-rituais. Estivemos em todos eles voluntariamente, exatamente como estiveram todas as parceiras que tomaram parte neles. Também raramente fizemos algum tipo de divulgação específica dessas nossas participações. Em geral, contamos somente com a divulgação do próprio evento do qual participaríamos. Apenas quando chegava a nossa vez, anunciávamos o que tínhamos a intenção de fazer e convidávamos as pessoas a se juntarem a nós naquele momento. Então, conversávamos brevemente com as parceiras da ocasião e combinávamos junto com elas o que de fato iríamos realizar.

Na maioria dessas realizações, eu pedi às Graças, às outras parceiras perenes e, em alguns casos, também às demais participantes que trouxessem para os experimentos-rituais poemas ou versos de mulheres poetisas. Eu nunca me preocupei em definir nem o que considerava “mulheres”, nem o que considerava “poetisas” nas vezes que propus isso a elas. Nunca me preocupei, porém não porque ache os temas desimportantes, apenas porque o que me movia era o desejo de estar nesses encontros e de saber o que as outras parceiras se sentiriam movidas a trazer para eles.

Logo no segundo dos experimentos-rituais que nós realizamos, que se deu durante um sarau público promovido pela banda da qual uma das Graças faz parte, eu e elas havíamos decidido que queríamos experimentar convidar as parceiras a escrever nas peles umas das outras. Naquele momento, eu estava completamente tomada por uma frase linda que o Rancière escreveu no *Paradoxo da Arte Política*, uma que fala sobre o potencial libertário de se fazer *um corpo consagrado a outra coisa que não à dominação* (RANCIÈRE, 2010, p. 64).

Por causa desse desejo de escrever e de sermos escritas umas nas/pelas outras, pensamos que era melhor escolher para esse experimento-ritual específico um poema que pudesse ter a eficácia de fazer com que todas nos sentíssemos amadas e desejadas. Foi nesse momento que o destino me tocou o ombro e me mostrou que, numa coletânea de traduções/versões dos fragmentos de Safo que está disponível no site *Domínio Público*, há um poema chamado “*A uma mulher amada*”. Descobri, um tempo depois, que se tratava de uma versão inspirada no fragmento equivalente ao Fr. 31 V.

A partir desse experimento-ritual, principalmente nas ocasiões em que o repetimos e convidamos outras pessoas a trazerem poemas de mulheres poetisas com elas, passamos a pedir apenas que tomassem o cuidado de escolher aqueles que elas sentissem que tinham as palavras mais amorosas. A ideia era que essas palavras pudessem ser ditas, ouvidas, escritas como um carinho, que pudessem tocar-e-transformar para curar, corporreativar amorosamente, prazerosamente. Isso, muito provavelmente, foi o que fez com que quase sempre tenham aparecido apenas poemas líricos. Foi numa dessas repetições dessa ação

específica que foram produzidas as fotografias e as orientações apresentadas aqui na dissertação logo no Capítulo 1, como o primeiro dos três experimentos-rituais que vieram fazer mais corpos com a escrita.

Tramando entre essa prática de pedir poemas a outras parceiras e a prática da escrita da dissertação, foi que acabaram ficando comigo por mais tempo – e para os experimentos-rituais seguintes – aquelas poetisas e aqueles poemas que, de alguma maneira, fizeram mais amizade com os fragmentos e ficções de Safo – única das bruxas da palavra que acabou permanecendo desde esse segundo experimento-ritual até os que ainda poderão soar no futuro.

Ter Safo conosco sempre nas ações também não foi algo premeditado – ao menos, não por mim. O que aconteceu foi que, nas vezes em que tentamos experimentar-e-celebrar apenas com outra das bruxas da palavra que tínhamos conosco, ficávamos com a impressão de que tanto elas pediam que Safo viesse, quanto de que Safo desejava ardentemente estar com elas. De fato, mesmo quando isso não fazia parte dos nossos planos iniciais para a ação, pelo menos um dos fragmentos dela acabou aparecendo entre nós. Os dois fragmentos que se mostraram mais desejosos de permanecer nos experimentos-rituais foram os equivalentes ao já referido Fr. 31 V e ao Fr. 47 V. Assim, acabei aceitando o que já não era querer, era desejo: toda a pesquisa se desfez e passou a girar ao redor de Safo, apaixonadamente!

Da mesma maneira, os versos de Maria Teresa Horta que nos deram saber que *somos as bruxas da palavra* foram intensamente amados por todas as amadas-amadoras, das Graças às que participaram uma única vez. E ficaram. Nunca mais desejamos experimentar-e-celebrar sem começarmos dizendo-os juntas em voz alta. E eles se propagaram como ondas por todo o corpo da dissertação.

O experimento-ritual aqui apresentado no Capítulo 2 manteve consigo muito do que eu tive a oportunidade de conhecer quando recebi um convite tão inesperado quanto bem-vindo. Veio de um grupo de professoras, professor e colegas que estudam temas aparentemente muito diferentes dos que geralmente me atraem. A proposta era que eu os ajudasse a criar, para um simpósio, uma intervenção artística pelo meio da qual se pudesse trocar afetos não apenas racionais com a Internet das Coisas (*IoT*, que, até então, eu sequer sabia o que era)¹⁹¹.

Naquela ocasião, se criou o conhecimento de que era possível convidar as participantes a se deixarem enfeitiçar por sugestões de encontros com os materiais dispostos no altar, de modo a tocar-e-transformar aqueles saberes de jeitos potentes, criativos e divertidos. No simpósio em questão, esses feitiços-sugestões e materiais estavam mais sensivelmente relacionados à *IoT* e às autoras e autores com os quais estávamos pensando naquele momento. Porém, quando os mesmos feitiços foram dispostos

¹⁹¹ Com esse experimento-ritual, foi produzido também um texto de autoria compartilhada que se encontra disponível na *Revista ClimaCom*: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/carolina-cantarino-cristiana-gonzalez-diego-vicentin-carolina-scartezini-e-marta-mourao-kanashiro-iot-nas-tramas-da-ficcao/> Acesso em: 11 dez. 2020.

novamente em outro altar, não por um querer deliberado meu, mas pelo desejo que trespassou as parceiras que estavam comigo no meu ritual de qualificação, eles nos surpreenderam!

Eu havia guardado os pequenos papéis nos quais estavam escritos os feitiços junto com fragmentos de poemas e fotografias que, estes sim, eu tinha pensado em dispor junto com alguns objetos mágicos sobre uma mesa feita altar na qualificação. Entretanto, as parceiras que estiveram comigo naquela ocasião – uma Graça e duas parceiras perenes – e com as quais eu compartilhei, em perfeito amor e perfeita confiança, aquele ato mágico de dispor os materiais, decidiram que eles também fariam parte do arranjo.

Isso feito, elas e as três professoras que compuseram a banca me fizeram perceber que, enlaçados aos demais objetos mágicos que já compunham a pesquisa, aqueles feitiços também poderiam ter uma eficácia muito potente. Foi assim que nasceu o experimento-ritual 2, realizado pela primeira vez, como proposto aqui na dissertação, durante uma atividade especial numa das disciplinas do programa de mestrado do LABJOR.

O terceiro dos experimentos-rituais apresentados nasceu no encontro entre os poemas e fotografias que já estavam conosco e as propostas de práticas de militância da Starhawk. Uma das parceiras mais constantes e presentes da pesquisa, a fotógrafa que deu corpo às imagens que serviram de canteiros para que poemas florescessem neles, é, também, ativista agroflorestal. Eu e a dissertação fomos muito tocadas-e-transformadas pelas práticas dela. Quando esses saberes de anarquia ecológica tomaram o terceiro capítulo, acabaram se espalhando como pólen e afetando toda a dissertação, que teve vários fragmentos dos dois capítulos anteriores novamente mexidos e remexidos para dar espaços aos brotos que se proliferaram.

Devido à pandemia da covid-19, não foi possível promover o encontro entre os permapoemas do Capítulo 3 e a agrofloresta, como era desejo que tivesse acontecido. Iroko recebeu Omulu e nós respeitamos a dança dessa outra força sagrada da natureza. E o desejo permanece. Quando o tempo for propício, rajadas eróticas irão novamente ao encontro das árvores e dos outros viventes agroflorestais!

Como as escritas foram acontecendo praticamente ao mesmo tempo que os experimentos-rituais que as moveram e foram movidos por elas, as três ações aqui apresentadas estão em ordem cronológica de acontecimento. Cada uma delas se deu a saber de acordo com a sua Hora. Isso não significa que elas tenham sido as únicas ações que realizamos, nem que tenham acontecido apenas uma única vez. Assim como as poetisas e poemas, ficaram para a versão final (por enquanto) do texto aquelas que tiveram a eficácia de atravessar amadas-amadoras com mais potência e compor mais tramas com a escrita. Segue sendo desejo dessas ações serem experimentadas-e-celebradas de novo, outra vez, agora!

Há um propósito no fato de as indicações de como realizar cada um dos três experimentos-rituais seguirem cheias de vãos e vagas. Não é desejo desse trabalho estabelecer um conjunto de normas fixas a serem seguidas, mas sim o de ser algo como um

livro das sombras: inspirar outras bruxas com as potências eróticas que nos inspiraram e com as notícias dos caminhos que percorremos e do que experienciamos na caminhada. Não penso que essa escrita funcione bem como um mapa para as ilhas já conhecidas. Penso que as orientações aqui apresentadas funcionem mais como um convite para que se observe as estrelas, para que se sinta as correntes erótico-marítimas e se decida, a cada nova realização, como proceder. Lembrando dos conhecimentos trazidos no Capítulo 2, para essa pesquisa interessa mais fazer aberturas para os fluxos do que estabelecer formas fixas.

Como Starhawk (1999) propõe em seu manual de bruxaria, sugiro que cada bruxa ou coven que sinta o desejo de realizar algo como um desses experimentos-rituais se permita, com total liberdade e em perfeito amor e perfeita confiança, pensar, intuir, sentir e dar corpo ao que der mais alegria aos Eus-mais-jovens envolvidos e mais prazer e potência às divindades invocadas. Cada uma de vocês pode saber com a Deusa-em-você o que vai ser mais eficaz no momento do encontro, exatamente como nós soubemos. Estes são procedimentos vitais: aprender a ouvir o chamado da Deusa em tudo o que vibra, pulsa e brilha, estabelecer acordos que tornem possíveis o amor e a confiança entre heterogêneos, a cooperação mútua, a liberdade-responsabilidade compartilhada de criação. E se desejarem nos convidar para estarmos juntas ou compartilhar conosco os saberes que se criarem entre os nós de vocês, sintam-se já bem-vindas e bem-vindes! Abençoadas e abençoades sejam!

Também sinto que é importante dizer aqui que todos os três experimentos-rituais que se deram a conhecer na dissertação não desejaram ficar restritos apenas aos três fragmentos do texto nos quais cada um deles foi nomeado. Os procedimentos aprendidos com os palimpsestos, divulgações poéticas e permapoemas se espalharam eroticamente por toda a superfície da escrita, trocando afetos com todas as páginas dela. Eu mesma desejava ardentemente que eles tivessem essa eficácia e me deixei ir e vir guiada por eles muitas vezes entre cada fragmento, entre cada capítulo, tecendo junto com a escrita sobreposições, divagações, relações de cooperação mútua e mais algumas artes afins. Estivemos, eu e a escrita, dessa vez de caso pensado, brincando de aprender maneiras de falar mais *com* os experimentos-rituais, ao invés de tentarmos falar mais *sobre* eles.

Por ter havido, desde sempre, essa relação tão imbricada e íntima entre experimentos-rituais e texto da dissertação, não sei dizer que eficácia cada um deles teria se fosse tirado desse meio com o qual, até agora, criou condições de existência. Mas essa é uma das graças de quem tem a sorte de desejar encontros com ilhas desconhecidas! Divagadoras (e divagadores) tocadas por essa coragem certamente poderão se deixar levar com eles aos destinos tão desconhecidos quanto desejados!

Leituras do passado, do presente e do futuro

A carta do passado traz à lembrança a gratidão devida às teorias e práticas da psicanálise. Foi durante o tempo em que estive mais intensamente enlaçada às tramas freudianas que pude começar a desenvolver uma habilidade importantíssima para a magia literária que num futuro daquele passado eu praticaria. Escutar e acolher o indizível pelo meio das palavras e da ausência delas. Escutar e acolher o desejo correndo, chama furtiva sob a pele das vontades, dos quereres, dos temores, dos equívocos, das atuações.

Principiei a reconhecer ainda, naquela ocasião, a benção de poder praticar a arte de fazer acordos para que os fluxos da vida possam correr e deixar a saúde passar: entre as mágoas, os medos, os traumas, as proibições... Ajudar a dar caminhos para a doçura da vida pelos vãos das agruras que se podem interpor entre as realidades interiores e exteriores aos eus e aos nós.

Também agradeço à psicanálise essa visão: o desejo gosta muito de jogar com as imagens, palavras e sons para se fazer sonho. Condensações, deslocamentos, restos de diversos dias e toda essa sorte de brincadeiras do desejo ajudaram a dar corpos a essa dissertação.

Na carta do presente, vejo a psicanálise tocada-e-transformada no encontro com as magias, as artes e as filosofias com as quais fez amizades. O nome e as teorias de um expedicionário do Inconsciente de ontem se tornaram o nome e alguns conceitos de uma descolonizadora de inconscientes de hoje – Suely Rolnik, com quem estou aprendendo a tecer mais encontros entre as potências psicanalíticas, filosóficas, artísticas e bruxísticas.

O desejo agora é o de aprender com essa parceira a lançar um sortilégio para o futuro: um livramento que tenha a eficácia de fazer terreno para a anarquia ecológica entre os inconscientes. Descobrir caminhos entre as formas estabelecidas, vãos e vagas que convidem a seguir pelas partes desejosas de toques-e-transformações das superfícies do mundo que está morrendo (e matando), rumo ao mundo que chama por criação.

Junto com esse desejo, mais aprendizados novos, corporreativados nos encontros com as práticas das artes participativas. Os jogos de ações vivas, dramaturgias de acontecimento, compartilhadas, que só se fazem possíveis podendo-com quem vem jogar junto. As experimentações-e-celebrações com os *LARPs* – *Live Action Role-playing games* tocaram-e-transformaram intensamente experimentos-rituais e escritas dessa dissertação. Fizeram muita amizade com os conceitos de Stengers e os ensinamentos de ativismo mágico de Starhawk! Os saberes que se criaram entre eles foram vitais para que eu conseguisse redescobrir nas artes da cena as potências com as quais tenho tentado fazer corpos consagrados ao prazer, à alegria, à liberdade-responsabilidade compartilhada entre as parceiras.

Por enquanto, os estudos teóricos realizados junto com os *LARPs*, na disciplina em que me encontrei com eles, são sementes – descansam sob o solo do texto, precisam de mais tempo e de mais nutrientes para que possam germinar e talvez brotar e crescer com vigor. Permanecem acolhidos no ventre do mistério, na companhia de algumas teorias e práticas do teatro que foram deixadas pelos bons frutos saboreados num passado ainda mais remoto. Expô-los antes da Hora desejosa deles seria um perigo que eu senti que não seria sábio correr. Trazê-los, no presente, sem o cuidado e o carinho que eles demandam não seria justo e a eficácia provavelmente seria a de dar-lhes mortes antes mesmo de ter podido dar-lhes vidas.

Essa necessidade de mais atenção também se manifestou no encontro com o texto escrito da tese da Alda Divina Maravilhosa. As palavras mágicas que ela escreveu só me

chegaram muitos meses depois do ritual de defesa dela, quando estive, pela primeira vez, com as práticas dos *13 Trabalhos de Eros*. Eis a razão pela qual não foi possível tentar tecer mais relações com essa tese – por enquanto. Entretanto, como a escrita de Alda foi tramada muito intimamente com as demais práticas dela, muito do que ela escreveu já trespassou a minha pesquisa, já nutriu esse solo, aqueceu as sementes que nele repousam.

A carta do futuro mostra o desejo de que essa dissertação possa seguir fazendo corporreativações até que ela seja tocada-e-transformada numa tese de doutorado. A maioria das teorias e práticas parceiras dessa escrita que já se deram a reconhecer até aqui parecem ter ainda muitos vãos e vagas pelos quais possam seguir sendo trespassadas pelas potências sáficas. As bruxas da palavra envolvidas também parecem seguir muito desejosas de mais encontros e de dar corpos diversos tanto aos poemas que já comprovaram a eficácia de encantamento quanto aos que ainda não soaram, os que esperam por criação.

Ainda a permacultura poética, essa prática recém-nascida de magia literária, deseja seguir acontecendo, ajudando a fazer cultivos anarco-ecológicos entre poetas, poemas e demais viventes. Minha Lesbos deseja continuar a acontecer em muitos lugares e Minha Safo já clama, de novo, outra vez, agora à Afrodite e Oxum que elas lhe tragam de volta as amadas-amadoras que ela tanto adora e pelas quais, repetidamente, segue morrendo do mesmo amor mil mortes (e renascendo outras tantas).

Referências

Bibliografia

ALMEIDA, Gláucia; HEILBORN, Maria Luiza. Não somos mulheres *gays*: identidade lésbica na visão de ativistas brasileiras. **Revista Gênero**, Niterói, v. 9, n. 1, p. 225-249, 2. sem. 2008.

ALVAREZ, Leandra. *A mis compañeras con amor*. 2015. Disponível em: < https://www.facebook.com/cintiala/posts/10208260771584796?comment_id=10217406799109768¬if_id=1533864892892316¬if_t=comment_mention >. Acesso em 15 ago. 2019.

AMADO, Gilberto. Prefácio. In: VASCONCELOS, Dora. **Surdina do Contemplado**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1958. p. XI – XII.

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. **Obra Poética**. Porto, Portugal: Porto Editora, 2015.

BIERL, Anton; LARDINOIS, André. (ed.). *The Newest Sappho: P. Sapph. Obbink and P. GC inv. 105, frs. 1–4. Studies in Archaic and Classical Greek Song*, vol. 2, Leiden ; Boston : Brill, 2016. Disponível em: < <https://brill.com/view/title/32801?lang=en> >. Acesso em 15 ago. 2019.

BOIA, Andreia Fragata Oliveira. **Que o desejo me desça ao corpo**: Judith Teixeira e a literatura sáfica. 2013. 125f. Dissertação – Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, Portugal, 2013.

BRADLEY, Marion Zimmer. **As Brumas de Avalon**: a saga das mulheres por trás dos bastidores do Rei Arthur. Trad. Waltensir Dutra, Marco; Aurelio P. Cesarino. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

BRASIL FONTES, Joaquim. **Eros, tecelão de mitos**: a poesia de Safo de Lesbos. 2ª ed. São Paulo: Iluminuras, 2003.

CESAR, Ana Cristina. **Poética**. 1ª ed. 6ª reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

DEJEAN, Joan. *Fictions of Sappho*: 1546-1937. [S. l.]: The University of Chicago Press, 1989.

DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. 10ª ed., 3ª reimpr., São Paulo: Contexto, 2015.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?**. Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DEMARCHI, Cristiane. **Uma Safo à francesa**: estudo das representações de Safo em imagens pictóricas da França do século XIX. 2013. 365f. Tese (doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/250988/1/Demarchi_Cristiane_D.pdf> Acesso em 15 ago. 2019.

DESPRET, Vinciane; STENGERS, Isabelle. *et al.* **Women who make a fuss: the unfaithful daughters of Virginia Woolf**. 1ª ed. Minneapolis, EUA: Univocal Publishing, 2014.

DUNCAN, Isadora. **Minha vida**. Tradução: Beatriz Horta. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

ESPANCA, Florbela. **Antologia poética de Florbela Espanca**. São Paulo: Martin Claret, 2015.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução e edição digital do Coletivo Sycorax, 2004. Disponível em: <http://coletivosycorax.org/wp-content/uploads/2016/08/CALIBA_E_A_BRUXA_WEB.pdf> Acesso em 15 ago. 2019.

FERNANDEZ, Raffaella Andréa. **Processo criativo nos manuscritos do espólio literário de Carolina Maria de Jesus**. 2015. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/270193>> Acesso em 09 jun. 2020.

FERRAZ, Silvio. **Livro das Sonoridades [notas dispersas sobre composição]**: um livro de música para não-músicos ou de não-música para músicos. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.

FERREIRA, Josiane Oliveira; TOLOMEI, Cristiane Navarrete. O romantismo poético de Maria Firmina dos Reis na imprensa maranhense da década de 1860. **Afluente**: revista de Letras e Linguística. Maranhão: UFMA/Campus III, v.3, n. 8, pp. 135-151, mai./ago. 2018. ISSN 2525-3441.

FRIÇA, Guilherme José Roeder. **Mulheres diplomatas no Itamaraty (1918-2011)**: Uma análise de trajetórias, vitórias e desafios. 1ª ed. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2018. Disponível em: <<http://www.funag.gov.br/index.php/pt-br/2015-02-12-19-38-42/2762-funag-lanca-o-livro-mulheres-diplomatas-no-itamaraty-1918-2011>> Acesso em 15 ago. 2019.

HILST, Hilda. **Do desejo**. São Paulo: Globo, 2004.

HORTA, Maria Teresa. **Anjos mulheres**. Disponível em: <<https://www.portaldaliteratura.com/poemas.php?id=1169>>. Acesso em 15 ago. 2019.

JESUS, Carolina Maria de. **Antologia Pessoal**: Carolina Maria de Jesus. José Carlos Sebe Bom Meihy (org.); Armando Freitas Filho (revis.). Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

JESUS, Carolina Maria de. Diário de 15 de maio. In: _____ **Quarto de despejo**. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafr/24-textos-das-autoras/63-carolina-maria-de-jesus-13-de-maio>> Acesso em 15 ago. 2019.

KRAEMER, Heinrich Santiago; SPRENGER, Jakob. *Malleus Maleficarum*: O Martelo das Bruxas - Parte I. Tradução: Alex H.S. Brasil: [s. n.], 2007. Disponível em: <<https://www2.unifap.br/marcospaulo/files/2013/05/malleus-maleficarum-portugues1.pdf>> . Acesso em 15 ago. 2019.

LAJOLO, Marisa. Poesia no quarto de despejo, ou um ramo de rosas para Carolina. In: JESUS, Carolina Maria de. **Antologia Pessoal**: Carolina Maria de Jesus. José Carlos Sebe Bom Meihy (org.); Armando Freitas Filho (revis.). Rio de Janeiro: UFRJ, 1996. pp. 37-61.

LEITE, Lettícia Batista Rodrigues. Renée Vivien, tradutora de Safo. **Criação & Crítica**: Dossiê Sáfico, São Paulo, ano 2018, n. 20, p. 152-168, 20 abr. 2018. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/issue/view/10624>> Acesso em 15 ago. 2019.

_____. Homossexualidade feminina na Antiguidade? Ensaio em torno dos trabalhos de Sandra Boehringer. **Classica - Revista Brasileira de Estudos Clássicos**, Belo Horizonte, ano 2013, v. 26, n. 2. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10316.2/37154>> Acesso em 09 jun. 2020.

_____. Quando a “Décima Musa” inspira raps e tambores: dos usos políticos da figura de Safo por vozes lésbicas e feministas no Brasil contemporâneo. **Heródoto**, Unifesp, Guarulhos, v. 2, n. 2, Dezembro, 2017. p. 564-578. Disponível em: <<https://periodicos.unifesp.br/index.php/herodoto/article/view/1072>> Acesso em 09 jun. 2020.

_____. Safo de Lesbos: ícone lésbico? **Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos)**. Florianópolis, 2017.

_____. **Sobre os fragmentos poéticos de Safo de Lesbos e ideias da existência de uma voz feminina**: reflexões sobre História, Linguística e Literatura. Orientador: Pedro Paulo Abreu Funari. 2009. 177 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2009. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/279188>> . Acesso em 15 ago. 2019.

LELAND, Charles G. **Aradia**: o evangelho das bruxas. Tradução: Cláudio Crow Quintino. São Paulo: Outras palavras, 2000.

LORDE, Audre. **Irmã outsider**: ensaios e conferências. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

_____. *Uses of the Erotic: The Erotic as Power*. In: _____ **Sister Outsider**. 1. ed. EUA: The Crossing Press, 1984. p. 53-59. Disponível em: <<https://www.feministes->

radicales.org/wp-content/uploads/2010/11/Audre-LORDE-Zami-A-New-Spelling-of-My-Name...-Sister-Outsider...-Undersong-Chosen-Poems-Old-and-New.pdf> Acesso em 15 ago. 2019.

MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel (org.) **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Ed. UNESP, 2003.

MEIRELES, Cecília. **Viagem/ Vaga música**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

MONTERO, Rosa. *Maravillosas brujas pioneras*. **El País**, Espanha, 25 set. 2016. *El País Semanal*, Columna. Disponível em: < https://elpais.com/elpais/2016/09/25/eps/1474799827_147479.html > Acesso em 15 ago. 2019.

OLIVEIRA, Gracinéa Imaculada; LADEIRA, Felipe Coelho de Souza. Lucas José d'Alvarenga, tradutor de Safo. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 38, n. 3, 2018. DOI <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2018v38n3p125>. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2018v38n3p125> >. Acesso em: 09 jun. 2020.

OLIVEIRA, Renato Salgado de Melo. **Histórias do mar: divagação científica, biotecnologias e RPG**. 2011. Dissertação (Mestrado em Divulgação Científica e Cultural) – Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011. Disponível em: < http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/271037/1/Oliveira_RenatoSalgadodeMelo_M.pdf >. Acesso em: 09 jun. 2020.

OLIVEIRA, Tatiana Plens. **Exercícios de afutur-ar**. 2017. Dissertação (Mestrado em Divulgação Científica e Cultural) – Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017. Disponível em: < <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/322797> >. Acesso em: 09 jun. 2020.

PAZ, Otávio. **Sor Juana Inés de la Cruz ou As armadilhas da fé**. Trad. Wladir Dupont. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

PIGNARRE, Philippe; STENGERS, Isabelle. *Capitalist Sorcery: Breaking the Spell*. 1. ed. [S. l.]: Palgrave Macmillan, 2011.

PINA, Rute; FONSECA, Bruno. “Na Bolívia, direita religiosa entrou nos protestos de forma oportunista”, diz pesquisadora. **El País**, [S. l.], s/p. 16 nov. 2019. Disponível em: < https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/16/politica/1573936502_101528.html >. Acesso em: 9 jun. 2020.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

RAGUSA, Giuliana. Da castração à formação: a gênese de Afrodite na Teogonia. **Letras Clássicas**, [s. l.], ed. 5, p. 109-130, 2001. DOI <https://doi.org/10.11606/issn.2358->

3150.v0i5p109-130. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/letrasclassicas/article/view/82630>. Acesso em: 25 nov. 2020.

_____. Afrodite, Éros e feitiçaria no *Idílio 2, As magas*, de Teócrito. **CALÍOPE**: Presença Clássica, Rio de Janeiro, ano 2004, v. 1, n. 12, p. 18-32, 2004.

_____. **Fragmentos de uma deusa: a representação de Afrodite na lírica de Safo**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2005.

_____. Memória, a terra prometida dos poetas: o tema na mélica grega arcaica. **Forma Breve**: Revista de Literatura, Aveiro, ano 2018, v. 1, n. 15, p. 143-152, 2018. Disponível em: <https://proa.ua.pt/index.php/formabreve/issue/view/241>. Acesso em 15 ago. 2019.

_____. Tramas de Afrodite e Éros: sedução e capitulação na mélica grega arcaica. **Nuntius Antiquus**, Belo Horizonte, ano 2011, v. VII, n. 1, p. 61-78, jan.-jun. 2011.

RANCIÈRE, Jacques. **El espectador emancipado**. Buenos Aires: Manantial, 2010.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula e outras obras**. 1. ed. Brasília: Edições Câmara, 2018. Disponível em: < <https://livraria.camara.leg.br/ursula-e-outras-obras> >. Acesso em 15 ago. 2019.

RICH, Adrienne. *Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence*. **Signs**, Vol. 5, nº 4, *Women: Sex and Sexuality*. (Summer, 1980), pp. 631-660. Disponível em: <<http://links.jstor.org/sici?sici=0097-9740%28198022%295%3A4%3C631%3ACHALE%3E2.0.CO%3B2-2>>. Acesso em 15 ago. 2019.

RODRIGUES, Carolina Cantarino; GONZALEZ, Cristiana; VICENTIN, Diego J.; SCARTEZINI CRUZ, Maria Carolina; KANASHIRO, Marta Mourão. IoT nas tramas da ficção. **Revista ClimaCom**: Dossiê "Povos ouvir - a coragem da vergonha", Campinas, ano 06, n. 16, 2019. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/carolina-cantarino-cristiana-gonzalez-diego-vicentin-carolina-scartezini-e-marta-mourao-kanashiro-iot-nas-tramas-da-ficcao/> . Acesso em: 11 dez. 2020.

ROLNIK, Suely. **Esferas da Insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n – 1 edições, 2018.

SAFO. **Fragmentos completos**. Trad. Guilherme Gontijo Flores. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

_____. **Poemas**. Traduções sem autoria definida. Versão para Acrobat Reader por Marcelo C. Barbão. Ciberfil Literatura Digital, 2002. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=3449 . Acesso em: 11 dez. 2020.

SAMYN, Henrique Marques. Erotismo lésbico e experiência mística: uma leitura de Perfis decadentes, de Judith Teixeira. **Criação & Crítica: Dossiê Sáfico**, São Paulo, ano 2018, n. 20, p. 108-123, 20 abr. 2018. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/issue/view/10624>>. Acesso em 15 ago. 2019.

SCARINCI, Silvana Ruffier. **Safo Novella**: uma poetica do abandono nos lamentos de Barbara Strozzi (Veneza, 1619-1677). 2006. 360 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/284273>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

SCHLESIER, Renate. *Atthis, Gyrinno, and other Hetairai: female personal names in Sappho's Poetry*. **Philologus**, [s. l.], v. 157, p. 199–222, 2013.

STARHAWK. Magia, visão e ação. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 69, p. 52-65, abr. 2018.

_____. *The Sacredness of Pleasure: A Bi Spirit Classic by Starhawk*. **Journal of Bisexuality**, [s. l.], ano 2010, v. 10, p. 18-21, 14 abr. 2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/15299711003609609>>. Acesso em: 09 jun. 2020.

_____. *The Spiral Dance: a Rebirth of the Ancient Religion of the Great Goddess*. 3ªed. Nova Iorque, EUA: HarperCollins, 1999.

_____. *Webs of Power: Notes from the Global Uprising* (English Edition). [S. l.]: New Society Publishers, 2010. eBook Kindle.

STENGERS, Isabelle. *Experimenting with refrains: subjectivity and the challenge of escaping modern dualism*. **Subjectivity**, v. 22, pp. 38–59, mai. 2018. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1057/sub.2008.6>>. Acesso em 15 ago. 2019.

_____. Reativar o Animismo. **Caderno de Leituras**, n.62, maio 2017. Disponível em: <<http://chaodafeira.com/catalogo/caderno-n-62-reativar-o-animismo/>>. Acesso em 15 ago. 2019.

STIMPSON, Catherine R. *Series Editor's Foreword*. In: DEJEAN, Joan. **Fictions of Sappho**: 1546-1937. [S. l.]: The University of Chicago Press, 1989. pp. XIII-XVI.

TEIXEIRA, Judith. **Poesia e Prosa**: Judith Teixeira. Cláudia Pazos Alonso; Fabio Mario da Silva (org. e estudos introdutórios). 1. ed. [S. l.]: Portugal: Publicações Dom Quixote, 2015. Google Books.

TOLENTINO, Zelma Tomaz; OLIVEIRA, Liziane Paixão Silva. Pachamama e o direito à vida: uma reflexão na perspectiva do novo constitucionalismo latino-americano. **Veredas do Direito**, Belo Horizonte, v. 12, ed. 23, p. 313-335, jan/jun 2015.

TOURNIER, Michel. **Sexta-feira ou Os limbos do Pacífico**. Tradução: Fernanda Botelho. São Paulo: DIFEL, 1985.

VAINFAS, Ronaldo. Homoerotismo feminino e o Santo Ofício, In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. 10ª ed., 3ª reimpr., São Paulo: Contexto, 2015. p. 115-140.

VASCONCELLOS, Dora. **Surdina do Contemplado**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1958.

_____. **O grande caminho do branco**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1963.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Orixás**: deuses Iorubás na África e no Novo Mundo. Tradução: Maria Aparecida da Nóbrega. Salvador: Fundação Pierre Verger, 2018.

WOOLF, Virginia. *A room of one's own*. In: _____. *Selected Works of Virginia Woolf*. Hertfordshire, Inglaterra: Wordsworth Editions Limited, 2007.

_____. *Three Guineas*. In: _____. *Selected Works of Virginia Woolf*. Hertfordshire, Inglaterra: Wordsworth Editions Limited, 2007.

ZIMERMAN, David E. **Fundamentos psicanalíticos**: teoria, técnica e clínica – uma abordagem didática. Porto Alegre: Artmed, 1999.

Músicas

AMOR DE ÍNDIO. Intérprete: Maria Gadú. Compositores: Beto Guedes e Ronaldo Bastos. In: **Mais uma página**. Som Livre, 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h9iRDLIM2CM> . Acesso em 09 jun. 2020.

AMOR, MEU GRANDE AMOR. Intérprete: Angela Ro Ro. Compositoras: Ana Terra e Angela Ro ro. In: **Angela Ro Ro**. Universal Music International Ltda, 1979. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HNeoAobljJI> . Acesso em 09 jun. 2020.

ETERNAL VIAGEM. Intérpretes: Cordel do Fogo Encantado e Nataly Rocha. Compositores: Carlos Henrique de Almeida, Emerson da Silva Felismino, José Paes de Lira Filho, Moisés Cleyton Barros da Fonseca, Rafael Luiz Pimentel de Almeida. In: **Viagem ao coração do sol**. Cordel do Fogo Encantado, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zsQhfKPKK18> . Acesso em 09 jun. 2020.

EU SEI QUE VOU TE AMAR / SONETO DO CORIFEU. Intérpretes: Maria Bethânia e Mart'nália. Compositores: Antônio Carlos Jobim e Vinicius de Moraes. In: **Mart'nália canta Vinicius de Moraes**. Biscoito Fino, 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=35ReFHStks&list=OLAK5uy_kPI0NaFwLLmb4SeEvFCEee119hF1_39ac&index=6 . Acesso em 09 jun. 2020.

FANATISMO. Intérprete: Flávia Bittencourt. Compositor: Florbela Espanca e Fagner. In: **No movimento**. Flávia Bittencourt, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QhSvExQDVqc> . Acesso em 09 jun. 2020.

IOLANDA. Intérprete: Simone. Compositores: Chico Buarque e Pablo Milanez. *In: Desejos*. CBS, 1984. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OAX3uWMfpVA> . Acesso em 09 jun. 2020.

KORE CHANT. Intérpretes: Reclaiming collective & friends. Compositores: canto tradicional. *In: Reclaiming – Chants: Ritual Music*. Reclaiming, 1997. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nVwF34LcZCg> . Acesso em 09 jun. 2020.

LOUVAÇÃO À OXUM. Intérprete: Maria Bethânia. Compositores: Ordep Serra e Roberto Mendes. *In: Olho d'água*. Universal Music International Ltda, 1992. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QKpeQFybYRw> . Acesso em 09 jun. 2020.

MEDUSA. Intérprete: Zélia Duncan. Compositores: Zeca Baleiro e Zélia Duncan. *In: Tudo é um*. Biscoito Fino, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=52NPxVq4sYk> . Acesso em 09 jun. 2020.

MEL. Intérprete: Maria Bethânia. Compositores: Caetano Veloso e Waly Salomão. *In: Mel*. Universal Music International Ltda, 1979. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kVDC5tSolKY> . Acesso em 09 jun. 2020.

MELODIA SENTIMENTAL. Intérprete: Mônica Salmaso. Compositores: Dora Vasconcellos e Heitor Villa-Lobos. *In: Alma Lírica Brasileira*. Biscoito Fino, 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gMrLEBXCnk> . Acesso em 09 jun. 2020.

CIO DA TERRA / TIERRA EM CELO. Intérprete: Omara Portuondo e Maria Bethânia. Compositores: Chico Buarque e Milton Nascimento. Versão em espanhol: Alfredo Fressia. Editora: Marola / Nascimento. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bC2IvuX4PyA> . Acesso em 09 jun. 2020.

ORAÇÃO AO TEMPO. Intérprete: Maria Gadú. Compositor: Caetano Veloso. *In: Mais Uma Página*. Som Livre, 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3eVHpoCiOwo> . Acesso em 09 jun. 2020.

PAGU. Intérprete: Rita Lee e Zélia Duncan. Compositoras: Rita Lee e Zélia Duncan. *In: Rita Lee 3001*. Universal Music International Ltda, 2000. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pupXJIN9Jfc> . Acesso em 09 jun. 2020.

POR ENQUANTO. Intérprete: Cássia Eller. Compositor: Renato Russo. *In: Cássia Eller*. Universal Music International Ltda, 1990. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4HkRcDWgDpc> . Acesso em 09 jun. 2020.

PRÍNCIPE DAS MARÉS. Intérprete: Adriana Calcanhotto. Compositor: Péricles Cavalcanti. *In: Margem*. Sony Music Entertainment Brasil Ltda, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mp1tg4a-XI4> . Acesso em 09 jun. 2020.

QUEM PODE MAIS, DONA DA CASA, EU VIM AQUI. Intérpretes: Dona Edith Do Prato e Maria Bethânia. Compositores: Domínio público; Jota Velloso (adapt.). *In: Vozes*

da Purificação, Biscoito Fino, 2007. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GSli5ZG76Ik> . Acesso em 09 jun. 2020.

REDESCOBRIR. Intérpretes: Amora Pera, Daniel Gonzaga e Fernanda Gonzaga. Compositor: Gonzaguinha. In: **27º Prêmio da Música Brasileira Homenagem à Gonzaguinha**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u02sYMqra3I> . Acesso em 09 jun. 2020.

SAPPHO TO APHRODITE. Intérpretes: Ioannis Stratakis, Spiliotopoulou e Chatzieleftheriou. Compositor: Ioannis Stratakis. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XTHE-P4oZ9w> . Acesso em 09 jun. 2020.

SAUDAÇÃO À OXUM. Intérprete: Leci Brandão. Compositor: Domínio público; Leci Brandão (adapt.). In: **As coisas que mamãe me ensinou**. Copacabana, 1989. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=evu35yrlyVg> . Acesso em 09 jun. 2020.

SOUL DE VERÃO (Fame). Intérprete: Sandra de Sá. Compositores: Dean Pitchford, Michael Gore, Nelson Motta (letra da versão). In: **A Lua Sabe Quem Eu Sou**. Warner Music Brasil Ltda, 1996. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mj-ZANkuzK8> . Acesso em 09 jun. 2020.

TODO AZUL DO MAR. Intérprete: Leila Pinheiro. Compositores: Ronaldo Bastos e Flavio Venturini. In: **Mais Coisas do Brasil**. Universal Music International Ltda, 2001. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oKcNSx4XHb8> . Acesso em 09 jun. 2020.

Filmes

PANAVIDEO. Documentário **Sophia de Mello Breyner Andresen - O Nome das Coisas**, um documentário produzido e realizado pela Panavideo para a RTP 2. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s0MhPfK1OjY&t=2148s> . Acesso em: 15 de ago. 2019.

SIMÕES, Letícia. Documentário **Bruta Aventura em Versos**. Sobre a obra de Ana Cristina Cesar. Escrito por Letícia Simões e Márcia Watzl. Produtora Matizar. 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-QLZ0z7JLiA> . Acesso em: 15 de ago. 2019.

STARHAWK; READ, Donna. Documentário *Signs Out of Time: The Story of Archaeologist Marija Gimbutas*, escrito e dirigido por Starhawk e Donna Read. Belili Productions. 2003. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BjE2-H1R9Zs> . Acesso em: 15 de ago. 2019.

Site

CANVA – Design gráfico para todos. Disponível em: <https://www.canva.com/> . Acesso em 09 jun. 2020.